



EDUCAÇÃO POPULAR EM MOVIMENTO

30 Anos dos Cursos de Formação
de Educadores e Educadoras
Populares do Nordeste



SÉRIE
EDUCAÇÃO POPULAR
6

Educação Popular em Movimento

30 ANOS DOS CURSOS
DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES
E EDUCADORAS POPULARES
DO NORDESTE



EdUESPI
2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

Evandro Alberto de Sousa

Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu

Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo

Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Rauirys Alencar de Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires

Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo

Pró-Reitora Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo

Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão

Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar

Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto

Editor da Universidade Estadual do Piauí

Universidade Estadual do Piauí

Rua João Cabral, n. 2231, bairro Pirajá, Teresina-PI

Todos os Direitos Reservados



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles	Governador do Estado
Themístocles de Sampaio Pereira Filho	Vice-Governador do Estado
Evandro Alberto de Sousa	Reitor
Jesus Antônio de Carvalho Abreu	Vice-Reitor

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto	Presidente
Algemira de Macedo Mendes	Universidade Estadual do Piauí
Antonia Valtéria Melo Alvarenga	Academia de Ciências do Piauí
Antonio Luiz Martins Maia Filho	Universidade Estadual do Piauí
Artemária Coêlho de Andrade	Universidade Estadual do Piauí
Cláudia Cristina da Silva Fontineles	Universidade Federal do Piauí
Fábio José Vieira	Universidade Estadual do Piauí
Hermógenes Almeida de Santana Junior	Universidade Estadual do Piauí
Laécio Santos Cavalcante	Universidade Estadual do Piauí
Maria do Socorro Rios Magalhães	Academia Piauiense de Letras
Nelson Nery Costa	Conselho Estadual de Cultura do Piauí
Orlando Maurício de Carvalho Berti	Universidade Estadual do Piauí
Paula Guerra Tavares	Universidade do Porto - Portugal
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro	Universidade Estadual do Piauí
Marcelo de Sousa Neto	Editor
Flávio Emmanuel Gonzalez	Revisão
Karine Raquel	Capa
Pedro Henrique Gomes	Projeto gráfico
Editora e Gráfica UESPI	E-book

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/192>

E56 Educação popular em movimento : 30 anos dos cursos de formação de educadores e educadoras populares do Nordeste / Escola de Formação Quilombo dos Palmares.— Teresina-PI: EdUESPI, 2024.
347 p. : il. color.— (Educação Popular; 6).
ISBN VERSÃO DIGITAL: 978-65-81376-42-0
ISBN VERSÃO IMPRESSA: 978-65-81376-74-1

1. Educação popular. 2. Formação de professores. 3. Nordeste. 4. Educadores.
I. Escola de Formação Quilombo dos Palmares. II. Título.

CDD 574.07

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí- UESPI
Francisca Carine Farias Costa (Bibliotecária) CRB-3ª/1637

Editora da Universidade Estadual do Piauí- EdUESPI

Rua João Cabral, n. 2231, bairro Pirajá, Teresina-PI

Todos os Direitos Reservados



ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES - EQUIP

CONSELHO DIRETOR

Cassia Margarete Amaro dos Santos

Diretora-Geral

Regina Lucia Emiliano Pinheiro

Diretora Administrativo-Financeiro

Ana Célia de Sousa Santos

Diretora de Formação

Oscar Alan Gomes dos Santos

Anderson dos Santos

Eulina Moraes da Silva

Suplentes do Conselho Diretor

CONSELHO FISCAL

Jean Marie Alfons Emerentia Van Damme

Rita Maria de Souza

Cláudio Eduardo da Silva Braga

Titulares

Maria Dolores Fastoso Amaya

Maria São Pedro de Jesus

Douraci Vieira dos Santos

Suplentes do Conselho Fiscal

CORPO TÉCNICO

Joana Santos Pereira

Coordenadora Executiva

Valdênio Sabino da Silva

Tesoureiro

Ana Lúcia da Silva Gomes

Rigoberto Fúlvio de Melo Arantes

Educadores

Sumário

8 **Apresentação**

Domingos Corcione (Domenico)

CAPÍTULO 1

22 **Paulo Afonso, um educador do esperar e no chão nordestino**

Anadilza Maria Paiva Ferreira

Maria Lúcia (Malu) Lopeauts de Oliveira

Joana Santos Pereira

CAPÍTULO 2

50 **O processo de sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste**

Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)

Mônica Rodrigues Costa

CAPÍTULO 3

70 **A Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP)**

Alcineide Oliveira do Nascimento

CAPÍTULO 4

74 **Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste**

Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)

CAPÍTULO 5

90 As tessituras da formação metodológica para educadores e educadoras dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste

Paulo Afonso Barbosa de Brito

Anadilza Maria Paiva Ferreira

Maria Cristina Moura Santos

Joana d'Arc da Silva (Joaninha)

Maria Lúcia Lopes de Oliveira (Malu)

CAPÍTULO 6

180 A Educação Popular e as consequências do trabalho formativo para a vida dos Movimentos Sociais Populares

Douraci Vieira dos Santos

Joana Santos Pereira

Maria das Graças do Nascimento

Rosangela Alves Bolte

CAPÍTULO 7

230 Educação Popular: contribuições do processo formativo para a vida das educadoras e dos educadores

Ana Célia de Sousa Santos

Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)

CAPÍTULO 8

264 Educação popular e reinvenção da emancipação social

Ilena Felipe Barros

Mônica Rodrigues Costa

292 Alguns pontos a considerar

302 Apêndices

- 303 Apêndice A: Construindo o Plano de Sistematização dos
30 anos dos Cursos de Formação para Educadores e
Educadoras dos Movimentos Sociais do Nordeste brasileiro
- 313 Apêndice B: Cronologia das ações formativas (1989-2019)
- 324 Apêndice C: Roteiro para registro de depoimento
sobre o curso
- 327 Apêndice D: Relação de educadores e educadoras
que fizeram depoimentos
- 331 Apêndice E: Instrumento para leitura dos depoimentos

332 Linha do tempo da ação formativa (1990-2020)

340 As autoras



EduPop 2008,
Carpina-PE

Apresentação

Domingos Corcione (Domenico)¹

-
- ¹ Domingos Corcione, também conhecido como Domenico, fez parte do grupo de fundadores da EQUIP, juntamente com Paulo Afonso, Valéria Rezende e muitos outros. Também integrou a Equipe de Educadoras e Educadores da Escola, de 1987 a 1997.

Um livro escrito por muitas mãos. Não poderia ser diferente. Mãos que se entrelaçaram ao longo de trinta anos, desde os anos 1990 até a 2ª década do novo milênio. Mãos que se encontraram em Cursos de Formação da Escola Quilombo dos Palmares – EQUIP e se configuraram na Rede de Educadoras/es Populares, com *marcas inconfundíveis*: a conexão com a EQUIP; o enraizamento na Região Nordeste; a expressiva diversidade de sujeitos sociais; o foco na Metodologia da Educação Popular; a trajetória de Cursos em diálogo com o contexto local/global; o crescente protagonismo em ações de mudança; os referenciais utópicos comuns.

São essas marcas que aqui enfatizamos, pois fazem compreender melhor a origem, características, aportes e desafios dessa significativa experiência formativa.

A marca da EQUIP

A Rede de Educadoras e Educadores nasceu a partir dos Cursos da EQUIP; ao se fortalecer e ampliar, contou sempre com o apoio da ESCOLA. Assim, foi se estabelecendo uma forte conexão entre REDE e EQUIP, *não sendo mais possível reconstituir a história e a identidade de uma sem fazer referência explícita à outra*.

Essa conexão se tornou marca registrada da REDE e *se expressa em inúmeros aspectos*: na produção de conhecimentos advindos da ação articuladora, mobilizadora e formativa, gerando cartilhas

e outras publicações; nos cursos a distância; no compromisso transformador; no referencial metodológico; no referencial utópico... Também a referência na região Nordeste é parte da conexão e merece destaque nessa abordagem, conforme descrito a seguir.

A marca regional

A sistematização ressalta que a EQUIP adotou – desde sua origem – a Região Nordeste como chão de sua ação formativa. Os Cursos de Formação e a Rede assumiram essa mesma abrangência territorial, reconhecendo o *Nordeste brasileiro* e a *identidade nordestina* também como partes integrantes da opção metodológica de processos formativos em Educação Popular; isso foi gerando crescente busca, em educadoras e educadores, pela percepção, pesquisa e aprofundamento da complexidade e das contradições que caracterizam essa Região, tanto em sua história quanto nas *distintas e complementares dimensões* sociopolítica, econômica, socioambiental e cultural.

A marca da diversidade de sujeitos sociais

Essa diversidade – que está intimamente conectada com as dimensões acima lembradas – fica sendo melhor revelada na *classificação feita por nosso querido mestre Paulo Afonso* ao se referir aos Movimentos representados nos Cursos de Educadoras e Educadores: Movimentos do associativismo comunitário; Movimentos ligados a necessidades coletivas; Movimentos específicos de construção de identidades coletivas; outros do mundo do trabalho, da produção e da geração de renda; Movimentos de juventudes e “Movimentos”/Povos Indígenas. Afinal, um perfil diverso, que dialoga com a marca regional. *Do ponto de vista geográfico*, os

curso aglutinaram pessoas de movimentos populares dos nove estados do Nordeste.

Quanto aos engajamentos – ao longo de trinta anos – destacaram-se pessoas vinculadas a Organizações Não Governamentais, Universidades Públicas, Partidos Políticos de Esquerda, assessorias parlamentares do campo democrático e popular, funcionárias(os) de órgãos de governo, assessoras(es) ou participantes de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Pastorais Sociais e, principalmente, lideranças de Movimentos populares. Constatou-se, também, grande diversidade de pertencimentos a organizações religiosas ou a *diversas formas de vivência da fé*: nos primeiros cursos, as representações vinham principalmente de CEBs, pastorais e organismos eclesiais vinculados à Igreja Católica; em seguida, foram aparecendo outras expressões, inclusive as de matriz africana e a neopentecostal.

Afinal, uma rica diversidade, que – ao mesmo tempo – gerou intercâmbios de *conhecimentos e saberes*, mas também foi exigindo muitos *cuidados pedagógicos*.

A marca da trajetória dos cursos, em diálogo com o contexto

Aqui são ressaltados traços importantes do *contexto regional e nacional*, abordados nas três décadas, com respectivos cenários sociopolíticos, desde a gestação do 1º Curso no início dos anos 1990, passando pela mudança de milênio, pelos governos Lula e Dilma, pelo golpe midiático-empresarial-jurídico-parlamentar-militar de 2016, até chegar à pandemia. Em cada contexto, são identificados desafios; para cada desafio, a busca de caminhos; para cada caminho, a projeção de estratégias e engajamentos.

Ao resgatar essa retrospectiva histórica, a sistematização revela o quanto e o como a Rede – em coerência com a opção da EQUIP –

fomentou leituras críticas da realidade local e global, enquanto requisito fundamental de qualquer experiência formativa de Educação Popular, propiciando consciência dos desafios e cuidados pelo engajamento social transformador.

A marca do foco na Metodologia da Educação Popular

Aqui está um diferencial importante da experiência sistematizada. O conteúdo fundamental desses trinta anos de formação de Educadoras e Educadores Populares do Nordeste foi a própria metodologia. Vale lembrar que às vezes se falava até em “Formação Metodológica de Educadoras e Educadores Populares”, para reforçar ainda mais essa ênfase. Ou seja, trata-se de uma experiência educativa popular na qual se acredita que o método, enquanto caminho e vivência, está muito relacionado a uma *concepção global denominada “metodologia”*, ou teoria do método; é esta que expressa a concepção mais ampla de educação.

Num dos textos da sistematização, enfatiza-se que *“sem esta concepção, o método corre o risco de ficar reduzido a meras técnicas aplicadas a processos educativos; poderão até demonstrar eficácia para alcançar objetivos imediatos, mas resultarão limitados”* para se construir, compreender e interpretar experiências concretas, que estiverem ancoradas a uma concepção geral de ação socioeducativa, bem como a transformações que se pretenda favorecer na realidade mais global. Afinal, *essa apreensão metodológica vai muito mais além do método em si.*

Essa concepção metodológica da Educação Popular levou a lançar mão de *múltiplas estratégias*: combinação entre rigor metodológico e liberdade criativa no curso; cuidados e acolhimento das pessoas em sua integralidade, em todas as dimensões da vida; afinação entre diversos instrumentos pedagógicos e dinâmicas

participativas; vivência de relações horizontais entre educadoras e educadores e educandas e educandos.

Fala-se, também, de forma recorrente, da “*explosão da subjetividade*”, como parte integrante do ser humano e dimensão do fazer metodológico do processo de formação. Isso esteve sempre explícito nos processos de integração dos cursistas, bem como na elaboração de roteiros, na vivência das dinâmicas e em espaços de confraternização, sobretudo nas noites culturais.

Merece destaque a permanente busca por uma *forte relação entre teoria e prática*, entrelaçadas com o apoio de instrumentos e dinâmicas participativas. A principal intencionalidade político-pedagógica, nessa busca, sempre foi a de *valorizar a experiência dos sujeitos* – individuais e coletivos – nos processos de elaboração/reelaboração da reflexão: partir da prática, refletir criticamente sobre ela e “voltar” à mesma para transformá-la (prática – teoria – prática). Foi esse princípio metodológico da Educação Popular que se tornou a *base propulsora dos crescentes engajamento e protagonismo* de educadoras e educadores populares dos Cursos e da Rede, ao longo de trinta anos, em ações concretas de mudanças.

A marca do engajamento e protagonismo em ações de mudança

Como bem sintetizam Ilena e Mônica, num dos textos da sistematização do Livro, “a Rede de Educadoras e Educadores Populares do Nordeste fomentou um grupo de lideranças atuantes na luta por direitos e pela emancipação da sociedade brasileira e nordestina, especialmente”. Elas enfatizam três elementos presentes nos testemunhos colhidos: “a *formação da consciência de classe, raça e gênero*; a *leitura crítica da realidade socioeconômica* do Nordeste e do país e a *transformação social* como horizonte nas lutas sociais populares”.

Foi isso mesmo. Foram acontecendo – desde o 1º Curso – *mudanças profundas na vida de cada educadora e educador* dos Cursos e da Rede: na compreensão do papel político, na avaliação da metodologia de trabalho, na visão de mundo, na vida profissional, nas relações afetivas, no olhar estratégico de seu respectivo movimento.

Como Ana Célia e Luciene (Mana) evidenciam, num dos textos do Livro, “o processo de formação resultou em ricas intervenções, ações conjuntas e ocupações de espaços de poder, que ocorriam no próprio local de atuação, em nível estadual, regional ou nacional, imprimindo nova relação entre Estado e Sociedade Civil”. No mesmo texto, Mana e Ana Célia identificam numerosos espaços onde educadoras e educadores da Rede foram atuando: “Estavam em Movimentos Sociais, organizações da sociedade civil, universidades, organismos eclesiais, centros de estudos e pesquisas; eram parlamentares, entre outros(as); inseriam pautas em suas agendas de trabalho, realizavam ações, manifestações sociais em parceria, em prol de mudanças e melhoria de políticas públicas. [...] Assim, essa ação foi se multiplicando em territórios e na gestão de políticas públicas, no governo de Lula e Dilma Rousseff (2003-2016)”. A repercussão não poderia ser outra, como as autoras do texto apontam: *“Essas estratégias levaram para políticas governamentais práticas, metodologias e concepção da Educação Popular”*.

Assim, ao longo de trinta anos, essa Rede tornou-se um *importante espaço de aglutinação* para muitos cursistas, dirigentes, ativistas e agentes sociais, firmando-se como parceira na realização e multiplicação de atividades formativas e ações concretas de luta nos estados; foi se tornando sempre mais presente e citada enquanto sujeito social de Educação Popular, assumindo-se como protagonista, juntamente com outras Redes e Articulações, em lutas por transformações sociais na região.

Afinal, “foi acontecendo uma ebulição”, ou – como disse uma educadora da Paraíba, Douraci – *um verdadeiro “rebolço”* no Nordeste, multiplicando lutas, experiências inovadoras, “gerando empoderamento de lideranças e vontade de dar continuidade a esse modo de fazer”.

A Rede, aos poucos, foi *disseminando conhecimentos e saberes pelo Nordeste afora*, dialogando e intercambiando com outros atores em âmbito latino-americano, ampliando e estreitando laços com outros parceiros da EQUIP, inclusive por meio de relações com a Cooperação Internacional. Assim, passou a ficar bem conhecida e a repercutir mais pelos resultados animadores do trabalho que estava realizando.

A marca de referenciais utópicos comuns

Paulo Afonso nos lembra que, “sem utopia, a gente não caminha”. Também Ilena e Mônica fazem a ponte entre Educação Popular e utopia: “A Educação Popular é um fio, que nos conecta às experiências de lutas e resistências na realidade e nos conduz a refletir sobre o que queremos construir como projeto de sociedade [...]. “Sonhar a utopia do mundo novo, da nova sociedade sem opressores e oprimidas(os); esse é o grande sonho, o foco do caminho da Rede que se trilha no Nordeste, há 30 anos, tendo a Educação Popular como fermento para a ação emancipadora”.

Tanto Paulo Afonso quanto Ilena e Mônica convidam a *se distanciar de fórmulas que sustentaram o pensamento da esquerda tradicional*. Paulo Afonso, mais precisamente, enfatiza o significado de experiências vividas aqui, como a do quilombo; Ilena e Mônica destacam, na mesma linha, que “nossa realidade e as alternativas de transformação já vividas, bem como as que estão ainda por ser construídas, devem beber nas fontes das experiências de

resistências e lutas travadas por *nossos antepassados*". Esse "distanciamento" está presente também em Paulo Freire, quando afirma: "A perspectiva da transformação social associada à educação libertadora deve honrar *a ancestralidade*".

O referencial do BEM VIVER²

A reflexão sobre utopia nos leva a revisitar o "referencial do Bem Viver", fortemente ancorado na ancestralidade. Trata-se de vivências, instigantes "experimentações", caminhos. Talvez seja por isso que o BEM VIVER vem sendo abraçado por crescente número de Organizações, Comunidades, Pastorais e Movimentos, que *o assumem enquanto caminho e não como conjunto de receitas mágicas*. Ainda há muito a caminhar e experimentar. O caminho "se hace caminando...".

A "concepção do BEM VIVER" se contrapõe a visões e "projetos de desenvolvimento". No sistema capitalista, "desenvolvimento" muitas vezes *significa apenas favorecer "melhoramentos"*. O lema do capitalismo pode ser resumido assim: "É preciso melhorar algo, para que tudo fique inalterado".

Como dizíamos acima, o BEM VIVER não vem da Academia, nem de Centros de Pesquisa, mas de *práticas ancestrais* acumuladas por muitas comunidades andinas, na Cordilheira dos Andes, o mais extenso conjunto de montanhas do planeta, na América Latina; abrange geleiras, vulcões, desertos, lagos e florestas; atravessa sete países da América do Sul: Venezuela, Peru, Bolívia, Argentina, Colômbia, Equador e Chile. Inúmeras comunidades indígenas

2 Reprodução e adaptação do texto sobre a "Construção do BEM VIVER" – de nossa autoria – incorporado no Plano Estratégico da FETAPE – PE, publicado em maio de 2023.

aprenderam a viver e conviver com essa diversidade de expressões da natureza, assegurando preservação de espécies e convivência harmoniosa entre seres vivos, onde o centro é a vida e não o ser humano: uma *visão biocêntrica* e não antropocêntrica.

Muitas comunidades africanas também se identificam com o Bem Viver, em luta contra a cultura hegemônica. A “*amerifricanidade*” – um conceito construído pela feminista Lélia Gonzalez – é a expressão de confluências e convergências entre duas identidades, a africana e a latino-americana. A “imagem de entrelaçamento geográfico” entre África e América Latina – baseada na teoria da formação dos continentes – expressa simbolicamente fortes e múltiplos laços entre elas, destacando-se as lutas contra a colonização e a escravidão, bem como a resistência às tentativas de “apagar da história os oprimidos”. Um dos dois continentes passou a ser tratado como “quintal da Europa”, enquanto o outro como “quintal dos EUA”. Eles também apresentam muitas semelhanças socioambientais: o desafio da convivência com áreas de semiárido e de grandes matas; a ênfase na convivência harmoniosa entre comunidades e meio ambiente; a valorização de territórios onde as comunidades se configuram e estruturam a partir da capacidade de se adequarem às particularidades dos ecossistemas.

Outra crítica forte do Bem Viver está dirigida às experiências do chamado “*Socialismo Real*” e a outras mais, denominadas progressistas/populares. O socialismo real abarca “experimentações” bem concretas que foram se sucedendo ao longo da história: na Rússia, em Cuba, em Angola, na Nicarágua e em outras nações. São experiências marcadas por tentativas importantes na busca de se romper com o capitalismo. Mas em todas elas foram se revelando – aos poucos – várias contradições: a dificuldade de incorporar cuidados com o meio ambiente e uma ótica efetivamente biocêntrica; o limite em relação à convivência na diversidade de

sujeitos sociais; a equivocada adoção de modelos econômicos que permanecem concentradores de riqueza.

Divergindo dessas experiências históricas, o Bem Viver enfatiza referenciais bem diferentes: *a diversidade* como fator fundamental do viver e conviver humano no planeta; uma *nova relação com a natureza*, implicando no respeito e valorização dela; um modelo econômico baseado em *comunidades solidárias*; a permanente busca de “*levar uma vida melhor com menos*”, isto é, “aprendendo a viver com menos”, bastando o que é realmente necessário.

Na sistematização feita por Alberto Acosta (“O Bem Viver, uma oportunidade para imaginar outros mundos” (tradução de Tadeu Breda, Editora Elefante, 2017), são apontados alguns *caminhos*:

- *O Estado Plurinacional*: no caso do Brasil, significaria o reconhecimento pleno dos povos indígenas e de outros povos tradicionais;
- *A natureza vista e abordada enquanto sujeito de direitos*: um caminho decorrente da convivência harmoniosa com a própria natureza;
- *A descolonização de práticas sociais*: isso significa evitar esquemas e padrões preconcebidos e impostos – descolonizar é olhar a partir do Sul, pois as marcas de colonização nos fazem olhar a partir do Norte;
- *O cooperativismo*: lembramos aqui que há vários modelos desse tipo de associativismo, sendo necessário identificar conquistas e lacunas;
- *A valorização da memória, da corporeidade, oralidade e ancestralidade*: valores vivenciados em muitas comunidades, mas que na era da internet são pouco reconhecidos, preferindo-se o provisório, o volátil e a comunicação a distância;

- *O retorno às bases comunitárias*: há muitas comunidades, urbanas e rurais, que viveram ou estão vivenciando práticas do BEM VIVER, a exemplo do Quilombo dos Palmares, de povos indígenas e das “comunidades de fundo de pasto” que resistem na Bahia, trabalhando – ao mesmo tempo – em unidades produtivas familiares e áreas coletivas (“criatórios comuns”). *O Bem Viver está acontecendo* em muitas outras comunidades no Nordeste, no Brasil, na América Latina, no mundo.

As experiências de Educação Popular que a Rede vem impulsionando fazem parte desse acontecer. Ainda falta muito, pois sonhamos com mudanças não só de âmbito local-regional, mas também nacional, internacional, global; contudo, estão sendo propiciadas importantes transformações. É a dialética do “aqui e agora, mas ainda não”. São *embriões e sementes de esperança, que alimentam o esperar...*

Mudanças que não ganharam ainda a prioridade que merecem

O referencial do Bem Viver, como se viu acima, sinaliza grandes desafios para a Rede de Educadoras e Educadores Populares do Nordeste, bem como para todas as pessoas em luta por transformações mais amplas e profundas da realidade. Muitos desses desafios estão sendo enfrentados, mas alguns não ganharam ainda a prioridade necessária. Entre eles, está *a questão do meio ambiente e do aquecimento global*. A seguir, vamos destacar algo a esse respeito, pela gravidade da situação que vivemos.

A mudança climática está chegando a um ponto sem volta. Estamos à beira da catástrofe ambiental global, muito próximos do “ponto de não retorno” em relação ao grau de aquecimento global. António Guterres, Secretário Geral da Organização das Nações

Unidas (ONU), pediu o “fim da guerra contra a natureza” e bem mais esforços, sobretudo por parte dos países que são os maiores emissores de CO_2 .

Não se trata de algo distante; são *fenômenos perto de onde a Rede atua, o Nordeste*. Recife – incluindo sua área metropolitana – é a capital do Brasil mais ameaçada de ficar submersa em poucas décadas, pelo avanço do mar. É a cidade mais baixa do Brasil. Está entre as 16 cidades mais vulneráveis do planeta, quanto aos efeitos das alterações climáticas. Além da questão do clima, vários fatores contribuem para que Recife seja uma das cidades mais afetadas: densidade demográfica, geografia e desigualdade social. Outras cinco cidades do Brasil poderão sumir em grande parte: Salvador, Fortaleza, São Luís, Rio de Janeiro e Porto Alegre; vale destacar: quatro delas, incluindo Recife, estão no Nordeste.

O drama dessas cidades nordestinas vai além delas, pois toca imensos territórios do conjunto da Região Nordeste: polígono do Semiárido, médias e pequenas cidades, rios, biomas. *A Rede está desafiada a dialogar mais com essa diversidade de situações*, que vêm se deteriorando em velocidade apavorante.

Em busca de novas práticas e novas sistematizações

Que, nos próximos anos, *novas práticas venham a ser sistematizadas*, incluindo ações impactantes, relacionadas também com gigantesco desafios atuais: do meio ambiente e mudanças climáticas; da fome; da migração; do “aprender a viver com menos”, na sociedade do consumismo; da valorização da memória, da corporeidade, oralidade e ancestralidade; da busca de descolonização das práticas sociais.

Que a Escola Quilombo dos Palmares e a Rede de Educadoras e Educadores disseminem o *trabalho sistematizador* que este Livro

está compartilhando, de modo que outras Organizações e Redes assumam *a sistematização como política institucional*, gerando ricas aprendizagens a partir de práticas inovadoras nas mais variadas áreas temáticas, pelo Nordeste afora!



EduPop 2005,
Maceió-AL

1

Paulo Afonso, um educador do esperar no chão nordestino¹

In memoriam de Paulo Afonso Barbosa de Brito

Anadilza Maria Paiva Ferreira

Maria Lúcia (Malu) Lopes de Oliveira

Joana Santos Pereira

¹ Neste texto, buscamos trazer aspectos de sua biografia e legado para a Educação Popular, os Movimentos Sociais e a sociedade. As informações vieram dos depoimentos (via WhatsApp, 2022) de pessoas que fizeram parte da sua trajetória. Devido ao aspecto sintético do texto, não foi possível consultar um número maior de seus/suas amigos/as e parceiros/as.

Este capítulo faz parte da elaboração do produto de sistematização da experiência dos 30 anos de realização dos cursos de educadores e educadoras populares do Nordeste, protagonizado pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP) e Rede de Educadores Populares do Nordeste. É um capítulo especial em homenagem ao educador popular Paulo Afonso Barbosa de Brito. Por que este capítulo especial? “Temos certeza que os laços que nos conectam a Paulo permanecerão sempre vivos. Ele está vivo em nossas práticas de educadores e educadoras, em nossa luta transformadora. Ele está dentro de nós.” (Domingos Corcione, Recife, 2023).

Nós que participamos do processo de elaboração nos sentimos desafiados(as) e impactados(as) com a morte repentina de Paulo Afonso em julho de 2022, em pleno processo de finalização das escritas, das reflexões. Como assim? Logo ele, que foi um dos principais idealizadores do processo de sistematização, instigou, brigou, fez proposições, escritas, um fazer pedagógico único, singular e animador. Por tudo isso, portanto, sentimo-nos agradecidos(as) por toda sua dedicação em vida a este processo. Agradecemos também aos demais amigos(as) e educadores(as) que escreveram, fizeram depoimentos. E, ao mesmo tempo, pedimos desculpas por não ter ampliado para mais gente. O tempo tem sido muito apertado para todos(as) nós. Escrever não é fácil, construir formulações é desafiador, e assim como Paulo Afonso, que não desistia fácil das coisas, seguimos!

Falar de Paulo Afonso é revisitar suas origens, os caminhos por onde ele passou, legados que nos deixou, memórias, sentimentos e emoções de pessoas queridas, familiares, comunidade de amigas e amigos, educadoras e educadores, militantes, ativistas que conviveram, trabalharam e se juntaram a ele, em diferentes épocas e lugares, no ativismo político junto aos Movimentos Sociais e nas pegadas da Educação Popular, principalmente na sua passagem pela Escola Quilombo dos Palmares, Rede de Educadores Populares do Nordeste e assessoria à Rede da Juventude do Nordeste.

Quem o conheceu e com ele teve a oportunidade de conviver guarda em sua memória e no coração este ser humano íntegro e cheio de encantos, que doou sua vida à construção de um projeto político de sociedade igualitária. A sua maneira de ver e ler o mundo, com os seus olhos de vaga-lume, certamente vem do seu lugar de origem, dos laços familiares, de suas andanças pelo mundo, em especial, o Nordeste brasileiro. Nos caminhos da vida, suas escolhas pessoais e profissionais foram o constituindo como um ser apaixonado pelo que fazia como militante, educador, assessor e professor seduzindo pessoas para construir juntos.

Humanista, afetuoso e acolhedor com as pessoas e seus saberes, por onde passava criava laços de amizade e tecia redes por um mundo igualitário, justo e solidário, como bem expressa a amiga e escritora paraibana Sandra Raquew de Azevedo (2021)²:

[...] Paulo tinha uma fé encarnada no cotidiano, na crença de uma vida melhor, num ser humano melhor, numa cultura de paz, num senso de dever profundo [...] foi pescador de gente, optou por tocar pessoas, não tocar ouro ou prata. Paulo era da gente. Era parte mais potente de nós mesmos. Era em si uma revolução. A fome

2 Texto “O amigo solar”, Paraíba, 11 de julho de 2022. Escrito por Sandra Raquew de Azevedo e lido na celebração de passagem de Paulo deste Universo.

de justiça dele se traduzia, para mim, na sua capacidade incrível de se mover, deslocar-se, ir. Existia em Paulo um chamado, como também uma urgência no fazer coletivo.

Com o espírito jovem, ideias, carinhos, criticidade e sua capacidade de escuta aos anseios da juventude nordestina, Paulo encantou, inspirou, impulsionou muitos jovens a traçarem seus caminhos pessoais, profissionais e a seguirem firmes nas lutas e redes sociais, como expressa a educadora que passou pela Rede de Jovens do Nordeste, a deputada estadual Divaneide Basílio (PT/RN) que confirma estas qualidades de Paulo:

Paulo Afonso para mim é inspiração. Ter tido a oportunidade de tê-lo como meu educador, companheiro de luta e amigo foi um verdadeiro presente. Suas provocações políticas e acadêmicas me fizeram pensar, me tiraram do quadrado e me ajudaram a sonhar. Ele sonhou comigo, acreditou, defendeu, deu bronca. Será sempre uma referência em minha vida. Aquela jovem que viajou para fora do Brasil e teve suporte desse educador incrível realmente se transformou. Paulo Afonso é parte central dessa transformação. Eu sou pura gratidão e, aliás, eterna gratidão por tudo o que tive oportunidade de viver com esse ser humano singular, mas que agregava a pluralidade e a diversidade em sua essência. São muitas memórias, muitos momentos de luta, reflexão. Foi bom dançar com ele, festejar e guardar no coração a leveza do seu sorriso e a firmeza dos seus posicionamentos. No PT, na Rede de Jovens do Nordeste, na Rede de Educadores Populares, na EQUIP, na gestão pública, no parlamento, na academia, na vida, na família, em tudo de bom e de desafiador que vivi, Paulo Afonso estava lá e sempre estará.

Paulo era um ser comum, um ser com suas contradições. Nas relações com as pessoas, ao mesmo tempo que era amoroso, também era considerado uma pessoa “briguenta”, conforme depoimento da educadora de Pernambuco Mônica Costa (2023): “Convivi com Paulo por trinta anos, claro que não diariamente,

mas foram trinta anos. E nesse tempo como foi o Paulo? Foi um amigo, às vezes, um arengueiro. A gente se preocupava e se ocupava dele e com ele. E ria e chorava... e tinha raiva dele também”, ou seja, ele não temia o conflito porque lutava pelo que acreditava, embora pautasse sempre o diálogo, o respeito e a horizontalidade nas relações com as pessoas e na construção do conhecimento.

Um pouco da vida de Paulo, suas origens, raízes e laços familiares

“Naquela mesa tá faltando ele.
E a saudade dele está doendo em mim” (e em nós).

(Sergio Bittencourt)

Em terras do Cariri paraibano, um novo ano iniciava com a chegada de mais uma criança ao mundo. Da barriga de dona Inês de Souza Brito, nascia, no Sítio de Salinas, em Boqueirão, Paraíba, no dia 1º de janeiro de 1958, Paulo Afonso Barbosa de Brito, futuro andarilho semeador de esperanças pelo chão nordestino ao longo de seus 64 anos de vida. Filho de Ulisses Barbosa de Brito, motorista profissional, e de sua mãe Inês, dona de casa, Paulo foi a terceira das cinco crianças do casal que permaneceram vivas entre as sete nascidas.³

Viveu em núcleo familiar afetuosos, constituído pelos seus queridos pais; irmãos José Ivaldo e Severino Ulisses (Biu); irmãs Tereza Cristina e Adja Brito; cunhadas Clênia Pinheiro e Ester Vieira; sobrinhos(as) Igor, Sara, Violeta e Larissa; e suas netas Giovanna e Mariana. Mantinha uma relação muito afetiva com

3 Alguns aspectos familiares foram fornecidos pelas irmãs e irmãos de Paulo Afonso.

a tia Elvira Barbosa Cortês, médica que vive em Salvador, Bahia, para onde ele ia frequentemente a fim de a visitar, inclusive para ir às festas do Senhor do Bonfim, sendo a última festa de que participou a realizada no dia 20 de janeiro de 2019. A irmã caçula Adja compartilhou lembranças da convivência e dos laços familiares:

Paulo era bem família. Ele nos amava. Preocupava-se com cada um de nós. Adorava as festividades, gostava de comemorar datas importantes junto com a família! Carnaval, Festas Juninas e de Fim de Ano eram suas preferidas. Ele amava estar junto conosco, sobretudo no São João, Natal e Ano Novo. No último Natal (de 2021) de sua existência aqui na Terra, fez questão de reunir mãe, Dêia, Larissa, Wagner, Giovanna e Mariana e ir juntar-se a mim em Natal, no Rio Grande do Norte, isto porque eu havia assumido um trabalho na capital potiguar, o que me impedia de ir a João Pessoa, Paraíba – o Natal anterior ao ano da pandemia (2019) passamos na casa de José e Clênia. Nas festas em casa, ele organizava todo o cardápio. Adorava cozinhar e experimentar novas receitas. E como cozinha! Era divino! O bacalhau com batatas e o arroz com brócolis eram verdadeiros manjares dos deuses!

E os bolos então, hummmmm! Tudo é difícil sem a presença dele! Ah, tinha uma alegria irradiante! Chegava nos locais sempre sorrindo! “Mãe, cheguei”, “Pretaaaa”, “Adja, abre aqui o portão” ... algumas das frases dele que ecoam no meu pensamento ... eram frases ditas, respectivamente, quando ele chegava do Recife, quando Pretinha – a gata – fazia alguma travessura, e quando chegava cheio de compras da feira (Mercado Central de João Pessoa). Paulo, para mim, ainda é puro amor! (Adja Barbosa Brito, Paraíba, 2023).

De família de classe trabalhadora, estudou em escolas públicas, mas, com o deslocamento dos pais pelo interior rural em busca de melhores condições de vida, iniciou o Primário (Ensino Fundamental I) em Barra de Santana. Fez a terceira e a quarta séries em Queimadas (PB) e concluiu o Ginásio (Ensino Fundamental II) no Sítio Açudes, em Bom Jardim (PE).

Na infância e adolescência, a indignação contra as desigualdades sociais e a preocupação com a educação já estavam entranhadas no seu ser. O irmão mais velho, José Ivaldo, lembra que Paulo, ainda menino, na ausência de transporte público, caminhava quilômetros até a escola, e conseguiu sozinho uma vaga para o irmão caçula, Ulisses, em uma escola na área rural de Bom Jardim, o que o enchia de orgulho.

Ainda muito criança, Paulo já tinha tarefas a serem cumpridas, pois ele era o mais novo e menorzinho. Mesmo assim, cumpria com sua tarefa, muitas vezes antes das aulas, que eram pela manhã. Entre muitas tarefas que Paulo cumpriu sem ser uma obrigação sua, foi a de ter conseguido uma escola para o nosso irmão Ulisses (Biu) estudar. Mudamos no meio do ano do município de Barra de Santana (PB) para o de Bom Jardim (PE). Nossos pais procuraram escola para Biu tanto em João Alfredo, que ficava mais próximo de casa (4 km), quanto em Bom Jardim (7,5 km) e não conseguiram. Paulo, mesmo muito jovem, mas com seu senso apurado, viu um grupo escolar na Vila de Tamanduá Bandeira (João Alfredo), aproximadamente a 1 km de casa. Paulo foi até lá e estava fechado, pois era período de férias, mas ele conseguiu a informação sobre a escola e o endereço da professora, que morava em Surubim. Paulo foi até lá e conseguiu a escola para Biu estudar. (José Ivaldo Brito, Paraíba, 2023).

De volta à Paraíba, na década de 1970, Paulo e sua família migraram para Campina Grande, onde residiram em uma casa simples, na região de Becos, e lá continuou os estudos. Enquanto cursava o Científico (Ensino Médio) no Colégio Estadual da Prata, intensificou a participação política nos grupos de jovens, nos trabalhos comunitários e nos Movimentos Sociais populares em resistência à Ditadura Militar. Mesmo diante desse contexto de repressão, Paulo foi um jovem de muita “coragem, pois se assumiu como pessoa de esquerda e homoafetiva, em plena conjuntura de repressão militar”, como lembrou o amigo Luís Couto (2022).

No percurso de sua vida, Paulo foi alargando seus horizontes e se aventurando em outras experiências, mas sem perder de vista o convívio com sua família. Para os seus, desde sempre, Paulo foi um filho amoroso – os cuidados com a mãe Inês faziam parte de seu cotidiano e foram intensificados depois da morte do pai (1981), em especial, com a dedicação exclusiva a sua mãe durante todo o período da pandemia de covid-19 (2020/2022), responsabilidade que Paulo conciliava com as atribuições de professor e educador popular. Em 2022, relatou no grupo de trabalho da sistematização em que estava envolvido: “Eu trabalhei pela manhã. Parei para preparar o almoço. Agora estou assistindo à missa na televisão junto com mãe. Depois volto para nossa sistematização”. E sempre fazia questão de enfatizar, quando estava em casa com os cuidados com sua mãe, nas horas que precisava fazer uma conversa *online*, de falarmos baixinho para não incomodar o sono de dona Inês. Ficava atento aos horários de suas refeições, de dar-lhe os remédios, até mesmo de alimentar os gatinhos da casa... desfrutava de sua companhia. Era tão linda essa demonstração de amor. E assim ele ia organizando suas responsabilidades de filho e de educador-professor nesse processo.

As andanças pela militância, os compromissos e juventude em destaque

Nas escolas, nas ruas, campos, construções. Somos todos soldados, armados ou não. Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais, braços dados ou não. Os amores na mente, as flores no chão. A certeza na frente, a história na mão. Caminhando e cantando e seguindo a canção. Aprendendo e ensinando uma nova lição.

(Geraldo Vandré)

A vida pulsava em Paulo! O jovem rebelde Paulo não deixava se imobilizar pela atmosfera do medo e do proibido, seguia caminhando e cantando, engajando-se nas iniciativas da Educação Popular pela Paraíba e pelo Nordeste afora, nas lutas estudantis universitárias e nas lutas sociais. Seu irmão Ulisses (Biu) relembra que:

Paulo foi um menino que tinha iniciativas. Quando sentia que tinha algo pendente, se mobilizava para resolver, assim cresceu construindo uma militância incansável nos Movimentos Sociais, acreditando e sentindo que nesse caminhar a vida das pessoas ia melhorando paulatinamente (Ulisses Barbosa de Brito, Paraíba, 2022).

O compromisso e a militância política de Paulo Afonso fizeram com que adiasse o ingresso na universidade. Em 1979, iniciou o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), concluído em 1983. Desde a graduação, representando a Pastoral Universitária, questionava o papel da academia na transformação da realidade. Nesse período, integrou o Diretório Acadêmico de Humanidades da UFCG, foi delegado no Congresso de Reconstrução da União Nacional de Estudantes (UNE) e participou da Coordenação Nacional da Pastoral Universitária. Integrou ainda um grupo de estudos clandestino sobre a obra de Paulo Freire, que discutia o livro *Pedagogia do Oprimido*, por trás da antiga Faculdade Estadual de Pedagogia: “A gente elaborava a cartilha no mimeógrafo a álcool, escrevia e desenhava para tornar a leitura mais agradável. Isso ajudou muita gente a começar a estudar Paulo Freire, a Educação Popular” (Brito, 2022).

Destaca-se sua participação no grupo Juventude do Século XXI, da Pastoral da Juventude referenciada pela Teologia da Libertação, que afirmava a opção preferencial pelos pobres. Paulo defendia que a hierarquia da Igreja Católica precisava olhar para a juventude das camadas populares e periféricas, e fez grande

articulação regional para o surgimento da Pastoral Universitária (PU) e Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Para a professora da Universidade Federal de Campina Grande, Nerise Laurentino Ramos, o irmão-amigo de longa caminhada levou o debate das desigualdades sociais para trabalhadores(as), moradores(as) de bairros e jovens do campo e das periferias e construiu redes de lutas com esses sujeitos. A partir de sua convivência com ele, reconhece que Paulo:

[...] soube combinar essa dimensão (de estudante) com o compromisso com o movimento, com as organizações, com a política, com a Igreja e ao mesmo tempo, ele tinha essa dimensão da alegria, o compromisso com a alegria, como resistência; era um festeiro, ele sempre lembrava, o carnaval de Olinda, Recife, de muita vida, e abundância dessa vida. E a outra dimensão, ele era perspicaz, cirúrgico, era daquele que colocava o dedo na ferida. Ele era muito brigão com o que acreditava. O enfrentamento com Paulo Afonso era difícil. Ele era muito humano, muito gente. Eu agradeço muito ao universo de ter tido Paulo na minha vida. (Nerise Laurentino Ramos, Paraíba, 2022).

Na juventude, durante sua vida de estudante de graduação, Paulo empolgava-se com as iniciativas da Educação Popular que despontavam, a exemplo do trabalho de um casal de universitários que fazia encontros de formação pelo interior da Paraíba. Sobre isso, disse: “Eu vendo isso, naquela época, estudante de graduação, pensei: é isso que eu quero para minha vida. Eu quero me formar, quero continuar meu trabalho, quero ser isso, quero ser educador popular” (Paulo Afonso de Brito, Paraíba, 2022). E foi isso que fez!

Nos anos de 1980, Paulo se engajou na militância no Movimento Contra a Carestia – em prol da população mais vulnerável que sofria com o desemprego e com a inflação –, participando nas campanhas, reuniões, vigílias e abaixo-assinados reivindicando do governo o congelamento dos preços dos alimentos. “A gente

ficava com as banquinhas nos pontos de ônibus, na frente das escolas, nas igrejas, colhendo as assinaturas”, relatou Paulo Afonso de Brito, em 2021.

Nessa época, surgiam os centros de Educação Popular, e Paulo, junto com companheiros(as) da luta estudantil, sindical e de movimentos eclesiais, ajudou a criar o Centro de Ação Cultural (CENTRAC), referência na Educação Popular com grupos comunitários, em Campina Grande, território da Borborema, onde atuou como educador de 1988 a 2002.

Ressalta-se que nesse período, Paulo integrou as lutas pela moradia e pela posse de terra. Houve um grande fluxo migratório para Campina Grande e, em consequência, aconteceram várias ocupações de terras (Pedregal, Ramadinha, Malvinas), que foram marcadas por grande repressão e violência policial. Os proprietários entravam com mandado de reintegração de posse e, em resposta, a Prefeitura enviava tratores para destruir casas e policiais para reprimir e prender as lideranças. O documentário *Campo de Batalha* retratou esses conflitos. Sua produção só foi possível pelo trânsito e aproximação de Paulo junto aos(as) protagonistas dessa luta. E sua articulação com dirigentes dos movimentos e cineclubes locais viabilizou a exibição do filme em vários bairros e movimentos por longo período, como relata o professor Beto Novaes (UNIRIO-RJ).

Na sua atuação político-partidária, colaborou na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), sobretudo na análise da dinâmica do partido na Paraíba, atuando como formador, articulador, assessor parlamentar, chefe de gabinete e secretário de formação, constituindo-se numa referência nacional. Raimundo Oliveira (2022), o Cajá, lembra dessa época: “Éramos tão jovens, símbolos de uma geração revolucionária, pulsante e esperançosa, pós-regime militar, anos

de chumbo, e que não aceitava as velhas teses comunistas, mas que ‘se avermelhou no fogo do artifício da vitória’, se avermelhou”.

Como militante histórico do PT, ao qual se filiou na década de 1980, foi dirigente municipal em Campina Grande e ocupou vários cargos no Diretório Estadual da Paraíba. Colaborou na reestruturação dos planos de formação e construção dos processos formativos de toda uma geração. Embora tivesse todas as oportunidades de se manter na estrutura do partido, inclusive sendo assessor parlamentar no mandato do deputado estadual do PT/PB, Paulo abdicou de permanecer nas estruturas do partido, porque gostava da liberdade de interagir com as pessoas, construir seus projetos de formação, de fortalecer as iniciativas, as pessoas, nos mais diversos espaços. Nesse sentido, o professor Francisco Mesquita (2022), afirmou que, como educador da Escola Quilombo dos Palmares (EQUIP), “sempre respeitava e se preocupava com os participantes dos cursos, pessoas vindas de diferentes matizes políticos no campo da esquerda. [...] A Educação Popular só fazia sentido se estivesse em estreita relação com a construção do projeto político democrático, popular, libertador, justo, inclusivo e equitativo”, buscando fortalecer a esquerda para além do partido.

A Educação Popular na vida de Paulo: contribuições, resistências e esperanças

[...] Se não tivermos a Educação Transformadora, a Educação para a Cidadania, a Educação para a Liberdade, nós não teremos mudanças significativas em nosso país.

(Paulo Afonso Barbosa de Brito)

Ao longo da vida, Paulo foi traçando seu caminho pelas trilhas da Educação Popular, “como um aprendiz que ensina e aprende com

o que ensina”, como disse Cora Coralina. Sua identificação com esse projeto vai se reafirmando e ganhando corpo com a criação da EQUIP, que ajudou a fundar em 1988 e onde desempenhou as funções de diretor, educador e associado, colaborando com os processos de articulação política e de formação.

Teve também grande influência e participação na Rede de Educadores(as) Populares do Nordeste, desde sua criação, outro espaço pelo qual tinha uma profunda afeição e responsabilidade. Valéria Rezende⁴, que esteve presente na fundação da EQUIP e da Rede, lembra: “Eu nem sei pensar a minha vida de educadora sem o Paulo. A gente estava sempre junto, fazendo tudo junto e havia uma sintonia, uma maneira de pensar muito semelhante”.

Na Rede de Educadores(as) Populares do Nordeste, Paulo teceu relações, aprendizados e práticas do fazer formativo a partir da metodologia da Educação Popular. Nela, Paulo gostava de se balançar e de aconchegar junto aos educadores e educadoras de todos os estados. A partir desse lugar, um dos integrantes da Rede de Educadores(as) Populares do Nordeste, Cláudio Braga, expressa:

Como amigo e companheiro nas lutas e nas agendas da Educação Popular pelo Nordeste do Brasil, em especial, em nosso Estado, Pernambuco, junto ao Núcleo de Educadores e Educadoras Populares. Com ele aprendemos não só a entender a importância da Educação Popular para a vida das organizações e movimentos populares, mas entender o alcance do companheirismo, da militância comprometida, da solidariedade e do compromisso com todas e todos na luta pelo bem viver. Sabemos que Paulo Afonso continua em nossas lutas, animando-nos a continuar nos passos da Educação Popular, na construção de um mundo melhor,

4 Depoimento de Valéria Rezende concedido na live em homenagem póstuma a Paulo Afonso, realizada pela UFCG, em agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bzm1g24rfmU>.

participativo e socialmente justo e igualitário! Paulo Afonso vive!
Paulo Afonso presente!

Nesses espaços, ele ajudava no processo de formação como um todo e se colocava como um arquiteto das atividades. Paulo tinha um cuidado especial em ajudar os educadores e educadoras a serem parte da formação, incentivava a partir das atribuições e habilidades de cada um(a) a contribuir na metodologia da atividade. Dizia ele: “Olha, Joana Santos, você é uma educadora que tem jeito e boniteza para elaborar as cartas aos educandos(as), um jeito que agrada, agrega, tem ânimo para incentivar através da música, do desenho, um jeito singular, então você pode ficar responsável por esses aspectos na atividade”. Em resposta, cita a educadora:

Aí a gente se inspirava, criava, recriava. E se apegava na elaboração detalhada, os passos dos roteiros metodológicos, o fazer, fazendo e tendo o cuidado com as sequências lógicas do roteiro, aproximando, construção de análises e reflexões com a metodologia participativa da Educação Popular. (Joana Santos, coordenadora executiva da EQUIP).

A capacidade de construção da análise crítica sobre a realidade e a animação da luta ficaram evidentes no Seminário de Análise de Conjuntura Pós-Eleições de 1998, da EQUIP, com a derrota de Lula nas eleições para presidente. Havia um estado de desesperança e tristeza entre as(os) participantes, mas Paulo Afonso falou da utopia e foi assertivo em suas formulações, aquecendo os corações frustrados das pessoas presentes. Valeria Rezende (2022)⁵, lembra que, no final da atividade, “o clima tinha mudado completamente

5 Depoimento de Valéria Rezende concedido na live em homenagem póstuma a Paulo Afonso, realizada pela UFCG, em agosto de 2022. Disponível em: <https://mail.com/mail/u/1#inbox/KtbxLwgptZhckZfjQVQMjrxQnccmJzwbq?projector=1>. Acesso em: 20 dez. 2022.

para uma disposição de luta, de alegria e de entusiasmo porque a gente tinha avançado”.

Foram anos de dedicação à Educação Popular na EQUIP. Paulo fez desse espaço, em algumas situações, seu quarto de dormir, sua morada. Muitas vezes, ficava na sede para terminar as tarefas e não media esforços para arcar com seus compromissos, comenta a educadora de longas jornadas com Paulo, Joana Darc da Silva (Paraíba, 2022):

Ainda que o cansaço tomasse conta de seu corpo, a determinação e disposição faziam com que ele ultrapassasse seus limites físicos: participava das reuniões, e passando dias trabalhando, no outro dia, ele pegava a estrada. Gostava de viajar ouvindo música. Com sua mochila, cadernos e lápis, andava pelo Nordeste como um missionário que fazia da Educação Popular sua própria vestimenta”.

Nos processos de formação, Paulo tinha apreço pela memória, sistematização e produção do conhecimento. Para a educadora Fátima Mesquita (2022), além de “sua práxis e coerência, era um estudioso e um elaborador de conteúdo a partir da experiência e da construção de processos. Sempre deu uma ênfase fundante à sistematização”. Foram valiosas contribuições na elaboração e produção de textos, cadernos para os processos de formação da EQUIP, Rede de Educadores(as) e Movimentos Sociais do Nordeste e da América Latina.

O sociólogo-educador tinha a Educação Popular como um instrumento de sua práxis, e sua disponibilidade voltada para a Educação Popular ia além da própria EQUIP. Para o educador da Paraíba Ronildo Monteiro (2022), Paulo “Era uma pessoa de muita profundidade e tinha dificuldade de dizer não, de não atender a um pedido quando se tratava de algum convite à atividade de formação ou algum tipo de consultoria”, além da intensidade de dedicação aos Movimentos Sociais. Maria das Graças Nascimento

(2022), a Gracinha, destaca que Paulo colaborou com muitos grupos no Nordeste ligados às pastorais sociais, sindicais e populares, prestando assessorias às Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), à Congregação de Nossa Senhora (CSA), às Pequenas Comunidades Inseridas (PCIS) e ao Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI).

Paulo sempre foi um educador que não fugiu de novos desafios. Na sua passagem pela EQUIP, ele reafirmou o compromisso com a juventude, ajudando a formar lideranças jovens para os movimentos populares e juvenis – ajudou a preparar um curso de formação por correspondência articulando cerca de 800 jovens. Destacou-se como uma das mais significativas experiências o Festival da Juventude realizado em Recife em 2002, com mais de dois mil jovens de todos os estados do Nordeste. Dessas duas experiências, o curso por correspondência e o Festival de Juventude, um dos resultados foi a criação da Rede de Jovens do Nordeste que contou com a colaboração de vários educadores(as) da EQUIP, na época. Uma das educadoras que participou da Rede de Jovens do Nordeste, a doutoranda em saúde Camila Brandão (CE), relembra:

Não sei se consigo descrever em palavras a presença de Paulo Afonso em nossas vidas... Digo vidas porque ele se entrelaçava entre vários amigos e amigas, que chegava a causar ciúmes logo entre nós... Quem eram os queridinhos e queridinhas do Paulo. Contudo, vou na frente dizendo que tenho algo em comum que ninguém do grupo tinha... Fazíamos aniversário no mesmo dia. Éramos a turma do primeiro dia do ano, 1º de janeiro, e nesse dia a gente trocava mensagens desejando um lindo dia e ano assim, que tenho guardado no meu coração nosso amor maravilhoso. Sua partida tão prematura foi impactante. Consigo lembrar claramente da semana do seu adoecimento e partida... E sempre vem com choro de saudade e muito respeito por tudo o que fez esse educador tão preocupado com a organização dos eventos, mas ainda mais com vidas dos jovens e das jovens da Rede de Jovens do Nordeste (RJNE). Conheci Paulo em 2000, em uma atividade

da Rede. Sempre estava sorrindo pra cada degrau que eu subia... Ele me chamava carinhosamente de “Camilinha”. (Camila Brandão, Ceará, 2023).

Para além do Nordeste, Paulo teve uma contribuição significativa em processos de formação junto aos movimentos ligados à luta rural e pela terra, a exemplo da Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC) e da FETAPE. Monica Katarina, uma das assessoras de formação, destaca:

Paulo sempre foi um companheiro de luta, colaborador e educador popular, pois sempre, com seu conhecimento, sua capacidade de articulação, incentivava o Movimento Sindical Rural a ir além dos seus espaços de organização, participando das articulações nacionais, estaduais e locais da Educação Popular, sendo um dos responsáveis para a chegada da FETAPE ao Conselho Latino-Americano e Caribenho de Educação Popular (CEAAL). Ele sempre estará presente nos processos de formação política sindical e principalmente nas experiências de sistematização, que fazem parte da ação formativa do MSTTR, em que ele sempre foi um apoiador e animador. Seu jeito sereno de falar, sua sensibilidade no escutar e sua firmeza nas posições políticas serão sempre referências para aqueles e aquelas integrantes da Rede de Educadores e Educadoras Populares da ENFOC, que tiveram o privilégio de sua convivência. Paulo Afonso presente, hoje e sempre. (Monica Katarina Tavares, Pernambuco, 2023).

Sua relação com a Educação Popular foi além de nossas fronteiras: representou a EQUIP em seminários no México, Honduras, Argentina e nos Estados Unidos da América e participou da Coordenação Executiva do *Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe* (CEAAL), conforme experiências relatadas nas falas do educador Oscar Jara Holiday, presidente do CEAAL. Nessa perspectiva, também relata Raimunda Oliveira, a Mundinha, uma das representantes do CEAAL, na América Latina:

Teimosia e equilíbrio, incansável e dedicado às causas sociais. Um Educador consciente da sua militância política frente às injustiças. Sua postura construiu o educador-militante coerente e respeitoso com quem tivemos a sorte e a alegria de conviver. Esse é o principal legado que Paulo Afonso nos oferta. Tive a honra de conviver com ele nos quatro anos em que estivemos na Coordenação do Coletivo CEAAL Brasil, e pude testemunhar o quanto ele levava a sério um dos ensinamentos mais primorosos de Paulo Freire, a coerência entre o que se diz e o que se faz. Não existia um Paulo Afonso do discurso e outro da prática. Ele era assim mesmo, simples no modo de lidar com a vida e profundo quando das leituras de mundo necessárias para construir a luta por uma sociedade justa, igualitária, soberana e solidária. E era essa luta que alimentava o seu caminhar cotidiano e sua utopia. Aprendemos muito com você, querido Paulo Afonso! Seus ensinamentos permanecem presentes em nossas vidas. (Raimunda Oliveira, CEAAL/Brasil - América Latina, CONTAG, 2023).

O jeito pedagógico de ser do educador Paulo Afonso

Paulo era um educador inquieto, crítico, exigente consigo mesmo e com o seu modo fazer as coisas. Buscava sempre aperfeiçoar a metodologia, envolvendo as pessoas nos processos e reconhecendo-as com seus talentos, *expertises*, saberes e práticas.

Apesar do rigor metodológico, ele sabia unir diferentes linguagens e expressões para fazer a reflexão de forma que as pessoas se envolvessem e compreendessem o conteúdo. Nas intervenções, criava formatos, quebrava a forma, tirava do bolso uma poesia e recitava. Depois, começava de novo, juntando racionalidade, pensamento lógico e afeto. Com seu jeito simples de ser, como lembra Gracinha Nascimento, “o professor sentava no chão durante as reuniões e nas rodas de conversa, em atitude de acolhida de cada palavra que saltava dos lábios dos participantes, transformando a essência do pensamento em tarjeta”. Paulo tinha a mesma postura

no espaço da academia, como lembra o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Roberto Marinho (2022):

[...] no ambiente da UFRPE, Paulo não agia como um professor de ensino superior, mas como um educador popular [...] Não era dado ao desânimo nem à acomodação, e, mesmo consciente das dificuldades, sabia que tínhamos capacidade de construir [...] e fazia junto, acreditava que a gente podia avançar rumo a um projeto sociotransformador. (Roberto Marinho, Rio Grande do Norte, 2022).

O educador popular e o professor não se separavam, mas se entrelaçavam. Sempre preocupado com a inclusão e em fazer o conhecimento chegar a todas as pessoas, Paulo buscava linguagens, recursos e comunicação acessível, respeitava os tempos, os lugares, as origens, os acúmulos, as identidades, e levou isso para o espaço acadêmico, numa práxis diferenciada, respeitada e reconhecida, como expressa o consultor Domingos Corcione (2022):

Paulo discordava da hierarquia entre o saber acadêmico e os saberes das classes populares, Ele conseguiu e seduziu, de um lado, alunos e professores e, do outro, movimentos e grupos, favorecendo trocas inovadoras, que atualmente tendem a se consolidar nas universidades públicas. [...] Uma capacidade incrível que ele tinha de provocar, articular e aglutinar pessoas, grupos e organizações em rede, a partir da convicção de que somente ações conectadas de forma mais ampla podem ser geradoras de efetivas transformações. (Domingos Corcione, Pernambuco, 2022).

Buscando a concretude do projeto político de transformação social, confrontou os sistemas que produzem as desigualdades de classe, raça e gênero. O professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Marcos Figueiredo (2022) relata que Paulo “levava a concepção dialética da sociedade de forma simples para as organizações populares, demarcando diferentes classes sociais e a importância de termos, enquanto universitários,

um projeto de sociedade vinculado à transformação das estruturas dominantes”.

Paulo, a Educação Popular e os espaços da academia: saberes que se entrelaçam

A Educação Popular atravessava todas as dimensões da vida de Paulo e se estendeu à sua trajetória acadêmica. No mestrado, manteve-se ativo na militância, ao mesmo tempo em que concluiu sua dissertação em Sociologia Rural na UFPE, intitulada *Movimentos Populares: possibilidades e limites de um novo sujeito histórico*, em 1990. Desde a graduação, representando a Pastoral Universitária, questionava o papel da academia na transformação da realidade. O professor Roberto Novaes (2022) relata que, ainda no mestrado, Paulo falava de uma “Universidade Sem Muros”, pautando uma relação direta entre academia e Movimentos Sociais através da extensão.

Leitor voraz, estudioso e motivado pelas experiências acumuladas na Educação Popular, Paulo inicia o doutorado anos depois, numa nova etapa de aprofundamento na academia, em 2002. “Eu vim fazer o doutorado como um esforço de ter uma disciplina pessoal maior e para tratar das coisas que eu achava importante de estudar” (Brito, 2021). Conciliava os estudos com o trabalho na EQUIP na época. E, em 2007, concluiu o processo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com a tese de doutorado *Redes, solidariedade e cidadania democrática: a experiência inovadora da Articulação do Semiárido – ASA*.

Em 2010, é nomeado professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, levando consigo sua experiência de atuação nas áreas de educação, sociologia rural, Movimentos Sociais, participação popular,

democracia, juventudes e Educação Popular. No espaço acadêmico, ele reconheceu o quanto a Educação Popular o havia qualificado como professor. “Essa experiência anterior na formação com a Educação Popular me ajuda a ser um professor criativo, bacana na minha prática, na relação com os estudantes, colegas e diretores [...] Muitas vezes, a gente tem conflitos, mas tem a cooperação, a amizade, o companheirismo” (Brito, 2021). A partir desse lugar, Paulo continuou fazendo a ponte entre a academia e os Movimentos Sociais populares do Nordeste, vivenciando a práxis da Educação Popular, estimulando estudantes à produção de conhecimentos sobre a vida dos Movimentos Sociais populares, entre outras temáticas. O estudante de Ciências Sociais da UFRPE, Carlos Eduardo Muniz Borges, o Kadu, em suas palavras expressa um pouco do que foi Paulo no universo da academia:

Conheci o professor Paulo Afonso já no primeiro dia de aula. [...] Eu possuía uma curta trajetória me relacionando com Movimentos Sociais, e Paulo falou que seu interesse maior era nessa área, unindo Movimentos Sociais e Educação Popular. Conforme o tempo foi passando e eu fui o conhecendo, Paulo ia demonstrando que essa era a missão de sua vida. Ele se destacava na universidade. E conforme o ambiente acadêmico demonstrava ser uma máquina de moer sonhos, Paulo ia na direção contrária. Ele era sonho, esperança, alegria. Ele era a personificação da potência criativa e transformadora dos Movimentos Sociais no ambiente acadêmico. Era o humanismo da Educação Popular em pessoa. E assim ele se transformou em referência para uma nova geração de estudantes, que, através de ações afirmativas, ia acessando o ambiente universitário, ambiente este que foi negado para essas populações durante muito tempo. Paulo segue sendo referência, seu legado e trajetória continuam pulsando nos espaços da universidade. (Carlos Eduardo Muniz Borges, Ciências Sociais da UFRPE, 2023).

A relação e o compromisso de Paulo com os Movimentos Sociais atravessaram toda sua vida, como disse o estudante Kadu.

Paulo buscou concretizar isso no espaço acadêmico. E por ser um professor-educador, transformou-se em uma referência para os(as) alunos(as) que tiveram a oportunidade de beber dos conhecimentos compartilhados por ele, ensinando aos seus(suas) alunos(as) que “os Movimentos Sociais cabem dentro da universidade, mas que essa é mais uma luta pela qual nós, estudantes, precisamos encarar também! Com ele, aprendemos que a educação é transformadora!” (Instagram do Diretório da UFRPE, 2022).

Aos olhos de Paulo, o que ele esperançava

[...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...].

(Paulo Freire)⁶

Paulo foi uma pessoa que teve a esperança como sua companhia constante na vida. Imbuído desse sentimento, ele se movia, colocava a mão na massa, elaborava, reunia gentes para construir juntos. Vivenciou, acompanhou contextos e conjunturas de tantas desesperanças e desânimos, mas não deixava de acreditar em dias melhores.

No contexto recente dos ataques fascistas à Educação Popular (2016-2022) que apontavam Paulo Freire como inimigo nacional, na tentativa de exterminar sua concepção dialética de educação, Paulo Afonso foi uma voz contundente na defesa do legado freireano. Diante de um cenário de desesperança, obscurantismo político, ataques à democracia, pandemia de covid-19 e

6 Disponível em: <http://www.ailpcsh.org/2021/02/12/centenariop>. Acesso em: 9 jan. 2023.

acirramento de desigualdades, injustiças e opressões, o esperar pulsava nas palavras, reflexões, ações e afetos desse educador popular paraibano.

Paulo não era apenas um homem do pensamento. Ele ousava fazer novas experiências, fomentava resistências e a utopia na construção de outro mundo possível, em relações mais coloridas, respeitosas com todas as raças, crenças e diversidades sexuais e geracionais. Estava presente nas lutas coletivas por um mundo de abundância, ternura e paz para todas as criaturas, com os pés no chão e... “a cabeça aberta e as ideias circulando”, uma famosa frase da Rede de Educadores Populares do Nordeste.

Paulo carregava desde suas origens uma força divina dentro dele, e expressava isso na forma de ser e estar e se relacionar com o mundo. Como bem disse Domingos Corcione, Paulo tinha “uma fé inabalável na capacidade de mudança das pessoas, grupos, organizações, movimentos... Uma fé capaz de sacudir todos os que estiveram no seu entorno; uma militância contagiante, uma mística revolucionária”. Uma mística vivenciada nas vitórias e conquistas da vida do povo, nas realizações subjetivas e profissionais das pessoas, educadoras e educadores, militantes que mantinham uma maior aproximação com ele. Nos momentos difíceis, de dor ou de perdas familiares, expressava seu amor e sua solidariedade, enviando mensagens de conforto, de ânimo e esperança às pessoas.

Em seu tempo de vida, tocou o coração de muitas pessoas no seu compromisso com a transformação da sociedade junto às classes populares do campo e da cidade, a potenciais lideranças, às juventudes e a quem estava fazendo microrrevoluções com seu trabalho, estudo ou inserção política. Tudo isso é expresso pela educadora e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Maria José Costa, a Zezé (2022): “Tu te entregaste de corpo

e alma às lutas em favor de coisas que são para o melhoramento, o engrandecimento da humanidade e da vida. Tu lutaste a vida toda por justiça, fraternidade, paz, solidariedade, enfim, por estas coisas todas que edificam a humanidade”.

Aos 64 anos, o sopro da vida de Paulo foi interrompido. Foi o tempo que as forças divinas permitiram para seu viver no universo Terra. O semeador do esperar Paulo Afonso, filho, irmão, amigo, companheiro, ativista político, educador popular e professor, um latino-americano, enraizado na cultura nordestina, sertanejo, em decorrência de um AVC, fez sua passagem deste Universo, no dia 10 de julho de 2022, deixando a todos nós órfãos de seus afetos, implicâncias e reflexões, mas continua presente em nós em espírito e através de seu legado. Certamente está em algum botequim com seus companheiros(as) celestiais em outro plano, celebrando a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para o terceiro mandato, esperando um futuro-presente de reconstrução da soberania da nação brasileira.

Na pessoa de nosso educador amante da vida, da boemia, da cultura e da natureza, combativo, incansável, fraterno, solidário, acolhedor, instigante, “arengueiro”, na sua capacidade imensa de reflexão e de compartilhar conhecimentos, nós te reconhecemos como coletivo de educadores(as), que comungam do jeito de viver, de atuar e de acreditar que a mudança social é resultado das forças sociais em ebulição. Paulo foi marcante na sua capacidade metodológica de escutar e grandiosidade de alma, de se colocar no lugar do outro e de acolher os diferentes.

Por fim, conforme citado no início deste capítulo, esta homenagem a Paulo Afonso é parte da experiência que vivenciamos nos cursos de educadores(as) populares do Nordeste, onde Paulo teve um papel fundamental. Foram muitas as contribuições deixadas pelo nosso querido Paulo Afonso. Fica até difícil de pontuar, mas,

para nós, o mais forte foi o encorajar desse educador que nos animou a iniciar e ter a paciência histórica e pedagógica de formatar e formular um produto de sistematização de experiências. Somos cientes do quanto de aprendizados adquirimos nesse processo e principalmente por ter vivenciado o elemento surpresa, o contexto e suas formatações. O quão difícil foi realizar no formato *online* a primeira reunião em nível regional Nordeste sobre o produto da sistematização, após a morte de Paulo Afonso, e, ao mesmo tempo, com choros e boas lembranças. Não tivemos nem coragem de realizar a reunião antes do resultado das eleições de 2022, pois estávamos muitos ansiosos(as), apreensivos(as), mas também esperançosos(as) pela vitória de Lula e imaginando Paulo conosco nesse ciclo político. Mas, tanto quanto Paulo, não somos de desistir, encaramos o desafio e o encorajamento de fazer permanecer vivas a sua memória e contribuições, seguir em frente como orienta o educador Oscar Jara Holiday em seu livro sobre como sistematizar experiências – “O processo de sistematização tem começo, meio e fim”.

Para nós, o fim não é necessariamente o final, pois sabemos que estes registros e elaborações do produto de sistematização e dos mais belos depoimentos das pessoas são relatos que devem ir pro mundo afora, tocar novamente vidas-corações e mentes e as vivências, mantendo viva a audácia da tarefa de sistematizar, de cuidar afetuosamente das pessoas, para além dos registros, da experiência vivida, dos saberes construídos e dialogados. Um passado vivido para nossas memórias vivas.

O nosso reconhecimento como companheiras(os) de jornada, o nosso espanto com a sua repentina mudança de dimensão e o nosso agradecimento pelo muito que fez por todos(as) nós. Muito de ti fica com a gente e muito da gente segue contigo.

Paulo Afonso VIVE!

Referências

AZEVEDO, Sandra Raquew de. *O amigo solar*. Paraíba, 2022.

FREIRE, Paulo. *Esperanças*. Disponível em: https://www.ailpcsh.org/2021/02/12/centenariopaulofreire_esperancar/. Acesso em: 9 jan. 2023.

REZENDE, Valéria. Depoimento de Valéria Rezende concedido na *live* em homenagem póstuma a Paulo Afonso, realizada pela UFCG, em agosto de 2022. Vídeo Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/1/#inbox/KtbxLwgptZhckZftjqvQmJrxQnccmJZwbq?projector=1>. Acesso em: 20 dez. 2022.



Lançamento do Caderno 2009,
João Pessoa-PB



EduPop 2005,
Maceió-AL



Curso 2010,
Conde-PB



EduPop 2008,
Carpina-PE



Curso Regional, 1ª Turma,
1991, João Pessoa-PB

2

O processo de sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste

Luciene Maria de Mesquita (Mana)
Mônica Rodrigues Costa

Ao nosso educador mambembe, despojado, mochila nas costas e os pés na estrada, incansável, espalhando o gosto pela Educação Popular e a necessidade de fortalecer a nossa intervenção na sociedade em prol da transformação social. Uma vida de idas e vindas, de encontros e desencontros, tecendo redes, atando e desatando nós, não só mais no Nordeste do Brasil, mas expandindo para o Brasil e a América Latina, mediante as suas representações em espaços de poder e de discussão da Educação Popular. Dedicamos esse produto a você, Paulo Afonso.

Este livro trata do processo de sistematização dos 30 anos de cursos de formação para educadores populares realizados no Nordeste. Essas iniciativas foram promovidas pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP), que ora socializa os impactos do seu fazer político-metodológico nessa região. Aprendizados que provocaram mudanças nas vidas das pessoas envolvidas nessas atividades, assim como nas vidas dos Movimentos Sociais, organizações e entidades parceiras. Também resultaram na criação da Rede de Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste.

Juntas, a EQUIP e a REDE convergem seus esforços subsidiados na Educação Popular, para aperfeiçoar as práticas políticas de diversos sujeitos sociais e impulsionar mudanças na realidade nordestina.

A EQUIP, fundada em julho de 1988, é uma escola de formação política e cidadã nascida no mesmo ano da atual Constituição

Brasileira. Tem por missão contribuir para a construção de conhecimentos a respeito da realidade nordestina e brasileira e para a consolidação de sujeitos sociais prioritariamente das classes populares, por meio de processos de Educação Popular, visando à transformação social, na disputa por alternativas que se contrapõem ao modelo de desenvolvimento concentrador de riquezas, renda e poder, rumo à construção de uma sociedade democrática, solidária e de justiça social.

A EQUIP sempre investiu na construção do saber e na elaboração de vários tipos de produtos com base em pesquisas, envolvendo desde a análise de conjuntura até reflexões diversas sobre o contexto do Nordeste. Como dizia Kindow, educadora popular do Piauí, “A gaveta aberta e a mente circulando”. As ideias que circulam na EQUIP têm por base seu campo de atuação regional, considerando a dimensão política transformadora e de desenvolvimento para o Nordeste brasileiro, a partir da qual se articula a diversos sujeitos sociais em contextos territoriais: regional, nacional e internacional – com prioridade para a América Latina.

Por causa desses elementos, diferentes textos que subsidiam as práticas educativas, ou as problematizam, foram elaborados ao longo da trajetória da EQUIP, pelos(as) diversos(as) educadores e educadoras populares, desde os(as) fundadores(as), os(as) que fizeram parte do seu quadro funcional, os educadores e educadoras da Rede, os associados e associadas, entre outros(as) colaboradores(as), convidados(as) à realização de ações formativas, compondo um grande conjunto de pessoas que colaboraram com ideias transformadoras nesses 30 anos.

Esses conteúdos deram forma à série “Gaveta Aberta”, aos “Cadernos do Nordeste”, à cartilha “A certeza na frente e as Leis nas mãos”, e ao “Curso Modular de Juventude”, entre outras publicações. Em maio de 2003, foi inaugurada a Série Educação

Popular, cujo tema do número 1 foi “Movimentos Sociais e Educação Popular no Nordeste”, com a sistematização das primeiras experiências da Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste. Hoje, na sua sexta edição, essa Série socializa o produto da sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste.

Desse modo, o objetivo desta produção é colocar à disposição um conjunto de aprendizados que contribuam para subsidiar educadores populares e as práticas político- metodológicas dos Movimentos Sociais no Nordeste para o enfrentamento das estruturas sociais que reproduzem desigualdades e vulnerabilidades, munindo os sujeitos coletivos para a incidência política. Em seu viés formativo, prioriza o protagonismo das juventudes, mulheres, população negra, população LGBTQIAP+, povos e comunidades tradicionais, educadores e educadoras, ativistas e lideranças sociais, do campo e da cidade.

Inspirados(as) pelas práticas formativas e pelas sementes lançadas nas experiências de produção do conhecimento expostas na trajetória acima, germinam as ideias para este livro. Sua beleza tem a ver com sua urdidura, tecida a muitas mãos. Por isso mesmo, a trama que resulta exige de nós comunicar essa jornada. Nosso propósito é que experiências como esta se multipliquem. Te convidamos ao mergulho. Vem!

O início do processo

Aquela compreensão fatalista da realidade foi dando espaço a uma análise mais aprofundada dos processos de formação histórica da nossa sociedade.

Passamos a compreender melhor como se deu a construção histórica da pobreza no Nordeste e a nos repensar, enquanto nordestinos, atuando para transformar essa realidade.

(Cristina Moura, BA)

O que dá sentido a este trabalho é justamente o que indica o extrato de depoimento acima, a transformação das pessoas, resignificar a si mesmas em direção a ser sujeitos políticos, afinal a proposição da transformação da realidade passa por transformar quem somos e como pensamos. Com a recuperação do processo que segue, podemos avaliar não apenas os trinta anos de processos formativos realizados pela EQUIP e nutridos pela Educação Popular, como também resgatamos nossas próprias trajetórias e as diversas conjunturas em que aconteceram. Assim, compartilhamos trinta anos de história da Educação Popular no Nordeste e estórias de sujeitos políticos.

Em 9 de maio de 2018, no lançamento do aniversário dos 30 anos da EQUIP, no Centro Cultural dos Correios, no Recife Antigo, ressurgiram as conversas, lideradas por Paulo Afonso, com integrantes da Rede de Educadores Populares, na perspectiva de refletir acerca dessa trajetória, das experiências acumuladas por todos(as) nós – educadores e educadoras que fizemos parte dos processos formativos no decorrer desses anos, na região nordestina.

Foi assim que tudo teve início. A semente foi lançada e Paulo Afonso, um dos educadores com presença e dedicação à EQUIP, desde logo após a sua fundação, tomou para si a tarefa de levar adiante o desenvolvimento deste trabalho, e combinou uma conversa com café na casa da associada Mônica Costa, uma das integrantes da Rede de Educadores(as) de Pernambuco.

No dia agendado, o diálogo com café entre ambos foi fecundo. Paulo Afonso, como sempre entusiasmado, lançou a proposta de caminharem juntos nessa empreitada. Já nesse momento, a primeira estratégia de Paulo Afonso foi tirar uma licença de capacitação no trabalho, a ser realizada com a supervisão de Mônica Costa, com um plano de trabalho cujo título foi “Capacitação em sistematização de experiências: aspectos teóricos, metodológicos

e práticos”. As licenças para capacitação nas universidades públicas têm no máximo o prazo de três meses, no entanto, a licença de Paulo Afonso só durou 40 dias, tornando evidente que, com o volume de trabalho dele na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), seria muito difícil realizar a sistematização de trinta anos de Educação Popular, além de não ter sido dimensionada a extensão das experiências formativas, que nesses anos ocorreram de modos centralizado e descentralizado.

É importante demarcar que a sistematização, na ótica de Oscar Jara Holliday (2006, p. 25), indica que, “ao sistematizar, não só se atenta aos acontecimentos, seu comportamento e evolução, como também às interpretações que os sujeitos têm sobre eles. Cria-se, assim, um espaço para que essas interpretações sejam discutidas, compartilhadas e confrontadas”. Trata-se, como afirma Elza Falkembach (2000, p. 17), de:

[...] um processo que tem a capacidade de fazer nossa visão penetrável também a não aparência da coisa; capaz de levar-nos aos avessos das nossas práticas; a busca de compreender os seus porquês e refletir sobre as consequências que poderão engendrar.

Nesse período de 40 dias, só foi possível mesmo Paulo Afonso dimensionar o volume de trabalho que isso representaria, a opção metodológica, os instrumentais de coleta e os documentos a serem utilizados. Transcorrido esse período, o trabalho não avançou o necessário, então reconheceu que não daria conta sozinho. Refez o plano de trabalho, agora com a contribuição de outros educadores mobilizados por ele, da Rede de Educadores(as) Populares de Pernambuco (Cláudio Braga e Joana Santos) e da Paraíba (Joana d’Arc). Juntos, organizaram um plano operacional para a realização da sistematização em três fases, que, com o surgimento da pandemia de covid-19 e o decorrente isolamento social, não se efetivou a contento.

A primeira fase

Várias iniciativas e procedimentos estratégicos foram adotados para enfrentar as dificuldades, especialmente no transcorrer dos anos de 2020 e 2021, e, assim, elas foram superadas.

Desse modo, estamos assumindo a sistematização como um processo educativo, político e epistemológico, que parte da descrição (dos registros, das narrativas, das memórias, dos depoimentos...); envolve momentos mais da interpretação, para tal se faz necessário criar instrumentos para a ordenação, tabulação, classificação das informações advindas da descrição, refletir sobre as questões à luz do eixo e dos objetivos da sistematização, inclusive com a possibilidade de construir pontes ou diálogos com contextos teóricos onde nos situamos (aqui não se trata do tradicional “marco teórico” que oferece substância ao trabalho empírico, como na ciência tradicional ou hegemônica, mas de contextos teóricos, no sentido de considerar que não estamos “criando a roda”, que outros já falaram antes de nós, como os exemplos da dialogicidade de Paulo Freire, ou de que todos os seres humanos são intelectuais – filósofos – pela abordagem de Antônio Gramsci). A narrativa, a reflexão, a interpretação devem levar à construção de um conhecimento novo, portanto afirmamos que a sistematização é produção de conhecimentos partindo da experiência. Enfim, sem ser finalmente, faz-se necessária a criação de instrumentos de socialização do conhecimento produzido, colocando novos bens, novos saberes em circulação com a sociedade, sobretudo com os agentes que viveram a experiência, além de todos e todas que comungam dessa perspectiva educativa, epistemológica e política (Plano Final de Sistematização, 2020, p. 2).

Entre outras medidas, destaca-se a elaboração de roteiro para recolhimento dos depoimentos, no modo *online*, das pessoas envolvidas nos cursos de educadores populares. Inicialmente respondido por apenas 14 pessoas, chegamos ao final do processo com 56 depoimentos, entre vídeos, áudios e textos.

Quanto à separação, organização e catalogação de documentos – relatórios, e roteiros metodológicos das atividades formativas realizadas –, o volume foi de 718 textos, com escassez de listas de frequência, em função de problema estrutural ocorrido no prédio sede da EQUIP, com grande prejuízo à coleta de materiais e ao acesso à memória por conta de arquivos danificados.

A tarefa, por se referir a nossa própria vida durante esses trinta anos, desafiava-nos sobremaneira, uma vez que nos encontrávamos sem dinheiro para o projeto e sem educadores com condições para o assumir, o que revelava nossas “pernas curtas” para realizar a empreitada. Novas estratégias de mobilização foram planejadas. Dessa maneira, Paulo Afonso coordenou o processo e sensibilizou um grupo de educadores e educadoras membros da Rede de Educadores e Educadoras e associados(as) da EQUIP para participar do projeto.

O objeto da sistematização permaneceu inalterado: *“Os 30 anos da experiência dos cursos de formação de educadores e educadoras dos movimentos populares do Nordeste, realizados pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP) e suas parcerias, e os processos formativos daí decorrentes”*. O Plano de Sistematização tem como eixo a:

[...] contribuição de processos formativos junto a educadores e educadoras populares para o fortalecimento das pessoas enquanto agentes de transformação social, para melhoria da ação imediata das lutas e organizações populares, para as necessárias transformações na Região Nordeste do Brasil e, para construção de um projeto estratégico de sociedade. (Plano de Sistematização final, 2020).

Os objetivos articulados ao eixo de reflexão seguem abaixo

- Reconstruir a trajetória de 30 anos dos cursos de formação para educadores e educadoras dos movimentos populares

do Nordeste brasileiro, suas turmas, os principais conteúdos tratados, os princípios e procedimentos metodológicos, e as organizações e movimentos representados;

- Discutir a relação entre metodologias e conteúdos no exercício de formação de educadoras e educadores populares, destacando as consequências dessa experiência para a vida pessoal, militante e profissional das pessoas participantes dos cursos;
- Refletir sobre as consequências do trabalho de formação para a vida dos movimentos populares, sua dinâmica de funcionamento, sua capacidade mobilizadora, seus modelos organizativos, suas conquistas para melhorar a vida do povo, a relação entre as lutas imediatas e os projetos estratégicos de sociedade;
- Analisar como os processos educativos populares vivenciados colaboram para que as pessoas se sentissem mais fortalecidas e mais capazes para: intervir na realidade e transformá-la; constituir novas relações de gênero, étnico-raciais e geracionais; relacionar a ação imediata com a vivência de utopias e esperanças na perspectiva da construção de um novo modelo civilizatório;
- Aprofundar a referência da Educação Popular presente nessa experiência, como parte de um movimento ou prática social continental e como parte dos processos de reinvenção da emancipação social.

A partir da finalização do Plano de Sistematização e das (re) definições estratégicas, foram elaborados os instrumentais. Um quadro foi preparado com as atividades que seriam desenvolvidas na segunda e terceira etapas do processo, indicando uma correspondência entre ação e responsável. Nesse ponto, algumas

educadoras e educadores aderiram ao processo, colaborando para definir instrumentos e reorganizar o Plano de Sistematização.

A segunda fase

Já garantida a adesão de outros(as) educadores e educadoras, criou-se, em 2020, um Grupo no WhatsApp nomeado como “Sistemat. Curso EduPop”, para encaminhar o processo que andava bem lento. Em 10 de maio de 2020, foi aberta uma página de grupo no Facebook, que contou com a participação de 100 educadores(as) oriundos(as) dos cursos, nos diferentes estados da região, para mobilizar e animar as pessoas a postarem seus depoimentos, fotos e outras memórias. Após a euforia do reencontro, de postagens dos registros das memórias dos cursos, a ação perde a sua vitalidade. O mesmo acontece com o grupo criado no WhatsApp, coletivo com todos(as) os(as) que se dispuseram a enviar seus depoimentos e a participar, cujas manifestações arrefeceram.

Após esses passos iniciais, aconteceram dois encontros: o primeiro, realizado em 10 de dezembro de 2020, que contou com a presença de sete educadores e educadoras dos estados de Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Bahia (Joana Santos, Joana d’Arc, Paulo Afonso, Cláudio Braga, Cristina Moura, Douraci e Anderson). Nesse encontro, houve a recuperação do processo vivido, procedimentos adotados, avaliação do processo, redefinição de estratégias e encaminhamentos de continuidade.

No dia 14 de janeiro de 2021, foi realizado o segundo encontro de sistematização. Uma das estratégias definidas foi dar continuidade à segunda fase da sistematização, com a criação do grupo e a ordenação do material, sob a responsabilidade de Antônio José e Joana d’Arc pela coordenação desse processo. O Grupo Operativo cria um grupo no WhatsApp para se comunicar melhor

cotidianamente, com a frequente colaboração e organização de Antônio José, da Rede de Educadores do Ceará, na animação do processo, com o apoio de Joana Santos, da EQUIP, e Joana d’Arc, educadora da Paraíba. No grupo de WhatsApp GT Operativo, são inseridos os(as) educadores(as) da Rede, dos diferentes estados do Nordeste, que se comprometeram a dar andamento aos textos decorrentes dos depoimentos, que seguiram a lógica dos roteiros de depoimentos e de leitura e registro.

Com base no material coletado, Antônio José montou uma Linha do Tempo dos Cursos de Educadores Populares apresentada no Intercâmbio de Educadores Populares do Nordeste (4º encontro do processo de Sistematização) realizado, de modo *online*, nos dias 21 e 22 de maio de 2021, com transmissão pelo Zoom, no Recife. A trajetória dos cursos foi organizada em três períodos: 1990 a 1999; 2000 a 2009; e 2010 a 2019. Também fez parte da linha do tempo a missão da escola em sua relação com a ação educativa, o tipo de ação formativa realizada e as temáticas tratadas.

A terceira fase

Essa iniciativa exitosa mobilizou mais de 70 pessoas e foi uma maneira de nos encontrarmos, incentivarmos o envio dos depoimentos e fazermos reflexões sobre a conjuntura atual e o legado de Paulo Freire, que completaria 100 anos em 2021. Com isso, aquecemos o coletivo e conseguimos receber 56 depoimentos em forma de vídeos e textos, elevando a nossa esperança na continuidade da sistematização. Para orientar a reflexão em torno dos depoimentos, foi criado um roteiro para leitura e registro, ao mesmo tempo, uma pasta foi organizada no Google Drive e compartilhada com as pessoas que assumiram essa tarefa.

Ainda nesse intercâmbio, a síntese de uma das rodas de conversa foi apresentada por Mana, educadora de Alagoas, e complementada por Douraci, educadora da Paraíba, destacando, na trajetória educativa da EQUIP, os elementos importantes que nos dão unidade no agir pedagógico: o que nos provoca, nos move, nos anima e nos alimenta.

Durante o Intercâmbio, recebemos a mensagem de Oscar Jara, educador popular da Costa Rica e companheiro nessa jornada, destacando que:

[...] o grande desafio para esses processos de intercâmbio é poder superar a troca de informações para poder passar à partilha dos aprendizados. Retirar elementos qualitativos das nossas experiências para construir aprendizados comuns que sirvam para construir alternativas para o futuro.

Essas palavras encontram ressonância em nossas práticas e valores pedagógicos, animando-nos na caminhada e nutrindo o processo em curso, com os encaminhamentos construídos no referido Intercâmbio.

Voltando às questões metodológicas da sistematização, no roteiro para leitura e registro dos depoimentos, os itens eram os mesmos do roteiro para os depoimentos: identificação do depoente; concepção de Educação Popular; incidência do curso na atuação formativa nos movimentos; consequências da formação na vida pessoal; Educação Popular e os processos de reinvenção da emancipação social.

É importante ressaltar que muitas dessas tarefas foram realizadas durante a pandemia de covid-19, em meio às inseguranças e incertezas que vivemos durante todo o período, sem vacina e sem política de saúde adequada para enfrentar a situação, por conta das decisões do (des)governo de Jair Messias Bolsonaro. Fomos

todos(as) afetados(as), pessoal e coletivamente, com rebatimentos no nosso processo de trabalho e na coleta dos depoimentos.

Mesmo assim, mantivemo-nos atentas(os) e dando seguimento ao processo. O principal instrumento foram os 56 depoimentos (em vídeo ou texto) de participantes dos cursos, procedimento para o qual foi elaborado um roteiro considerando os distintos períodos nesses 30 anos, as trajetórias das pessoas e os eixos definidos. Além disso, tivemos a ideia de montar um banco de dados com diversos registros, como fotos, cartas, relatórios, listas e perfis de participantes, roteiros metodológicos e comentados, enfim, com tudo o que fosse possível resgatar a respeito desse período histórico. Nesse intuito de recuperar registros, foi fundamental o trabalho de Douraci, da Paraíba no resgate e organização do material de propriedade de Joana d’Arc, com ajuda de Antônio José. Em janeiro de 2021, numa reunião *online*, debatemos várias dessas questões para dar andamento ao processo.

A quarta fase

A partir desse ponto, separamo-nos em quatro Grupos Temáticos, referentes aos quatro eixos da sistematização:

> Grupo Temático 1 – Metodologia da formação de educadores (composto por Paulo Afonso, Joana d’Arc, Malu, Cristina Moura e Anadilza)

Proposta: relacionar conteúdos e metodologias no exercício da formação de educadores e educadoras populares, destacando conhecimentos e habilidades que permitam estabelecer relação horizontal entre educadores e educandos, construção coletiva de conhecimentos, proposição de dinâmicas participativas, manuseio de instrumentos

pedagógicos, capacidade para construir novos processos ou ações formativas (não reproduzir a vivenciada); e fomentar intencionalidade transformadora e continuidade das ações.

> Grupo Temático 2 – Consequências do trabalho formativo na organização e vida dos movimentos (composto por Douraci, Joana Santos, Rosa e Graça)

Proposta: analisar os resultados do trabalho de formação para a vida dos movimentos populares, sua dinâmica de funcionamento, sua capacidade mobilizadora, seus modelos organizativos, suas conquistas para melhorar a vida do povo, e a relação entre as lutas imediatas e os projetos estratégicos de sociedade.

> Grupo Temático 3 – Consequências do processo formativo para a vida dos educadores e educadoras (composto por Mana e Ana Célia)

Proposta: abordar os processos educativos e a autonomia das pessoas a fim de que se sintam mais fortalecidas e mais capazes para: intervir na realidade e transformá-la; defender e exercer uma concepção de Educação Popular; constituir / alimentar / vivenciar permanentemente novos valores humanitários e novas relações de gênero, étnico-raciais e geracionais; e relacionar a ação imediata com a vivência de utopias e esperanças na perspectiva da construção de um novo modelo civilizatório.

> Grupo Temático 4 – Educação Popular e os processos de reinvenção e emancipação social (composto por Mônica e Ilena)

Proposta: aprofundar a referência da Educação Popular presente nessa experiência como parte de um movimento ou prática

social continental e como parte dos processos de reinvenção da emancipação social.

Cada Grupo Temático conseguiu elaborar as análises e os textos em colaboração com os que dispunham do tempo necessário para a tarefa, já que alguns educadores tiveram dificuldade de conciliar sua agenda na produção dos textos. Cada grupo voltou-se à tarefa de apanhar, nas leituras e registros dos depoimentos, os conteúdos necessários para desenvolver seus textos. Os prazos foram pactuados e repactuados algumas vezes, ajustando a proposta da sistematização às demandas da realidade das pessoas, que estavam se dedicando a essa nobre tarefa. Combinamos um prazo para a primeira versão dos textos de cada grupo e marcamos uma reunião para discutir a produção e definir os encaminhamentos.

Esse foi um importante momento presencial, na sede da EQUIP, em dezembro de 2021. Esse grupo ampliado apresentou e discutiu os primeiros esboços dos textos temáticos elaborados e sugeriu reformulações. Estavam presentes nessa ocasião: Antônio José, do Ceará, responsável pela animação do processo; Paulo Afonso, do GT 1, Joana Santos e Douraci, do GT 2; Mana e Gerlane (que por questões pessoais teve que se afastar), do GT 3; e Ilena e Mônica, do GT 4.

Conforme registro postado na página do Facebook:

O Grupo Operativo, responsável pela animação e coordenação do processo de sistematização, esteve reunido nos dias 10 e 11 de dezembro de 2021, na sede da EQUIP, com a finalidade de conhecer e refletir acerca dos primeiros produtos do processo de sistematização, contribuindo para continuidade de seu aprofundamento e elaboração. Discutir a proposta de projeto financeiro e perspectivas de alcançar recursos e planejar as próximas fases para a continuidade e conclusão da sistematização dos cursos de educadores populares do Nordeste.

Nessa mesma reunião, o Grupo Operativo definiu alguns encaminhamentos, como a elaboração de um termo para uso de nome, imagem e depoimento para ser assinado por todos, enviado por WhatsApp; foi acertada uma data para a finalização dos textos (final de março de 2022), prazo que não conseguimos cumprir, portanto, também não nos encontramos em abril para realizar a análise dos textos produzidos. Adiamos muito e só conseguimos finalizar os textos em setembro de 2022, infelizmente sem a presença de Paulo Afonso para concluir o processo conosco, pois sua partida prematura nos pegou de surpresa e nos deixou todos(as) consternados(as).

Durante todo o ano de 2022, para o prosseguimento das atividades de elaboração de produtos e organização das ações de continuidade, várias reuniões *online* foram realizadas, geralmente às terças-feiras à noite, a partir das 19h e sempre com a mediação de Antônio José. No dia 27/09, a reunião também contou com a participação de Gerson Flávio, comunicador responsável pela revisão dos textos elaborados e edição de mais um caderno da série Educação Popular, para entendimentos de finalização.

Em novembro de 2022, encontramos-nos para avaliar, validar e reformular a produção a partir das considerações dos presentes. Contamos nesse momento com a participação de nossa mestra Valéria Rezende, de modo *online*, no sentido de dialogar e animar nossa caminhada com a Educação Popular. Após esse movimento, estabelecemos a data de 30 de dezembro para envio das versões finais dos textos para serem editadas.

Nesse encontro, foi discutida a adoção de estratégias de continuidade da formação em Educação Popular, o fortalecimento da Rede de Educadores dos Movimentos Populares e a socialização dos produtos. Além da publicação do livro, foi aventada, entre outras, a possibilidade de utilizar o formato *e-book*.

Por fim, mas não por último, o livro está organizado da forma descrita a seguir. Há um texto sobre a Rede de Educadores e Educadoras Populares, uma vez que ela é fruto dos processos formativos da EQUIP e agente de formação na região Nordeste. O primeiro capítulo versa sobre a concepção de Educação Popular, a construção e consolidação de um método de formação ao longo dos trinta anos, suas estratégias nas diversas conjunturas e o perfil dos educadores e educadoras que participavam dos cursos.

O segundo capítulo trata sobre as consequências da formação para a vida dos Movimentos Sociais populares. Ele contém reflexões acerca das experiências formativas na relação com os contextos, a presença de diferentes movimentos, conforme as mudanças que se processam e as novas formas de organização dos Movimentos Sociais na região nordestina. Além das pautas que ganham maior visibilidade, as mudanças nos processos formativos que ocorrem nos estados colaboram para melhorar a qualidade da intervenção e a capacidade de mobilização dos movimentos, inclusive, na incidência sobre a políticas públicas.

O terceiro capítulo aborda as implicações da formação de educadoras e educadores para a vida dos(as) participantes, a transformação de suas práticas coletivas, a construção de novos conhecimentos sobre o outro, o mundo e si mesmo. A contribuição para o trabalho de incidência política e a qualificação profissional, especialmente no que diz respeito à valorização das subjetividades, dos afetos e das relações.

O quarto capítulo, cujo tema principal é a questão da emancipação, apresenta sua relação com a formação da consciência de classe, raça e gênero, através da construção de leituras críticas da realidade socioeconômica, política e cultural do Nordeste e a força das utopias de transformação social que nutrem a emancipação.

Nas considerações finais, são apresentados elementos que contribuam com futuros processos formativos em Educação Popular, elaborados a partir da reflexão coletiva realizada em dezembro de 2022.

Referências

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais. In: FUMAGALLI, Dirceu; SANTOS, João Marcelo Pereira dos; BASUALDO, Maria Esther (org.). *O que é sistematização?: uma pergunta, diversas respostas*. São Paulo: CUT, 2000. p. 14-27.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <https://www.ufpb.br/redepop-saude/contents/biblioteca-1/para-sistematizar-experiencias/para-sistematizar-experiencias-livro-oscar-jara.pdf>. Acesso em: 26 maio 2025.

PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO dos 30 anos dos Cursos de Formação para Educadores dos Movimentos Sociais do Nordeste, 31 mar. 2020.

RELATÓRIO do Intercâmbio de Educadores Populares do Nordeste. EQUIP REDE, maio de 2021.



Reciclagem 1992,
Cabedelo-PB



Curso 2009,
Gloria-BA



Curso 2018,
Sergipe



Curso 2010,
Conde-PB



3

A Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP)

Alcineide Oliveira do Nascimento¹

¹ Ex-diretora geral da EQUIP.

A Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP) é uma ONG criada em 1987 e reconhecida juridicamente em 25 de julho de 1988. Desde sua fundação, vem fortalecendo a Educação Popular, seu referencial metodológico, na prática política institucional de se contrapor às estruturas conservadoras, capitalistas, autoritárias, sexistas, machistas, racistas, patriarcais, fundamentalistas e reacionárias existentes na sociedade.

A exemplo desse processo de formação (na ação e programada), a EQUIP, desde 1990, há mais de 30 anos, vem desenvolvendo, como estratégia institucional na região Nordeste, o Curso de Formação de Educadores Populares, em parceria com a Rede de Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste, e outros Movimentos Sociais, ONGs e seus associados dos diferentes estados nordestinos.

A Rede de Educadores, criada no início da década de 1990, é um importante espaço coletivo de formação, que reúne um conjunto de ativistas, educadores e lideranças sociais, capazes de denunciar as injustiças, mobilizar e planejar ações conjuntas de incidência política, mas também de acolher as pessoas, respeitar as diferentes identidades, credos e modelos organizativos, considerando que as mulheres e homens se libertam em comunhão!

Os Cursos de Formação de Educadores Populares alimentam a utopia para a transformação social baseada em princípios humanos, sociais, políticos, ambientais, tendo como horizonte as lutas sociais, nas diferentes conjunturas, construindo estratégias

alternativas e recomendações metodológicas de enfrentamento do capitalismo e do modelo hegemônico de desenvolvimento insustentável, desigual e excludente que é imposto pelas grandes forças do capital.

A Educação Popular, materializada na realização dos Cursos de Formação de Educadores Populares do Nordeste, tem como horizonte a educação libertadora e emancipatória, o despertar para a consciência crítica, de classe, de gênero, de raça e a luta por direitos. Valoriza a leitura coletiva da realidade para o fortalecimento da incidência política dos Movimentos Sociais do campo, das águas, das florestas e da cidade, bem como a valorização das subjetividades, afetividades, relações humanitárias, amizades duradouras, mística e cuidado generoso. Esses valores, consolidam-se como espaço e fonte inesgotáveis de aprendizagens, vivências e experiências individuais e coletivas que alicerçam a emancipação humana e a multiplicação de sonhos coletivos.

O eixo condutor do processo de formação do Curso de Educadores Populares da EQUIP tem como base os princípios da Educação Popular, no esperar por uma sociedade mais humana e igualitária que respeite as diferenças, a subjetividade e a integralidade das pessoas; o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável; o direito ao território; as relações intergeracionais; e a honra e a ancestralidade dos povos; e busque incansavelmente a justiça social.

O horizonte político-pedagógico da Educação Popular, no desenvolvimento do Curso de Educadores Populares, traz consigo a valorização das pessoas, o ressignificar do contexto para melhorar a vida do povo, a partir das lutas sociais e das diversas dimensões sociopolíticas e organizativas dos Movimentos Sociais populares. E ainda visa recuperar e valorizar o processo histórico e cultural, os saberes populares e as trajetórias de vida

da atuação militante no agir diferenciado das lutas sociais, considerando a horizontalidade e a amorosidade nas relações, tendo a educação como ato de amor, reconhecendo as pessoas como seres inacabados, políticos e coletivos, a partir da construção do conhecimento sobre si mesmas, sobre o(a) outro(a) e sobre o mundo para a transformação da realidade, por meio de estratégias de intervenção política e instrumentos didáticos pedagógicos para atuação organizada dos movimentos populares.



Edupop 2008,
Carpina-PE

Rede de Educadores



**Dos Movimentos Populares
do Nordeste**

4

**Rede de Educadores
e Educadoras dos Movimentos
Populares do Nordeste**

Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)

Falar da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste é falar da ação educativa realizada pela EQUIP, uma escola de Educação Popular, localizada no Recife, com atuação na região nordestina.

As mudanças no contexto e na cooperação internacional introduziram novos desafios e temas, influenciando no desejo dos educadores de a cada dia aprimorarem os seus aprendizados, conhecimentos e atuações, subsidiados na Educação Popular. Isso fez com que, ao término das quatro etapas do primeiro Curso de Educadores(as) dos Movimentos Populares, surgisse a Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste, constituída pelos participantes da formação, todos inseridos em práticas educativas na referida região. A Rede passou, então, a reunir pessoas que têm na Educação Popular a referência para a sua ação formativa, tornando-se Educadores Populares.

Essas pessoas, ao se fazerem “EDUCADORES E EDUCADORAS POPULARES” independentemente do espaço que ocupam, agem de um jeito diferente de ser. A ação educativa dá unidade, sentimento de pertencimento a uma REDE que é política e metodológica e se expressa nos valores da ética, da afetividade, da amorosidade e do compromisso com as classes populares e com a transformação social. A partir daí o momento que você aprende e a hora que você ensina se entrelaçam.

Os encontros anuais de reciclagem, os ETAPÕES Populares e o Educação Popular em Movimento (EDUPOP), entre outras atividades formativas nesses 30 anos de trajetória formativa, sucederam-se dando continuidade ao processo de formação das pessoas.

A criação da Rede fortaleceu a ação formativa da Escola de Formação Quilombo dos Palmares, que passou a realizar a formação de educadores em parceria com a Rede de Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste. Esse processo fortaleceu a atuação conjunta e a integração com vários Movimentos Sociais, ONGs, universidades, organismos da Igreja e órgãos governamentais, entre outros. A Rede ampliou a ação territorial à medida em que se desdobrou em diversas iniciativas formativas inserindo novos sujeitos sociais da região nordestina.

Em um contexto político adverso, de derrota eleitoral da esquerda, de reorganização de forças de direita e da agenda neoliberal, a Rede de Educadores se colocou como uma novidade, um espaço aglutinador de educadores, onde a Educação Popular inspira novas práticas transformadoras e experiências inovadoras.

Essa experiência de FORMAÇÃO DE FORMADORES, que entra na quarta década, expressa sua riqueza nos depoimentos dos envolvidos nos processos formativos, e subsidia a realização do presente processo de sistematização. Falar dessa REDE provoca o resgatar de um itinerário formativo preenche de MARCAS, por provocar mudanças profundas nas pessoas, na sua ação junto aos Movimentos Sociais, nas entidades, organismos sociais, universidades, enfim, nos lugares onde esses educadores atuaram e atuam na região nordestina.

[...] Nada do que foi será,
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará [...]
(Como uma onda, Lulu Santos)

Sistematizar o itinerário formativo da Rede só é possível se escrito por muitas mãos, pois, assim, vai revelar um processo participativo, de descentralização infinita, multiplicação de práticas político-pedagógicas, entrelaçadas como uma colcha de retalhos que, ao ser aberta, revela a janela do tempo, socializa os seus aprendizados e busca inspirar novas experiências ou mesmo reafirmar e “reorientar” as ações formativas programáticas. Para Corcione (2005), a sistematização é importante por favorecer a construção de sentidos, conhecimentos e saberes, tendo, assim, o caráter de formação e autoformação para os educadores que participam da experiência e para quem a ela tem acesso.

O fenômeno das Redes Sociais, na ótica de Brito (2009), adquiriu um lugar significativo tanto como processo de mobilização e organização social quanto para a formulação de Políticas Públicas que tratem desde as condições da existência das pessoas, grupos e comunidades até a consolidação da democracia e a promoção do desenvolvimento. Para ele, a interpretação das redes na sociedade atual é bem mais ampla, pois elas estão por toda parte. Podem se apresentar como metáfora para expressar comportamentos do cotidiano, como redes de amizade, redes de solidariedade, redes de intrigas e redes de fofocas; bem como para expressar modos e condições de vida e de Políticas Públicas, como redes de transporte, redes de ensino, redes de energia elétrica, redes de lojas, e redes de rádio e tv.

Brito (2009) segue falando que as redes se estruturam em torno de um tema, de suas identidades sociais e/ou de suas preocupações institucionais. A internet aparece enquanto fenômeno mais evidente de sucesso das redes, abrangendo, inclusive, as redes de governança que se ampliam com a participação de outros sujeitos políticos e constroem novas relações entre Estado e sociedade civil. No debate sociológico, várias correntes buscam construir

explicações para o referido fenômeno. Ele tem a ver com as experiências das práticas em redes que irromperam com uma força extraordinária na cena social e política local e global nos últimos tempos. As redes, pois, configuram-se de diferentes modos, com distintos fluxos e relações entre si. Três arranjos organizativos contribuem para a sua compreensão – centralização, descentralização e distribuição –, que têm a ver com o modo como se estrutura e se estabelecem as suas relações e as suas formas de intervenção. A REDE DE EDUCADORES E EDUCADORAS DOS MOVIMENTOS POPULARES DO NORDESTE se organiza de forma descentralizada e, assim, multiplica os seus resultados educativos.

A Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares, conforme conteúdo especificado no seu pôster, é um espaço de encontro e articulação de educadores e educadoras que fazem formação nos Movimentos Sociais populares e discutem a sua prática educativa. O pôster também trata da sua origem, sua composição, seus critérios de inserção, seus objetivos, seus espaços de organização, suas atividades realizadas e como se dá a operacionalização e manutenção de sua ação. Surge entre os anos de 1993 e 1994, em decorrência das iniciativas da EQUIP no campo de formação dos Movimentos Sociais populares, e se constitui em REDE, através da articulação dos educadores participantes das atividades, que assumem o compromisso de potencializar e descentralizar o trabalho de formação no Nordeste. Seus objetivos são descritos no Quadro 1.

Sua composição se dá por uma constituição de educadores e educadoras dos Movimentos Sociais, populares, ONGs, Centros de Educação Popular ou outros(as) educadores e educadoras vinculados(as) a gabinetes parlamentares, universidades e órgãos governamentais diretamente ligados às lutas e transformações sociais. A Rede recebe adesão desses sujeitos políticos no seu fazer

Quadro 1. Objetivos da Rede de Educadores dos Movimentos Populares

Fazer formação para os Movimentos Sociais populares, qualificando a sua intervenção na transformação da realidade nordestina;
Formular propostas de formação adequadas ao Nordeste que resgatem as suas peculiaridades e manifestações culturais (estaduais e regionais) como elementos pedagógicos no processo global de transformação da realidade;
Discutir as práticas educativas desenvolvidas pelos educadores mediante um movimento permanente de pensar e repensar o seu fazer formativo;
Atualizar o debate acerca da Educação Popular e a articulação em rede, para que se afine o seu caminhar com o de seus integrantes e invista na sua capacidade de se renovar, enquanto um instrumento metodológico de intervenção política;
Manter um espaço de encontro e celebração da vida, da diversidade, da afetividade e da mística dos(as) educadores(as), para que dê corpo às outras dimensões da vida.

educativo, enquanto parceiros estratégicos, desde que respeitem a autonomia dos seus espaços próprios e coletivos de intervenção, acatem os seus princípios e se comprometam com a sua metodologia e programação.

As atividades realizadas consistem em: a) cursos de formação para educadores(as) populares, cursos de formação para participantes dos Movimentos Sociais, seminários, oficinas, conferências e intercâmbios; b) apoio às iniciativas de articulação, mobilização e intervenção dos Movimentos Sociais Populares e na sua participação nos espaços institucionais (conselhos, conferências, orçamento participativo, fóruns...); c) discussão das práticas educativas e iniciativas de luta dos Movimentos Sociais Populares através de ciclos de estudo e rodas de diálogo, entre outras formas; d) investimento em diferentes instrumentos e produção

pedagógica; estudos, pesquisas; sistematização de experiências, campanhas, teatro popular e elaboração de cartilhas, entre outras formas. Essas atividades formativas variam por estado, a depender das demandas dos movimentos, apresentadas frente aos desafios das conjunturas local, municipal, estadual ou regional.

A Rede operacionaliza e mantém as suas ações a partir das formações definidas pelos núcleos estaduais e espaços coletivos, realizando parcerias com a EQUIP. Essas parcerias envolvem: Movimentos Sociais populares e suas entidades representativas; pastorais sociais e organismos eclesiais; entidades sindicais como a Central Única dos Trabalhadores (CUT e os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e da Agricultura Familiar; e as demais redes fomentadas pela EQUIP – Articulação de Políticas Públicas (estaduais e regionais), Rede de Jovens e Redes Rurais; ONGs, universidades, gabinetes parlamentares, órgãos governamentais (de âmbitos municipal e estadual do campo democrático popular) e as agências-entidades de cooperação regionais, nacionais e internacionais.

Suas inserções na Rede se deram por participação nos cursos de formação em Educação Popular e em outras atividades promovidas pela EQUIP, núcleos estaduais das redes, outras organizações e entidades sociais, desde que tivessem afinidade político-metodológica e acatassem os princípios da REDE – inserção dos educadores e educadoras nos Movimentos Sociais populares e intervenção nas lutas sociais, em um compromisso com a Educação Popular e atuação em prol da transformação social e da consolidação do projeto participativo, democrático popular.

Em seguida, apresentamos depoimentos de parte dos educadores de diferentes estados do Nordeste, nos quais revelam os significados de suas participações nas atividades da EQUIP. Para Edvaldo (AL):

Mudou minha trajetória de vida e de luta. A partir do Curso de Educadores e Educadoras Populares e do meu ingresso na Rede, foi possível melhorar as ações e as atividades que realizava e promovia, subsidiado na Educação Popular e na metodologia utilizada pela Escola. Foi uma grande mudança não só na minha atuação, mas de foco, assim como também potencializou as ações desenvolvidas nas nossas entidades e nas comunidades trabalhadas. [...] As experiências vividas ímpares, transformadoras e únicas, com muitos aprendizados em trilhas sociais, com momentos e processos pedagógicos, baseados na Educação Popular, revelam esse método que valoriza os saberes prévios do nosso povo e enfatiza suas realidades culturais na construção de novos saberes.

Vera Freire (PB) afirma que teve formação política, recebeu solidariedade de educadores e educadoras populares da Rede de Educadores(as) do Nordeste, destaca a riqueza da vivência com cada cursista e “do muito que aprendeu com seus exemplos de vida, pondo em prática a tão falada pedagogia do exemplo – não é o que eu falo, mas o que eu faço, como eu me comporto socialmente, a postura frente à falta de solidariedade e às injustiças de um país com tanta desigualdade”.

Suelene (PB) ressalta as duradouras e verdadeiras relações de amizade que construiu ao longo de sua participação nas atividades da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste:

Alguns em lugar muito especial, aqueles em que adormeci e amanchei recebendo o colo e a fortaleza pra vida continuar, são coisas pra eu guardar e que jamais vou esquecer. Lições muitas, enormes aprendizados, inusitadas experiências e muitas histórias pra contar. Em cada canto desse lugar que vivi, em cada canto desse Nordeste, em cada canto na minha casa de afeto, tenho guardado, no meu quadro de retrato, as lembranças de todas vocês.

De acordo com a Souza, Silva e Falkembach (2016), atuar em REDE requer estar aberto à convivência com o diferente, pois cada educadora e educador é única(o) e torna o espaço da rede mais

completo. Sua sabedoria, sonhos e coragem se juntam a tantos outros, afinal, somos diversos nos jeitos, cores e expressões. E o que nos conecta à rede é a busca. Rede sou eu, é você, somos nós! Ela cultiva reciprocidade, complementariedade, amor, esperança e amizade e renova utopias. Acolhe os diferentes saberes, as diferenças culturais e crenças, embala os sonhos e corações, e constrói pertencimento, pois uma condição para estar em rede é se permitir, é dar-se conta de que não sabemos tudo e de que precisamos uns dos outros...

Em seu depoimento, Graça (PB) afirma:

A experiência levada para a Rede de Educadores estava no pacote da vivência, foi preciso desembulhar e acrescentar o que veio depois. O Curso de Educadores teve começo, meio e fim, mas a Rede de Educadores está pendurada em todas as sombras do Sertão nordestino e nas encostas do litoral. É filosofia de conduta – onde tem um Educador ou uma Educadora Popular, lá está a Rede, pois ela não se desarma, acolhe. Nas minhas tentativas de ações educativas, não penso na Rede de Educadores em tempo integral, mas me sinto livre para atribuir a ela as atividades, formações e iniciativas posteriores ao Curso, a exemplo do trabalho com pesquisa nas CEBS e no MLM; do Projeto do CCFD, com participação na Campanha de Quaresma na França; da formação sobre Desenvolvimento Social na Bélgica e por último, no Projeto “Cantando nos Terreiros do Povo”, de iniciativa da cantora e compositora paraibana Vera Lima, iniciado em 2013, entre outros.

Graça ainda destaca a importância da ação educativa ao afirmar que “com a maturidade, aprendi que uma ação educativa pequenina e bem definida pode ser transformadora de uma situação, se tocar a pessoa certa, na hora adequada”. E cita como exemplo o trabalho com mulheres pobres em situação de risco, violência ou exploração. “É isto: aonde vou, me carrego por inteiro, e o aprendizado da Rede de Educadores não fica no armador da partida e chega comigo ao meu destino”. Ela afirma que

sua história nas organizações não começou na Rede de Educadores Populares do Nordeste.

No entanto, aderir à Rede me ajudou a responder a pergunta: Como trabalhar com gente? A identidade da Rede, ela passa pela identidade de quem a faz. A construção coletiva tinha uma magia, como diz o canto [ser um e ser todos em cada um, em cada uma, quando estávamos juntos]. Pertencer à Rede de Educadores é um processo de construção permanente, que passa pelo coração, envolve outras pessoas, transborda na sociedade e leva muito tempo (Graça, PB).

Como esta sistematização tem o intuito não só de socializar iniciativas promissoras, mas também motivar novos investimentos e reorientar o que vem sendo feito pela EQUIP, REDE e mais um conjunto de parceiros, reproduzimos, abaixo, parte de outras falas contidas nos depoimentos que revelam alguns indicativos de como enfrentar limites e desafios que são recorrentes no agir em REDE, assim como para ampliar a sua ação. Os depoimentos tratam de dificuldades, desafios de caráter pessoal e outros de caráter institucional e organizacional, recorrentes no agir coletivo. Além de identificar os limites, já se apresentam proposições importantes para arejar os novos rumos e ampliar a ação em REDE. Entre outros educadores, ao tratar desses temas, trazemos Antônio José (CE), Mana (AL), Graça, Douraci e Suelene (PB).

Segundo Antônio José (CE) e Mana (AL), é comum, nos pequenos municípios, haver dificuldades de emissão de notas fiscais quando da realização de atividades descentralizadas, de forma a responder às exigências da cooperação internacional. Outra dificuldade foi o deslocamento na lógica da cooperação internacional que limitou os recursos financeiros da EQUIP e resultou na redução de educadores e em fragilidades nos registros e arquivos quanto aos perfis dos participantes e no banco de dados das ações

formativas realizadas. Houve também atraso na elaboração e no envio de relatórios. Recuperar o conjunto do que aconteceu na região é uma árdua tarefa. Impossível na sua inteireza. A EQUIP precisa, cada vez mais, aperfeiçoar a sua capacidade em mensurar as contrapartidas financeiras das parceiras e públicos envolvidos nas atividades, monitorar a ação e acompanhar os resultados/ impactos decorrentes das ações formativas realizadas.

Uma forte constatação foi a fragilidade no acompanhamento dos estados com a diminuição da equipe de educadores, constituindo-se como um grande entrave a ser superado pela EQUIP. A fragilidade na elaboração de projetos e núcleos das Redes, nó a ser desatado, fragilizou a consolidação e atuação dos núcleos estaduais. A desmobilização da Articulação de Políticas Públicas e Rede de Rurais, sem dúvida, no passado, foi um tropeço na vida e dinâmica da EQUIP. Como proposições frente a tais desafios, temos as propostas sintetizadas no quadro a seguir.

Quadro 2. Quadro das proposições

- O trabalho de sensibilização com as parcerias envolvidas na Rede de Educadores precisa ser aprofundado para que considerem as agendas formativas de iniciativa com a Rede, como suas parcerias, liberando os educadores e assumindo os seus deslocamentos. Deve-se evitar choque de agendas.
- O aproveitamento e a complementaridade nos diferentes “estilos de educadores” são uma verdade e precisam ser valorizados. É recomendável traçar o perfil dos educadores e realizar o mapeamento sistemático da composição da Rede e de associados da EQUIP.
- É necessário fortalecer a visibilidade e a incidência política da atuação dos educadores na Região Nordeste. A visibilidade restrita das ações formativas e iniciativas desenvolvidas nos Estados, requer investimento nas novas tecnologias no campo da formação/comunicação.

- Reforçar o sentido da complementariedade entre saber acadêmico e saber popular, tal como Graça (PB) indica: “no contexto do fim dos anos 1990, quando fiz o curso, a dificuldade foi lidar com um ‘certo mal-estar’ entre os membros da Rede que reconheciam, aceitavam e aderiam à formação acadêmica, versus a orientação e a formação para Educação Popular. A vida mostrou que ambos têm sua importância, até por razão de sobrevivência. Uma formação não exclui a outra.” – mas se complementam.
- Uma lacuna que foi constatada e necessita de discussão se refere ao fato de que: “nem sempre pessoas engajadas em movimentos e organizações que fizeram Seminários de Formação, mas não seguiram o Curso de Educadores na modalidade disponibilizada, se reconhecem como Educadores Populares”.
- Durante o curso, investia-se muito na identidade do movimento representado por cada participante. Com o passar do tempo, nota-se que as identidades sociais de alguns Educadores se confundiram com a identidade da Rede.
- Sistematizar o trabalho da Rede tem importância histórica, social e política. Mas a história precisa registrar seus criadores. No caso dos participantes, cada membro tem sua história e sua bagagem anterior ao curso. Sugestão: assegurar a identidade real dos participantes: nome civil, formação, estado de origem e de pertença, e cidade (Graça, PB)

Por sugestão de Douraci (PB), vamos correr para reorganizar nossa Rede. A experiência de formar, multiplicar Educadores(as) e continuar agindo mobilizados e articulados nas lutas e nas ações formativas se traduz no falar da REDE de EDUCADORES(AS), que é falar de nós, de cada um(a). Segundo Suelene (PB):

1

Somos muitos e diferentes
Misturados e valentes
Em torno da vida a lutar
Pelo o Nordeste espalhados
Estamos sempre embalados
Por uma rede popular

2

A Rede de Educadores
É uma rede de flores
Em botões para aflorar
30 anos e ainda no jardim
Sua história em folhetim
Tem a EQUIP a registrar

3

Uma Escola de Formação
Popular em educação
Preparada pra buscar
Fez da rede uma filha sua
Botou no colo e deu a lua
Um caminho pra guiar
Até hoje a rede luta
E desse elo não se furta
E nem quer se separar

4

Eita casamentim bom
Fazendo Educação Popular
Numa rede a se balançar
Temos tempo de muitão
Que nos junta em emoção
E agora é para o mundo
A tal SISTEMATIZAÇÃO

A partir dos depoimentos dessa sistematização de experiências, pode-se afirmar que a Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste fomentou um grupo de lideranças atuantes na luta por direitos e pela emancipação da sociedade brasileira e, especialmente, nordestina. Os principais elementos presentes nos testemunhos dos que passaram por esse processo são: a formação da consciência de classe; a leitura crítica da realidade socioeconômica do Nordeste e do país; a importância da participação popular nas Políticas Públicas; a valorização da subjetividade, da mística e da cultura nos processos sociais; a defesa dos direitos humanos; e a transformação social como horizonte na luta de classe.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste tece, no contexto local e regional, ancorados(as) nos fios de resistência e da Educação Popular, um novo mundo, um novo jeito de ser e viver na realidade, a partir de princípios libertários, emancipatórios, solidários e humanitários.

Por fim, para nós, educadores populares “mambembes”, com mochilas nas costas e os pés no mundo, a grande magia é o exercício do PODER, a crença na força que emana do POVO, o que faz parte de todos os tempos e todos os mundos – as configurações diferem, mas a educação democrática, libertadora tem que ser vivida, exercida enquanto direito social. É preciso criar, fortalecer os laços, atar os nós, fortalecer os punhos e agir juntos em REDE. Essa é a nossa prática educativa, essa é a nossa inspiração, esse é o nosso papel enquanto Educadores Populares.

Referências

BEZERRA, Aída; PLUMMEN, Humberto. *Uma experiência de Educação Popular no Nordeste*. Recife: Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP), 2003.

BRITO, Paulo Afonso. *Redes sociais aspectos metodológicos*: texto escrito em função do III Encontro Nacional dos Colegiados Territoriais MDA/SDT (Sociólogo e Educador Popular da Escola de Formação Quilombo dos Palmares -EQUIP). Brasília, DF, 2009. (mimeo).

COMO uma onda. Intérprete: Lulu Santos. Compositores: Lulu Santos e Nelson Motta. In: POP Brasil: Lulu Santos. Intérprete: Lulu Santos. [S. l.]: Warner Music, 2007. 1 CD, faixa 4.

CORCIONE, Domingos. *A sistematização de experiências*: síntese de alguns aspectos. Recife, 2005. (mimeo).

SOUZA, Juraci Moreira; SILVA, Raimunda de Oliveira; FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca (org.). *Quem é a Rede?* Brasília, DF: Escola Nacional de Formação Político-Sindical da Contag (Enfoc), 2016.



Intercâmbio de Experiências 2013,
Itamaracá-PE



Reciclagem 2013,
Olinda-PE



Edupop 2008,
Carpina-PE

5

As tessituras da formação metodológica para educadores e educadoras dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste

Paulo Afonso Barbosa de Brito
Anadilza Maria Paiva Ferreira
Maria Cristina Moura Santos
Joana d'Arc da Silva (Joaninha)
Maria Lúcia Lopes de Oliveira (Malu)

Introdução: **metodologia e métodos, as duas faces** **da Educação Popular**

O conteúdo fundamental desses 30 anos de formação de Educadoras e Educadores Populares do Nordeste é a própria metodologia. Em alguns momentos, falava-se até em Formação Metodológica de Educadoras e Educadores Populares para reforçar essa ênfase. Ou seja, trata-se de uma experiência educativa popular que acredita que o método, como caminho, como a experiência prática, vivencial, está intimamente relacionado a uma concepção global que chamamos de metodologia, ou teoria do método, que expressa a própria concepção de educação e mesmo de ciência. Sem essa concepção, o método pode ficar reduzido a um conjunto de técnicas aplicáveis aos processos educativos, que pode demonstrar muita eficácia para atingir objetivos imediatos, mas muito limitação para associar as experiências concretas com a concepção geral de sociedade, e com as necessárias transformações da realidade mais ampla.

Reler os relatórios, correspondências, cartazes, “roteiros comentados” e poesias construídas nos processos formativos e, sobretudo, ouvir os depoimentos realizados em função dessa sistematização da experiência revela que pessoas que realizaram o curso em 1990, 2011 e 2020 – que não se conhecem e nunca se encontraram – se referem a suas apreensões a respeito da metodologia com

semelhança, com ênfases diferenciadas, com bastante pertencimento e intimidade com uma certa concepção e determinadas práticas metodológicas. As memórias da vinculação com os cursos são marcadas por uma série de acontecimentos, saudades, pessoas e estudos, mas é muito forte e sempre presente a ênfase na apreensão metodológica, no entusiasmo das descobertas, na euforia do entendimento do caminho percorrido, nos prazeres em falar nos seus compromissos e responsabilidades com as lutas populares e com os processos educativos possibilitados por essas lutas, além da forte adesão e reconhecimento de como a metodologia possibilitou todas essas vivências e descobertas.

Devido a essa supervalorização, o GT Metodologia da Formação de Educadoras e Educadores Populares está distribuindo seu conteúdo escrito em três partes, que estão estreitamente interconectadas, portanto, elas não poderão ser lidas ou analisadas isoladamente, pois se complementam.

Na primeira parte, “A Formação para Educadoras e Educadores dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste Brasileiro”, buscamos delinear um pouco sobre a quem se destinava o processo de formação, descrevendo o perfil e os aspectos identitários das educadoras e educadores que passaram pelo curso.

Na segunda parte, “A trajetória dos Cursos de Formação de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste”, ressaltamos alguns marcos importantes dessa história, a intencionalidade da formação, os contextos e os cenários políticos, organizados nas seguintes seções: Gestação e início do Curso; A consolidação de um método e de processos articulados de formação junto aos Movimentos Populares no Nordeste brasileiro; A transição de século e de milênio: a ampliação da formação junto aos Movimentos Sociais Populares do Nordeste; O novo século e as novas estratégias formativas: a interiorização da Educação Popular;

O golpe midiático-empresarial-jurídico-parlamentar-militar de 2016 e os novos desafios para a formação junto aos Movimentos Sociais Populares; e, por último, A metodologia da Educação Popular e as vivências na pandemia da Covid-19: desafios para a formação política.

A última parte trata da “Metodologia e métodos na formação de educadoras e educadores dos Movimentos Populares do Nordeste”. Nessa parte, abordamos as seguintes seções: Rigoriedade metodológica e liberdade criativa no curso: o início antes do começo – preparação, inscrição, objetivos e roteiro; Uma metodologia da vivência dos cuidados; Uma metodologia da afinação de diversos instrumentos pedagógicos e dinâmicas participativas; Uma metodologia das relações horizontais entre educadores(as) e educandos(as).

Por fim, “Nas tessituras inacabadas: recomendações metodológicas”, elencamos algumas orientações metodológicas que perpassam o curso de Formação de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste e que continuam pertinentes aos processos de formação e da metodologia.

Em publicação anterior da EQUIP, já foi vislumbrada a chamada “concepção metodológica dialética da Educação Popular”, sendo que neste texto se dará mais ênfase às questões do método em si, ou à chamada “operacionalização da metodologia”, com todas as suas formas, seus instrumentos pedagógicos, suas dinâmicas participativas, seus exercícios de acolhida e integração e seus encadeamentos do passo a passo.

O principal trabalho do GT foi compilar um grande conjunto de afirmações, expressões, memórias, descobertas, dúvidas, críticas e vivências ditas/escritas pelas educadoras e pelos educadores que vivenciaram a experiência em distintos momentos desses 30 anos, realizando certa “categorização” de tais falas, de modo a tentar colocá-las em diálogo com certa coerência lógica (afinal, as

falas foram gravadas ou escritas em contextos e situações distintas). Portanto, os leitores e as leitoras encontrarão muitas falas advindas dos depoimentos, e a organização textual realizada pelos(as) membros do GT, que se pretendia interpretativa do dito, buscando construir articulação desse conjunto diversificado, mas com compreensões e descobertas comuns.

A esse trabalho de reconstrução, evidenciando os conhecimentos novos construídos pela articulação dos diversos conhecimentos e saberes individuais expressados, os membros do GT estão arriscando acrescentar uma “sessão interpretativa ou analítica” do vivido, tanto nos cursos, quanto nesse próprio processo de sistematização, buscando contribuição de autores “consagrados” estudados ou consultados durante a realização dos cursos, ou novos autores que tangenciaram teoricamente pela experiência.

A Formação para educadores e educadoras dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste brasileiro

A dedicação e o compromisso, o estudo e a pesquisa, a vontade e a ação, as certezas e as dúvidas, a história e a atualidade, a experiência passada e a criatividade presente, o pessoal e o político, o entusiasmo e os cansaços, e a paixão e a razão são alguns pares dialéticos que deram sentido à criação dessa experiência que tem na Educação Popular o significado e o sentido central, e que permitiram atribuir aos cursos de formação para educadoras e educadores dos movimentos populares uma expressão forte para viabilizar concretamente o projeto de Educação Popular no contexto dos movimentos sociais do Nordeste brasileiro. Nas palavras de Valéria Rezende (2013), uma das criadoras dessa proposta:

[...] as coisas que eu vou dizer é que o que nós chamamos de Educação Popular, não é uma teoria, uma metodologia, de validade

eterna, que foi deduzida de teorias e filosofias já estabelecidas muito racionalmente, mas o que nós chamamos de Educação Popular é fruto de um movimento histórico, que surgiu num determinado momento, numa determinada conjuntura da América Latina e do mundo, e do Brasil, muito especialmente do Nordeste, e que foi pondo em rede uma grande variedade de pessoas envolvidas em processos práticos, em processos históricos, em processos de luta social e política, cuja reflexão, tomando por um lado a experiência vivida, a realidade observada e, por outro lado, alguma teoria que parecia iluminar o que a prática e a observação nos traziam, nós fomos construindo, ao mesmo tempo, um pensamento e modos de agir. Ou seja, metodologia, nesse sentido, grandes estratégias, modos de estabelecer relações que nós acreditávamos educativas, no sentido de que promoviam a transformação do sujeito e tornavam-no capaz de transformar o mundo, sua realidade, sua vida concreta. (Relatório do I Encontro Inter-regional: Atualização Metodológica em Educação Popular. Tema: Movimentos Sociais e Democracia: Os desafios para a Educação Popular e a reinvenção da política no Brasil. (MDA/EQUIP: Olinda, 14 a 17 de novembro de 2013)

Tais opções pessoais e compromissos políticos coletivos, assumindo a Educação Popular como um modo de vida e como um projeto político-pedagógico, justificaram a criação de uma proposta que fizesse sentido na vida das pessoas, que criasse ou alimentasse significados para suas práticas e vivências e que fortalecesse os Movimentos Sociais populares como estratégicos nas lutas pela transformação da realidade, em favor da classe trabalhadora, contra a exploração, em defesa das culturas oprimidas, das maiorias marginalizadas, das minorias desprezadas. Essa proposta se viabiliza através desses 30 anos dos Cursos de Formação para Educadoras e Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste brasileiro, que ora estamos sistematizando.

Essa primeira reflexão está distribuída em duas seções: a primeira descreve quem são os sujeitos individuais da experiência, ou

seja, quem são as(os) educadoras e educadores participantes dos cursos – a quem será que se destina? A segunda seção reconstrói sinteticamente a trajetória dos 30 anos dos cursos de formação para educadoras e educadores dos movimentos populares do Nordeste. A cada turma, iam se agregando novas abordagens, chaves de leitura e interpretações: a linguagem antissexista e antirracista, as relações de poder anticapacitistas, a construção da democracia, a abordagem ambiental, o desenvolvimento territorial e a comunicação.

A quem será que se destina? Quem são as educadoras e os educadores populares na presente experiência?

Os cursos de formação para educadoras e educadores dos movimentos populares nasceram de uma mudança inovadora na trajetória do trabalho de Educação Popular ou de formação social e política junto à classe trabalhadora no Nordeste brasileiro, realizada pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP). Inicialmente, pensada para a formação destinada a dirigentes do movimento sindical na região, com as primeiras atividades realizadas em 1987, a proposta trazia uma leitura mais atenta da realidade do Nordeste, especialmente da composição e das mobilizações da classe trabalhadora nessa região.

Como primeira inovação, foi decidido também realizar a formação para lideranças e dirigentes dos Movimentos Sociais populares não sindicais. Desse modo, nasceu o primeiro curso regional para lideranças e dirigentes dos Movimentos Sociais populares do Nordeste. Essa inovação apresentou uma imensa procura, o que sugeriu a existência de uma “demanda reprimida” para a formação de “lideranças” ou “dirigentes” de movimentos populares, indicando que a multiplicação de “trabalho de base” e de “conscientização

popular”, realizada por diversos centros de Educação Popular em atividade desde o final da década de 1970 e início dos anos de 1980, exigia uma “formação mais ampla e complexa” das lideranças formadas em seus processos organizativos e de lutas.

Essa imensa procura demonstrou a necessidade de reformular a estratégia formativa, devido às limitadas condições da EQUIP (de infraestrutura, recursos financeiros e pessoal – até então, contava apenas com um educador e uma educadora dedicados parcialmente a esse trabalho) e a necessidade de atingir um público maior de lideranças e outros participantes dos movimentos populares que demandavam formação. A Escola decidiu trabalhar com formação para educadoras e educadores dos movimentos populares, para que estes desenvolvessem o trabalho de formação junto às lideranças, dirigentes e outros participantes dos movimentos, alcançando-se, assim, um efeito multiplicador muito maior.

Diante dessa demanda, os Cursos Regionais de Formação para Educadoras e Educadores dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste, nasceram sem uma estratégia muito determinada, sem uma grade curricular de conteúdos definidos, sem um público destinatário devidamente delimitado. Havia um critério bastante enfatizado para a aceitação de educadoras e educadores nos cursos: pessoas com vinculação a alguma forma de organização ou de luta popular e que nessa presença estivessem dedicadas ou interessadas na dimensão educativa, formativa ou mesmo de “conscientização” popular; assumindo a vontade de contribuir para que esses movimentos ampliassem sua capacidade mobilizadora, organizativa e reivindicativa no rumo de melhoria das condições de existência do povo, de modo a transformar, a partir do povo, a realidade.

Os perfis das educadoras e educadores e militantes que viveram os cursos são bastante diversificados e se constituem pelas

dimensões de classe, gênero, raça, orientação sexual, geração, necessidades especiais, religião, território e lugar de atuação e de militância política. Essa diversidade, se por um lado, enriqueceu a formação, por outro, desafiou a proposta da formação político-pedagógica no sentido de que é preciso se atentar para as especificidades e diferenças que compõem os sujeitos na dimensão pessoal e coletiva. Foi e ainda é mais desafiador pensar sobre a intersecção entre classe, gênero, raça e orientação sexual durante o processo formativo, como continua sendo para muitos Movimentos Sociais. Na dimensão pessoal, dados registrados em diversos relatórios da EQUIP, quando se montava o “perfil dos(as) participantes” em momentos de apresentação e de integração, demonstram que eram de classe trabalhadora e estavam no cotidiano batalhando por melhores condições de vida para suas famílias. Embora alguns fossem “trabalhadoras(es)” de ONGs ou de algum órgão governamental, com condições econômicas mais estáveis, a garantia da vida não estava dada. As desigualdades sociais se evidenciaram entre as(os) participantes através das diferentes condições econômicas: pobreza, moradia, desemprego, condições de trabalho (exploração, precarização, flexibilização), remuneração salarial, falta de acesso aos bens materiais e culturais, além da precarização das políticas públicas de saúde, educação, lazer, esporte etc. Nesse sentido, o recorte de classe social tornou-se central no debate da formação na perspectiva de provocar uma reflexão sobre as raízes dessas desigualdades sociais e construir estratégias para possíveis mudanças. Assim a introdução do debate sobre as relações de gênero adentrava timidamente no confronto com uma linguagem ainda marcada pelo gênero masculino.

[...] A linguagem de gênero ainda não estava tão incorporada e no curso a linguagem era sexista. [...] No debate as pessoas brincavam, muitas vezes, sobre a nossa insistência para se evitar usar

a linguagem sexista, e ampliar para uma linguagem de gênero. Se usava sempre a palavra educador e para algumas pessoas era cansativo repetir o papel do educador e da educadora, mas fomos aprendendo que incorporar a linguagem de gênero também era uma opção pedagógica. (Maria Lucia Lopes de Oliveira (Malu), PB).

Incorporar as relações de gênero nos processos de formação dos Movimentos Sociais populares era um desafio. Para alguns militantes, a categoria gênero era considerada como algo secundário para a transformação social. No espaço coletivo de formação, a adesão à linguagem não sexista tornava-se cansativa para alguns participantes. Ainda que nesse espaço a maioria fosse do sexo feminino, quase sempre a linguagem era pronunciada ou escrita no gênero masculino. Se a linguagem já era difícil de ser incorporada, a práxis das relações de gênero se tornava um desafio constante para o processo formativo.

Do ponto de vista geográfico, registra-se que os cursos eram destinados a pessoas dos Movimentos Sociais populares dos nove estados da Região Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Rio Grande do Norte. Quanto aos engajamentos ao longo dos 30 anos, destacaram-se pessoas vinculadas a organizações não governamentais, universidades públicas e partidos políticos de esquerda, assessores parlamentares do campo democrático e popular, sobretudo aqueles de grande vinculação aos movimentos populares, funcionários de órgãos do governo (por exemplo, da Secretaria Estadual de Saúde de Alagoas), assessores ou participantes de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Pastorais Sociais, e, principalmente, gente dos próprios movimentos populares.

Algumas dessas “identidades iniciais” indicam essa trajetória por dentro dos próprios movimentos:

Começava ali, na juventude, meus primeiros passos e meu encontro com a Educação Popular. Na RJMP, comecei a participar

ativamente das mobilizações e lutas por direitos das mais diversas categorias profissionais. Acompanhei e trabalhei na coleta de assinaturas para as emendas populares da Constituição de 1988; participei de piquetes em portas de fábricas pelos direitos trabalhistas; greves de profissionais da saúde e da educação; mobilizações em defesa dos direitos das mulheres que compõem a luta feminista (especialmente, 8 de março, 25 novembro); formação de chapas em conselhos comunitários; primeira eleição direta para presidente em 1989; ingresso no Movimento Estudantil; entre outras tantas lutas. (Ilana Felipe Barros, RN).

Lutar dentro do meu Movimento Social coletivamente e individualmente me faz perceber minha importância no universo e na sociedade. Me sinto sujeito ativo, sujeito que conhece meu lugar de fala e posicionamento político e social [...]. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

Constata-se também uma diversidade de pertencimentos a organizações religiosas ou diversas formas de vivência da fé. Nos primeiros cursos, das representações religiosas, apareciam principalmente gente de CEBS, pastorais sociais e organismos eclesiais vinculados à Igreja Católica, mas, em seguida, diversas outras expressões foram sendo incorporadas, entre elas a de matriz africana e a neopentecostal:

[...] Venho também... conheço a movimentação de Educação Popular nos terreiros, e, através daí, no fortalecimento das mulheres negras nas periferias e junto a nosso povo, preto pobre e periférico. E aí, através das ações, das rodas de diálogos, através das ações de solidariedade, através da própria efetivação da Lei de História e Cultura Africana, eu consegui perceber a importância da Educação Popular como instrumento de enfrentamento ao racismo e à violência de gênero, raça e classe. Na perspectiva que, a partir da Educação Popular, nós podemos chegar com a linguagem e entendimento melhor nas bases. Então, a partir disso, nós conseguimos fazer a troca de experiências, de saberes e ter a consciência de que tudo aquilo que a gente produzia nos

nostros territórios, desde a reivindicação, a perspectiva das rodas com as mulheres, o empoderamento, a questão do enfrentamento ao racismo e violações correlatas, isso era já Educação Popular. (Ekedi da tradição Nagô Vodum Marta Almeida, PE).

Vera Lucia Domingos de Melo, a ovelha “vermelha”, considerada comunista por ser capaz de fomentar o “ele não” na comissão de mulheres dentro da igreja neopentecostal, e me orgulha ter sido expulsa por não compactuar com o desgoverno do Bolsonaro. Presidenta da Sociedade dos Pequenos Agricultores do Engenho Ilha, Ponte dos Carvalhos, Cabo de Santo Agostinho, que representa 305 famílias que lutam contra as violações e violências praticadas pela empresa Suape. Comecei minha militância aos 25 anos, na mesma Sociedade em que hoje sou presidenta, sempre na defesa dos direitos humanos, sociais e políticos da minha comunidade. (Vera Lucia Domingos de Melo, PE).

Conforme as falas anteriormente apresentadas, também muitos e muitas participantes (dirigentes, lideranças, coordenadores, membros de Comissões de Base...) de Movimentos Sociais populares assumiram a condição de educador e educadora em seus movimentos, à medida que assumiram a iniciativa de virem participar dos cursos de formação para educadores populares. Trata-se de pessoas que exercem ou exerceram tarefas de lideranças ou outros tipos de participação destacada nestes movimentos.

Ou seja, não se trata daquele participante que apenas vai nas assembleias ordinárias da entidade, assina o abaixo-assinado, participa da ocupação ou vai na passeata, mas que assume responsabilidades na condução e na organização dos movimentos e entidades, em comissões, coordenações e diretorias. E ao assumir esse lugar, desenvolvem responsabilidades relacionadas à dimensão educativa dos movimentos: preparar e coordenar reuniões e assembleias, organizar encontros de estudos sobre determinados aspectos de interesse do movimento, por exemplo, política habitacional para Movimentos de Moradia, desigualdades

de gênero para movimentos de mulheres, dominação cultural para participantes de grupos ou movimentos de negros e negras, entre outras lutas sociais. Entre os e as participantes dos cursos, existem pessoas que desenvolvem (ou desenvolveram) trabalhos profissionais em ONGs, ou organismos eclesiais, e que tinham entre suas responsabilidades o acompanhamento ou a participação junto aos Movimentos Sociais populares, ou qualquer tipo de organização de base, na preparação de eventos, seminários, oficinas e outras atividades de informação, capacitação e sensibilização em torno das questões vividas pelos movimentos ou problemáticas tratadas pelos organismos acima citados. Além desses(as) profissionais, houve a presença de diversas outras categorias de trabalhadores(as) que, a partir de seu lugar profissional, ou por suas opções de vida, passaram a se relacionar com os Movimentos Sociais populares, e aí a assumir responsabilidades educativas, como profissionais de secretarias ou outros organismos públicos de municípios ou estados, assessores(as) parlamentares com mandatos vinculados às lutas populares, ou professores(as) da rede pública no ensino médio ou universitário, mas que desempenham atividades acadêmicas com algum tipo de relacionamento com os Movimentos Sociais. Embora minoritários do ponto de vista numérico, a presença desses profissionais sempre foi bastante enriquecedora tanto para as reflexões nos próprios cursos quanto para os processos de organização e lutas dos movimentos. Conforme anteriormente mencionado, vários relatórios dão conta dessa constatação, que pode ser verificada nos depoimentos abaixo:

[...] Naquele momento, eu me sentia parte do movimento de reforma sanitária e nós estávamos discutindo as leis orgânicas da Saúde em alguns municípios, por conta de que havia a necessidade de regulamentar a Constituição Federal, que tinha sido promulgada

em 1988, e nós, então, estávamos trabalhando bastante com os Movimentos Sociais, principalmente os movimentos comunitários, os movimentos de associações de moradores, no sentido da gente fortalecer a Lei Orgânica da Saúde junto à Câmara Municipal e ao estado. Vim para o curso ainda na Secretaria de Saúde de Alagoas, e posteriormente como professora universitária e pesquisadora dos Movimentos Sociais. (Mônica Rodrigues Costa, PE).

A minha relação com a EQUIP e com o trabalho formativo me proporcionou engajamentos e um crescimento muito significativo em minha vida pessoal e profissional. Possibilitou a minha participação em diversos espaços políticos e partidários, pois os intercâmbios de ideias possibilitaram a construção de propostas que fortaleceram a minha prática política aqui no estado. Ocupei diversos cargos políticos e funções partidárias por conta dos conhecimentos adquiridos no curso. Cresci muito por meio dos intercâmbios com os participantes dos outros estados, com a troca de experiência vivida, o que ocasionou a implementação de novas propostas, de mudanças na comunidade e nas organizações. E com isso minha vida pessoal e profissional tomou novos rumos. (Edvaldo Carlos, de São Pedro, AL).

A valorização das mais diversas experiências, sendo matéria-prima para análises nos espaços de formação, seminários, oficinas, e outras atividades, foi lugar para incentivo à ocupação de espaços dessa turma da luta, nos parlamentos e no Executivo, para provocar, mexer com as velhas estruturas da máquina pública, criando brechas para sua democratização. Difícil acertar, mas os coletivos foram se firmando Nordeste afora. (Douraci Vieira dos Santos, PB).

No processo formativo dos cursos, a presença das mulheres era significativamente maior do que a dos homens (diferentes idades, raças, etnias, credos, orientações sexuais e gerações), da mesma forma, a expressividade das mulheres se revelava nos lugares de militância política. As participantes, além de terem uma vida atribulada por causa das responsabilidades do trabalho doméstico e reprodutivo, assumiram (assumem) o compromisso

com algum tipo de luta social e/ou exercem um cargo de representação política ou social na sua comunidade ou fora dela. O malabarismo que as educadoras e militantes fizeram (fazem) para participarem desses espaços certamente foi grandioso, devido ao deslocamento geográfico, como também pelas responsabilidades com a casa, filhos, trabalho etc. que a elas foram social e culturalmente atribuídas e/ou impostas, reforçando o papel tradicional do gênero feminino. Muitas delas eram (e ainda são) mães ou chefes de família. Inclusive, as suas filhas e seus filhos. Vale ressaltar que, durante os cursos, as(os) participantes levavam as filhas e filhos para as atividades formativas.

Diante do debate sobre a dinâmica da vida das mulheres, as discussões de gênero foram ganhando espaços dentro dos processos formativos do curso no sentido de problematizar as desigualdades de gênero nos espaços privado e público, como também junto aos Movimentos Sociais populares, visto que o debate sobre as relações de gênero era compreendido por parte de alguns Movimentos Sociais populares e militantes como luta específica e de interesse apenas dos sujeitos/movimentos identitários, ou que era temática apenas das intelectuais.

Quanto à representação da identidade étnico-racial das educadoras e educadores no curso, era identificada através de suas raízes culturais, traços físicos (cor da pele, cabelos), ancestralidades, expressões religiosas (matriz africana ou outras crenças) ou mesmo pela autodeclaração. Diante dessas características, pode-se dizer que a maioria era de negros e negras. Sobre a identidade indígena, nos primeiros anos do curso, era pouco representada no perfil dos participantes, mas, com o passar dos anos, educadoras e educadores de comunidades indígenas se inseriram nos processos de formação. Nota-se que a participação dessas identidades se intensificou com o passar dos anos, a exemplo

dos cursos regionais descentralizados (2010-2014) que ocorreram nos territórios do Nordeste, em que se contemplaram homens e mulheres de diferentes identidades: negras(os), indígenas, quilombolas, jovens, de comunidades rurais, e educadoras e educadores de diferentes municípios, territórios e estados do Nordeste brasileiro, com características culturais, econômicas e sociais (EQUIP, Caderno, Série 5, 2015).

Quanto à identidade de gênero (em alguns anos, o termo mais utilizado era o de opção sexual, seguido de orientação sexual), mesmo que alguns educadores ou educadoras se autodeclarassem com essas identidades, o debate teórico não estava posto, apesar de que as lutas desses sujeitos estavam evidenciadas em alguns processos e/ou etapas da formação. Da mesma forma que as relações de gênero desafiavam a formação, assim era com as questões relativas à identidade de gênero.

A partir das constatações e depoimentos registrados até aqui, podemos avançar na reflexão sobre quem são os sujeitos ou as pessoas consideradas “educadoras e educadores” populares na trajetória e nas experiências da Educação Popular. Essa constatação está relacionada a outras duas questões de fundo que tanto se fazem em torno desse debate: afinal, o que é Educação Popular? Onde se realiza a Educação Popular? Muita coisa já foi dita e escrita a esse respeito. Para muita gente, não se deveria complicar muito, bastava reconhecer que é a educação voltada às classes populares. Importantes intelectuais da tradição das ciências sociais e das pedagogias críticas chegaram, inclusive, a organizar um modelo articulando diferentes e complementares espaços de realização da Educação Popular, como a “educação formal”, “educação não formal” e “educação informal”. Nossa intenção, neste momento da sistematização, não é buscar respostas para essas questões, mas aprender com a presente experiência que estamos sistematizando

e, se for o caso, dialogar com o debate já consolidado a respeito. Mas nosso primeiro passo é realmente mergulhar na experiência e aprender com ela.

Após as primeiras turmas de formação, a EQUIP redirecionou sua proposta, batizando-a de “Cursos de Formação para Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste”, que sempre assumiu uma intencionalidade bastante definida: contribuir para o fortalecimento e a ampliação da capacidade de conquistas dos movimentos populares da Região Nordeste do Brasil.

A EQUIP e, posteriormente, também a Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, tinham (têm) a forte convicção e intenção de que, para que os processos educativos e formativos junto aos movimentos fortalecessem suas dinâmicas organizativas e ampliassem a capacidade de intervenção de suas lideranças; melhorassem suas iniciativas de reivindicação e mobilização; aumentassem as conquistas por direitos de vida melhor para o povo trabalhador, mas também os direitos da cidadania, o protagonismo e o empoderamento de mulheres, negros e negras, jovens, moradores do campo e das periferias urbanas, seria necessário abordar capacidades, habilidades, princípios e valores com pessoas que desenvolvessem sua dimensão educativa junto a esses movimentos. Depoimentos são reveladores dessa dimensão dos cursos:

Na medida em que me envolvi com esta metodologia de trabalho de construção coletiva com os Movimentos Sociais, enveredei em várias instâncias de participação e assim segui com a equipe de Alagoas assumindo tarefas como educadora popular.

No processo de descentralização em nosso estado, formamos várias equipes em diferentes municípios dentro da metodologia e formação da Educação Popular. E essas pessoas passaram a ser grandes multiplicadores setoriais (Maria Mácrima de Sales Silva, AL).

[...] a melhor parte foi o momento que a gente saiu do curso e fomos para as comunidades. Um método dirigido pelos orientandos, o qual a gente fazia uma experiência com aquela comunidade. E para mim foi muito surpreendente, chegar na comunidade a qual eu já conhecia, que foi a comunidade Ilha de Itamaracá, o Ciranda da Ilha, e pude fazer a experiência, contar um pouco sobre esta educação, mas também ouvir, sobretudo. Ouvir aquela comunidade, pelo que eles passam e como nós podemos reagir. E o primeiro passo era como eles conseguiram chegar ali naquele residencial, que foi construído no governo Dilma, a partir da política pública de moradia. Então, tudo isto nos levou a entender a necessidade de um diálogo coletivo, no que parte a Educação Popular. (Maurílio Monteiro, PE).

Desse modo, não se considera que existia uma profissão reconhecida como “educador(a) popular”. As narrativas apresentadas indicam que a condição de educador ou educadora popular contida na presente experiência é uma identidade autoassumida a partir das experiências individuais e coletivas dos e das participantes dos cursos de formação para educadores e educadoras dos movimentos populares do Nordeste, normalmente definidas a partir de uma diversidade de formas de relações com os próprios movimentos.

A trajetória dos Cursos de Formação de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste

Gestação e início do curso

Esse curso que ora estamos sistematizando é herdeiro da experiência original da EQUIP (conforme tratado na seção anterior) com a formação para dirigentes e para Educadores(as) Sindicais do Nordeste brasileiro, através de uma sólida parceria entre a EQUIP e a CUT, que, em seguida, também formalizou a Escola de

Formação Sindical na região. Já no primeiro “Seminário Regional de Análise de Conjuntura do Nordeste no contexto nacional” (1990), foi destacado que, se a EQUIP desejasse fazer formação para a classe trabalhadora nas condições do Nordeste, deveria ampliar seu olhar para além do mundo sindical, por conta das peculiaridades dessa classe na Região, sua composição social, a diversidade de formas na sua relação com o mundo do trabalho, e seus espaços de organização e reivindicação. Além de perceber “o povo nordestino” em luta, para além da sua condição de classe trabalhadora, sem diminuir a importância dessa dimensão, incorpora também outras dimensões da vida e da luta social. Essa constatação abriu a percepção quanto à necessidade de um olhar e de uma atenção mais cuidadosa para os chamados “Movimentos Populares”.

Nesse sentido, em 1989, a EQUIP realizou o primeiro “Curso Regional¹ para Dirigentes dos Movimentos Sociais Populares do Nordeste”. Houve uma procura extraordinária. Dada a metodologia da formação assumida na Escola, não foi aconselhável compor turmas com mais de 40 participantes, obrigando os organizadores do curso a realizar uma enorme seleção, deixando muita gente de fora. Essa imensa procura sugeriu a existência de uma “demanda reprimida” pela formação de “lideranças” ou “dirigentes” de movimentos populares (sobre tais lideranças, mencionou-se na seção anterior as consequências da formação na vida dos movimentos) com uma qualificação mais crítica e complexa a respeito da realidade social e da própria dinâmica de funcionamento, organização e luta dos movimentos. A “formação de base”, que havia se multiplicado pelos Centros de Educação Popular nos diversos estados do Nordeste, entre o final da década

1 A formação foi facilitada por Valéria Rezende e Paulo Afonso.

de 1970 e os primeiros anos da década seguinte, havia possibilitado a constituição de diversas organizações comunitárias e movimentos populares, que agora careciam de uma “formação mais ampla e complexa”.

Essa experiência provocou uma mudança na estratégia da EQUIP para o trabalho com os Movimentos Populares: ao invés de continuar realizando a formação para dirigentes e lideranças dos movimentos, decidiu-se priorizar a formação de Educadoras e Educadores dos Movimentos Populares, e, juntamente com estes e estas, provocar um efeito multiplicador, de modo que os educadores e as educadoras que participavam dos processos formativos se responsabilizariam pela formação das lideranças e dirigentes, mesmo com o acompanhamento dos(as) educadores(as) da EQUIP.

É nesse contexto que nasce o Curso Regional para Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste, que, na verdade, mais do que um curso, passou a estruturar vários processos formativos populares em toda a região.

Devido às peculiaridades nos processos de mobilização dos movimentos populares, nas suas expressões organizativas, nos públicos mobilizáveis, nos métodos de ação, nas reivindicações específicas e nas alianças e enfrentamentos assumidos, as educadoras e os educadores da EQUIP perceberam o seguinte:

[...] ao analisar as experiências de formação existentes no Movimento Popular, se constatou que: no Nordeste havia poucas experiências dedicadas ao trabalho de formação (Entidades representativas ou Centros de Assessoria), além de que estas poucas experiências eram muito recentes e ainda demonstram diferentes níveis – poucas experiências concretas/consolidadas/programadas; outras que estavam iniciando, e muitas que eram esparsas, sem continuidade. (Relatório do Curso de Dirigentes, 1990).

Dada essa constatação, percebe-se como, nas primeiras quatro turmas do curso (entre 1990 e 1995), foram se consolidando a experiência, os conteúdos tratados, o número de módulos, os movimentos prioritários convidados e os públicos. Essas quatro primeiras turmas eram únicas com a maioria de pessoas de todos os estados do Nordeste, juntos em João Pessoa ou em Recife. Nesses anos, os conteúdos abordados foram: Contexto dos Movimentos Populares no Nordeste e sua relação com o Estado, a questão urbana e suas contradições; Capitalismo e Socialismo; Autonomia dos Movimentos sociais; Conceitualização da Educação e Educação Popular e sua concepção metodológica dialética; A formação na ação e formação programada/sistemática; O papel do educador e da educadora e/ou de dirigentes no cotidiano e organizações populares; Planejamento de atividades com os Movimentos Populares; Cidadania, participação e poder; Análises de práticas educativas nos processos de lutas, elaborações de políticas públicas e organizações dos Movimentos Populares; e Sistematização das práticas dos movimentos populares, entre outros.

A consolidação de um método e de processos articulados de formação junto aos Movimentos Populares do Nordeste brasileiro

Nas duas primeiras turmas, ainda sob a influência da linguagem da formação sindical, chamava-se “Curso para Monitores dos Movimentos Populares”. Na primeira Etapa, a temática² abordada foi “Identidade dos Movimentos Populares e suas peculiaridades no Nordeste” (contexto, interlocutores, caracterização

2 Informações obtidas pela planilha da *Sistematização dos 30 anos de cursos de Educadores Populares do Nordeste: registro cronológico das ações formativas*, em 2022.

dos Movimentos Populares e forças políticas); e na segunda, “Potencialidades e estratégias do Movimento Popular no contexto de luta de classe” (principais lutas e enfrentamentos; estruturas produtivas, organizativas e poder de classe; e luta por reformas urbanas)³. Eram realizados em dois módulos – cada módulo com quatro dias completos de duração. No primeiro módulo, discutiam-se as experiências de formação dos participantes, especialmente a identidade e o papel do(a) educador e educadora e da Educação Popular junto aos movimentos populares⁴, a partir de onde se montava uma listagem das diversas atividades de formação (destacando potencialidades e fragilidades) e se realizava uma caracterização dos movimentos populares do Nordeste, chegando-se a uma “aulinha” sobre as fontes originárias da Educação Popular até a consolidação de uma “concepção metodológica e dialética da Educação Popular”; No segundo módulo, “a formação necessária junto aos movimentos populares”⁵, retomava-se uma síntese do primeiro, perguntando qual Educação Popular e quais ações formativas são importantes e necessárias para potencializar esses movimentos. Daí realizavam-se exercícios de montagem de ações formativas, seguidas de análises e aprofundamentos. Cada módulo era sempre concluído com a construção de uma série de “Recomendações Metodológicas” para “guiar” a ação dos(as) participantes.

Em nenhum momento, houve registros de indicações, palestras, aulas, ou qualquer orientação dos(as) educadores(as) do

3 Grande questão: o Movimento Popular tem algum papel estratégico? Tenta-se provar que sim, na derrubada do capitalismo, pois também está em contradição direta com o capital privado (imobiliário, de serviços etc.).

4 Relatório da Primeira etapa do primeiro Curso para “monitores dos movimentos populares do Nordeste” (EQUIP: Recife, maio de 1990).

5 *Idem*.

curso (inicialmente Valéria Rezende e Paulo Afonso) de como fazer formação junto aos movimentos populares. O curso já se iniciou como espaço de diálogos de experiências e vivências com objetivos, roteiros metodológicos e intencionalidades coordenadas por tais educadores, o que ficou conhecido como “construção coletiva de conhecimentos e saberes”, conforme veremos mais adiante.

Esses dois módulos ou etapas do curso podem ser considerados como uma “introdução geral à Educação Popular”, segundo a concepção teórico-metodológica assumida pela EQUIP. Sabe-se e respeita-se que a Educação Popular é uma proposta e um paradigma mais amplo, contudo, para realizar essa proposta assume-se especialmente a sua dimensão enquanto formação junto aos Movimentos Sociais populares. Nessa proposta, a Educação Popular define-se em duas dimensões, que são necessariamente complementares, pois uma não pode existir sem a outra: a Formação na Ação e a Formação Programada. Em relação a essas duas modalidades de formação, pontua-se que uma coisa é o trabalho educativo na forma de acompanhamento de processo de organização/ação popular, o que denominamos de formação na ação – acrescentando-se ainda que a Formação na Ação é aquela que é feita na caminhada, no cotidiano do grupo, da entidade, do movimento, do povo. São os erros e os acertos, as mobilizações, animações e desânimos, as festas, as confraternizações e as brigas internas e externas, os atrasos, a falta de quórum, as conquistas etc.

Quanto à Formação Programada, é parte da Formação na Ação, não podendo viver sem ela. É o que se chama de encontro, curso, seminário, oficinas, reuniões, assembleias, rodas de diálogos, passeatas, murais etc. A formação é previamente planejada no interior dos movimentos e/ou organizações. As atividades

formativas estão no processo, sendo uma parte da Formação na Ação, porque se programa um momento específico de conhecimento. Portanto, na Formação Programada e na Formação na Ação, refletia-se sobre o processo metodológico trabalhado pelos(as) educadores e educadoras nos seus espaços coletivos. Havia também um aprofundamento dos referenciais teóricos que ajudaram na reflexão sobre o contexto, os projetos que estavam em disputas no mundo (socialismo real x capitalismo) e uma exposição dialogada sobre as linhas ou fontes na história das concepções da Educação Popular.

Após os dois módulos, a turma desenvolveu um “estágio supervisionado”, onde os cursistas assumiram a coordenação de Cursos para dirigentes de Movimentos Populares em duas turmas: uma em Alagoas, com lideranças populares dos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe; e outra no Piauí, com lideranças populares dos estados do Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte.

O processo formativo foi bastante longo, além das etapas presenciais e tarefas não presenciais, ainda teve um estágio supervisionado, que era fazer um curso para lideranças e dirigentes dos movimentos populares. É claro, supervisionado por Paulo ou Valéria, e ainda com direito a ser avaliado, tipo, ouvir o educador dizendo para a turma toda, fulano foi bom nisso, naquilo outro... Inclusive dando direito a avaliação das atividades formativas planejadas como exercícios, tarefas do curso... Enfim, o certificado. Foi um trabalho feito com muito cuidado, observando cada princípio norteador da metodologia da Educação Popular em cada ação realizada, tanto nas ações de formação programada quanto nas assembleias e reuniões de base dos movimentos envolvidos no processo, na formação na ação. (Carmelita Selestina da Conceição, p1).

Ao final da segunda turma, foi expresso o forte interesse pela necessidade de continuação dos processos formativos após a “conclusão do curso”, indicando uma nova demanda para a EQUIP sobre tal continuidade.

A terceira turma (1993) contou com forte representação de pessoas com longa trajetória na condução de importantes movimentos populares do Nordeste, ou de organizações sociais ou eclesiais de longa tradição com tais movimentos, influenciando a incorporação de novas temáticas e conteúdos. Uma das participantes do curso, Lucia Felix, do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), sintetizou a riqueza dessa vivência em forma de poesia:

Ó Senhora, mãe de Deus
Dai inspiração
Para falar um pouco
Do curso de Formação
Para Educadores Populares
Que já viveu na ação.

Este curso está se dando
E Recife é a Cidade
Com 28 Participantes
Fico feliz de verdade
Por ver que estas pessoas
Lutam por liberdade.

No primeiro dia do Curso
Gostei da apresentação
Com música e relaxamento
Poesia e canções
Depois todos se sentiram
Em casa e com pés no chão.

Depois houve os relatos
Das experiências vividas
E vivos que quase todas
São um pouco parecidas
Porém por caminhos diferentes
Que busca melhores vidas.

Estas 20 experiências
Que foram bem relatadas,

Escolhemos 4 delas
Para serem estudadas,
E depois deste estudo
Ficamos mais informados.

É pena que não podemos
Todas elas aprofundar
Mas cremos em nossa força
Que um novo mundo virar
Por isso vamos unidos
A Sociedade mudar.

Sei que não deu tempo
De todo o Curso falar
Porém, a vida continua
E o Movimento Popular

Essa turma realizou o curso em três etapas, sendo duas obrigatórias e uma etapa optativa. As duas primeiras etapas tiveram um caráter de estudo mais metodológico. A terceira etapa (ou Etapão – uma inovação dessa turma que se constituía no encontro com os cursos descentralizados para dirigentes populares) era a culminância dos cursos e de outros processos formativos descentralizados para lideranças e outros participantes dos movimentos populares da Região, coordenados pelos educadores e pelas educadoras que haviam realizado os cursos para educadores até então, incluindo a turma desse ano. Essa etapa optativa era de referência mais de conteúdo sobre algum aspecto da vida regional do Nordeste, ou de algum aspecto da dinâmica e funcionamento dos movimentos.

Em resumo, neste momento me vêm à memória os Etapões Populares, que juntavam todas as turmas que tinham feito cursos ao longo do ano. As tarefas que recebíamos para fazer nos estados (lembro das correspondências chegando à sede do MOPS com marca da EQUIP no envelope); os eventos de análise de conjuntura; o trabalho de multiplicação nas localidades do interior junto à militância. (Maria do Amparo Vieira de Souza, p1).

Esses “Etapões” (posteriormente denominados “EDUPOP” – Educação Popular em Movimento) se constituíram em espaços importantes para a reflexão sobre as dinâmicas dos Movimentos Sociais populares na região, como, por exemplo, a construção da Central de Movimentos Populares (CMP), os Movimentos Sociais e a transformação da realidade local e global, e a necessária vinculação entre identidades populares particulares – mulheres, negros(as), LGBTQIAP+, favelados(as), Sem Terra, Sem Teto, jovens, com identidades gerais do povo – em marcha lutando por sua libertação.

A forte movimentação dava lugar a uma explosão de conteúdos, e ações que estavam acontecendo a partir das práticas vivenciadas em vários municípios e estados numa ação conjunta com a Rede de Educadores e outras parceiras. Essa atividade ora acontecia em Pernambuco, na Paraíba, no Maranhão. Em Alagoas, o EDUPOP chegou com o tema “Redes sociais e alternativas de desenvolvimento para o Nordeste” [...] As atividades que aconteciam reuniam um volume de experiências vivenciadas pelos movimentos e organizações sociais, e revelavam um potencial gigantesco para o fortalecimento das lutas. (Douraci Vieira dos Santos, PB).

Naquele momento, já existiam algumas dezenas de educadoras e educadores populares que haviam passado pelos cursos (as três primeiras turmas) e que realizavam ações formativas tanto em seus próprios movimentos e entidades quanto ações articuladas nesse processo estimulado pela EQUIP. Mesmo a EQUIP tendo considerado “encerrado” o trabalho de formação de educadores e educadoras, estes(as) expressavam uma forte vontade de continuar ampliando a sua autoformação, bem como de continuar o trabalho de forma articulada. Dessa reflexão resultou a proposta de realização das “Reciclagens” anuais para educadoras

e educadores populares, e da Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste.

A quarta turma (1994-1995), mesmo contando com a forte presença de educadoras e educadores da EQUIP, já foi planejada desde o início com a participação de membros da recém-criada Rede de Educadores Populares, com participantes das turmas anteriores do curso. Agora, o curso já foi pensado em três etapas, acrescentando uma etapa específica sobre sistematização de experiências – a criação dessa etapa foi fortemente influenciada pela experiência anterior dos próprios cursos sobre a necessidade de melhorar e valorizar mais os “cadernos de campo” ou os “prazeres de casa”, importante instrumento indicado nos cursos para o registro das experiências entre uma etapa e outra –, e o debate que ocorria no CEAAL⁶, sobre a “refundação da Educação Popular” onde se incluiu a sistematização de experiências.

Essa ampliação possibilitou mais tempo para algumas reflexões advindas das experiências dos cursistas, como as questões de gênero, étnico-raciais, geracionais e de orientação sexual, que, embora estivessem presentes nas turmas anteriores, não conseguiam ser objetos de estudos e debates mais intensos.

Essa trajetória dos cinco primeiros anos do curso possibilitou uma estratégia de formação que foi (e ainda é) importante para os Movimentos Sociais populares do Nordeste, e para ação da Educação Popular na Região, inclusive para a permanente atualização desse paradigma latino-americano estreitamente vinculado às lutas populares no chão do Nordeste brasileiro.

6 Naquele momento, ainda chamado de Conselho de Educação de Adultos da América Latina e Caribe (CEAAL), organização continental à qual a EQUIP era filiada.

A transição de século e de milênio: a ampliação da formação junto aos Movimentos Sociais Populares do Nordeste

Após a explosão dos Movimentos Sociais na década de 1980, com a demonstração de uma espetacular capacidade mobilizadora e a construção de importantes iniciativas sociais populares organizadas nacionalmente, a década de 1990 demonstrou uma série de dificuldades e limitações em manter permanentemente os crescentes processos de mobilização e organização. Já nas primeiras constatações, essas dificuldades foram suficientes para diversos intelectuais e pesquisadores(as) dos movimentos identificarem uma certa “crise dos Movimentos Sociais”.

Para essa experiência, não se tratava de uma crise, mas da própria dinâmica dos movimentos, que não é uma constante e retilínea crescente. A metáfora das “ondas do mar” de Lulu Santos ajuda nessa percepção. A euforia dos processos formativos e o entusiasmo nas inscrições e participações nos cursos, seminários, caravanas, oficinas, intercâmbios, assembleias, ocupações, marchas, passeatas e abaixo-assinados... demonstravam que, embora os movimentos tivessem perdido aquele encanto original para muitos pesquisadores(as), que diminuíssem a sua presença nos grandes meios de comunicação e, portanto, a sua visibilidade, eles ainda estavam vivos e pulsantes. E isso justificava a continuidade das propostas educativas.

Essa estratégia ficou consolidada com a ação articulada de seis processos formativos estreitamente articulados e assim distribuídos:

1. Os próprios cursos de formação para Educadoras e Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste (ora centralizados, ora descentralizados);

2. Os cursos de formação inicialmente pensados para dirigentes e lideranças dos movimentos populares do Nordeste, posteriormente chamados de formação para “participantes” dos movimentos populares; pois, mesmo que muitos participantes assumissem diversas responsabilidades na dinamização e lutas dos movimentos, não se sentiam como seus dirigentes, ou mesmo lideranças (esse é um debate em aberto no processo). Após o primeiro ano de existência, esses cursos passaram a ser descentralizados, inicialmente por blocos de estados da Região, em seguida, por turmas estaduais, ou mesmo turmas microrregionais dentro de um mesmo estado, e até turmas municipais. Outra característica desses cursos é que eram assumidos pelos educadores e educadoras que realizavam os Cursos para Educadores Populares, cada vez mais diminuindo a presença de educadores da EQUIP na preparação e condução;
3. As Reciclagens;
4. O Coletivo da Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste;
5. Os “ETAPÕES” ou “EDUPOPS”;
6. Os Seminários Regionais de Análise de Conjuntura do Nordeste no contexto nacional.

No esforço para manter a íntima articulação entre a Formação na Ação e a Formação Programada conforme anteriormente anunciado, ao lado e por dentro desses processos formativos acima expostos, ao final da década de 1990, que também era final de século e de milênio, e que para nós da América Latina e do Caribe era época em que se “comemoravam” os 500 anos de “descoberta” do continente e do Brasil, a EQUIP e a Rede de

Educadores decidiram que tais processos deveriam estar conectados em torno do mote “Outros 500 é possível”, vinculando-se à campanha nacional “Brasil: 500 anos de resistência indígena, negra e popular”, em que se denunciavam os cinco séculos de massacre, genocídio, etnocídio, escravidão, sofrimento e humilhações, mas também de resistências e afirmações dos povos negros e indígenas, dos trabalhadores e das camadas populares. E essa campanha demonstrou uma espetacular capacidade de disputar uma narrativa e uma interpretação da história do país a partir da lógica dos movimentos populares. As imagens que ficaram gravadas nos atos “comemorativos” dos 500 anos na Bahia foram marcos dessa afirmação e dessa disputa, o que não seria possível sem esse minucioso trabalho de formação popular, entre tantos outros daquele período.

O novo século e as novas estratégias formativas: a interiorização da Educação Popular

Sem dúvida, uma das principais novidades da conjuntura do novo século foi a eleição do presidente Lula em 2002, que apresentou novos desafios e novas perspectivas para os Movimentos Sociais e Populares. Entre esses desafios, destacava-se a necessidade de manter a autonomia dos Movimentos Sociais, tão duramente defendida ao longo dos anos, e aumentar o diálogo e as parcerias com organismos do Estado, com a presença de diversas personalidades históricas desses Movimentos assumindo cargos públicos.

A EQUIP e a Rede de Educadores demoraram na reflexão em torno do enfrentamento desse desafio. Após algumas parcerias pontuais, entre 2008 e 2009, avançaram na celebração de convênio para a realização de alguns processos formativos, articulando Movimentos Sociais e organismos públicos em torno da

inovadora política de desenvolvimento territorial, viabilizada pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Entre outras ações, esse convênio possibilitou a realização do Curso de Formação para Educadores Populares e Agentes de Desenvolvimento Territorial.

O interesse da EQUIP com esses processos formativos foi qualificar as práticas educativas dos sujeitos inseridos nos Movimentos Sociais, redes, fóruns e outros espaços de participação social. Já a SDT visava fortalecer os espaços de representação social, principalmente o público que participa dos territoriais rurais, de maneira especial jovens, assim como mulheres, indígenas, quilombolas, pescadores e ribeirinhos, entre outros. Além da realização do curso, a parceria com a SDT possibilitou o Intercâmbio com Juventudes Rurais, realizado nos nove estados do Nordeste, e na sequência com a participação de juventudes rurais das demais regiões brasileiras, de 2010 a 2014. Na sistematização desse processo, constatou-se que a ação político-educativa realizada nos territórios tem contribuído efetivamente para o fortalecimento de estratégias nas áreas rurais do Nordeste, especialmente no que se refere à inclusão dos sujeitos historicamente excluídos, entre eles, os jovens, ao proporcionar o entendimento da dinâmica participativa no planejamento territorial, estimulando sua inserção nas discussões, proposições, decisões, monitoramento e controle de políticas públicas efetivas de juventudes. Através da formação de educadores e educadoras, também se tem criado condições para a vivência de uma nova cultura política nos territórios, onde jovens, mulheres e comunidades tradicionais têm sido protagonistas de práticas que favorecem a participação dos distintos sujeitos sociais da região, e constroem nos espaços de organização a mobilização social de um movimento fundamentado na vivência da cidadania ativa (EQUIP, Caderno, Série 2015, p.10).

Com essas experiências, observa-se a enorme expansão da ação educativa dos cursos, bem como a importância dela para o fortalecimento das lutas sociais, não apenas dos movimentos populares nos campos da cidadania e do protagonismo das lutas e dos sujeitos coletivos em seus territórios, mas toda uma expansão para lideranças no campo do desenvolvimento territorial e agrário sendo, assim, fundamental naquele contexto de abertura e relação do governo brasileiro do campo democrático com a sociedade civil.

O golpe midiático-empresarial-jurídico-parlamentar-militar de 2016 e os novos desafios para a formação junto aos Movimentos Sociais Populares

Apesar de todas as contradições, entre as principais conquistas e avanços dos governos democráticos e populares conduzidos pelo Partido dos Trabalhadores (PT) neste século, destacam-se o reconhecimento e a legitimidade dos Movimentos Sociais Populares e de suas demandas no campo dos direitos humanos, das igualdades sociais e da justiça social.

A grande maioria das organizações sociais, sobretudo aquelas dedicadas ao trabalho educativo junto aos Movimentos Sociais, teve seus recursos financeiros advindos da cooperação internacional extremamente diminuídos nas primeiras décadas do século XX, ao mesmo tempo em que aumentaram os recursos financeiros advindos da cooperação e de convênios com organismos públicos.

Em 2016, o Brasil sofreu um golpe político, midiático e jurídico, através do qual forças da direita articuladas com diferentes setores da política concluíram o *impeachment* da presidenta eleita democraticamente Dilma Rousseff. Com o golpe de 2016, o novo

governo empossado tratou de considerar os Movimentos Sociais como inimigos que precisavam ser eliminados. A perseguição e o aumento da criminalização dos Movimentos Sociais se acentuaram ainda mais. Da mesma forma, a Educação deveria ser controlada – especialmente a Educação Popular, que deveria ser banida da vida pública. Entre os indicadores dessa nova política, quis-se logo cassar o nome de Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. Portanto, o golpe feriu gravemente todos os Movimentos Sociais, especialmente todas as organizações sociais que desenvolviam ações educativas junto a esses movimentos. Com a EQUIP não foi diferente. Isso repercutiu diretamente na parceria entre EQUIP e os Ministérios nos Cursos de Educadores para o fortalecimento de lideranças no campo do desenvolvimento territorial e agrário, rebatendo ainda em outras ações para os Movimentos Sociais Populares.

Apesar das extremas dificuldades, a EQUIP e a Rede de Educadoras e Educadores Populares mantiveram nesse período todo uma rede de contatos e relações, inclusive com bastante trabalho voluntário e militante, tanto por parte de associados e associadas da Escola quanto de Educadoras e Educadores, que passaram pelos cursos de formação e que permaneceram vinculados(as) à Rede. Em 2017, a EQUIP realizou em Recife uma oficina de preparação para articular o Curso Regional para Educadores Populares do Nordeste.

Nessa oficina⁷ de preparação, discutiu-se sobre o que fazer para se manter os vínculos entre educadores e educadoras, em um contexto de tantos desafios. Em torno dessa questão, surgiram várias ideias: manter as articulações e contatos para que todas(os) as(os) militantes se sentissem mais fortes na luta de

7 Relatório da oficina de preparação, 2017.

seus movimentos; criar mecanismos de informação para ajudar as pessoas a acessar os direitos e os benefícios sociais do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), como o vale-gás, a transferência de renda, entre outras; manter o vínculo articulado no grupo “ninguém solta a mão de ninguém”, no sentido de manter a comunicação entre as pessoas, animá-las para que elas percebessem que não estavam sozinhas e de que a luta se motiva no desejo da defesa da vida. O importante era criar redes de solidariedade para enfrentar os desafios postos; e rodas de cuidados e autocuidado com quem estava envolvido com as lutas sociais. Essa rearticulação não apenas integrou as pessoas, como também manteve o patamar da elaboração dos cursos na intenção de realizá-los de modo descentralizado, priorizando os estados que ainda não houvessem concluído o processo da realização dos módulos do curso de formação de educadores, como também estados que ainda não tivessem realizado o curso, a exemplo de Sergipe. Todo esse contexto possibilitou a retomada do Curso de Formação para Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares, numa conjuntura marcada pelas políticas e por práticas ultraneoliberais e neofascistas, tendo como objetivo central contribuir com a formação política junto a militantes e lideranças de Movimentos Sociais, para a construção de análise de contextos a partir da realidade social, aprofundamentos de metodologias da Educação Popular e práticas dos movimentos, assim como pautar a Formação Política e as estratégias de ações coletivas dos movimentos e da construção de saberes.

O conteúdo programático do curso Regional de Educadores Populares do Nordeste teve como foco central o contexto conjuntural, as práticas e as concepções dos Movimentos Sociais na atualidade, a partir de três questões: 1. Metodologia da Educação Popular: o que desafia e responde às práticas dos movimentos?

2. Leitura de análise: o que a gente aprende com as novas mobilizações (entraves e saídas)? 3. Movimento Social: a partir da construção da Linha do Tempo, identificando-se quem é, como está e o que tem de novo? Além desses conteúdos, foram abordadas as temáticas sobre as relações de poder; estrutura de dominação e democracia – debate estrutural e conceitual; participação social; e quais os projetos em disputa na sociedade.

O curso regional aconteceu no período de 2017 a 2021, sendo norteado pela concepção teórico-metodológica da Educação Popular. Os roteiros metodológicos, construção de textos, subsídios e recursos pedagógicos foram elaborados por uma comissão regional, pelas coordenações locais e adaptados aos locais. É importante ressaltar que os cursos descentralizados, ou seja, realizados nos estados foram conduzidos pelas equipes de educadoras e educadores e parceiros locais, além de contar com colaboração de integrantes da comissão regional (associadas e associados da EQUIP e da Rede de Educadores Populares do Nordeste).

Nos estados, os conteúdos do curso foram desenvolvidos em consonância com o conteúdo programático regional, mas com um formato diversificado nos estados: módulos temáticos, círculos de estudos, rodas de conversas, seminários, oficinas e visitas de intercâmbios de experiências em comunidades presenciais e de modo *online*, garantindo os momentos de reflexões e aprendizados desse processo.

Quanto aos módulos (ou etapas), foram previstos três: 1. Movimentos sociais e a concepção metodológica e dialética da Educação Popular com ênfase no papel do educador e da educadora popular; 2. A concepção metodológica da Educação Popular com aprofundamento dos temas específicos (Movimentos Sociais e políticas públicas, relações de gênero e étnico-raciais, juventudes e lutas sociais, socialismo e democracia, e economia solidária,

entre outros); e 3. Sistematização de experiências, Movimentos Sociais e processos políticos de emancipação social.

Devido à conjuntura do país e às dificuldades enfrentadas no interior dos Movimentos Populares, alguns estados realizaram os três módulos previstos (Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte); outros, dois módulos (Maranhão e Paraíba) e outros dois, um módulo (Sergipe e Alagoas). Pernambuco promoveu um intercâmbio com experiências: 1) A Luta da Mata Uchôa que tem mais de 40 anos de resistência; 2) Ação com Juventudes nas Periferias do Recife, vinculada ao Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social (Cendhec); e 3) Caranguejo Uçá, que é um movimento de mulheres marisqueiras. Com trabalho de comunicação social nas periferias, foi o único estado que sistematizou as experiências realizadas, no caso, as acima referidas. Na modalidade a distância, na Bahia, os cursistas realizaram um seminário, intitulado “Dialogando com os conteúdos do Curso de Educadores e Educadoras Populares”, e um último seminário, denominado “Educação Popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas”. O Maranhão promoveu um grupo de estudo a distância sobre a diferenciação entre Movimentos Sociais e protestos sociais. Em Pernambuco, aconteceu uma Roda de Conversas com Educadores Populares sobre o tema: “o que nos mantém articulados neste momento de isolamento social”.

A impressão é de que esse último ciclo de formação aconteceu com uma sequência mais flexível nos eixos temáticos. Um ou outro estado apostou na identificação de desafios e aprofundamento temático, mas a maior parte dos estados manteve o eixo reflexivo e a construção de orientações metodológicas em torno das lutas e trajetórias dos Movimentos Sociais, Educação Popular, planejamento de ações, e papel do educador(a) popular e sistematização de experiências. Alguns estados refletiram

sobre a concepção metodológica da Educação Popular, focando nos temas Movimentos Sociais e políticas públicas, relações de gênero e étnico-raciais, LGBTQIA+, juventudes e lutas sociais, socialismo e democracia e economia solidária.

Nesse processo de formação, entre os desafios pontuados, foram destacados: como a gente mantém a autonomia do movimento, disputa e dá sustentação a gestões de governo aliado (a casa-grande), com a perspectiva de transformação e de justiça social, com gestores comprometidos com a transformação do Estado, e ao mesmo tempo sem esvaziar as organizações sociais e suas lutas populares. Como seguir no enfrentamento e na superação das práticas ultraconservadoras e fascistas, com seu projeto antidemocrático, de disputa e eliminação do adversário, imposição da política de violência e morte; como envolver a sociedade em novos processos de luta por direitos, já conquistados e por novos direitos.

Mediante aos desafios postos pelo golpe e das fragilidades dos movimentos sociais nos estados, a ação formativa foi fundamental na reanimação de educadoras e educadores e militantes dos movimentos para seguir na organização das lutas e continuar na resistência.

A metodologia da Educação Popular e as vivências na pandemia da Covid-19: desafios para a formação política

As novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), a crise política instalada no Brasil, conforme mencionado anteriormente, e a pandemia de covid-19 trouxeram novos desafios para a ação educativa, organizações, coletivos e Movimentos Sociais, bem como para educadores e educadoras e militantes.

A EQUIP e a Rede de Educadores têm se deparado com vários desafios no campo da formação política, que são vivenciados também por outros sujeitos coletivos e Movimentos Sociais populares, sobretudo no que diz respeito à metodologia. Repensar e construir uma proposta político-pedagógica voltada para a modalidade virtual era mais que necessário, era urgente. Nesse sentido, o fazer da Educação Popular nesses contextos exigia de todas as pessoas envolvidas nos processos formativos se adaptarem à pedagogia pensada para o espaço virtual ou semipresencial.

Uma das questões que desafiavam a EQUIP e os próprios sujeitos da ação era como realizar a formação política na modalidade virtual com pessoas que não dispunham de equipamentos (computador, celular, *tablet* etc.) e que, na maioria, não tinham acesso à internet em suas casas – pessoas das classes populares, das periferias, de comunidades tradicionais (quilombolas, ribeirinhas e indígenas). Somam-se a tudo isso as dificuldades das pessoas, entre elas, educadoras e educadores, no uso/manuseio das ferramentas tecnológicas. Assim, tanto educadores e educadoras da Escola quanto participantes do curso tiveram que se apropriar das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, especialmente das plataformas e aplicativos utilizados nas formações. Com a troca dos conhecimentos sobre esse universo virtual entre educadoras e educadores cursistas, aos poucos foram sendo superados os limites no manuseio e domínio das ferramentas e canais onde eram realizadas as inúmeras *lives*.

O isolamento social em consequência do contexto de pandemia, além de intensificar o uso da internet, provocou um impacto na dinâmica de vida das pessoas, sobretudo, nas modalidades de trabalho, lazer e sociabilidade. Por isso, o debate sobre as estratégias de educação e formação na modalidade a distância tornou-se fundamental para romper o isolamento, como

também para garantir as ações de resistência das lutas sociais. Nesse sentido, não bastava apenas dominar o uso da internet e das tecnologias, era preciso pensar em medidas e estratégias de segurança e cuidados, uma vez que as violências, o racismo, o sexismo e a LGBTfobia adentravam na vida das pessoas através dos espaços virtuais. Militantes, ativistas dos direitos humanos e dos Movimentos Sociais receberam ameaças de morte ou perseguições através da rede (pela disseminação de *fake news* e/ou discursos de ódio veiculados por meio do WhatsApp, Instagram, Facebook, *e-mails* e outros canais).

Assim, desde o início da pandemia de covid-19 em março de 2020, a metodologia do curso de formação realizado pela EQUIP e Rede de Educadores passou a ser desenvolvida de forma totalmente virtual. Para a realização da articulação dos(as) educadores e educadoras dos estados foram criados vários instrumentos virtuais para garantir a participação no curso, como também organizados grupos no WhatsApp para preparar os processos formativos: das(os) cursistas, das comissões de trabalho e da coordenação das experiências de sistematização.

Os encontros de formação provocavam nos(as) cursistas a alegria pelo reencontro, constituindo-se em espaços para expressarem suas angústias, medos, inseguranças de sair nas ruas e contrair o vírus. Colaboraram ainda para o compartilhamento do que as educadoras e educadores estavam fazendo no período da pandemia. Apesar do isolamento social, as pessoas continuaram na militância, realizando ações emergenciais e de solidariedade, visando amenizar a situação de pobreza e vulnerabilidade nas comunidades de classes populares.

Ressalta-se que mundialmente as pessoas se adaptaram à dinâmica de *home office*, e com os(as) educadores e educadoras do curso não foi diferente, já que também absorveram suas atividades

de trabalho na vida doméstica. A reflexão era de que havia acúmulo de tarefas e dificuldades de conciliarem o trabalho de casa com o formal, resultando em sobrecarga. Embora as pessoas desfrutassem de mais tempo em casa, tendo os pais a oportunidade de acompanharem a vida escolar dos(as) filhos(as) e dividirem as tarefas domésticas em casa, o não compartilhamento do trabalho doméstico e reprodutivo continuava sobrecarregando ainda mais as mulheres. É importante destacar que esse período de confinamento no espaço privado provocou situações de estresse na família e intensificação da violência doméstica e familiar.⁸ No processo de formação (virtual), educadores e educadoras também manifestaram a preocupação com a situação de precarização das condições de moradia de muitas pessoas das comunidades populares (poucos cômodos, falta de boa infraestrutura e privacidade, além de baixa mobilidade para idosos, pessoas com deficiência e crianças).

O impacto da pandemia na vida das pessoas foi gigantesco: adoecimento crescente da própria covid-19 e agravamento de quadros de morbidade na saúde física, mental, psíquica e emocional, somados ao fenômeno da adaptação aos cuidados exacerbados e elevados índices de mortalidade, afetavam educadores e educadoras participantes. As mulheres foram as mais atingidas, apresentando quadros de pressão alta, depressão, ansiedade e síndrome do pânico. Em relação aos direitos, muitas pessoas pobres ficaram sem acessar o benefício da renda emergencial, arriscando-se nas ruas, enfrentando filas da Caixa Econômica, inclusive sem ter o que comer, ficando expostas e sem proteção. No tocante à postura do governo, era perceptível a lentidão das

8 Ver o artigo “Na pandemia, nós mulheres estamos de luto e lutando”, de Ávila, Alves e Arantes (2021), disponível em: <https://www.coletiva.org/politica-e-cidadania-n16-na-pandemia-nos-mulheres-estamos-deluto-e-lutando-por-maria-mercia-e-r>.

políticas sociais, principalmente para com a população mais pobre e os territórios mais necessitados.

Do ponto de vista da afetividade, uma das consequências do isolamento social foi a ausência do abraço, do toque dos corpos, do estar e comer juntos (principalmente para as pessoas idosas), afetando o estado mental e emocional das pessoas e aumentando a solidão. Instalava-se nesse contexto a sensação de medo e pânico somados à ausência de uma política sanitária que amenizasse as dores das pessoas e evitasse as mortes que, certamente, poderiam ter sido evitadas se o governo brasileiro não tivesse negligenciado as medidas de prevenção e retardado a aquisição e liberação do uso de vacinas para a covid-19 no país. Muitas pessoas, nesse contexto, recorreram às terapias alternativas de forma *online* (*reiki* e ioga, por exemplo) e ao uso de remédios naturais. Também houve uma intensa procura dos serviços de atendimento psicológico, além da realização das diversas rodas de autocuidado.

Embora cada estado tenha suas peculiaridades, o processo formativo mostrou algumas contradições comuns postas pelo contexto da pandemia, como a necessidade do isolamento social, o “fique em casa”, e a necessidade de sobrevivência e permanência na luta política. De um lado, as pessoas se mantinham no confinamento para não correrem o risco de contraírem o vírus e morrerem; por outro, muitas delas, sobretudo da classe trabalhadora (a exemplo das trabalhadoras domésticas), mantiveram-se nos seus empregos (com salários reduzidos), expondo-se aos riscos, porque eram a fonte de sobrevivência da família.

A postura e o comportamento do governo brasileiro com sua narrativa negacionista do agravamento da pandemia, considerando-a como “apenas uma gripe”, eram refletidos no processo de formação: na sociedade, enquanto havia pessoas que desconsideravam a gravidade da pandemia, com uma postura contrária

às medidas de proteção (distanciamento e uso de máscaras e desinfetantes), a doença se alastrava por todos os estados, elevando o número de mortes, atingindo as pessoas em situação de maior vulnerabilidade: integrantes da classe trabalhadora, pobres, negras, indígenas, especialmente as dependentes do Sistema Único de Saúde (sus), que entrou em colapso devido ao descaso do governo brasileiro. Outro elemento dessa contradição se dava via meios de comunicação, mídias alternativas e redes sociais que veiculavam notícias de desesperança e redes de solidariedade. Apesar de educadoras e educadores expressarem o cansaço de ver nos noticiários os números crescentes de mortes por causa do vírus, era animador saber dos trabalhos de solidariedade liderados por coletivos, ONGs e Movimentos Sociais.

Nesse período se intensificaram as narrativas de ódio contra militantes dos Movimentos Sociais, grupos identitários e defensores(as) de direitos humanos, assim como se amplificaram a violência contra jovens negros nas periferias – e até seu extermínio, as violações contra os povos indígenas e os retrocessos no acesso a direitos básicos nas vidas das pessoas. Mesmo assim, o ativismo não parou. De forma virtual ou presencial (com uso de máscaras e tomando medidas de segurança), os Movimentos Sociais e as educadoras e os educadores continuaram fazendo a resistência acontecer na defesa da vida, denunciando as ameaças, as mortes das pessoas e a negação de direitos, entre outras lutas sociais.

Diante desse cenário, o curso de formação regional disponibilizado aos educadores e educadoras do Nordeste, em forma virtual, foi fundamental para fomentar muitas ações e redes de solidariedade entre as(os) participantes, suas comunidades, Movimentos Sociais e parceiros. Por exemplo, surgiram, em diversos estados, campanhas solidárias voltadas para diferentes públicos: juventude, mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e populações

de rua, com distribuição de cestas básicas, inclusive enfatizando a cultura para a produção de alimentos e raízes e a confecção de máscaras para distribuir nas comunidades ou nas ocupações.

Além das campanhas fomentadas pelos Movimentos Sociais para suprir essas necessidades, ocorreram processos de capacitação sobre higienização e prevenção, buscando produtos alternativos (sabão ecológico) para serem distribuídos nas comunidades. Foram realizadas, em todos os estados do Nordeste, ações com a divulgação de informações e conscientização a partir da palavra de ordem “fique em casa”.

Assim, nem o bolsonarismo nem a pandemia conseguiram desmobilizar e intimidar o uso das Tecnologias da Informação e de Comunicação pelos sujeitos engajados em diversos processos. As *lives* e os grupos virtuais ajudaram nas reflexões sobre o contexto e a manutenção da vida no planeta, do ecossistema. No entanto, a mediação das relações sociais pela internet e a superexposição às telas, entre outras questões, levaram as pessoas a um esgotamento físico, mental e emocional. Vários movimentos, organizações e órgãos públicos recorriam ao formato virtual de *lives* para realizarem rodas de conversa, reuniões, debates etc.

Em dezembro de 2020, a Escola Quilombo dos Palmares desafiou esse formato virtual, trazendo a fala das pessoas, através da plataforma Zoom, que no princípio era pouco utilizada pelas(os) educadoras e educadores. Num rico processo de troca de aprendizados, com a ajuda de pessoas que já dominavam o uso da plataforma, em várias ações, sobretudo da formação política, todas(os) foram compartilhando seus conhecimentos e colaborando com a construção da metodologia para o espaço virtual. Assim, nesse espaço, foi se construindo o Intercâmbio de Educadores Populares do Nordeste, que ocorreu em maio de 2021, reunindo cerca de 70 pessoas. A partir do Intercâmbio, foi articulado o processo de

sistematização do Curso de Educadoras e Educadores Populares do Nordeste, da EQUIP e da Rede de Educadores.

Nesse processo, foi criado o Grupo Operativo de Sistematização e, depois, formaram-se Grupos Temáticos, ficando estabelecido que uma pessoa se responsabilizaria pelos encaminhamentos temáticos – o papel de articulação do grupo com as pessoas, responsável por organizar e escanear o material da memória do curso. Antônio José (Ceará), da Rede de Educadores, cumpriu essa tarefa de coordenar o processo de sistematização junto à EQUIP, trabalho que dividia com nosso saudoso Paulo Afonso (*in memoriam*). Também foram criados quatro Grupos Temáticos – GTs, a saber: Metodologia da Formação; Consequências do trabalho formativo para os movimentos; Consequências do processo formativo na vida das pessoas; Educação popular e reinvenção da emancipação social. Esses eixos nos trazem o desafio das escritas. Concretamente são educadoras e educadores responsáveis por esses grupos temáticos que vêm (re)elaborando as escritas.

Portanto, esse lugar da formação político-educativa no espaço virtual tem sido de muitos desafios, mas também de profunda aprendizagem e redescobertas, que, mesmo com a distância geográfica, têm favorecido a aproximação entre os(as) educadores(as) e militantes dos Movimentos Sociais populares, além de propiciarem a escrita da sistematização desses 30 anos de ação política da EQUIP.

Metodologia e métodos na formação de educadoras e educadores dos Movimentos Populares do Nordeste

No processo formativo, devemos sempre nos perguntar: o que queremos fazer? Por que, para que e como fazer? Essas são perguntas básicas do processo metodológico. Nesse sentido,

compreende-se que a metodologia diz respeito a toda lógica do processo de conhecimento que se vai desenvolvendo através de uma estratégia político-educativa, orientando o caminho a ser trilhado para se alcançar os objetivos esperados/desejados. Trata-se, pois, da visão global que orienta, dá unidade e coerência a todos os passos formativos.

Nessa perspectiva, a proposta teórico-metodológica do curso, fundamentada no Método da Concepção Metodológica Dialética da Educação Popular, tem como princípios: o contexto do Nordeste brasileiro, partindo do entendimento de que para transformar as desigualdades dessa realidade é preciso conhecê-la; a prática/práxis como ponto de partida; a aproximação com a realidade e ação social das pessoas como impulsionadoras da história; a valorização das vivências e experiências cotidianas, bem como do conhecimento individual (formal ou informal) de cada participante, buscando uma aproximação entre o que se conhece, sente e vive, e o conhecimento formulado (teorias), compreendendo este como uma construção coletiva. A proposta não é ensinar conteúdos, mas compartilhar ideias, pensamentos, saberes e construir novos conhecimentos; preservar relações horizontais entre educadores e educadoras e educandos e educandas, estimulando o diálogo, a interação e a participação, baseados em valores éticos, de respeito mútuo e solidariedade, considerando todas as dimensões da vida humana (subjetividade, afetividade, espiritualidade, o pessoal e o político etc.).

A Educação Popular, revelada nessa experiência que ora sistematizamos, não se reduz a um método educativo de ensino-aprendizagem, ou a um conjunto de métodos e técnicas de formação de educadoras e educadores populares, que dão suporte no desenvolvimento de capacidades e habilidades educativas. Embora possa ser considerado tudo isso, essa experiência se

revela principalmente como uma concepção político-pedagógica vivencial para a ação junto aos Movimentos Sociais populares e para a vida das educadoras e educadores e/ou sujeitos envolvidos na luta popular pela transformação da realidade e da vida das pessoas rumo à sua emancipação. Para tal, (re)produz ou cria métodos e técnicas como caminhos metodológicos para a realização de tal intencionalidade.

A educação, portanto, é entendida como formação, como apropriação racional e sentimental da realidade pelas pessoas, pelos educadores, pelos militantes. O processo formativo deve ajudar as pessoas a enxergar mais e melhor, a perceber mais adiante, mais profundamente e mais longe, a desvendar o que nem sempre fica claro à primeira vista. Daí a necessidade de usar informações, instrumentos, dinâmicas, que contribuam para este enxergar melhor, para conhecer mais e melhor, para saber mais e melhor. Mas não se trata de saber apenas como apropriação da realidade exterior. A formação e o saber implicam em tornar as pessoas sujeitos integrais. Portanto, para que a ação esteja em equilíbrio com o que se sente e o que se pensa, são incorporados ao processo formativo os sentimentos, as emoções, os desejos e as afetividades. (EQUIP, Caderno Educação Popular, Série 1, 2003, p. 11).

A metodologia desenvolvida toma como pontos de partida para (re)elaboração do conhecimento a vivência e a reflexão crítica da experiência de seus participantes, considerando a ação social e o cotidiano das pessoas como impulsionadoras da história, ajudando-as a se questionarem sobre suas ações de ordem organizativa, política, profissional e reivindicativa. É importante dizer que a categoria de análise da “experiência” ganha centralidade na Educação Popular e é um termo bastante valorizado pelos Movimentos Sociais populares e pelos movimentos dos sujeitos identitários (feministas, negras, negros e LGBTQIAP+), tanto do ponto de vista da vivência como também da elaboração

do conhecimento. Na perspectiva da Educação Popular, tomando como referência o pensamento de Oscar Jara Holliday (2006), nossa experiência é a nossa principal fonte de aprendizagem.

Rigorosidade metodológica e liberdade criativa no curso: o início antes do começo – preparação, inscrição, objetivos e roteiro

O que parecia um dilema ou uma contradição entre o “rigor metodológico” e a “liberdade criativa”, na verdade, demonstrou ser no processo que era uma opção pedagógica. Com o mesmo zelo e cuidado com os quais se pensava detalhadamente a preparação do curso, a coerência lógica entre os objetivos e os diversos passos no encadeamento do roteiro, o uso adequado para cada instrumento didático e a dinâmica participativa de acordo com o conteúdo em pauta, era também estimulado que as expectativas e novas propostas metodológicas fossem incorporadas aos processos formativos realizados. Exemplos fortes: a “linguagem sexista”, que de forma intencional ou imperceptível reproduz preconceitos e valores culturais machistas, pode ser reproduzida no interior dos cursos, expressando a necessidade de sua desconstrução nas práticas cotidianas; do mesmo modo, havia a necessidade de tornar hábito o uso de uma linguagem antirracista. Foram descobertas demonstrações de que o rigor metodológico não impede a liberdade criativa. Pelo contrário, essa rigorosidade deve ser planejada justamente pensando em desenvolver a liberdade.

A demonstração de “rigor metodológico” estava perceptível desde que a pessoa se candidatava para participar do curso (porque a inscrição não garantia a vaga, era apenas uma candidatura – muitas vezes, a inscrição vinha acompanhada de uma carta informando as razões do interesse pelo curso). A proposta

de educação desenvolvida através dos processos de formação do Curso de Educadores e Educadoras tinha um nível de exigência do ponto de vista tanto de participação quanto do método. Havia um critério estabelecido para a participação nos cursos, que era fazer parte de um coletivo e/ou Movimento Social e ser indicada(o) por um educador ou educadora, conforme se constata no seguinte depoimento: “Naquela época, para participar desses cursos, tinha que ser indicada por alguém de referência que já tivesse feito o curso e participar do movimento” (Malu Oliveira, 2021).

Diversos depoimentos dão conta de que, apesar do “rigor metodológico” (que era apropriado e apelidado de distintas formas pelos participantes: exigência metodológica, cuidado metodológico, prazer metodológico, primor metodológico), os cursos apresentavam forte capacidade para a liberdade criativa. Ao ouvir as expectativas das(os) participantes antes de apresentar os objetivos (que as pessoas já conheciam, pois estavam registrados em todos os instrumentos de divulgação e preparação), algumas vezes, conseguiu-se realizar “ajustes” aos objetivos e aos roteiros de etapas dos cursos, redefinir as comissões de trabalho, os horários etc. O esforço era para as pessoas se apropriarem criticamente do método, não para repetir o feito em suas ações, nas experiências de suas entidades e movimentos, mas que fossem capazes de reinventar seus percursos metodológicos segundo a peculiaridade de suas experiências, que são sempre únicas e intransferíveis. Para a educadora Anadilza Paiva, a proposta metodológica do curso lhe proporcionou:

[...] Um olhar sistemático, metodológico e a incorporação de ações como planejamento, orçamento, avaliação e sobretudo, articulação e roteiro metodológico com objetivo(s), passos (passo a passo), para conseguir o objetivo e promover o diálogo, pensar no tempo de cada passo, no recurso e instrumentos utilizados,

uso de dinâmicas para facilitar o diálogo (inclusive, criando-as), considerando com quem ia desenvolver a atividade. (Anadilza Maria Paiva Ferreira, PB).

Para além da apropriação do método, havia toda uma preparação com intencionalidade político-metodológica, conforme veremos a seguir.

A) Construção do roteiro pedagógico: o passo a passo e objetivos

O roteiro metodológico é um guarda-chuva que norteia o antes, o durante e o depois de uma atividade. Ele também contribui para o desenvolvimento da metodologia de trabalho de uma formação na ação e formação programada/sistemática, além de orientar a educadora e o educador na condução do processo formativo.

Há a compreensão de que qualquer curso ou atividade educativa necessita de um roteiro previamente elaborado e que se adéque ao perfil dos sujeitos a quem se destina a formação. Desse modo, o roteiro preparado pela equipe de educadores(as)/facilitadores(as), responsáveis por conduzir a formação era discutido e ajustado de forma coletiva quanto aos objetivos, às expectativas esperadas, ao passo a passo da metodologia, aos horários de regresso das(os) participantes, à distribuição de tarefas etc.

A construção do roteiro consistia na definição dos objetivos e do passo a passo: chegada e acolhimento das(os) participantes; integração e apresentação (quem sou eu, de onde vim, estado e movimento, expectativas e motivações); apresentação dos conteúdos, referenciais teóricos e metodologia de trabalho relativos a cada etapa da formação; avaliação, recomendações metodológicas; confraternização ou noites culturais e formação das comissões de trabalho (relatoria, integração, animação, ambientação, festa, avaliação etc.). Na preparação do roteiro, para alcançar os

objetivos propostos e desenvolver os conteúdos, era necessária a utilização de dinâmicas e técnicas específicas que colaborassem com os trabalhos individuais e/ou de grupos, com a síntese das apresentações, debates, reflexões e análises dos conteúdos.

Em uma proposta metodológica da Educação Popular construída a partir de uma relação de horizontalidade e da participação coletiva, todos e todas eram convidadas(os) a colocar a mão na massa, como bem descreve a educadora Suelene:

Este Curso foi ministrado em várias etapas e seguiu um roteiro metodológico, com base nas referências do cientista educador Paulo Freire, sendo a metodologia freiriana norteadora, o que muito me encantara na profundidade e na forma de fazer. O Curso tinha um roteiro minimamente pronto, mas o acabado mesmo ia se construindo na medida que se aprofundavam os temas predefinidos pela equipe organizadora. Um acolhimento fazia parte deste roteiro como meta primeira, o que já ia nos empurrando pra frente sem volta, e, ao adentrar os portais do conhecimento, da alegria, da afirmação, da identidade e, por que não dizer, de grandes descobertas que, uma vez registradas, jamais serão esquecidas, eram abertos e assim bastava seguir. O caminho era, após ser acolhido(a), se apresentar, se identificar, botar a mão na massa. Feito o percurso, o objetivo era tarefa final apresentar um projeto de resultado com base no seu fazer refletido, chamado SISTEMATIZAÇÃO. (Suelene de Sousa, PB).

Afinar o roteiro proposto com o envolvimento de todas(os) as(os) participantes para o desenrolar da metodologia e articular a experiência e a teoria para favorecer a participação e concatenar os conteúdos indicados com as dinâmicas e todos os recursos pedagógicos tornava-se uma prática pedagógica do fazer Educação Popular. O educador Ronildo Monteiro revela a riqueza de um processo de formação que recupera princípios da Educação Popular, como o da participação, da dialogicidade e da construção coletiva do conhecimento:

O processo formativo assumido no Curso de Educadores utilizava metodologias que primavam pelo levantamento de desejos, expectativas, vivências, experiências, dos(as) participantes; das técnicas importantes para manter os(as) participantes envolvidos(as) com a atividade; dinâmicas que trouxessem as místicas dos(as) participantes e colaborassem com a interação entre eles(as), geralmente um público diverso; a animação; os conteúdos necessários, seus encadeamentos e aprofundamentos; o levantamento dos materiais didáticos para cada tipo de atividade; da divisão de distribuição de atribuições considerando a facilidade e habilidade dos educadores e educadoras e profissionais da equipe de trabalho; a participação das pessoas foi sempre uma preocupação que direcionava as prioridades desses momentos e a abordagem que proporcionasse o diálogo, a motivação e os encaminhamentos para as transformações necessárias. O que cada atividade proporcionaria para a transformação da cultura local e da composição da realidade mais abrangente, dos territórios do Estado, da região e do país? Ou seja, o que a ação realizada prospectava de colaboração para o projeto de sociedade que queríamos, justa, igualitária e que proporcionasse vida digna para tod@s! (Ronildo Monteiro Ferreira, PB).

A narrativa acima também revela a importância de considerar a incorporação, no roteiro metodológico, das habilidades/talentos e dos aspectos relativos às vidas das(os) educadoras e educadores e do povo: cultura, identidades, subjetividades, contextos e realidades dos estados, do Nordeste e do Brasil. Além disso, enfatiza a intencionalidade política da ação formativa da Educação Popular na construção do projeto político de sociedade, cujo objetivo é que todas as pessoas possam viver de forma igualitária, equitativa e com dignidade humana.

B) Preparação: da carta-convite às tarefas de casa

O processo preparatório da ação formativa incorporado ao roteiro metodológico chegava até os(as) participantes antes da realização

do curso, pois a coordenação enviava para cada um(a) as orientações de preparação destinadas aos educadores e educadoras com as tarefas que deveriam ser cumpridas nos Movimentos Sociais. Portanto, o procedimento metodológico tinha como ponto de partida a experiência e a realidade em que as(os) participantes estavam inseridas(os). Nas palavras do educador Antônio Raimundo Cajá Oliveira:

Primeiro, chegava para nós a carta-convite, via Correios, porque não existia internet e nem e-mail, ou era encaminhado pelo fax, a carta convocatória com os objetivos, o perfil da turma e a ficha de inscrição. Na ficha de inscrição, vinham as tarefinhas que cada participante tinha que realizar e socializar no curso, em Recife, seja com os demais participantes do estado, seja com o restante dos participantes do Nordeste. (Antônio Raimundo Cajá Oliveira, PB).

Conforme o depoimento acima, os cuidados com o processo preparatório faziam parte da proposta pedagógica, com o propósito de animação e de informação para o curso, em benefício dos educadores e das educadoras e dos militantes. Para isso, eram utilizados, entre outros, os seguintes instrumentos: lista dos participantes, carta-convite ou carta convocatória com as orientações de como chegar ao local, preenchimento de ficha de inscrição, relação entre formação e organização, e tarefas de casa, que consistiam em leituras de textos sobre a realidade do movimento e da cultura local.

Uma metodologia da vivência dos cuidados e do acolhimento

O sentido, o significado e o entusiasmo da formação para a luta popular são traduzidos no cordel escrito pela educadora Isabel Macedo Rodrigues, de Pernambuco (1995):

Boa noite, companheiro.
Queremos compartilhar
Os motivos pelos quais
Aqui viemos chegar.

Que este Encontro importante
Possa nos auxiliar
E dar uma boa resposta
“Nosso povo a esperar”

As nossas comunidades
já estão se reunindo.
Porém falta formação
Para os problemas SURGINDO

Nos diversos movimentos.
Experiência exigindo,
que todos vocês neste encontro
Possam ser sempre bem-vindos.

O que nos trouxe aqui
foi uma necessidade.
De formar nosso povo
para a nova realidade
E juntos todos unidos

MUDAR A SOCIEDADE.

A valorização da experiência das educadoras e educadores e dos Movimentos Sociais populares foi desencadeadora dos processos de formação. O momento presencial do curso era um espaço para as pessoas se encontrarem com reconhecimento da diversidade dos sujeitos que estavam envolvidos em ações educativas nos Movimentos Sociais do Nordeste. O conteúdo central era a valorização e visibilização de todos, seus locais de atuação, a problemática que cada um(a) estava enfrentando nos seus espaços de luta, os sujeitos envolvidos, as formas de

mobilização, as condições reunidas e as conquistas. Isso tudo sendo visto à luz da Metodologia Dialética da Educação Popular, que, partindo e considerando a experiência prática, apontava para o aperfeiçoamento e transformações dessa prática.

No processo de vivência da metodologia, partia-se do pressuposto de que educadores e educadoras vindos(as) de diferentes estados/territórios do Nordeste e da diversidade de Movimentos Sociais traziam para um espaço comum suas expectativas, experiências, conhecimentos, saberes e reflexões sobre a prática e sua leitura de mundo.

A) A casa: da chegada e do acolhimento

Essa ciranda não é minha só, ela é de todas nós, ela é de todos nós ... Pra se dançar ciranda, juntamos mãos com as mãos, Formamos uma roda, cantando uma canção.

(Lia de Itamaracá)

Os cuidados com o acolhimento das(os) participantes em todos os processos formativos eram fundamentais para que as pessoas se sentissem acolhidas e motivadas para a vivência daquele momento. O acolhimento conduzido com afetividade era importante para a integração, motivação e envolvimento de todas e todos no processo de formação.

Com as portas abertas dos mosteiros, conventos, centros de treinamentos, casas de eventos, enfim, nos diferentes lugares de realização dos cursos, chegavam educadores e educadoras, militantes sociais de vários estados e territórios do Nordeste, da cidade ou do campo, sedentos desse espaço de trocas de experiências e de reflexão sobre a prática junto aos Movimentos Sociais populares.

A viagem para muitos era longa. O cansaço do ativismo cotidiano e as duras jornadas de trabalho pediam um pouco de descanso antes de iniciar as atividades. Elas e eles chegavam com fome não apenas do alimento, mas também da formação, pois, devido ao ativismo das lutas sociais e às demandas cotidianas e situações conjunturais, não tinham tempo, nos espaços de suas organizações e/ou movimentos, de refletirem sobre a práxis educativa. Por isso, a condução inicial dos trabalhos tinha uma atenção especial com a preparação do ambiente, tornando-o agradável e aconchegante em função dos perfis das(os) participantes. A ornamentação do espaço se relacionava às temáticas, às raízes culturais do Nordeste, às identidades das(os) participantes e à própria magia dos encontros. Além das simbologias utilizadas, contava-se com diferentes instrumentos pedagógicos, que favoreciam as diversas linguagens e expressões (música, poesia, danças, desenhos etc.) que se conectam com a dimensão da corporalidade, subjetividade e espiritualidade, como evidencia o depoimento de Cristina Moura (2021): “Esses momentos eram mágicos. Recheados de músicas, afetos, abraços calorosos, reencontros, com partilhas de nossas vivências com sabores e mística⁹ nordestina”.

E por falar em mística nordestina, é uma prática apreciada pelos Movimentos Sociais populares, como uma expressão de alimentar a fé e a esperança, de fazer memória e reverência às pessoas (lideranças) que lutaram por um mundo melhor, mas é uma forma também de compartilhar as dores e as alegrias, os

9 O termo mística é uma palavra derivada de místico (*mysticus* no latim) está associada à dimensão da espiritualidade, do sagrado, a alguma experiência pessoal ou coletiva com o transcendente. É o jeito próprio de relacionamento de cada pessoa consigo, com os outros, com a natureza, com as divindades, ancestralidades, algo que estimula e anima a luta do povo.

desalentos, as conquistas pessoais e a luta coletiva. As vivências das místicas do curso eram um momento de as pessoas se olharem interiormente, perceberem o outro, a outra, de introduzir as temáticas de forma a dialogar e respeitar os momentos individuais e coletivo. Esses momentos eram expressos através de símbolos, cantorias, danças (frevo, forró, ciranda, bumba meu boi...), instrumentos (tambores, pandeiros, flauta, violão...), poesias (cordel) e sabedorias populares (estórias contadas, rezas, alimentos), além dos elementos da natureza (terra, fogo, água, ar, árvores, ervas etc.). Todos esses elementos e músicas nas vozes dos(as) educadores e educadoras se conectavam com diferentes temáticas e aspectos da vida e da realidade do Nordeste – “pra cada abraço, uma força, de força não geme uma nota” (Chico César); “debulhar o trigo, recolher cada bago do trigo e se fartar de pão...” (Milton Nascimento), se se remetia à problemática do meio ambiente, da terra; “andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar” (Gilberto Gil). Todas elas canções que aqueciam o coração das(os) participantes, (re)abastecendo suas energias e esperanças, impulsionando-as(os) para seguir enfrentando os desafios da vida cotidiana e a luta coletiva por transformação social.

B) Valorização das identidades e pertencimentos

Os cuidados com a valorização dos aspectos identitários e das diversidades das(os) participantes eram uma tônica do processo metodológico que ganhava atenção desde a elaboração da proposta dos cursos, ao considerar os diferentes perfis de educadoras e educadores para participarem do processo formativo, até o desenrolar do roteiro, do passo a passo, como explicita a educadora Luciene Ambrósio de Mesquita (Mana), de Alagoas: “O valor da mística, do resgate de nossos traços culturais, da dança,

da música, da ética nas atividades formativas afirma e reforça as nossas identidades”.

Desse modo, o reconhecimento dos sujeitos era fundamental no processo de apresentação/integração das(os) participantes no curso, muitas vezes, animado pela voz de Gonzaguinha (1980): “como se fora brincadeira de roda (memória), o jogo do trabalho, na dança das mãos (macias), no suor dos corpos, na canção da vida (história), o suor da vida no calor de irmãos (magia)”.

No entrelaçar das mãos, sentindo a energia e o balanço dos corpos, cada participante revelava e compartilhava suas histórias, memórias e diferentes marcas identitárias. Intencionalmente, o sentar-se em círculo, além de facilitar que todas as pessoas se vissem e se conectassem naquele espaço, indicava a desconstrução de uma didática verticalizada de ensino e de hierarquização entre educadores/educadoras e educandos/educandas, conforme explicitado no depoimento abaixo:

Outro aspecto muito importante, por partir das vivências, foi a ênfase na dimensão da subjetividade. [...] Nesse processo pudemos recuperar nossa história, luta, a questão da afetividade, da espiritualidade, todos os elementos que fazem parte da dimensão do ser humano. Nos processos dos cursos, estava bem presente a nossa cultura, nossos saberes, [...] no processo de construção do conhecimento. Tínhamos momentos de corporeidade, relaxamento. (Maria Lúcia Lopes de Oliveira, Malu, PB).

A dimensão da subjetividade faz parte do ser humano e deve ser considerada como um aspecto fundamental no processo de produção e reelaboração do conhecimento. A subjetividade está relacionada ao sentimento, crenças, valores, experiências e histórias de vida de cada indivíduo, e à opinião que cada pessoa tem sobre determinado tema/assunto e as expressões de afetividade. Esse é um dos princípios orientadores da metodologia

que propõe a Educação Popular por compreender que uma das intencionalidades da ação educativa proposta pela Escola é de respeito às diferentes identidades, como atesta o depoimento a seguir:

Quando a gente ia se apresentar nos cursos de educadores populares, lembro sempre a gente em um grande círculo, aí antes de dizer o nome, iam convidando para fazer círculos menores, no meio do grande círculo, pra dizer QUEM somos nós, quem se identifica como negro forma um círculo, quem se identifica como branco, em outra roda, quem se identifica com certo território... E eu na época ficava: “Meu Deus, quem eu sou? Eu tenho uma pele branca, mas me aperto nos ônibus urbanos como todo mundo do meu bairro”. [...] E só depois de muito tempo é que a gente vai compreender como esse exercício ele nos leva a consolidar ou a ter clareza da nossa identidade, e a desenvolver o sentimento de pertencimento de classe, a consciência de que nós de classe popular temos que exigir educação pública de qualidade, saúde de qualidade, transporte público de qualidade, e exigir que as mulheres sejam respeitadas, as mulheres lésbicas sejam respeitadas, um conjunto de coisas. (Ana Célia Sousa Santos, PI).

O NORDESTE É NOSSO, precisamos conhecer melhor nosso território, queremos ser mais conhecidos como sujeitos com lugar e protagonismo. Ampliamos nossas fronteiras, estreitamos laços de lutas e conhecimentos com nossos hermanos latinos e outros parceiros da EQUIP através da cooperação internacional. (Douraci Vieira dos Santos, PB).

A Escola, desde sua origem, adotou a Região do Nordeste como o chão da formação político-pedagógica. Nesse sentido, reconhecer o Nordeste brasileiro e a identidade nordestina como opções metodológicas nos processos formativos em Educação Popular significava perceber, pesquisar e aprofundar as contradições em toda a sua complexidade, além da resistência e da cultura, para transformar a realidade das desigualdades, visto que o Nordeste

brasileiro tem uma história marcada por peculiares aspectos naturais, sociopolíticos, econômicos e culturais. Essas particularidades da região Nordeste podem ser constatadas a partir da visão do que se percebe no bairro, na cidade, no município, nos estados e nos territórios (EQUIP, Caderno Educação Popular, Série 1, 2003). Da mesma forma, as experiências de Educação Popular e a história de resistências dos Movimentos Sociais populares nos conectam a outros países *hermanos* da América Latina.

C) *Construção coletiva dos conhecimentos*

Um Curso sem sala de aula;
Um quadro sem giz, com cartaz
Uma caderneta sem chamada
E uma vontade capaz
Tudo muito bem pensado
Com roteiro organizado
E uma vontade voraz.

(Suelene de Sousa)

A metodologia dos processos formativos recupera as experiências, as crenças, os valores, as subjetividades, os saberes e os conhecimentos de cada participante. Visa valorizar suas lutas e intervenções concretas para compartilhá-las como parte da composição do conteúdo de formação de todas as pessoas presentes. E, ao fazer isso, visibiliza-se o protagonismo de cada educador e educadora através dos seus conhecimentos acumulados no decorrer de sua trajetória de vida. Nesse sentido, as(os) participantes traziam não apenas suas tarefas organizadas e, nas suas bagagens (mochilas), seus pertences, para a imersão de três dias, refletindo sobre a Educação Popular, mas se traziam por inteiro, como destaca Gracinha: “A experiência levada para o Curso de Educadores

estava no pacote de vivências. Eu precisei desembulhar esse pacote e acrescentar o que vinha depois: vontade e querer” (Maria das Graças Nascimento, PB). Feito isso, as portas dos espaços para a realização da formação se abriram!

O conhecimento e os saberes, como toda realidade, são dinâmicos e criativos, frutos de uma construção coletiva permanente. Não é um somatório de saberes individuais, mas a sua inter-relação. Para isso, é preciso haver a valorização dos saberes individuais que colaboram para a reflexão coletiva, ou seja, interessar-se pelo saber do(a) outro(a) e pelo saber já produzido em outros espaços e situações. Nesse sentido, é fundamental fazer o exercício da escuta atenta, acolher os sentimentos e emoções, buscando reconhecer o lugar de fala de quem toma a palavra.

Assim, é preciso evitar a separação entre teoria e prática, porque o conhecimento é algo sempre inacabado e recriado (EQUIP, Caderno Educação Popular, Série 1, 2003). Nessa perspectiva, a vivência da educadora feminista Malu Oliveira (PB) reforça essa afirmação: “Era um espaço de estudo, de troca de experiências e de aprofundamento sobre Educação Popular, mas também de reflexões do nosso fazer popular e da prática dos movimentos populares nos quais estávamos inseridos”. Na perspectiva da Educação Popular, como enfatiza a educadora Divaneide Basílio (RN): “Não adianta um conhecimento se não for para mudar a vida das pessoas”. Nesse sentido, é necessário desconstruir ideias e teorias cristalizadas e conservadoras.

Além de tudo isso, nos encontros, a construção do conhecimento passava pelo fortalecimento dos afetos, o reabastecimento das energias, a renovação da esperança e o acender da utopia de um mundo melhor para todas as pessoas.

D) O ser, o saber e o papel da educadora e do educador na sua atuação política¹⁰

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”.

(Gonzaguinha)

Nos processos formativos dos cursos, refletia-se sobre o que é ser educador e educadora e sobre o seu papel na ação formativa. Elas e eles compartilhavam suas experiências no lugar de atuação (lideranças, dirigentes, animadores, militantes). O(a) educador/educadora trazia (traz) a sua ideologia, intervenção, valores intelectuais, morais e éticos e visão de mundo. Enquanto educador/educadora, ele ou ela detém o poder que lhe é dado pelo controle do saber. Portanto, é essencial ver quem são os responsáveis pelo processo formativo, pois influenciarão na escolha dos conteúdos e métodos deste processo. Ser educadora ou educador é se descobrir permanentemente construindo novos conhecimentos, a partir da valorização do saber coletivo e dinamizado com diálogos, colocando-se sempre como “eterno aprendiz”.

Nos processos de formação do curso, a valorização da fala, os saberes e o envolvimento nas atividades das(os) participantes promoviam a sua autoestima e o reconhecimento e a reafirmação de ser educador e educadora em sua prática. Nesse sentido, a formação vivenciada no curso não era um espaço de julgamento da prática dos(as) educadores e educadoras, mas um espaço que oportunizava a cada um(a) rever de forma crítica, afetiva e ética o seu fazer educativo, bem como as posturas, atitudes e comportamentos nas relações interpessoais e sociais, no espaço coletivo das lutas e na vida cotidiana.

¹⁰ Este texto foi inspirado em relatórios dos cursos de educadores populares (1993-1995) e no Caderno, Série 1, 1993.

Ninguém nasce educador e educadora, mas vai se tornando, aprendendo a ser na relação de alteridade, com as pessoas, com o mundo, com a natureza, aves e animais, com os processos subjetivos e as próprias experiências. É também preciso aprender a ler as palavras, a realidade e o mundo com os olhos da criticidade e com o coração. Nesse sentido, Paulo Freire (1989) em seu texto “A importância do ato de ler”, nos ensina:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (Freire, 1989, p. 1).

Não existe um manual de como deve ser um(a) educador/educadora, no entanto, se considera que o(a) educador/educadora precisa ter visão sistêmica, senso de heterogeneidade, ou incompletude, ou seja, compreender que, além da sua própria trajetória, o(a) outro(a) tem experiências e saberes que o(a) complementam. Espera-se que seja comunicativo(a), reflexivo(a) e disposto(a) a integrar-se, ensinar aprendendo e aprender ensinando. No processo coletivo, é fundamental respeitar o saber popular, técnico e acadêmico, bem como banir as práticas racistas, sexistas, machistas e homofóbicas.

Compreende-se que o papel da(o) educadora/educador é contribuir com a reflexão crítica, provocando o educando e a educanda a pensar por si próprio(a), questionar e problematizar os conhecimentos, as contradições da realidade, as questões e verdades

postas como absolutas ou cristalizadas. Diante disso, o papel do(a) educador/educadora é adotar processos que estimulem o senso crítico, o empoderamento e a autonomia dos sujeitos na perspectiva de um projeto político de transformação da sociedade que facilite o conhecimento nas diversas esferas, instigando a criticidade sobre a realidade, os múltiplos saberes e as diversidades (geracional, social, cultural, religiosa, étnica, racial, de gênero e de identidade sexual).

Portanto, cabe-lhe negociar, mediar, inquietar, aprofundar e perguntar se os caminhos levam à “ação-reflexão-ação”, confrontando-se com a realidade e as desigualdades existentes.

Há outra qualidade fundamental que não pode faltar à educadora progressista e que exige dela sabedoria com que se dê à experiência de viver a tensão entre a paciência e a impaciência. Nem paciência sozinha nem a impaciência solitária. A paciência sozinha pode levar a educadora à posição de acomodação, de espontaneísmo, com que nega seu sonho democrático. A paciência desacompanhada pode conduzir ao imobilismo, à inação. A impaciência, sozinha, por outro lado, pode levar a educadora ao ativismo cego, à ação por ela mesma, à prática em que não se respeitam as necessárias relações entre tática e estratégia. A paciência isolada tende a obstaculizar a consecução dos objetivos da prática, tornando-a “tenra”, “macia” e inoperante. Na impaciência insulada ameaçamos o êxito da prática que se perde na arrogância de quem se julga dono da história. A paciência só se exaure no puro blábláblá. A impaciência a sós, no ativismo irresponsável. (Freire, 2021. p. 129-130).

Assim, como bem disse Paulo Freire (2021), a paciência deve ser exercitada pelos educadores e educadoras, militantes na coletividade e na prática da ação. O termo paciência, não tem nada a ver com a passividade, mas, pelo contrário, tem a ver com perseverança e a persistência, ou seja, não devemos nos acomodar diante da história, dos processos que não andam, das mudanças

que não acontecem no tempo desejado, portanto, está relacionada com a qualidade do que se aprende e se realiza durante a espera, sem perder de vista a utopia e o horizonte que direcionam e nos colocam em movimento.

Uma metodologia da afinação de diversos instrumentos pedagógicos e dinâmicas participativas

Conteúdo e forma, objetivos e roteiros, raciocínio e sentimento, participação e integração, sentir e pensar, conhecer e saber. Essas são algumas das mediações ou interações necessárias ao processo de construção de conhecimento em Educação Popular. Por isso, a construção dos instrumentos pedagógicos é uma das dimensões mais importantes para o processo metodológico. São muitos os instrumentos existentes, mas nem todos vão servir em qualquer situação. Eles devem estar adequados aos objetivos da atividade e aos sujeitos/participantes envolvidos.

Uma das principais características dos cursos era a combinação dos diversos instrumentos pedagógicos com as dinâmicas participativas, cuidadosamente adaptadas para os conteúdos tratados nas etapas, na perspectiva de fazer com que os conteúdos fossem compreendidos pelos participantes, principalmente com vistas a promover a interação/participação, o diálogo, a construção do conhecimento e a partilha dos saberes que cada um(a) trazia sobre sua prática enquanto educadora e educador dos Movimentos Sociais populares, como evidencia o educador Paulo Afonso Brito no depoimento abaixo:

Outra dimensão desse elemento é a questão da utilização de instrumentos didáticos, pedagógicos, de como a gente usa vídeos, um texto, uma linha do tempo, quando a gente usa o meu brinquedo preferido, ou seja, são instrumentos didáticos, pedagógicos, a

ciranda (aquela que a gente abria a fita e alguém continua a frase). Essa parte eu já me sinto muito mais à vontade. São instrumentos que a gente pode preparar antes com mais cuidado: as tarjetas, os cartazes. São iniciativas às nossas atividades, que sempre prezou muito e acho que a gente demora muito escolhendo qual instrumento a ser utilizado, porque a gente acha o caminho fundamental para evitar as aulas. Quer dizer, são iniciativas que favorecem um diálogo. Então, acho que essa parte a gente avançou bastante neste período que está tratando. (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

Nota-se que Paulo Afonso recupera alguns dos instrumentos pedagógicos (vídeos, textos, linha do tempo, brinquedos, cartazes, tarjetas etc.) e dinâmicas (cirandas) que, além de serem de fácil aplicação, fazem parte da cultura popular, sendo muitas vezes utilizados de forma combinada para tratar de um determinado conteúdo do curso, como podemos perceber na descrição na aplicação da dinâmica do “brinquedo preferido”¹¹ (escultura feita com massa de modelar), que trazia as histórias de vida dos(as) participantes (sentimentos, paixões, problemas familiares, dificuldades econômicas, motivações para a militância e compromissos políticos etc.), durante a partilha no coletivo de forma cuidadosa, afetiva e acolhedora pelos(as) demais. Nessa dinâmica, os aspectos de vida e as subjetividades se entrelaçam com o lugar de atuação política.

Percebe-se a ênfase na importância da utilização dos instrumentos pedagógicos que colaborem com a desconstrução de uma educação tradicional com “aulas” e “palestras”, relações hierarquizadas entre professor e alunos, na separação entre teoria e prática, entre método e aprendizagem, entre público e privado. Nessa direção, a feminista, educadora popular bell hooks afirma que:

Quando nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada a processos de auto recuperação, de libertação

11 Texto retirado do Caderno Educação Popular, 2003, p. 25.

coletiva, não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim [...]. (Hooks, 2017, p. 85-86)

Entende-se, assim, que a teoria e a prática se entrelaçam, e os instrumentos e dinâmicas participativas adotados colaboraram para que isso ocorresse. É importante ressaltar que a escolha de tais recursos tinha (tem) uma intencionalidade político-pedagógica de valorização das experiências dos sujeitos nos processos de (re) elaboração do pensamento e de reflexão sobre sua práxis. A análise crítica do fazer tornava-se fundamental para a transformação pessoal e da realidade dos sujeitos sociais, assim como para o ajuste das dinâmicas e conteúdos abordados, para que não criassem desconpassos e desconsiderassem os diversos níveis culturais, as dificuldades das(os) participantes com deficiência física, as diferenças identitárias e as diferentes linguagens (oralidade ou escrita).

Ressalta-se que as técnicas e as dinâmicas não podem exercer uma função apenas lúdica, atrativa e/ou criativa, pois devem principalmente colaborar para que haja interação, participação e intercomunicação entre educandas/educandos e educadoras/educadores. Há uma reflexão crítica de que as dinâmicas de entrosamento, de relaxamento, de trabalhos em grupos e de leituras se tornaram cada vez mais frequentes nas iniciativas de quem trabalha com grupos, com formação, com capacitação e com diversas outras ações vinculadas a processos educativos, sendo às vezes utilizadas de forma desconectada dos conteúdos. Apesar de importantes e até mesmo fundamentais, muitas vezes as dinâmicas são utilizadas de forma ingênua e pouco crítica. Procura-se nos manuais algum tipo de dinâmica e aplica-se em atividades formativas, sem considerar o perfil das educadoras

e educadores, o local (adequação do ambiente) ou mesmo os conteúdos propostos (EQUIP, Caderno Serie 1, 2003). Daí a importância de escolher instrumentos pedagógicos simples de serem conduzidos e vivenciados.

Assim, destacam-se alguns desses instrumentos e dinâmicas participativas, os mais usados na trajetória dos 30 anos que marcaram as atividades formativas dos cursos/etapas para construir conhecimentos sobre a vida dos movimentos populares no Nordeste, evidenciados nos depoimentos das(os) educadoras e educadores e pontuados nos registros dos processos de formação.

A) No resgate da memória da transição de uma etapa a outra ou de um passo do roteiro ao passo seguinte

Essas memórias funcionavam como uma espécie de fio condutor entre o que foi vivenciado e o que estava em curso. Para elencar as constatações, desafios e recomendações sobre a formação dos movimentos populares, bem como para identificar nas experiências as contradições das lutas, as resistências, sonhos etc., eram utilizados diferentes recursos pedagógicos combinados entre si, a exemplo de painéis, músicas, poesias de cordel e brinquedos lego (jogos infantis de peças de encaixe para montar), através dos quais se buscava representar o vivido, ao compor construções simbólicas. Outro importante recurso pedagógico foi “o trem e as estações”, que era utilizado para recuperar a vivência e seus conteúdos da formação da etapa anterior.

B) Reconhecimento das identidades: integração e apresentação

Foram utilizadas diversas dinâmicas, técnicas e instrumentos que favoreceram o reconhecimento das identidades e diversidades

dos sujeitos nos espaços dos cursos. Entre eles, destacamos a dinâmica da “espiral”. A construção da espiral, a partir de seu desenho no chão, permitia às(aos) participantes ir colocando e expondo materiais (símbolos diversos). Os(As) participantes eram convidados a observar e caminhar expressando poesias, cantigas, danças e frases até chegar à última linha proposta da espiral. Todos(as) se saudavam com o olhar para se reconhecerem nos seus traços culturais e identidades: de gênero, classe, geração, Movimento Social etc. Outra dinâmica bastante comum era a “viagem”, que tinha como perspectiva promover uma auto-consciência/percepção do corpo, refletindo sobre o ser educador e educadora na dimensão holística.

O momento de integração e apresentação se dava também através do contato com diferentes elementos da vida cotidiana, das raízes culturais, símbolos, artes e músicas que marcaram as histórias de vida das pessoas, dos contextos e das lutas sociais. No espaço coletivo, nas rodas e no balançar dos corpos, na melodia das canções – “vem, entra na roda com a gente, também, você é muito importante, por isso vem...” ou “Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós”. Nesses momentos, todos(as) eram convidados(as) a entrar na roda, estabelecendo uma relação de acolhimento e de confiança entre as(os) cursistas. As dinâmicas do “cego e guia” e a “passagem do túnel” ajudaram na reflexão sobre a confiança, a solidariedade e o papel de liderança dos(as) educadores(as) no seu fazer educativo. Nas vivências, os sentimentos e emoções eram sempre externados no coletivo pelos(as) participantes e, nelas, ganhavam centralidade a dimensão da corporeidade e os aspectos que constituem as identidades.

A integração se dava através da criatividade espontânea das(os) participantes. Outros que faziam bastante sucesso eram o “Correio da Amizade” e o “Jornal Quilombo das Fofocas” (1991),

o Jornal Boca Maldita (1992) organizado pelos(as) participantes – neles eram colocadas notícias da realidade local e informações sobre a atividade, mandavam-se mensagens ou dicas para os(as) participantes, recheadas de poesias e comentários críticos.

Ressalta-se que, quanto mais se descentralizou a formação e se constituíram novas equipes de coordenação dos cursos nos estados, mais se ampliou o leque dos recursos pedagógico-metodológicos.

C) A explosão das subjetividades: confraternização e noites culturais¹²

A subjetividade é uma das dimensões importantes do fazer metodológico do processo de formação e isso estava explícito nos trabalhos de entrosamento e integração humana, no entanto, deviam ser trabalhados no sentido de extrair das(os) participantes aprendizados e crescimento, dos(as) cursistas, na elaboração dos roteiros, na vivência das dinâmicas e nos momentos de confraternização e noites culturais, como evidencia o depoimento abaixo:

Outro aspecto muito importante, por partir das vivências, foi a ênfase na dimensão da subjetividade. [...] Nesse processo pudemos recuperar nossa história, luta, a questão da afetividade, da espiritualidade, todos os elementos que fazem parte da dimensão do ser humano. Nos processos dos cursos, estava bem presente a nossa cultura, nossos saberes, [...] no processo de construção do conhecimento. Tínhamos momentos de corporeidade, relaxamento. (Maria Lucia Lopes de Oliveira, Malu, PB).

A dimensão da subjetividade faz parte do ser humano e deve ser considerada como um aspecto fundamental no processo

¹² Inspirado no texto *Explosão da subjetividade*. Caderno de Educação Popular, Série 1, 2003.

de produção e reelaboração do conhecimento. A subjetividade está relacionada aos sentimentos, crenças, valores, experiências, histórias de vida e opiniões que cada pessoa tem sobre determinado assunto e sobre expressões de afetividade. Esse é um dos princípios orientadores da metodologia que propõe a Educação Popular, por se compreender que uma das intencionalidades da ação educativa proposta pela Escola é de:

[...] tornar as pessoas, grupos e movimentos mais fortes, para garantir mais conquistas e avançar na mudança da realidade. [...] o debate e as relações de afetividade, de ternura, de carinho, devem se manifestar nos processos formativos, estimulando-as ao conjunto das relações sociais. Não se trata de empunhar a bandeira do sentimentalismo que esconde ou controla os excessos racionais, mas de trazer os sentimentos para a arena da prática educativa, da prática política, até porque as pessoas se orientam por sentimento e razão, e especialmente a prática política como ação coletiva de pessoas concretas traz em si a contradição: grande apego construtivo marcado por ímpetos de destruição, gestos de bondade e surtos de crueldade, amor e ódio, carinho e desprezo, paixão e razão. (Caderno Educação Popular: Movimentos Sociais e Educação Popular no Nordeste. Série 1, 2003).

Portanto, o processo formativo considera a subjetividade de seus participantes e não apenas a objetividade (da ideia/racionalidade) como fonte de (re)elaboração do conhecimento ou dos conteúdos. A reflexão sobre a prática educativa possibilita uma maior participação no decorrer da atividade, de modo que se adquira confiança para expor suas opiniões e discordâncias sobre os conteúdos e temáticas trabalhadas, ao mesmo tempo colocando-se aberto(a) para o confronto de suas ideias e pensamentos numa relação da alteridade. Muitas vezes, o conflito e as relações de poder podem emergir durante os processos formativos e/ou plenárias etc. – e isso é salutar, porque fazem parte da natureza

humana, no entanto, devem ser trabalhados no sentido de extrair deles aprendizados e crescimento.

A dimensão da subjetividade atravessa a vida dos grandes movimentos e entidades populares, sendo marcada por diversas contradições de disputas, ameaças e perseguições, como também de resistências a ela. Ao lado do debate e da explicitação do desejo e da busca de superar a exploração, as diversas opressões racistas e homofóbicas e as relações de subordinação, procurando valorizar a construção da solidariedade, da fraternidade e da liberdade de expressão, educadores e educadoras e militantes vão trocando suas microrrevoluções nos seus lugares de atuação.

Para enfrentar esses sistemas de opressão, houve várias iniciativas dos Movimentos Sociais e populares no sentido de dinamizar a vida objetiva das pessoas com a sua subjetividade, compreendendo que essa dimensão é importante para que as pessoas se sintam sujeitas e cidadãs de transformação. Nesse sentido, os processos de formação do curso tiveram (têm) um papel no tocante à subjetividade como aspecto importante para os processos de autoconhecimento e autoestima das pessoas, historicamente marginalizadas e subordinadas, e no desvelar dos(as) sujeitos(as) educadores/educadoras nas suas identidades – “sair do armário”, “sair da cozinha”, “sair do esconderijo”, “sair do ser coisa”, e “sair dos ciclos de violência e de racismo”, entre outras situações de opressão.

Desse modo, incorporar o aspecto da subjetividade nas atividades educativas é possibilitar que os indivíduos se coloquem como sujeitos falantes (na sua integralidade) e se sintam livres para serem o que desejam/querem ser, assumindo suas identidades sem preconceitos e discriminações.

Outro aspecto ligado à dimensão da subjetividade se relaciona à cultura popular, que, na ação educativa, tornou-se bastante

relevante, visto que ela faz parte da vida dos seres humanos, sendo construída e ressignificada. Nesse sentido, todas as expressões da vida do povo e da vida dos Movimentos Sociais são matérias-primas da formação. Assim, os aspectos culturais, as religiosidades, as simbologias, as festas, as artes e os momentos de lazer estavam incorporados ao roteiro metodológico do curso, que não se traduzia apenas em preparar o espaço físico, ornamentá-lo, os ingredientes (comida, bebida) e vestir a roupa mais bonita para as noites. As festas, as confraternizações e as noites culturais, além de serem atos celebrativos, também tinham o seu teor educativo, muitas vezes tematizado, a exemplo da “festa da comunidade LGBT”; “da banda” que era composta pelos dinossauros¹³ da Escola; e das noites que referenciavam as datas de lutas dos movimentos – Consciência Negra; Dia Internacional da Mulher, Dia das Bruxas –, entre outros.

Esses momentos eram propícios para se repensar a cultura na perspectiva da desconstrução de valores que reforçam preconceitos e estereótipos, como também eram momentos de reconhecimento da cultura popular, muitas vezes, vista de forma pejorativa e com pouca valorização. Se de um lado a cultura pode reforçar valores, comportamentos, atitudes, ideias e linguagens de discriminação e subordinação, e fomentar relações opressivas e colonizadoras, por outro, a cultura é expressão de memória, celebração, resistência, luta e resgate das identidades.

O debate sobre a cultura é um dos temas fundantes da proposta político-pedagógica do pensamento de Paulo Freire, como comenta ele em uma entrevista à *Revista Estudos Universitários*: “um outro dado de que partíamos era o de que a educação trava

13 O termo utilizado refere-se aos educadores e educadoras da primeira turma do primeiro Curso de Educadores Populares, realizado em 1990.

uma relação dialética com a cultura. Desta forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (Freire, 1963, p.11), visto que, através da cultura, é possível interagir com a realidade, capturar o conhecimento constituído pelo imaginário e linguagem do ser humano e questioná-la.

Assim, a metodologia propiciava a explosão da subjetividade, fosse através das vivências de integração/apresentação, fosse através dos momentos culturais e celebrativos, não apenas das(os) cursistas, como também de quem estava facilitando/coordenando a formação. Isso não se expressava apenas através da elevação da autoestima (pessoal ou coletiva) de cada um(a) ao se sentir valorizado(a), respeitado(a) e aceito(a), com suas qualidades e capacidades (físicas, cognitivas, sociais etc.) e suas identidades, mas também pelo seu envolvimento na construção de um projeto político no movimento, nas lutas sociais em que se milita e nos espaços da academia.

D) Revisitando os Movimentos Sociais Populares: linha do tempo e mapa falante

Para trabalhar os conteúdos e as temáticas relativas aos Movimentos Sociais populares e a própria concepção da Educação Popular, de acordo com cada turma/etapa dos cursos, considerando os perfis dos participantes, os contextos e as conjunturas, utilizavam-se diferentes referenciais teóricos de pensadores do Brasil e de outros países da América Latina, tendo como referência o arcabouço teórico de Paulo Freire, Aída Bezerra, Oscar Jara Holliday, Pedro Pontual e Roberto Marinho, entre outros(as). Na diversidade de textos utilizados como apoio aos estudos de formação, destacam-se os Cadernos do Nordeste (2003-2015) e a Revista Gaveta Aberta (1994).

No que se refere à metodologia propriamente, entre tantos referenciais teóricos, podemos ressaltar: *O que conhecemos sobre Educação Popular?: elementos para refletir*, de Nadia Rodrigues (2009); *Introduzindo o debate da Educação Popular* (1999); *O arco e a flecha: anotações sobre metodologia e prática transformadora*, de Raul Leis (1991); e os textos clássicos de Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia* (1996), *Pedagogia do oprimido* (1968/1974), *Educação como prática da liberdade* (1967) e *A importância do ato de ler* (1989). Essas obras tornaram-se leituras de cabeceira para muitos dos educadores e educadoras.

Sobre os Movimentos Sociais, as referências eram diversas, entre as quais estavam os textos: *Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas*, de Everton Lazzaretti (2007) e *A Formação de militante*, de Ranulfo Peloso (2005). Vale destacar que Valéria Rezende, Henrique Cossart, Domingos Corcione, Acácio Araújo, Cleide Bernal, Paulo Afonso e outros(as) educadores e educadoras da Escola e integrantes da Rede de Educadores Populares contribuíram na elaboração de textos que subsidiaram os processos de formação, como também com a sistematização dos cursos.

Além dos textos que ajudaram na análise e reflexão crítica sobre a realidade e a prática e luta dos movimentos populares, as músicas aqueciam os debates e ajudaram na interpretação das teorias, a exemplo de vídeos (documentários sobre a realidade/ contextos e as lutas sociais) que remetiam à memória de um tempo vivido e faziam aflorar as emoções nos espaços coletivos. Além desses instrumentos acima citados, destacam-se, nos depoimentos abaixo, a linha do tempo e os mapas falantes:

A utilização de instrumentos como a linha do tempo, os mapas falantes, a análise de roteiros das ações formativas, isso tudo nos ajudou a provocar uma maior participação das pessoas em nossos momentos formativos. Aquele negócio de “palestra” foi abandonado,

pois, quando vinha um companheiro ou companheira mais especialista em algum tema, ele se sentava na roda e compartilhava o saber, de forma conjunta com os demais participantes. Essa mudança no jeito de tratar a formação nós aprendemos com a EQUIP. (Antônio José Cunha da Silva, CE).

Neste primeiro curso, na apresentação pessoal, lembro que tinha uma linha do tempo com momentos marcantes da história do Brasil e do Nordeste, e cada participante se apresentava situando elementos da sua biografia pessoal nestes momentos da história. (Maria do Amparo Vieira de Souza, PI).

Observa-se a relevância nos depoimentos da “linha do tempo”¹⁴, instrumento através do qual se buscava a articulação dos aspectos das vidas pessoais das(os) educadoras e educadores com a análise da realidade/contexto do Nordeste e dos Movimentos Sociais. A “linha do tempo” focava em três aspectos: perfil da(o) educadora/educador; tipo de movimento, organização ou grupo (objetivos); contexto local, nordestino, brasileiro e latino-americano. Marcavam-se as épocas históricas do movimento popular por períodos (décadas ou anos) que se queria considerar: suas lutas e contextos social e político. Nas linhas abaixo de cada coluna, colocavam-se aspectos da ação do movimento, dificuldades enfrentadas, perspectivas e resultados. A atividade consistia, pois, no levantamento comparativo de dados e informações sobre a história e a trajetória de um determinado movimento.

Essa memória dos Movimentos Sociais do Nordeste e do Brasil envolvia todos(as) os(as) participantes na construção. A construção

14 Nos anos 1990 (no curso para monitores populares), a técnica utilizada se denominava de “frisas”. Na primeira linha, descreviam-se as experiências selecionadas (Favela Gonzagão, em Recife; Movimento Sem Teto, em Sergipe; e Luta do Jenipapo, em Fortaleza); na segunda linha, constavam elementos importantes da conjuntura local, dos contextos; na terceira linha, colocavam-se os fatos gerais que marcaram as primeiras intervenções dos atores do lado popular; e na quarta linha, registravam-se as intervenções dos atores do adversário.

da linha do tempo se dava em trabalhos de grupos. A leitura era feita de formas horizontal e vertical, e realiza-se o debate sobre os aspectos levantados em uma exposição dialogada.

Em relação ao mapa falante ou mural, destacavam-se registros que informavam as ações dos movimentos, como recortes de jornais, panfletos, símbolos e fotografias. Tratava-se de um instrumento para ajudar os participantes do curso a refletirem sobre suas ações e seus próprios movimentos, suas conquistas, seus problemas. Mas a intenção também é avançar na análise do contexto em que se realizam os movimentos, pois o debate sobre o seu papel exige uma análise da realidade envolvente da sua própria ação. Faziam-se mapas falantes do Nordeste como um todo.

Cada estado escrevia sobre o mapa vazado os aspectos que eram solicitados no levantamento. Partindo das motivações suscitadas sobre os elementos do mapa falante, a coordenação propôs outros instrumentos como robô, vídeo e, texto, em função da necessidade de ampliar a reflexão sobre a vida dos movimentos, sua metodologia e o alcance de sua ação (EQUIP, Caderno Série 1, 2003, p. 24). Para a reflexão crítica, a construção do diálogo e o levantamento das divergências, discordâncias, dúvidas e incertezas, eram utilizados também mapas geográficos, bandeiras, símbolos, materiais produzidos, artesanatos e trabalhos manuais relacionados com a cultura local.

Outras técnicas e dinâmicas comuns eram a do cochicho, que oportunizava aos participantes compartilharem entre si visões/entendimentos sobre uma determinada questão proposta; a chuva/tempestade de ideias – palavras ou sentenças correlatas a uma organização, movimento, fato histórico ou livre associação, assim como a dinâmica do naufrágio que promovia a participação de todas as pessoas, mesmo as mais tímidas, encorajando-as a fazer uso da fala na coletividade.

Ainda para facilitar o trabalho pedagógico, o uso das “tarjetas coloridas e com diferentes formatos” estava presente em quase todas as etapas dos cursos. Nelas eram escritas palavras chaves das reflexões individuais ou coletivas e posteriormente socializadas no coletivo e expostas em um grande mural na parede, os quais colaboraram com o processo de sistematização e possibilitaram uma visão geral do conteúdo construído coletivamente, como destaca Maria de Jesus – AL: “A metodologia de você desenvolver por cartaz, eu acho aquilo ali arretado, por tarjetas. Então um negócio assim [...] não é que seja novo, mas uma coisa que... esse visual, ele é muito interessante”.

A utilização e, sobretudo, a vivência de dinâmicas participativas, muitas vezes abriam possibilidades de inclusão de novos saberes, rediscussão de valores e princípios não pensados previamente. Nesse sentido, somente na quarta turma dos cursos, veio a se manifestar com força um dos debates pertinentes às discussões de gênero, durante a vivência da dinâmica do “meu brinquedo preferido”, a perspectiva de gênero foi sendo trazida por educadoras dos movimentos de mulheres/feministas.

Outros instrumentos utilizados, principalmente no curso na Bahia, foram os Jogos e Exercícios do Teatro do Oprimido - um conjunto de jogos e exercícios que oportunizam as pessoas perceberem atos, gestos e ações opressoras que estão presentes nos diversos espaços e que precisam ser refletidas e mudadas para a concretização de uma nova práxis que proporcione a “autonomia” dos sujeitos (BOAL, 2019).

Em algumas etapas de sistematização da experiência também era utilizado o “Balaio com tiras de papel” - tirava-se frases onde expressavam sinais da tradição de nossa educação (bancária, patriarcal, sexista, racista, autoritária, elitista), da cultura local e nacional, das relações de poder na sociedade e na política, da fragilidade de nossa democracia.

A descrição da grandiosidade dos instrumentos pedagógicos e dinâmicas participativas, que auxiliaram na apreensão dos conteúdos e interação entre os e as participantes, a construção dos diálogos entre educador e educando e a articulação entre prática e teoria não caberia nestas páginas, de 30 anos de trajetória educativa/formativa desenvolvida na presente experiência.

Uma metodologia das relações horizontais entre educadores(as) e educandos(as)

A relação entre educadores/educadoras e educandos/educandas através de relações horizontais (atitude de permanente diálogo entre participantes) foi destacada como um princípio importante da Educação Popular nos cursos, incorporado à construção coletiva do conhecimento. É nítido que essa atitude deveria ser um procedimento cotidiano entre os que lutam por relações sociais e interpessoais baseadas na justiça, na fraternidade e na decência. Entre educadoras e educadores populares, no entanto, tal princípio adquire uma dimensão pedagógica. Assim, não basta montar a pergunta, organizar a resposta, montar o roteiro, apresentar os objetivos de forma nítida e objetiva. É necessário que tais atitudes se apresentem como um diálogo respeitoso, ético e carinhoso.

Essa horizontalidade, porém, não pode ser confundida com uma postura passiva, ingênua ou alienada vinda das duas partes. O educador e a educadora não devem renunciar à sua responsabilidade e ao acúmulo de reflexões e informações que adquiriu pela sua experiência pessoal e histórica. Devem, sim, evitar o autoritarismo e a arrogância, posturas que se apresentam muitas vezes com nova roupagem, nova maquiagem, mas que reproduzem a herança verticalizada da educação tradicional ou bancária, problematizada pela Concepção Metodológico-Dialética da Educação Popular.

Na Educação Popular, as relações necessariamente são horizontais, dialógicas e construídas coletivamente, procedimento que se constitui como importante princípio da metodologia presente em todos os momentos dos processos formativos do curso. Isso ocorre desde a afinação do roteiro (o passo a passo), passando pelo envolvimento nas comissões de trabalho e alcançando a construção coletiva de conhecimentos. Tal princípio é enfatizado por Paulo Freire, quando ele defende a premissa de que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, todas as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo, ou seja, não existe um único detentor do conhecimento, que passa conhecimento para outra pessoa, mas há, na verdade, um(a) facilitador(a) de processos que reconhece e valoriza conhecimentos e saberes de todas as pessoas envolvidas (EQUIP: Caderno, Série 5, 2015, p.12)

Assim, a proposta pedagógica de uma concepção de Educação Popular confronta a didática do ativo e do passivo, do professor(a) e do aluno(a), portanto, nos cursos de educadores e educadoras, todos(as) tinham um papel a cumprir. Desse modo, os instrumentos, as dinâmicas, as técnicas e os espaços na Educação Popular, para além do uso didático, estavam contextualizados no propósito maior de desconstrução dos fatos e de seu contexto, bem como de ressignificação por parte dos sujeitos dialógicos.

Tessituras (in)conclusivas: “recomendações metodológicas”

A riqueza metodológica dos 30 anos do curso de Formação para Educadores e Educadoras Populares não cabe nestas páginas, e reconhecemos que muitos retalhos dessa história permanecem nos registros dos inúmeros relatórios e nas falas dos depoentes que vivenciaram os processos de formação do curso. Essas tessituras sobre a metodologia são inacabadas, de tal forma que se

reconhecem as lacunas presentes no texto. Com a partida de Paulo Afonso, fomos tecendo esses fios, juntando os retalhos dos textos (já elaborados e alinhavados por Paulo) e os costurando para chegar neste formato.

No processo da escrita, sobretudo nesta reta final, deparamo-nos com muitas dificuldades, além da falta de tempo, tomado pelas nossas agendas de trabalho, estudos etc. Mesmo assim, fomos em busca de informações para preencher as lacunas nos textos. Buscamos manter intactos os retalhos textuais que Paulo havia costurado, mas ainda era preciso terminar, ou tentar terminar, a costura deles, e assim o fizemos, quando possível. Para nós, que tínhamos um mestre de Educação Popular com tantas experiências e saberes, tantos conhecimentos acumulados, foi dureza continuar escrevendo este texto na perspectiva de corresponder ao “rigor metodológico e criativo” que nosso amado educador Paulo tinha e privilegiava. Além do mais, sentíamos a falta de sua companhia, dos seus sorrisos, alegrias e incentivos. No entanto, expressávamos nossos risos, porque sentíamos sua forte presença conosco e era isso que nos impulsionava a seguir na superação dos limites e do cansaço.

Ressaltamos que a metodologia da Educação Popular empregada pela EQUIP e Rede de Educadores atravessou suas fronteiras formativas a partir do pertencimento de educadoras e educadores levando o método para seus espaços de militância nos Movimentos Sociais e para espaços formais de trabalho, como escolas públicas, universidades e gestões públicas, enfim em diferentes lugares de atuação e engajamento social.

Em um contexto exacerbado do uso das TIC (com circulação em velocidade de informações para o bem e para o mal), muitos desafios são postos para os Movimentos Sociais no que refere à ação da formação política junto aos Movimentos Sociais

populares. O jeito de fazer Educação Popular com educadoras e educadores dos Movimentos Sociais populares foi se adequando às mudanças tecnológicas, conjunturais e políticas na perspectiva de manter o fortalecimento dos Movimentos Sociais populares e da transformação social.

O método da Concepção Popular adotada pela Escola e pela Rede, ao longo dos 30 anos de formação, reafirmado e fortalecido a cada momento, foi incorporando novas temáticas, novos sujeitos, problematizando novas questões da realidade e suas contradições e, quando necessário, adaptou-se a novas situações: o que foi dialogado com roteiros, instrumentos e dinâmicas e pensado para uma formação presencial ajustou-se aos moldes híbridos ou totalmente virtuais.

A construção das recomendações metodológicas partia de propostas elaboradas a partir das experiências, vivências e/ou “análises especializadas”, indicando novas proposições. Buscava-se com isso apontar caminhos que orientassem a intervenção formativa das lutas e organizações populares, nos seus diversos níveis de atuação. É um dos passos da Educação Popular, pois é através do permanente fazer, viver e refletir a prática que ela acontece. As “recomendações metodológicas” são construídas nos cursos para educadoras e educadores populares, nas dimensões de como desenvolver valores e habilidades, construir ou reconstruir conhecimentos necessários à formação de educador popular.

Na realização dos cursos nos nove estados nordestinos, os(as) participantes apontaram as recomendações metodológicas mais presentes, a saber: papel dos(as) educadores e educadoras nos processos formativos; atividades formativas qualitativamente significativas; lugar da realidade nas atividades formativas e organização da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste.

Em cada etapa formativa, primava-se pelas recomendações metodológicas, construídas coletivamente pelas(os) cursistas e facilitadores. No âmbito das atividades formativas, qualitativamente se faz necessário: ouvir e aceitar opiniões coletivas; valorizar as diversas culturas, saberes individuais e coletivos; estar sempre avaliando as práticas e sendo avaliado; priorizar os momentos de estudo, reflexão, planejamento, registro e sistematização; adotar metodologias participativas que dialoguem com o conhecimento popular, técnico e acadêmico; conhecer a realidade local e o perfil do grupo; firmar parcerias e dividir responsabilidades; garantir estrutura adequada que possibilite conforto e valorização aos sujeitos; utilizar materiais recicláveis (ecologicamente corretos), audiovisuais e tecnologias da informação e comunicação; adotar postura zelosa e cuidadosa; e criar roteiros bem encadeados, com uma boa lógica interna – deve-se ter em mente que o roteiro é uma referência, portanto, deve ser flexível e avaliado sempre que necessário para elucidar quais os elementos fundamentais, imprescindíveis.

No que se refere à metodologia, recomenda-se a utilização de instrumentos simples, buscando acrescentar técnicas agradáveis e adequadas aos objetivos de cada passo, tendo cuidado e sendo criativo na utilização de técnicas e dinâmicas, sobretudo as criadas por outros, pois a melhor técnica do mundo não se adequa por si mesma a qualquer grupo e a qualquer situação. Também é necessário cuidado quanto à linguagem dos(as) assessores(as), evitando expressões acadêmicas complicadas, inadequadas à fácil compreensão de todos(as).

Em relação às atividades formativas dos movimentos populares, é necessário definir com nitidez o objetivo da ação proposta (o que, por quê, como, onde, quando, quanto e quem); realizar a avaliação continuada durante o processo de elaboração e

execução; fazer com que as atividades atendam às intencionalidades dos objetivos; desenvolver as ações a partir da realidade de cada Movimento Social; prestar contas dos recursos adquiridos; mostrar estratégias para monitoramento das ações implantadas; provocar diálogo entre o poder público e a sociedade civil; acompanhar a conjuntura; trabalhar os conflitos e contradições; fortalecer as lutas e organizações sociais e populares; criar mecanismos de visibilização dos impactos; oportunizar espaço de participação e formação aos sujeitos dos Movimentos Sociais populares; e fortalecer a participação social no município e/ou região.

No campo dos valores, dos comportamentos e atitudes, nos processos pedagógicos e na postura das educadoras e educadores, é importante pautar-se na ética e no respeito às diversidades, solidariedade, criticidade e combate às atitudes patriarcais, assistencialistas e racistas. Para tanto, deve-se garantir acessibilidade às pessoas com deficiência, na perspectiva do anticapacitismo nas ações coletivas. Ao identificar os desafios apresentados pelas análises e sínteses das experiências e exposições dialogadas, era comum o momento de propor recomendações para a melhoria das práxis da educadora e do educador, instigando-lhes princípios básicos de orientação para os movimentos populares, entidades sociais, organizações, redes e coletivos na realização das atividades de formação. Assim destacam-se alguns pontos, a saber: o cuidado para perceber a especificidade como ponto de partida que mais sensibilizasse os sujeitos do processo formativo; a formação a partir da realidade de cada grupo, do seu nível de percepção das relações, das suas experiências de lutas, do seu nível de compromisso político; a escolha dos instrumentos pedagógicos a serem produzidos e utilizados (áudios, cartazes, desenhos, textos etc.); a formação na ação, mas não só nela, pois era preciso assumir um processo sistemático, cotidiano, contraditório, ou seja, a formação

não acontece apenas nas atividades de mobilização e/ou nas organizações populares, mas também em momentos específicos e sistemáticos de reflexão, avaliação e estudo, a exemplo das oficinas, encontros, seminários, núcleos de estudos etc.

Outro destaque é a importância da maleabilidade do plano de trabalho para que a formação seja flexível e dinâmica, considerando-a como uma prática da cultura organizacional dos movimentos, organizações, coletivos e redes. Deve-se pautar a avaliação não apenas para avaliar o que acontece no movimento, mas para a construção do saber dos sujeitos. Também é fundamental estimular o exercício da escrita como uma forma de aprender a escrever o que se fala para se apropriar do conhecimento produzido e desenvolver a capacidade de elaboração do pensamento.

O planejamento das ações e avaliação devem fazer parte da cultura cotidiana dos Movimentos Sociais, buscando envolver os sujeitos da ação educativa e o conhecimento da realidade das comunidades/territórios onde se vai atuar. Neste sentido, a realização dos diagnósticos, pesquisas, intercâmbios etc. podem ajudar no alcance dos resultados desejados. Da mesma forma, a sistematização das experiências deve também ser considerada como uma prática valiosa para se repensar e desenhar os passos futuros.

Enfim, as expressões da vida do povo e, especialmente dos Movimentos Sociais Populares nos encontros, reuniões e festas, mesmo no universo imaginário coletivo, devem ser resgatadas no trabalho de formação, bem como no conhecimento acumulado (científico, acadêmico, teórico e técnico, entre outros).

Referências

ÁVILA, Maria Betânia; ALVES, Mércia; ARANTES, Rivane. Na pandemia, nós mulheres “estamos de luto e lutando”. *Coletiva*, [s. l.], n. 16, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www.coletiva.org/politica-e-cidadania-n16-na-pandemia-nos-mulheres-estamos-deluto-e-lutando-por-maria-mercia-e-r>. Acesso em: 27 maio 2025.

BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e Não Atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COMO uma onda. Intérprete Lulu Santos. LP, Álbum 1983.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Caderno “Da Identidade à Sustentabilidade: Estratégias e Gestão dos Movimentos Populares”*. Recife. Educação Popular Série 3, 2009.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Caderno Educação Popular: Movimentos sociais e Educação Popular no Nordeste*, Série 1. Recife, 2003.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Cidadania, governança social e desenvolvimento territorial: um processo formativo plantado no chão do Nordeste*. Recife. EQUIP, 2015. 200p.; IL.- Série Educação Popular; n.5.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Curso Regional de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste Brasileiro (Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia e Piauí)*, 2017/2018.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Curso sobre Metodologias de Educação Popular para Movimentos Sociais*, Sergipe, 2019.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). Freire, Oscar Jara, Valéria Rezende: Uma concepção metodológico-dialética – CMD – da Educação Popular.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Registro da Roda de Conversa dos Educadores e Educadoras Populares de Pernambuco*. Turma III, Modalidade virtual, 2019.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Registro do Curso de Formação para Educadores Populares: Recomendações Metodológicas produzidas desde 1990*.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Relatório da Oficina Regional de Preparação para o Curso Regional para Educadores Populares do Nordeste*, 2017/2018.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Relatório da Primeira etapa do primeiro curso para “monitores dos movimentos populares do Nordeste”*. EQUIP: Recife: maio de 1990.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Relatório do Curso de Educadores Populares do Nordeste*. Recife, 1995.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Relatório do Curso de Monitores para o Movimento Popular, I e II Etapa*. Recife, 1990.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Relatório do I Encontro Inter-regional: Atualização Metodológica em Educação Popular*. Tema: Movimentos Sociais e Democracia: Os desafios para a Educação Popular e a reinvenção da política no Brasil. MDA/EQUIP: Olinda, 14 a 17 de novembro de 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção de polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. Conscientização: uma nova visão do processo. *Revista de Cultura da Universidade do Recife*, Recife, n. 4; abr./jun. 1963.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Como sistematizar experiências: texto para o processo formativo. Rede de Educadores do NE/Núcleos RN/ EQUIP, 2018.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-sistematizar-experiencias/para-sistematizar-experiencias-livro-oscar-jara.pdf>. Acesso em: 26 maio 2025.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ITAMARACÁ, Lia. Minha Ciranda. Intérprete Lia de Itamaracá. CD Eu Sou Lia, faixa 2. Álbum 2000.

NASCIMENTO JÚNIOR, Luiz Gonzaga do. *Memória*. Álbum: Alô, Alô Brasil, 1983.



Edupop 2005,
Maceió-AL



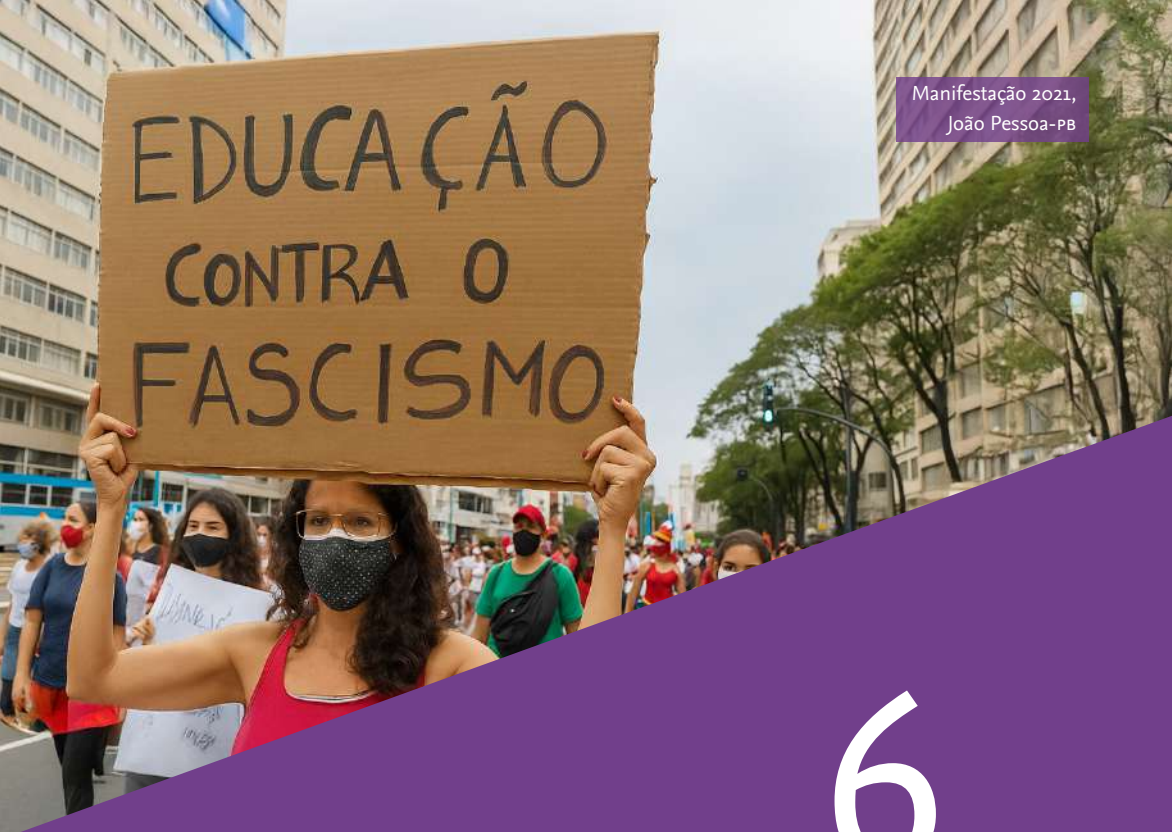
Oficina 2009,
Olinda-PE



Curso 2018,
Sergipe



Coletivo 2013,
Itamaraca-PE



6

A Educação Popular e as consequências do trabalho formativo para a vida dos Movimentos Sociais populares

Douraci Vieira dos Santos

Joana Santos Pereira

Maria das Graças do Nascimento

Rosangela Alves Bolte

Compartilhando o que bebemos na fonte das valiosas experiências

[...] é tão bonito quando a gente entende que a gente
é tanta gente, onde quer que a gente vá.

E é tão bonito quando a gente sente, que nunca
está sozinho ou sozinha por mais que pense estar [...]

(Gonzaguinha)

Cada processo de formação vivido por cada pessoa, bem como pelos coletivos, tem seu ritmo e sua dinâmica e os resultados são os mais diversos, gerando aprendizados e conteúdos com manifestações de diversas naturezas e registros diferenciados. Nessa experiência de sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, a partir dos 56 depoimentos feitos pelos participantes do processo, os conteúdos explicitados nos revelam que até os vazios das escritas nos remetem a ricas experiências vividas por dezenas de pessoas envolvidas nas mais variadas ações – e muitas delas ainda estão bem vivas Nordeste afora. Trata-se de um apaixonante exercício que transformou a vida de muitos de nós e a vida dos Movimentos Sociais onde atuamos.

Os processos de sistematização na Educação Popular sempre são desafiadores, visto que o real é sempre mais rico e complexo

do que a possibilidade de qualquer teorização. Da realidade nós podemos sistematizar apenas fragmentos a partir do nosso olhar, de nossos valores e das condições objetivas postas. Nesse sentido, colocamo-nos a tarefa de verificar a efetividade da Educação Popular na vida dos Movimentos Sociais dos quais provinham as(os) educadoras e educadores ativistas e militantes de várias organizações do campo e da cidade. Identificar as consequências nos Movimentos Sociais, no fundo trata-se de analisar qual o alcance da Educação Popular num processo de transformação social na perspectiva da emancipação humana.

Vale ressaltar que o significado do que é Educação Popular aqui colocado faz cumprir o que Paulo Freire chamou em *Pedagogia do oprimido* (1999) de “palavra verdadeira”, como sendo a síntese entre teoria e prática que as pessoas conseguem fazer em sua própria realidade. Dizer sua palavra, a palavra que liberta, acontece quando o educando e a educanda são capazes de ressignificar o real, a partir de seu lugar de fala.

Para tentar compreender o que foi relatado por quem respondeu aos questionários, a comissão do projeto inicial da sistematização elegeu alguns aspectos que tratamos como subtemas e julgamos serem adequados para o objeto de nosso estudo, ao serem analisadas as consequências do processo formativo na ação dos Movimentos Sociais populares nos quais esses educadores e essas educadoras estavam envolvidos(as).

Nesse sentido, apresentamos uma síntese de nossa análise a partir dos seguintes subtemas: 1) *Os contextos em que aconteceram as experiências*; 2) *Os modelos organizativos, a dinâmica de funcionamento e a capacidade mobilizadora*; 3) *As conquistas para melhorar a vida do povo e a relação entre as lutas imediatas e os projetos estratégicos de sociedade*; 4) *As subjetividades nas diversas dimensões da vida (gênero, identidade étnico racial, diversidade sexual etc).*

Numa primeira leitura, é possível afirmar que o ponto forte dos depoimentos está centrado no impacto da metodologia da Educação Popular na vida das educadoras e educadores, mas encontramos importantes registros quanto ao retorno desse processo na ação do Movimento Social com o qual a(o) cursista estava envolvida(o).

Consideramos que talvez tenha havido um descompasso na percepção da importância dos registros como matéria-prima para a sistematização, ou quem sabe, a distância no tempo entre a realização dos cursos e o início desse trabalho haja produzido um resfriamento na mobilização das pessoas envolvidas. Pode também ter havido um descompasso entre os subtemas que elegemos e o que encontramos nos depoimentos, haja vista que a recomendação dada pelo grupo que inicialmente coordenou o projeto da pesquisa foi para que se fizesse um depoimento de forma livre. Mesmo assim, no nosso entendimento, isso foi um direcionamento correto, porque muitos elementos interessantes foram relatados. Além do mais, os procedimentos adotados no processo permitiram que todos que fizeram as análises dos depoimentos pudessem contribuir com cada grupo específico e ao mesmo tempo com o conjunto da obra.

Alguns subtemas foram mais desafiadores, a exemplo dos *modelos organizativos e a dinâmica de funcionamento do movimento*. Muitos depoimentos trataram desse assunto relacionando-o à Rede de Educadores e Educadoras Populares e à EQUIP e não ao movimento do qual fazia parte. *A respeito das conquistas para melhorar a vida do povo*, apareceram mais fortes aquelas ligadas ao espaço da ação do movimento e muitas vezes se referiam à trajetória de vida da(o) educadora/educador. Para a questão que tratou dos *contextos em que aconteceram as experiências*, a estratégia foi pinçada de suas trajetórias de vida –ao falarem dela, foi possível

encontrar elementos de conjuntura e contextos mais amplos. Aí encontramos muitas pérolas... Os *projetos estratégicos de sociedade* apareceram, porém poucos estavam ligados às lutas imediatas, tratando mais de “horizontes estratégicos”. Em *outras questões*, destacam-se elementos tais como: subjetividades, diversas dimensões da vida, gênero, identidade étnico-racial, diversidade sexual etc. Optamos, assim, por apresentar algumas informações que não estavam contidas nos questionários, mas em vários outros relatos no processo, que não poderiam ser ignoradas por sua riqueza infinita e que por si só já dariam uma produção própria.

Os contextos em que aconteceram as experiências formativas

O contexto político da última década do século xx e das duas primeiras décadas do século xxi vai além da virada de um século para outro. No caso do Brasil, apresentam-se particularidades que são importantes destacar. Depois da derrota eleitoral dos setores populares em 1989 (Lula não se elegera presidente), a direita se reorganizou e impôs ao país uma agenda neoliberal. Essa agenda, com tudo o que ela representa na vida do povo, somada à derrocada dos países socialistas, criou um sentimento de derrota na maioria dos dirigentes dos diversos setores de esquerda.

A década de 1990 foi fortemente impactada pela ascensão do neoliberalismo no Brasil, com debates e investimentos internacionais ameaçando nossa soberania, a exemplo da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), trazendo a adoção do dólar como moeda única e o controle dos mercados por empresas dos Estados Unidos. Muitas reações ocorreram, principalmente manifestações de setores importantes da economia no Brasil.

Depois da euforia política da década anterior no país, com o movimento de massa “Diretas Já” e toda a mobilização pela As-

sembleia Nacional Constituinte, os anos 90 foram uma “ressaca geral”. Lula perdeu a eleição, a revolução sandinista foi derrotada e caiu o muro de Berlim! Era o triunfo do capitalismo! Muitos militantes adoeceram, outros abandonaram a luta, e alguns até mudaram de lado. No final dos anos 1990, entre os grandes problemas, destacamos a fome, o desemprego e o analfabetismo no país, fenômenos que permanecem até hoje acrescidos de outros.

As lutas têm sempre seus momentos de ascensão, quando as forças populares se juntam e reagem. Em 1995, surgiu uma importante mobilização durante as “comemorações” da Independência do Brasil: o “Grito dos Excluídos e das Excluídas”. Muitas pessoas preocupadas com as desigualdades sociais do nosso país indagavam-se: há mesmo algo a comemorar? E então foram às ruas no Sete de Setembro com um desfile de muita simbologia que ecoou com o lema “A vida em primeiro lugar”. Era necessário denunciar a desigualdade social brasileira, dando visibilidade à existência de “dois Brasis”.

A partir de então, a primeira década do novo milênio ficou marcada por mudanças conjunturais importantes. Os setores progressistas elegeram, em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva (do Partido dos Trabalhadores) como presidente do Brasil por meio de uma frente ampla de partidos. De 2003 a 2014, durante os três mandatos do chamado “campo democrático”, o país viveu um período de avanço nas políticas públicas de inclusão social e participação da sociedade civil por meio da criação de diversos conselhos, da realização de conferências públicas, além de outros espaços de debates sobre a melhoria da qualidade de vida da população, em especial a mais empobrecida, que, durante esse período, saiu do mapa da fome. Contudo, não conseguiram fazer mudanças estruturais, de forma que o grande capital ficou intocável, os banqueiros continuaram acumulando lucros e houve

um avanço significativo do agronegócio. O governo de perfil neodesenvolvimentista que favoreceu conquistas para a classe trabalhadora mostrou-se insuportável para a elite brasileira e para parte da classe média conservadora e reacionária.

Porém, como diz a expressão popular “vida que segue”, passos significativos foram dados e os caminhos das lutas se modelaram para alcançar novas conquistas. Em 2011, por exemplo, foi sancionada a Lei nº 12.527 que regulamentou o direito constitucional de acesso dos cidadãos e cidadãs às informações públicas, mecanismo aplicável aos três poderes da União, estados, Distrito Federal e municípios. Sua sanção representou um passo muito importante para a consolidação do regime democrático no Brasil e para o fortalecimento das políticas públicas de transparência pública.

Em 2013, aconteceu um fato político que reforçou o movimento de ultradireita, quando aconteceram as chamadas mobilizações de rua em torno da reivindicação contra o aumento das tarifas dos ônibus, que na época ficaram conhecidas como a luta contra os “famosos” 20 centavos de aumento, uma vez que em São Paulo a tarifa que era de 3,00 passaria para 3,20. Essas manifestações expandiram-se para além de São Paulo, sendo realizadas simultaneamente em outras capitais, como Rio de Janeiro, Natal e Recife, entre outras. Houve a participação de vários Movimentos Sociais e em especial dos estudantes que enfrentaram muita repressão policial, o que a grande mídia tratou de divulgar como reação contra atos de “vandalismo.” Com a entrada do Movimento Brasil Livre (MBL), por ser ligado a setores conservadores de direita, vários movimentos populares não deram continuidade de apoio à luta. Esses fatos nos trazem reflexões em relação às práticas e conceitos de diversas organizações em processos de lutas e mobilizações sociais.

Os grupos que concentram riquezas e poder ao longo da história não aceitaram mais um resultado negativo das eleições. Em 2014, elegeu-se para o seu primeiro mandato a presidenta Dilma Vana Rousseff (do Partido dos Trabalhadores), primeira mulher a ocupar o cargo. A reação foi logo manifestada da forma mais cruel, somada ao machismo, à misoginia, à discriminação e aos preconceitos para desestabilizar seu governo. Iniciou-se, portanto, um processo de ruptura democrática expresso por um golpe travestido de *impeachment*, orquestrado pela direita no Brasil, sendo consolidado em 2016, assumindo o vice Michel Temer, considerado o grande traidor desde o início da aliança eleitoral.

Em 2018, quando já estávamos num tempo de grande encolhimento do papel do Estado, ocorreu a prisão do ex-presidente Lula e a eleição de Jair Bolsonaro. Setores do poder judiciário, aliados ao jornalismo manipulado pela grande imprensa, promoveram um período danoso para o povo brasileiro, com atitudes de valorização do ódio, aumento da violência, desrespeito aos direitos humanos, e perseguições e mortes de lideranças, numa nítida tentativa de criminalização dos Movimentos Sociais.

A partir de 2019, o país viveu uma conjuntura de intenso retrocesso em todos os campos, com fome, empregos precarizados, desemprego... Em 2020 e 2021, esse cenário foi agravado pela pandemia de Covid-19, que expôs a crueldade do modelo de Estado neoliberal, aliado a uma perspectiva de governo neofascista com tudo o que ele representa. Um dos piores resultados desse contexto foi o saldo de mais de 700 mil mortos pela pandemia no país. Foi, então, que se tornou mais visível a importância do Sistema Único de Saúde (sus) como modelo de política pública implantada com atendimento universal em todos os estados e municípios brasileiros. Porém, para seu pleno funcionamento, faz-se necessária muita responsabilidade no uso dos recursos e

no atendimento de que a população necessita. Durante a pandemia, ficou mais evidente a ineficiência das gestões na hora em que os serviços estavam sobrecarregados e o seu estrangulamento gerou o caos, em alguns estados com mais gravidade. Somando-se a isso, houve o descaso do governo federal, cujo presidente, tratado como “genocida”, e seus seguidores negacionistas tentaram emplacar um tratamento sem eficácia com o uso da medicação cloroquina, fazendo campanha de desmotivação da vacinação, considerada pela ciência como o método mais eficaz para a prevenção. Além disso, o governo de Bolsonaro atrasou as medidas de aquisição e distribuição de doses da vacina contra o novo coronavírus.

Numa atitude irresponsável, o próprio presidente zombava publicamente do sofrimento e das mortes, ora imitando uma pessoa sem ar, ora dizendo que não era coveiro quando pediam mais apoio para enterrar seus entes queridos, deixando as famílias mais aterrorizadas e se sentindo sozinhas nessa batalha pela vida. Muitas manifestações de “Viva o sus” foram publicizadas para valorizar o sistema e a dedicação dos profissionais da área envolvidos diuturnamente nos atendimentos. Outra atitude importante foi a ampliação das campanhas de solidariedade nos diversos níveis, com destaque para a arrecadação e distribuição de materiais de higiene para prevenção e cuidados, buscando-se evitar a contaminação e disseminação do vírus, além de iniciativas diversas, em especial, entre as comunidades de baixa renda, para ajudar no combate à fome, piorada com o aumento do desemprego entre famílias em situação de vulnerabilidade social. Os Movimentos Sociais se uniram nessa frente de cuidados e afetos e se engajaram na campanha “*Vacina no braço, comida no prato*” para aumentar a voz da luta em defesa da vida.

Com essa síntese, buscamos pontuar as principais questões trazidas pelos contextos que influenciaram diretamente nas

decisões acerca da necessidade urgente de ter a Educação Popular como referência da prática política, com processos ativos profundos e permanentes. Um exemplo desse modo de fazer, são os Cursos para Educadores e Educadoras dos Movimentos Sociais promovidos pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares e Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, cujos registros dão conta das turmas participantes no período de 1990 a 2019. A última referência de realização do curso no formato presencial foi o ano de 2019, já numa conjuntura perversa com o início do mandato do governo Bolsonaro, sendo que algumas turmas nos estados concluíram as últimas etapas de forma virtual.

Em um período de 30 anos da realização dos “cursos de formação”, percebemos que, além de ter proporcionado mudanças e inquietações nas vidas das pessoas, estamos falando também da sua realização em diversos contextos e da dimensão territorial, abrangendo os nove estados do Nordeste. Esse aspecto tem uma estreita relação com a estratégia institucional da EQUIP na atuação regional. Daí, aparecem as iniciativas de construção de parcerias com e entre Movimentos Sociais, ONGs, redes e articulações, e com a contribuição de sócios e sócias da EQUIP na região.

Um dos resultados desse processo formativo foi a criação da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, por decisão dos participantes das atividades como forma de se manterem articulados na região. No início da década de 1990, os movimentos tradicionais atravessavam uma “ressaca coletiva”, contudo, quem estava participando dessa Rede vivia essa conjuntura de forma diferente. Talvez pelo fato de se conhecerem e se articularem com outras pessoas e diversos movimentos em diferentes estados, isso fez com que a esperança fosse potencializada pela ação coletiva.

Ao longo desses 30 anos, a Rede tornou-se o principal espaço que aglutina muitos cursistas, dirigentes, ativistas e agentes sociais, firmando-se como uma forte parceira na realização das atividades nos estados. Sempre presente e citada como sujeito social na atuação da Educação Popular, tomou corpo, evoluiu, realizou, deu voz e se fez protagonista juntamente com outras redes e articulações nas lutas por transformação social na região. Os encontros regionais que reuniam os cursistas de todo o Nordeste revelavam uma cara nova e uma ebulição com muitas lutas, experiências inovadoras, surgimento e empoderamento de novas lideranças e vontade enorme de dar continuidade a esse modo de fazer.

Para ilustrar o que está sendo dito, apresentamos os depoimentos de duas educadoras que situam sua trajetória de vida nos diversos contextos históricos:

[...] Ingressei na UFRN em junho de 1986 para cursar Serviço Social. Estava muito feliz, pois na época era muito difícil uma jovem pobre como eu chegar à universidade. No meu bairro, poucas e poucos da minha época alcançaram esse lugar. Desde o primeiro ano de curso, comecei a participar do Centro Acadêmico e das eleições para o DCE, paralelo à militância na PJMP [...] no ano de 1993, passei na seleção para assistente social do Serviço de Assistência Rural (SAR), que é uma instituição vinculada à Arquidiocese de Natal. Como um serviço da Igreja Católica, o SAR situava-se na linha da Evangelização Libertadora, que tem como eixo norteador a opção preferencial pelos pobres definida no documento de Puebla. (Ilena Felipe Barros, RN).

Formada nas lutas, ela revela que:

[...] se dedicava à assessoria de trabalhadores(as) rurais em áreas de conflito de terra; organização de trabalhadores(as) assalariados da cana-de-açúcar e fruticultura irrigada no Vale do Açu; organização de mulheres trabalhadoras rurais; além da assessoria aos sindicatos de trabalhadores rurais. (Ilena Felipe Barros, RN).

O seguinte um relato revela como, a partir da sua própria história de vida, o contexto histórico vai sendo narrado:

[...] Nasci durante a Ditadura Militar. Cresci num contexto religioso numa cidade de romarias. A instituição Igreja era tradicional e restrita, mas dentro tinha pessoas abertas aos apelos dos novos tempos. Religiosidade Popular e Teologia da Libertação se cruzavam no mesmo cenário [...] em 1988 e 1989, no Rio Grande do Sul, convivi com muitas pessoas de Movimentos Sociais e de Igreja: CEBI, CEBs, CPT, ocupações de terra pelo MST, Romarias da Terra. Aderi ao Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais e aprendi com elas. [...]

[...] Entre 1993 e 1997, o Curso de Serviço Social na UFPB foi um vetor de participação em diferentes segmentos da sociedade. Estagiei na Cáritas Arquidiocesana da Paraíba, no Programa de Luta por Moradia. Com percursos e percalços, o processo foi prazeroso em descobertas e aprendizados sobre lutas, Movimentos Sociais, papel da Igreja na organização do povo, enfrentamento e negociação política, ações cidadãs. (Maria das Graças do Nascimento, PB).

Nesse sentido, vale salientar que também a formação bíblica levada para a Rede de Educadores no Curso de Formação incluía a denúncia das injustiças e o anúncio da palavra. A Leitura Popular da Bíblia alimentou as buscas de muitos cursistas. Mística e utopia se entrelaçavam nas melodias, cantos, poesias e expressões, e, assim, os sonhos se ampliavam. Deixar-se moldar por uma fé ativa no exercício de acolher credos, crenças e cultos trouxe um espírito ecumênico para o curso.

Para essas e esses educadores, a fé leva à convivência comunitária e mística, e a política desperta, na “Comunidade de Vida”, o conhecimento dos problemas e a busca de soluções através do “treinamento do olhar”. Para os cristãos, esse deve ser um olhar espiritualizado e politizado sob o prisma da Teologia da Libertação, na qual o Evangelho é promessa de fidelidade de um Deus que se mistura ao povo para “esperançar” com Ele.

Movimentos Populares do Nordeste: modelos organizativos, dinâmica de funcionamento e capacidade mobilizadora

Apresentamos a seguir algumas sínteses que ajudam nesse processo de sistematização, situando a ação dos Movimentos Sociais e populares nos diferentes contextos históricos. Para isso, valorizamos os escritos do companheiro Paulo Afonso que apresentam uma tipologia definidora dos perfis dos Movimentos Sociais presentes na região, principalmente nas décadas de 1980 e 1990 (Brito 2003).

O autor os classifica da seguinte forma: *Movimentos do associativismo comunitário*, *Movimentos ligados às necessidades coletivas*, *Movimentos específicos ligados à construção de identidades coletivas*, outros ligados ao mundo do trabalho, à produção, geração de renda, e *Movimentos de juventudes e Movimentos indígenas*.

a) *Movimentos do associativismo comunitário*

Apresentavam-se sob várias denominações, entre as quais: associações de moradores, conselhos comunitários, e sociedades de amigos de bairro. Alguns desses coletivos atuam de forma clientelista, geralmente ligados a algum chefe político local, e servem mais para a execução de programas governamentais. Outras têm vida mais orgânica na comunidade, com atividades permanentes de caráter recreativo, realizando campanhas pontuais, ações culturais etc. Existem também nesse campo algumas organizações que são frutos das lutas populares por moradia, transportes públicos, saúde etc.

Destaca-se na realidade atual que algumas práticas continuam as mesmas, em relação à influência e controle dos políticos tradicionais na vida das organizações comunitárias de bairros. Por serem movimentos muito ligados às condições básicas da

existência, tornam-se vulneráveis ao imediatismo, corporativismo clientelismo e cooptação. Apesar dessa vulnerabilidade, essas organizações também são espaços de exercício da cidadania, de luta por direitos e de busca por melhorias na qualidade de vida.

b) Movimentos ligados às necessidades coletivas

Nessa categoria estão inclusos os movimentos por moradia, saúde e educação.

- *Moradia*: marcado por ações de ocupação coletiva em áreas e prédios públicos e privados. Outras experiências também são observadas nesse campo, tais como as organizações de mutuários, compostas por moradores de conjuntos habitacionais, ou de habitantes de áreas de risco. Destaca-se que houve significativos avanços na conquista por políticas de habitação popular, inclusive com ampliação de acesso a programas governamentais para famílias em situação de vulnerabilidade social. Nos últimos anos, algumas organizações têm se transformado, elas próprias, em produtoras de unidades habitacionais, adquirindo terrenos, cadastrando famílias e construindo a partir de convênios com o poder público. Surgiram boas conquistas de casa própria, porém têm trazido um acúmulo de responsabilidades, diminuindo o ritmo das lutas dos “sem casa” por pressão e negociações. Aconteceram em alguns casos até denúncias policiais por desvios de conduta de alguns dirigentes por conta de irregularidades no acesso, vendendo os imóveis aos usuários que deveriam ser beneficiários dos programas. Apesar de muitos problemas nos processos organizativos, esses movimentos têm acumulado importantes conquistas, a exemplo de:

[...] participação nos Fóruns de Reforma Urbana, pressão para garantir avanços democráticos nos Planos Diretores de

Desenvolvimento Municipal, definição de plataformas de luta a nível local, articulação nacional das lutas locais através do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN) e da Central de Movimentos Populares (CMP) (Brito, 2003, p. 54).

- *Saúde:* experiências de organizações populares com destaque para os fóruns populares de saúde, grupos de medicina alternativa, associações de agentes comunitários, movimentos populares de saúde, e fóruns de luta contra a aids. Nos últimos anos, têm ocorrido conquistas importantes com as relações criadas a partir de convênios através de editais públicos que garantiram às ONGs o acesso aos recursos para desenvolverem ações relevantes nos diversos campos da saúde.

[...] Herdeira de um debate acadêmico e de experiências de profissionais da área de Saúde, a questão da Reforma Sanitária incorpora os movimentos populares de Saúde e consegue articular um leque de forças sociais e políticas na participação popular, na eliminação dos privilégios, na inibição da corrupção. As conferências, os conselhos, a municipalização, o Sistema Único de Saúde (sus) são exemplos visíveis destas conquistas (Brito, 2003, p. 56).

- *Educação:* são muitas as experiências educativas visíveis na região Nordeste. Entre elas, destacam-se os grupos de Alfabetização de Jovens e Adultos, os fóruns de alfabetização, o Movimento de Educação de Base e as escolas comunitárias:

[...] Ainda na década de 70, quando os olhos da espionagem repressora da ditadura vasculhavam todas as esferas de organizações populares e políticas, iniciavam-se as primeiras lutas pela educação pública, pelo acesso à escola [...] as características principais foram os abaixo-assinados, as assembleias de bairro e as comissões responsáveis por reivindicar aos órgãos públicos a abertura de escolas e de mais vagas (Brito, 2003, p. 56).

O autor acrescenta ainda:

[...] Havia pequenos grupos que se reuniam quase que clandestinamente para estudar as obras de Paulo Freire. Livros como *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade* eram passados de mão em mão, lidos e refletidos nesses pequenos grupos. (Brito, 2003, p. 56).

Mas as mudanças chegaram! A Educação Popular foi fortalecendo-se e ampliando-se por dentro de vários projetos sociais e das universidades a partir do compromisso de docentes que conquistaram espaços e emplacaram um modo diferenciado no exercício das leituras, escritas e análises nos espaços das práticas e debates. Dessa forma, têm sido fundamentais o desempenho e o protagonismo em campanhas de defesa do legado de Paulo Freire, principalmente depois dos ataques do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) aos princípios da educação libertadora e ao método de aprendizagem freireano tendo provocado uma reação imediata manifestada através de uma campanha pública chamada “*Paulo Freire Vive*” (100 anos, 1921-2021): *Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire*, mobilizando centenas de organizações sociais e personalidades ligadas à área, que protagonizaram a reafirmação da importância dessa prática e da riqueza dos saberes que ela possibilita. Paulo Afonso de Brito coordenou esse processo na Região Nordeste, mobilizando forças e pessoas para marcar seu posicionamento e dar publicidade às ideias do grande mestre.

c) Movimentos específicos ligados à construção de identidades coletivas

Alguns movimentos, tais como o Movimento de Mulheres, o Movimento de Meninos e Meninas de Rua, o Movimento Negro,

e os Movimentos Ecológicos e de Defesa Ambiental, são destacados nesta publicação pela forte atuação na década de 1990. Atualmente, os apelos a partir das questões que mexem e modificam o planeta têm se tornado uma pauta mais frequente ocupando espaços nas mídias, porém as manifestações a partir dos Movimentos Sociais têm sido um pouco tímidas aqui no Nordeste. O Movimento de Pessoa com Deficiência Física, Sensorial ou Visual, que atualmente se acrescentou outras nomenclaturas: Auditiva, Intelectual, Psicossocial e Múltipla, vem pautando a sociedade para o enfrentamento dos preconceitos e da discriminação, na busca por inclusão com igualdade de oportunidades. A Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 de 2015 é um arcabouço legal primoroso, conquistado a partir de muitos esforços coletivos, porém o Brasil ainda é campeão de desrespeito. Mas o tema das acessibilidades e da defesa das Cidades Acessíveis, Inclusivas e Ambientalmente Sustentáveis vem ganhando mais visibilidade com a presença dessas pessoas em vários espaços, ocupando lugares como sujeitos protagonistas de suas próprias histórias, e buscando fazer parte e serem respeitadas nas suas diferenças. Somando-se a isso, existem movimentos dos que usam e defendem outros modais de transportes, como é o caso dos ciclistas e de centenas de profissionais que estudam, escutam, formulam e propõem alternativas de adaptações que modifiquem os ambientes internos e externos. Todos(as) levantam a bandeira do direito ao desenho universal para garantir o acesso de qualquer pessoa, não importando qual seja a sua condição.

O Movimento dos Homossexuais, atualmente definidos como os LGBTQIAP+, tem ampliado suas lutas, diversificando suas pautas e modelos organizativos e conquistando um arcabouço legal significativo. Naturalmente, vem ocupando mais espaços com o debate sobre o respeito às diversidades como direito às liberdades

individuais e coletivas. Ainda é um dos grupos que enfrentam as piores formas de desrespeito aos seus direitos, sofrendo os mais variados tipos de violência por sua orientação sexual.

Quanto às mulheres, registramos significativas conquistas pelo reconhecimento dos seus direitos legais nos vários espaços, porém as questões sociais que envolvem as relações de gênero continuam sendo muito discutidas, tamanho o desrespeito cotidiano impulsionado por práticas machistas, misóginas, discriminatórias e preconceituosas. O fato de ser mulher é motivo para muitos assassinatos, hoje tipificados como feminicídios, ou para ser assediada sexualmente, em grande parte por seus parentes, como se fossem objetos a serem usados para atender aos desejos de pessoas do mal ou doentias.

As conquistas de leis têm sido muito importantes, como a Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), que trata essas questões como crime, assegura atendimento especializado, principalmente nas áreas da saúde, segurança e assistência social, e torna mais visível a vulnerabilidade, denominando crimes contra as mulheres como problema social e não privado. Além disso, a referida lei ajudou a regulamentar os órgãos de defesa das mulheres e a punir criminosos. Contudo, ainda é difícil se viver de forma segura como mulher, pois as verdadeiras mudanças só podem de fato acontecer quando for gerada uma consciência pessoal e social de toda a sociedade contra tais atitudes machistas e feminicidas. Várias lutas vêm ecoando através de temas como direitos sexuais e reprodutivos, e violência doméstica e familiar, entre outros que se tornaram objetos de políticas públicas.

O autor, nos seus escritos, reconhece outros aspectos...

Está claro que estes movimentos também estão vinculados à luta pela sobrevivência e a qualidade de vida. Mas o tipo de convocação, ou a porta de entrada na organização popular é diferenciado:

parte de valores, da ética, da solidariedade. [...] Além disso, esses movimentos dialogam mais diretamente com as subjetividades das pessoas e grupos [...]. Ao mesmo tempo em que buscam romper com valores dominantes tão fortemente incorporados à nossa cultura, levanta-se a possibilidade de cultivar novos valores como o respeito à diferença, à tolerância, ao pluralismo (Brito, 2003, p. 57).

d) Movimentos ligados ao mundo do trabalho

Compõem esse grupo alguns movimentos do campo: Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores (MT), Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) e Organização da Luta no Campo (OLC). Além desses, encontram-se ainda, nesse período, outros movimentos no campo, tais como: federação dos trabalhadores na agricultura e seus sindicatos, Comissão Pastoral da Terra (CPT), associações e colônias de pescadores e várias associações e cooperativas de trabalhadores. No campo do trabalho associado, afirma o autor:

[...] Essas experiências buscam ser um passo adiante dos antigos “projetos alternativos” em geral vistos como emergenciais ou imediatos, diante de situações de extremas necessidades. [...] gestam-se alternativas populares [...]. Elas são uma afirmação que alguns estão definindo como “economia solidária”, ou “economia alternativa”. Elas não se propõem apenas como alternativas econômicas, mas um modo de exercício da cidadania, de organizar as relações sociais. Parecem ser experiências que tendem a crescer e a se multiplicar nos próximos períodos (Brito, 2003, p. 71).

É interessante observar que, passados quase 18 anos, a realidade mostra que o autor tinha razão nas análises que fazia. Nesse campo, vimos que as ações de trabalho e renda dos setores populares se transformaram em um Movimento Social importante, a exemplo do Fórum Nacional de Economia Solidária, que aglutina

em torno de 19 mil empreendimentos de economia solidária, diversas organizações de apoio e fomento e gestores públicos organizados em rede própria.

e) Movimentos de Juventudes

Nesse campo, destacamos o Movimento Estudantil, as Pastorais de Juventude, o Movimento de Juventude do Meio Rural e os grupos e movimentos culturais, entre outros. Segundo o autor, já havia na época um entendimento de que a juventude deveria ser reconhecida na sua pluralidade, ou seja, como “juventudes”, tamanha era a diferença das demandas entre as classes sociais e seus segmentos, que por sinal atualmente é tratada assim por suas diferentes formas e modelos organizativos.

Entre os Movimentos Sociais da época, o destaque é para a diversidade dos coletivos culturais e juvenis, a exemplo da Tropicália, do Cinema Novo, da Bossa Nova, do Rock Nacional, do Funk Brasileiro, do Manguebeat etc. As influências do Movimento Punk dos anos 70 ainda se mantiveram vivas, expressas nas bandas musicais que entoavam as vozes das pessoas da periferia, cansadas do silêncio pelo autoritarismo no país. Outras tantas manifestações da cultura popular foram se ampliando: os carnavais, as danças, as festas folclóricas, a cultura regional, a literatura de cordel, o samba, o frevo, a capoeira, os artesanatos, as cantigas de roda, e as infinitas expressões que remetem aos significados e modos de vida do povo, no nosso caso, os nordestinos e suas peculiaridades.

f) Movimento Indígena

O autor faz um importante resgate sobre os processos organizativos dos povos indígenas, atualmente denominados de povos

originários. Resgata a resistência de alguns povos indígenas no Nordeste: “Fica claro, como direito histórico, a luta e a resistência em defesa da terra. Os povos indígenas lutam pela sua sobrevivência material e cultural” (Brito, 2003, p. 71).

Nesse processo, ele destaca a presença das organizações parceiras como importantes aliadas: organismos de igrejas, o CIMI, atuação das ONGs, como o Centro de Cultura Luiz Freire, setores ou serviços das universidades, e uma série de outras organizações dos Movimentos Sociais populares espalhados pelo Nordeste.

É na esteira das diversas lutas sociais e diferentes espaços organizativos que a EQUIP e a Rede de Educadores vão realizar os seus processos formativos, no caso em análise, os cursos de educadores populares cuja trajetória conta com mais de 30 anos de existência.

No decorrer desse período, a conjuntura no país mudou e exigiu dos diversos Movimentos Sociais ajustes nas estratégias, nas bandeiras de lutas e, em alguns deles, na própria identidade do coletivo. Algumas terminologias foram incorporadas ao longo dos anos, com novos conteúdos e novas expressões para referenciar as diversas identidades.

Só para registrar algumas dessas mudanças, situamos o caso do movimento indígena, que se identifica atualmente como “movimento dos povos originários”. As comunidades que antes eram chamadas de “índios isolados” hoje são identificadas como “povos autônomos”.

Nesse sentido, é importante destacar que o Estado brasileiro, por meio do Decreto 6.040/2007, assinado pelo presidente Lula, promoveu um grande avanço. Isso porque não só instituiu a Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, como também reconheceu a existência de diversos povos e comunidades que organizam sua produção, seus costumes e modos de

vida de forma diferenciada. São as comunidades quilombolas, as de catadoras de mangaba, as ribeirinhas, as de vazanteiras(os) e quebradeiras de coco, entre tantas outras. No caso dos indígenas, eles reivindicam uma particularidade nesse espaço da luta política, por isso, autoreconhecem-se como povos originários. Com a volta do governo Lula (de 2022 a 2026), está sendo criado na estrutura de gestão um Ministério dos Povos Originários para coordenar essa política, que irá aglutinar as principais reivindicações e soluções para os 305 povos indígenas brasileiros na conservação de seus modos de vida e territórios.

Quanto ao mundo rural, nas últimas duas décadas, a luta foi hegemonizada pelo MST. O movimento se articulou internacionalmente pela Via Campesina e modificou suas estratégias. É, sem dúvida, um dos movimentos mais significativos na luta ambiental. Junto com o Movimento Nacional de Agroecologia e da Articulação do Semiárido Brasileiro, tem modificado o cenário, de forma especial na região Nordeste.¹

A luta das mulheres e do movimento feminista também foi potencializada pela presença das rezadeiras e das doulas, assim como pelo reconhecimento de que as mulheres negras lutaram e lutam por garantias de seus direitos e pelo fortalecimento da pauta antirracista. São muitos os grupos de mulheres e de feministas que se unem em lutas nacionais e internacionais, debatendo questões de gênero, direitos das mulheres e enfrentamento da violência, tendo avançado com algumas conquistas na legislação, para um tratamento mais rigoroso em relação à violência doméstica e familiar e aos casos de feminicídio. Mesmo

¹ É importante salientar que aqui se trata de grandes redes e articulações compostas por vários atores sociais: Movimentos Sociais, ONGs, universidades, governos populares etc.

após a implementação da Lei Maria da Penha, com todo o seu arcabouço normativo, e a ampliação dos serviços de atendimento e assistência às mulheres e suas famílias, a sociedade continua com uma forte marca de atitudes machistas e reacionárias, dificultando o avanço na igualdade dos direitos das mulheres.

No caso dos movimentos de juventudes, a novidade vem da periferia. São vários movimentos, entre eles a Pastoral de Juventude do Meio Popular, em que, desde o início dos anos 90, vários educadores e educadoras participam e/ou são tidos como referências por suas práticas nesse segmento. Com o surgimento do Levante Popular da Juventude e de movimentos juvenis ligados à cultura do Hip-Hop, entre outros, os jovens conseguiram inovar em suas práticas de incidência política, além do fato de que conseguem transitar na periferia, das pastorais à universidade, agregando em suas ações a arte, a mística e a alegria pela luta política. Nesse processo, vale ressaltar a criação da Rede de Jovens do Nordeste, fruto da ação de formação da EQUIP junto aos jovens e movimentos juvenis participantes das ações formativas e dos cursos de educadores e educadoras em diferentes épocas.

No tocante à educação, vale destacar as ações do Centro de Educação Popular na América Latina e Caribe (Ceeal), que iniciou e ainda mantém experiências voltadas às ações de “educação de jovens e adultos”, mas que tem avançado para além dessa dimensão. A EQUIP é parte desse espaço de articulação e traz sempre como referência a atuação em rede junto às(aos) educadoras e educadores no Nordeste.

Quanto aos Cursos de Educadores e Educadoras Populares, eles foram alimentados pelos diversos Movimentos Sociais em diferentes conjunturas. Atores sociais que se modificaram e ajustaram suas estratégias na perspectiva da construção de um projeto societário justo, democrático e solidário.

A pedagogia freiriana considera o pensamento histórico e a educação como construtores das reflexões e das relações consigo e com o mundo, e faz a(o) educadora/educador se perceber na condição de sujeito da história. Esses são elementos que compõem o horizonte político e pedagógico desse processo formativo no Nordeste, uma vez que um dos critérios de participação no curso era a(o) educadora/educador ter algum tipo de vínculo com os Movimentos Sociais.

As etapas do curso com as primeiras turmas do período de 1990 a 1995 foram realizadas em Recife e em Cabedelo, com a presença em torno de 20 a 40 pessoas por atividade. A quantidade estava relacionada ao pressuposto metodológico de forma a garantir a integração e os aprofundamentos teóricos por parte dos participantes, sendo uma orientação seguida em todos os cursos.

Dando continuidade ao processo de articulação e organicidade, a EQUIP e a Rede realizaram reuniões com representantes dos estados que compunham o coletivo da Rede de Educadores e Educadoras, tendo produzido uma carta aos(as) educadores/educadoras, com o objetivo de compartilhar as modalidades, conteúdos, organização, estrutura e metodologia, incluindo a sistematização de experiências, reforçando, nos estados, as parcerias locais para a realização das ações. Em relação às informações referentes à participação dos cursistas nas atividades formativas em âmbito regional no Nordeste, elas são denominadas de ações de formação centralizadas e descentralizadas.

São diversas as ações formativas, entre as quais destacamos: Seminário de Atualização Metodológica em Educação Popular, Curso para Educadores(as) dos Movimentos Populares com atuação no semiárido nordestino, EDUPOP, curso descentralizado de educadores(as) populares nos estados e em nível regional, qualificação metodológica para educadores(as) e agentes de

desenvolvimento territorial rural, curso para movimentos populares (círculos de diálogo, atualidade e atualização da Educação Popular), reciclagens, intercâmbios, caravanas e oficinas de sistematização de experiências.

Importante observar que a diversidade e os formatos dessas ações são partes que reforçam a ideia da formação política articulada de modo processual, ou seja, tudo se intercala para fortalecer as ações dos movimentos e nas vidas das educadoras e dos educadores. As atividades continuaram acontecendo no ritmo e de acordo com a realidade de cada estado.

Outra importante experiência vivenciada foi a inserção das modalidades no formato virtual. Assim, foram realizadas remotamente *lives*, rodas de conversas, reuniões, etapas de curso e um intercâmbio regional com educadores(as) no ano de 2021, em pleno período de pandemia de Covid-19, o que ajudou a manter as articulações e a formação de “novos educadores e educadoras”.

Foram várias as temáticas e os conteúdos trabalhados nos cursos, muitos indicados nos estados. Alguns eram mais tradicionais em relação à dinâmica dos cursos anteriores, como: redes sociais e sistematização de experiências, democracia, gênero, LGBT, desenvolvimento e gestão territorial, raça e etnia. Mas houve outros que são demandas do atual contexto, indicando a necessidade de apontar um novo ciclo de lutas e avanços dos setores populares, humanistas e democráticos, vinculados à emancipação humana e social no Brasil, tais como: organização comunitária e tecnologias apropriadas, gestão social e novas formas de expressão da cidadania e da democracia, direito à acessibilidade, habitabilidade e sustentabilidade ambiental.

Cabe ainda destacar que, nesse processo formativo, em sua maioria, os participantes eram mulheres. O vínculo com os Movimentos Sociais é de muita diversidade do ponto de vista da

atuação e das causas político-sociais (direitos humanos, luta por políticas estruturantes como moradia, infraestrutura e legalização de áreas ocupadas, e movimento por saúde, entre outros).

Havia também alguns(as) cursistas que estavam vinculados(as) a órgãos governamentais. Essas pessoas não representavam oficialmente o órgão público, contudo a prática e a experiência que vivenciavam nos lugares dos seus trabalhos na saúde e nos projetos sociais com as comunidades as motivavam a aprender mais sobre a prática metodológica da educação em benefício dos seus locais de atuação social. Algumas vezes, essas representações geravam um “certo incômodo” por se tratar de práticas governamentais *versus* práticas dos movimentos, porém não é objeto deste trabalho aprofundar tal elemento.

Para essa sistematização, é importante apenas registrar o debate que segue até hoje sobre essa relação e a respeito da importância da presença, nos espaços governamentais, de pessoas que tenham compromisso com um projeto transformador de sociedade, sem confundir os lugares de sociedade civil e de Estado.

Um dado importante sobre a participação nos cursos foi a presença de profissionais de diferentes áreas, com maior número os da Assistência Social, sendo alguns atuantes no setor do poder executivo e vários vinculados às universidades. Tratava-se de educadores e educadoras populares que estavam cursando alguma graduação ou mestrado, de professores e professoras que pautavam o debate sobre a relação dos aprendizados do lugar acadêmico e da Educação Popular.

Sobre isso, Freire (1999), ao tratar da teoria da ação dialógica, assevera que:

[...] o homem não pode se libertar só, mas sim em comunhão”, o que sinaliza, portanto, que [...] a realização de qualquer Movimento

Social sozinho certamente está fadada ao fracasso, é necessário, portanto, que outras pessoas se encontrem e se pronunciem juntas. Nessa perspectiva, o diálogo aparece como um ato de coragem que deve abarcar, além da ação e da reflexão, a fé, o amor, a humildade e a esperança intensa dos homens. E por último, está na própria imperfeição das pessoas, portanto, as motivam na busca de melhorar, de aprender, de querer ser. Se não houver humildade, não haverá diálogo, desse modo, há necessidade de que as pessoas vejam em si mesmas a sua ignorância e não apenas a do outro. (Freire, 1999).

Para reafirmar a experiência vivida, no relato a seguir, a educadora se reporta à metodologia usada nos processos formativos da Rede, apontando para o impacto desse processo no interior do movimento, isto é, da ação educativa:

[...] A Construção Metodológica Dialética era seguida com todo cuidado para valorização das pessoas no seu individual e nos coletivos, com o modo de preparar e realizar ações/atividades partindo da realidade, analisando, estudando e buscando as mudanças e transformações. Um caminho certo. A inclusão de dinâmicas de grupo relacionadas com os conteúdos, a utilização dos mais variados instrumentos pedagógicos e uma presença diversificada de símbolos que retratavam o que queríamos transmitir e nos proporcionavam trabalhar com outras linguagens, além da escrita e da voz. [...] até hoje está presente em nossas práticas, o rigor metodológico de construir um roteiro para as atividades que leve em consideração o encadeamento dos passos, que incluem e ressaltam os conteúdos desde a chegada dos participantes nas atividades, até os demais momentos com uma sequência lógica para propiciar alcançar o cumprimento dos objetivos definidos, seja na Formação Programada ou na Formação na Ação (Douraci Vieira, PB).

Em outro relato, uma educadora apresenta alguns procedimentos que estão contidos nos movimentos dos quais participou e que influenciaram toda a sua ação educativa nos espaços de ação política:

[...] É um conhecimento a partir da prática. Ver, julgar e agir, a metodologia da teologia da libertação se encontra com Paulo Freire na ação, reflexão, ação. É nosso modo de operar porque é nosso modo de resistir [...] assim como eu aprendi na Escola Quilombo dos Palmares a sistematizar experiências, nosso mandato também está fazendo sistematização. Nosso trabalho já está organizado em duas cartilhas de prestação de contas [...] nesse sentido, o programa de rádio, a palavra se faz vida que hoje vira o *podcast*, que vira o PODE ELAS, e a gente se reinventa fazendo Educação Popular no nosso mandato (Divaneide Basílio, RN).²

Nesse outro depoimento, a educadora traz aspectos do modelo organizativo do movimento do qual fazia parte na época e comprova o que Paulo Freire já dizia no sentido de que todas as pessoas trazem consigo um conhecimento, sendo esse um processo que pode ser enriquecido:

[...] Desde muito cedo, aprendi a trabalhar em grupos com tudo muito organizado, com metas e material cuidadosamente selecionado, embora fosse escasso e precário. Na universidade, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), aprendi, na prática, técnicas e métodos tradicionais de pesquisa, o que de certa forma deu consistência aos meus aprendizados, não sem conflito, mas com propósito. E um jamais excluiu o outro. (Maria das Graças do Nascimento, PB).

Ela continua relatando:

[...] Nas primeiras reuniões da Rede de Educadores, me surpreendi com a forma “pouco ajeitada” de se reunir, com a aparente “desorganização do tempo” e com a afirmação: “Vamos fazer juntos, lá a gente faz e vê como vai ser”. Vieram as descobertas: dinâmicas participativas, construção coletiva, didática dos animadores,

2 Divaneide Basílio é vereadora no município de Natal (RN). Eleita como 1ª suplente em 2016 e reeleita em 2020 pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Na eleição de 2022, elegeu-se deputada estadual com uma votação expressiva.

tarjetas que escalavam paredes, conversas e informações que viravam propostas, Educadores e Educadoras já “formados na EP” conduzindo os trabalhos, viagens, animação, música, arte, caderno de campo com poucas linhas escritas, cabeça fervendo em interrogações, conflito de ideias, tarefas de casa! Utopias. (Maria das Graças do Nascimento, PB).

Segundo o depoimento dessa outra educadora, o curso oferecido pela Rede de Educadores Populares teve impacto no movimento do qual participava. Afirma que:

[...] A partir do curso, mudei minhas práticas, a percepção sobre a realidade social e os processos educativos da entidade da qual fazia parte. Atuava como educadora popular com crianças, adolescentes prioritariamente e, também, com familiares em diversas comunidades rurais. Naquele momento, busquei com outros companheiros educadores pensar e melhorar a dinâmica dos processos de formação da organização com o intuito de qualificar a participação política dos jovens e familiares que atendíamos, uma vez que a nossa estratégia de atuação era a mobilização das famílias para a organização comunitária e luta pelos direitos sociais. (Ellen Melo, AL).

Destacamos ainda o depoimento deste educador, que relata a mudança operada na sua ação, o que impactou os grupos e comunidades com as quais trabalhava. Afirma que:

[...] Essas participações nas atividades da EQUIP mudou minha trajetória de vida e de luta. A partir do Curso de Educadores e Educadoras Populares e do meu ingresso na Rede, foi possível melhorar as ações e as atividades que realizava e promovia, subsidiado na Educação Popular e na metodologia utilizada pela Escola. Foi uma grande mudança não só na minha atuação, assim como também potencializou as ações desenvolvidas nas nossas entidades e nas comunidades trabalhadas. As experiências vividas, ímpares, transformadoras e únicas, com muitos aprendizados em trilhas sociais, com momentos e processos pedagógicos, baseados na Educação Popular, esse método que valoriza os saberes prévios do nosso povo e enfatiza suas realidades culturais na construção de

novos saberes. Foi possível construir espaços políticos importantes, o que culminou em uma melhoria significativa do ponto de vista econômico na minha vida e que resultou no meu crescimento pessoal (Edvaldo Carlos de São Pedro, AL).

O que poderia se modificar numa organização há anos instituída e com um jeito próprio de atuar fazendo formação? Como ela poderia ser motivada para mudar seus métodos e práticas? O depoimento deste educador que atuava na Obra Kolping, registra tal mudança:

[...] Para o Movimento Kolping, a nossa presença no Curso de Educadores e Educadoras gerou um momento de profunda mudança na compreensão do nosso papel político. O curso provocou uma avaliação na metodologia de trabalho, na visão de mundo, na perspectiva do que queríamos construir enquanto Movimento Social popular e católico, como nos designávamos. Sabe aquela coisa da “formação na ação” e da “formação programada”? Pois é, isso fez desmoronar toda a compreensão antiga dos nossos cursos cheios de palestras e sem consequência prática na vida das comunidades. Passamos a nos questionar, se nossa atuação gerava um processo educativo (Antônio José, CE).

E quando as iniciativas já chegam no âmbito das articulações envolvendo outros sujeitos sociais? No depoimento da cursista Carmelita Selestina (PI), consta que a movimentação foi se ampliando no seu estado e provocou importantes mudanças. Foi um aprendizado para enfrentar o isolamento das lutas específicas, indo para uma atuação mais coletiva, incluindo também outros cursistas.

[...] A partir do curso da EQUIP, criamos no nosso estado um coletivo de formação, com membros de cada movimento, para realizar a formação conjunta, de forma descentralizada com lideranças dos movimentos [...]. As descobertas e aprendizados provenientes do curso contribuíram para as mudanças profundas, ocorridas nos

movimentos envolvidos e na ampliação das atividades formativas de forma coletiva. Entre outros benefícios, melhorou de forma significativa o trabalho de formação realizado por nós nos movimentos, influenciou na qualidade do planejamento, na análise das experiências, na articulação entre movimentos e nas lutas encampadas pelas lideranças participantes das ações formativas, seja na formação programada, ou na formação na ação, na luta cotidiana (Carmelita Selestina, PI).

O depoimento acima citado demonstra o aumento da capacidade mobilizadora dos Movimentos Sociais influenciados pelos processos formativos desencadeados pela EQUIP e a Rede de Educadores do Nordeste. Essas são algumas das iniciativas que, no nosso entendimento, tiveram uma intervenção na realidade de forma a provocar transformações significativas na vida dos Movimentos Sociais.

Apresentamos alguns depoimentos que revelam o crescimento das participantes nos seus aprendizados e, ao mesmo tempo, demonstram a capacidade mobilizadora dos Movimentos Sociais aos quais estavam vinculadas, como consequências dos processos formativos vivenciados:

[...] A Escola Quilombo dos Palmares atuou junto aos Movimentos Sociais para fortalecer a luta das mulheres, da juventude, dos povos e comunidades tradicionais desse Brasil. Então, a EQUIP se soma ao movimento das catadoras de mangaba justamente com esse intuito. Os cursos de Educação Popular que construímos para nós foi de grande importância. Veio para fortalecer de fato toda nossa luta enquanto mulheres extrativistas e ativistas do estado de Sergipe. Ela se somou nesse patamar de fortalecer o conhecimento, o empoderamento feminino, da nossa juventude, das mulheres que constroem o nosso movimento. Os cursos de Educação Popular que construímos foram de grande importância em Sergipe (Alice Salvador, SE).

Outra educadora afirma que o seu aprendizado no curso e em outras atividades formativas desenvolveu sua capacidade de:

[...] construir elos entre as lutas, a capacidade de organização, articulação, mobilização dos Movimentos Sociais e de suas propostas de ações. Coordenar grandes eventos. Assumir os desafios da Educação Popular, com base nos seus princípios e recomendações metodológicas construídos no decorrer dos processos formativos, pautar as prioridades e construir as agendas de enfrentamentos coletivos (Anadilza Paiva, PB).

As conquistas para melhorar a vida do povo e a relação entre as lutas imediatas e os projetos estratégicas de sociedade

Talvez tenha sido muita ousadia de nossa parte, mas um elemento que buscamos identificar nos relatos diz respeito às melhorias na qualidade de vida das populações envolvidas nos Movimentos Sociais nos quais as educadoras e educadores da Rede estavam envolvidos. Nesse sentido, nos chamam a atenção alguns depoimentos, como o seguinte:

[...] Esse curso de metodologias, de instrumentos metodológicos que enriquece nossa experiência, enriquece as lutas da nossa comunidade. A gente conquistou para nossa comunidade a partir daí o hospital, que são políticas que vieram para a vida do povo... Na verdade, não é bem um hospital, mas a gente chama de complexo, porque é um conjunto com um posto de saúde, uma escola e uma creche, que foi uma conquista da comunidade no ano seguinte após o curso (Valzenir Maria de Oliveira Santos, CE).

Outra entrevistada relata um caso que consideramos emblemático para as conquistas dos setores populares e que tem relação com os processos formativos da Rede:

[...] Em 2004, a prefeita saqueou a escola levando todos os equipamentos. A comunidade, indignada com a situação, se organizou e foi à luta na Justiça, conseguiu a devolução do prédio e de todos os equipamentos, embora estes todos danificados e sem condições de uso. A comunidade unida lançou a campanha de reconstrução da escola e, através de sua trajetória de luta, a escola conseguiu vitórias [...] atendendo ainda em 2004 os alunos da Educação Infantil, formação social e profissional na comunidade e contou com a participação de parceiros e amigos em sua maioria ex-alunos que já estavam em lugares de autoridades locais e regionais, sendo um dos resultados desta incansável luta por uma educação de qualidade e emancipatória. Toda a comunidade reconhece a valorização da entidade, todos juntos na luta em prol da própria comunidade (Joana Silva, MA).

A educadora acrescenta ainda que, *na sua experiência*:

[...] o processo formativo contribuiu para uma exitosa participação e luta pela melhoria e garantia de direitos, como, por exemplo, a criação do Conselho de Direitos da Criança e Adolescente, a criação do Sindicato dos Professores e demais servidores do município de Caxias e ao efetivo funcionamento da Escolinha Tia Joana, através das lutas concretas com a comunidade. (Joana Silva, MA).

Outro educador apresenta dois fatos que considera importantes para a vida dele e para a organização da comunidade, a relação da Formação na Ação, a luta cotidiana no território, a conquista de direitos e de políticas públicas:

[...] Destaco dois acontecimentos na militância após o curso, junto à comunidade Barra da Talhada, no Sertão de Alagoas. Eu e uma pessoa de referência da comunidade, que era professora, mobilizamos as famílias e impedimos o fechamento da escola da comunidade que atendia à Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, dialogamos sobre os problemas que as crianças e familiares iriam enfrentar com o fechamento da escola, debatemos sobre a legislação da educação e formamos uma comissão para coletar assinaturas da comunidade e dialogar

com o poder público local sobre os problemas enfrentados pela comunidade em relação à educação e que era insuficiente. [...] Ainda na universidade, durante o último estágio obrigatório, fiz uma roda de conversa sobre a Educação Popular e sua concepção teórica metodológica, envolvendo duas turmas do curso de formação pedagógica nível médio, de uma escola estadual no município de Santana do Ipanema (Edvaldo Carlos de São Pedro, AL).

O depoimento da educadora Ana Paula (BA) descreve que foi, a partir do processo formativo realizado pela Rede de Educadores e pela EQUIP, que fortaleceu sua ação no campo das políticas públicas e a participação nos conselhos municipais, o que, na compreensão dela, contribuiu para a melhoria da renda e da qualidade de vida da juventude na Bahia:

[...] Nesse meu percurso, tive muitas conquistas, entre elas, por envolvimento nos conselhos municipais. Pude contribuir com a formação educacional e profissional dos jovens no município, realizar parcerias com entidades formadoras para inserção da juventude no mercado de trabalho por meio do Programa Federal Jovem Aprendiz, que encontramos resistências para com o cumprimento da Lei, mesmo este sendo a nível federal. Diante disso, conseqüentemente percebo que contribui para a melhoria de famílias de jovens que adentraram o mercado de trabalho e hoje somam na luta, por compreenderem a importância da educação e do engajamento social na sociedade (Ana Paula, BA).

No que diz respeito às lutas imediatas dos Movimentos Sociais e sua relação com os projetos estratégicos da sociedade, destacamos que o Curso de Formação para Educadores e Educadoras sempre priorizou análises e reflexões a partir de várias fontes do saber, contribuindo para qualificar a prática, a técnica e a articulação política entre os movimentos e organizações sociais, gestões públicas e universidades, para a efetivação de parcerias e trabalhos conjuntos.

Nos depoimentos a seguir, verificaremos como uma ação local pode melhorar a vida da comunidade e, ao mesmo tempo, expandir-se como experiência exitosa para outros espaços:

[...] Esse projeto que eu coordenei foi um dos projetos premiados a nível nacional nesse campo do direito à moradia, e eu usei essa metodologia da formação na ação, nessa concepção da Educação Popular. Então, foi o que validou, o que chamou atenção dentro do processo da premiação no Prêmio de Melhores Práticas da Caixa Econômica – Caixa e Ministério das Cidades. Ganhamos duas vezes esse prêmio, em 2007 e 2008, e ficamos entre os 100 melhores projetos do Prêmio Habitat da ONU. Habitat é um organismo da ONU, que é entregue em Dubai, Emirados Árabes [...] então, pudemos trabalhar plenamente com essa metodologia, e isso foi muito importante não só pra mim, mas para outros que atuaram. Desse projeto, nós pudemos trabalhar uma construção de moradia em regime de mutirão, mas antes nós formamos multiplicadores (Cláudio Braga, PE).

Outra experiência importante foi compartilhada por esta educadora:

[...] aqui em Beberibe estamos caminhando para chegarmos ao nosso objetivo: “transformação da realidade”. Esse impulso é devido à clareza que ganhamos nos nossos encontros de educadores. Clareza de como fazer, de como planejar, de como aproveitar bem os espaços conquistados. [...] A convivência dentro de um processo de articulação vivido com diferentes lideranças do município... um reconhecimento recíproco do nosso potencial enquanto agente transformador e a definição do nosso objetivo político. [...] o envolvimento com outros movimentos, outros educadores e assessores resultou em lutas importantes na saúde, produção agrícola, experiências com produção de remédios, hortas com as mulheres, os jovens, debatendo comunicação, religião etc. [...] além de uma articulação com outros municípios enfrentando o debate e ocupando espaços em conselhos setoriais e debates com o poder público. (Maria Inês de Lima, CE, extraído do texto

publicado no Jornalzinho da Rede: “A cabeça aberta e as ideias circulando”, ano 3, número 3).

Essa educadora cita sua experiência em espaço público, incluindo a cultura como elemento importante na formação:

[...] Vale salientar que, nos cursos de educadores, os conteúdos e procedimentos metodológicos eram priorizados nos momentos de diálogos, a motivação e os encaminhamentos para a transformação da cultura local, visão da realidade mais abrangente, os territórios dos estados, da região e do país na perspectiva de contribuir na construção de um projeto societário justo, solidário, igualitário e que proporcionasse vida digna para todos. Nesse processo, era responsabilidade das(os) educadoras e educadores colocar na prática os aprendizados e metodologias nos cursos, no lugar não somente dos movimentos, mas nos espaços de atuação profissional, a exemplo do exercício de Coordenação Pedagógica na Escola Municipal, realizando um trabalho diferenciado, graças ao desenvolvimento pela Equipe de Formação, onde as vivências tornaram-se referências para todas as práticas sociais, políticas e culturais em suas variadas expressões (Mácrima, AL).

Subjetividades e diversas dimensões da vida nos processos organizativos dos Movimentos Sociais populares envolvidos nos cursos de educadores

A subjetividade e as diversas dimensões da vida, com destaque para elementos tais como gênero, identidade étnico-racial, diversidade sexual etc., ganharam importância no processo de sistematização pela presença forte dessas temáticas nas lutas dos movimentos e a presença de pessoas engajadas em cada estado, tornando-se questões relevantes nos cursos.

[...] Nesse processo, podemos recuperar nossa história, as lutas, a questão da afetividade, da espiritualidade, todos os elementos

que fazem parte da dimensão do ser humano. Nos cursos estava bem presente a nossa cultura, nossos saberes [...] na construção do conhecimento. Tínhamos momentos de corporeidade, relaxamento [...] (Malu Oliveira, PB).

Os registros dão conta de uma beleza de histórias e trajetórias de vida e da atuação militante. Eles apontam para a diversidade de lugares e do ativismo político das pessoas e das histórias de vida. Do ponto de vista da militância dos educadores e das educadoras, são trajetórias que vão desde o período da juventude nas pastorais sociais, militância nos partidos do campo da esquerda, participação social nos grupos comunitários no interior do Estado, assim como as referências teóricas e práticas a partir dos sonhos e desejos de construir uma sociedade diferente, uma sociedade com o protagonismo dos(as) trabalhadores(as), das mulheres, dos(as) negros(as), dos(as) excluídos(as), um processo de formação na elaboração do *ser* em construção.

As subjetividades são intrínsecas em todas as dimensões da vida. No campo das lutas populares, têm incidência direta na vida orgânica dos Movimentos Sociais. Têm relação com a identidade, missão, estratégias e projetos societários que queremos construir. O novo não pode ser construído com práticas autoritárias e violentas. Nesse sentido, é importante situar esse debate que a EQUIP e a Rede de Educadores têm acumulado no seu processo histórico.

Conforme Brito (2009), o tema da missão e identidade dos movimentos populares foi sistematizado nesta publicação, a partir do curso *Ação estratégica e Gestão dos Movimentos Populares*, destinado às novas lideranças populares, que mobilizou mais de 200 participantes oriundos de todos os estados do Nordeste. Segundo o autor, a identidade e a missão dos movimentos populares por eles mesmos são frutos do processo de construção coletiva do conhecimento.

Na busca de entender o porquê, é importante ter clareza da identidade e da missão dos movimentos. O autor explica que esses fatores devem ser vistos como a “alma” de cada organização:

[...] A discussão sobre identidade tem sido de extrema importância, pois trata da forma como os movimentos se apresentam, como falam de si, como criam um significado e um sentido de existência na busca de construir fundamentos objetivos e subjetivos e, para que possam, coletivamente, elaborar propostas e realizar ações que os fortaleçam e avancem permanentemente para sua sustentabilidade [...] relacionado à problemática das motivações da ação, se coloca a reflexão das necessidades e projetos individuais, portanto, as identidades individuais de cada participante [...] como estes são considerados na construção da identidade coletiva do grupo ou do movimento. Essa consideração é importante dado que, cada participante [...] tem suas próprias subjetividades e necessidades, que às vezes sequer são percebidas. A ação coletiva, em movimento organizado deve buscar relacionar estes anseios individuais com propostas coletivas. Dessa forma, constrói-se legitimidade para as identidades individuais e fortalecem-se as identidades coletivas [...] O grande desafio é construir as necessárias mediações entre as individualidades ou singularidades com estas expressões coletivas, que é próprio da condição dos movimentos populares (Brito, 2009, p. 55).

Sobre a importância de identificar a missão das organizações populares, o autor se vale das contribuições de Milton Botler (1995):

[...] A missão é este propósito nobre, esse “algo” que a organização faz e que a sociedade necessita. É a razão de existência da instituição que envolve uma filosofia da organização, um conjunto de princípios e valores que guiam a gestão institucional. A missão de uma instituição pública deve estar voltada para os beneficiários. Se não há satisfação do beneficiário, a organização não deve existir (Botler, 1995 *apud* Brito, 2009, p. 57).

[...] Isto significa que os Movimentos Sociais populares precisam ter legitimidade em suas bases sociais. Essa legitimidade vem do desafio de articular as demandas imediatas com os projetos estratégicos de longo prazo, a racionalidade com a subjetividade, os problemas e a ação do cotidiano com utopias e esperanças futuras (Brito, 2009, p. 57).

No tocante à importância das estratégias nos Movimentos Sociais, é necessário entender seu lugar metodológico no processo como um todo. Aponta o autor:

[...] A preocupação com as estratégias na vida dos Movimentos Sociais populares se faz de fundamental importância, porque são elas que podem garantir a realização da missão e o fortalecimento das identidades, portanto, se afirmamos anteriormente que a identidade e missão seriam “a alma” dos movimentos, as estratégias são “o sangue” que faz os movimentos se motivarem, ou seja, sem as estratégias, a missão e a identidade seriam “papéis sem vida” (Brito, 2009, p. 57).

Nos cursos de educadores, as presenças dos diversos movimentos com suas mais diferentes expressões sempre foram constantes. Algumas questões sempre estiveram presentes nos conteúdos e metodologias nesses cursos. Destacamos aqui a dimensão da luta antirracista, que é, antes de tudo, compreender que o racismo é um elemento estruturante e estruturador das desigualdades sociais e que se alimenta ou se relaciona com outros elementos de dominação – o machismo, o sexismo e o patriarcado. A luta antirracista alimenta a incidência política, pois, tanto a cor da pele quanto a orientação sexual nos impõem ou nos dizem em que lugar devemos estar nesta sociedade desigual e injusta.

Segundo a educadora Marta Almeida (PE):

[...] É necessário forjar a incidência política nas lutas junto aos povos tradicionais, às mulheres e jovens de periferia, benzedeiros,

rezadeiras e outras. É, portanto, preservar a memória que vem da capoeira, dos afoxés, dos agogôs e da fala do corpo das mulheres que são bordadeiras, costureiras, a dança do maracatu, *hip-hop*, samba, é o estar na cozinha trocando experiências da culinária africana, que, além de legados, são saberes.

A educadora segue afirmando que:

[...] a importância do empoderamento das pessoas negras, ao assumir o cabelo, lutar pela efetivação das políticas – lavanderias e hortas comunitárias, assim como a aplicabilidade da Lei de história da cultura africana e brasileira, a saúde da população negra incluindo a população afro LGBT, pois, para ela “Seremos resistência da construção de conhecimento, lutas e trajetórias que nos unem, nos fortalecem por uma sociedade justa” (Marta Almeida, PE).

A respeito da dimensão de gênero e a participação das mulheres nos cursos de formação, no depoimento a seguir, a educadora afirma:

[...] Nesse período, tinha uma relação muito direta com as discussões sobre desigualdade de gênero e de raça. A partir desse período, ampliamos a participação de outros movimentos ou instituições, trazendo para essa luta outros grupos e Movimentos Sociais do território, tanto que realizamos o primeiro curso de formação de educadoras e educadores de Pernambuco, com a participação de várias lideranças dos municípios de Vitória de Santo Antão, Glória do Goitá, Feira Nova, Lagoa de Itaenga, Pombos e Gravatá. Logo após, realizamos o curso de formação de lideranças comunitárias, que também contou com a participação de mulheres, homens e jovens desses municípios (Rosemary Peixoto, PE).

Ainda do ponto de vista da subjetividade, há registros por parte dos educadores e das educadoras sobre o cuidado com as dimensões de metodologias que levassem em conta o levantamento dos desejos, expectativas, vivências e experiências dos participantes. Para isso, foram utilizadas técnicas, dinâmicas e

materiais didáticos, além da diversidade no uso das linguagens de expressão – uso das artes, místicas, músicas, poesias, dança e teatro, entre outros campos que colaborassem com a interação entre os diversos movimentos.

Os depoimentos seguintes relacionam a Educação Popular e os aprendizados na vida e nos movimentos:

[...] A Educação Popular dá conta do olhar crítico, politizado, humanizado, da valorização dos saberes do povo na comunidade e da comunidade para o povo, num movimento dialético no resgate da construção da cidadania e o despertar de sonhos. E para a vida não tem lugar para praticá-la, é exercício constante (Roseani Fonseca Martins, BA).

[...] O curso despertou-me a curiosidade em estudar a educação prisional em minhas pesquisas educacionais. Isso me fez entender meu papel perante o meu povo, entre esses, os povos que, assim como eu, residem em bairros vulneráveis e querer trilhar profissionalmente o caminho da educação prisional na modalidade da Educação de Jovens e Adultos na perspectiva de uma Educação Popular no interior do sistema prisional. Dessa forma, posso contribuir minimamente com a formação dos sujeitos que tiveram seus direitos violados quando se encontravam no âmbito da sociedade e que, partindo dessa violação perversa, cometeram delitos infracionais e atualmente se encontram no interior de presídios. A trajetória no curso me agraciou com a tomada de decisão do meu trilhar como pedagoga na educação prisional (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

Percebe-se nos depoimentos a importância do aprofundamento dos conhecimentos a partir da metodologia para incidir na sociedade, contribuindo com o empoderamento social dos laços fecundos de companheirismo e identidades e com a descoberta do agir e refletir, da construção de análise da realidade nas dimensões social, educacional, político-econômica, ambiental e

cultural, assim como com o aprofundamento de contextos nos níveis municipal, regional, nacional e internacional.

Algumas considerações finais

Após revisitar os depoimentos das cinquenta e seis pessoas, ler e reler vários documentos e produções diversas de outros tantos participantes dos vários momentos de conversas, trocas de ideias e lembranças vivas da realidade em cada estado, podemos afirmar que os resultados desse processo de formação em Educação Popular causaram “Um reboiço no Nordeste” (expressão usada por Douraci Vieira num texto escrito durante o Seminário Regional, em 2021), em especial nos aspectos da Dimensão Pedagógica-Metodológica, Dimensão Política, Dimensão da Subjetividade e Afetividade, mexendo com as pessoas, os movimentos e organizações dos segmentos de que cada cursista fazia parte, bem como mobilizando outros movimentos e organizações locais e forças políticas, transformando as pessoas e a realidade nos estados e no Nordeste.

Foi uma rica mistura dos vários aprendizados, uma enorme diversidade de atividades realizadas de forma centralizada e descentralizada numa ação conjunta da EQUIP e a Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, envolvendo as demais redes e articulações regionais que foram surgindo, como a Rede de Jovens, de Rurais, a Articulação de Políticas Públicas e demais atores sociais espalhados nos nove estados, a exemplo de Fóruns Temáticos reunindo Organizações da Sociedade Civil de diversas naturezas. Foram se envolvendo, atuando localmente e na região, agindo de forma articulada.

Foi ganhando força Nordeste afora, numa soma muito rica de experiências práticas e conhecimento teórico. Dezenas de

dirigentes e lideranças populares reunidos nos mesmos espaços de formação, participando juntamente com profissionais de várias áreas, estudiosos(as), docentes de universidades, trabalhadores(as) de variadas categorias, assessores(as), que trocavam saberes com formadores(as), professores(as) e colaboradores(as), nordestinos(as), brasileiros(as) de outras regiões e até estrangeiros(as), para estudar, refletir e agir na realidade nordestina. Com isso, as lutas se fortaleceram, as intervenções se tornaram cada vez mais qualificadas, mais visíveis e com maior força política. Algumas ações regionais tiveram um bom alcance, a exemplo da campanha do *Meu primeiro voto, voto não tem preço, tem consequências*, além de outras campanhas temáticas de movimentos específicos que iam se cruzando, conquistando adesões e ampliando resultados importantes. A Educação Popular se tornou mais protagonista no íntimo dos Movimentos Sociais populares com conteúdo e modo diferenciado de agir nas lutas. Era como se fosse um movimento de Educação Popular. Os encontros regionais que reuniam os cursistas de todo o Nordeste revelavam uma cara nova e uma ebulição com muitas lutas, experiências inovadoras e surgimento e empoderamento de novas lideranças.

A EQUIP, por sua vez, que já atuava a partir da ação das redes sociais no Nordeste, ampliou seu campo de formação, incluindo o foco das alternativas de desenvolvimento para a região e alçou novos voos. Até que, num certo ano, a atividade de caráter regional, que se configurava como a grande etapa de formação reunindo cursistas dos nove estados e se chamava *Etapão*, passou a se chamar *EDUPOP: Educação Popular em movimento*. Não foi apenas uma mudança de nome, mas resultado da constatação de que o avanço dos processos não cabia mais naquela caixinha. A forte movimentação dava lugar a uma explosão de conteúdos e ações que estavam acontecendo a partir das práticas vivenciadas em

vários municípios e estados, numa ação conjunta com a Rede de Educadores e outras parceiras. Essa atividade aconteceu em ora Pernambuco, ora na Paraíba, ora no Maranhão. Em Alagoas, chegou com o tema *EDUPOP: Educação Popular em Movimento, Redes Sociais e Alternativas de Desenvolvimento para o Nordeste*, tendo sido produzido e publicado nos Cadernos do Nordeste, número 13, no ano de 2005.

Foi então crescendo um desejo de estudar mais sobre a região e aprofundar as ações articuladas, tendo havido respostas imediatas de colaboradores e colaboradoras estudiosos dos diversos aspectos. Uma consciência coletiva tomou conta do trabalho e uma decisão importante parecia ser de “papel passado”. “O Nordeste é nosso.”

Precisamos conhecer melhor nosso território, queremos ser mais conhecidos como sujeitos com lugar e protagonismo. Ampliarmos nossas fronteiras, estreitamos laços de lutas e conhecimentos com nossos *hermanos* latino-americanos e outros parceiros da EQUIP através da cooperação internacional. Ficamos bem conhecidos pelos resultados animadores desse trabalho. Foram muitos estudos sobre os vários aspectos nesse território. Muitas “aulinhas”, como chamávamos, com Cleide Bernal, Conceição Evaristo, Valéria Rezende, Roberto Marinho, Domingos Corcione e tantos outros, bem como, quando nos juntávamos aos rurais e à juventude. As atividades reuniam um volume de experiências vivenciadas pelos movimentos e organizações sociais, revelando um potencial gigantesco para o fortalecimento das lutas e até se transformavam em dinâmicos eventos no local onde aconteciam. Eram intercâmbios de experiências, caravanas, acampamentos e tantos outros.

Com o caminho traçado com foco nas políticas públicas, a gestão entrou em pauta e o rebuliço só aumentou. A valorização

das mais ricas experiências, sendo matéria-prima para análises nos espaços de formação, seminários, oficinas e outras atividades, foi fator para incentivo à ocupação de espaços dessa turma da luta, nos parlamentos e no executivo, para provocar e mexer com as velhas estruturas da máquina pública, criando brechas para sua democratização. Difícil acertar, mas os coletivos foram se firmando Nordeste afora. A constatação forte de que a riqueza da experiência vivida não está apenas no espaço ocupado, mas pelos métodos de participação criados para garantir a presença das pessoas assumindo as lutas. A exemplo, uma vereadora de um pequeno município do Piauí, uma agricultora, idosa, não letrada, provocou uma revolução naquele lugar, quando lutou para manter um poste no meio da praça da cidade, que iluminava o único espaço de convivência das famílias que iam assistir televisão, tomar sorvetes e deixar a criançada brincar. Foi uma luta forte com abaixo-assinado e reuniões que se transformavam em grandes plenárias ao ar livre para reivindicar aquele direito. E conseguiram, foram vitoriosos. O poste permaneceu na praça e o mandato dela se firmou e ganhou apoios de militantes e educadores de outros municípios para fortalecer as lutas naquelas localidades.

Na EQUIP também foram muitas as publicações produzidas para disseminar os conteúdos e chegar ao maior número de pessoas trocando experiências. Nos famosos Cadernos do Nordeste e na revista Gaveta Aberta, circulavam textos escritos por Educadores e Educadoras engajados(as) nos processos, que nos enchiam de conhecimentos e de orgulho. Destaca-se também, a produção importante para ajudar a popularizar o aprendizado sobre as leis. A cartilha *A certeza na frente, as leis na mão* foi resultado de uma pesquisa realizada carinhosamente por nossa querida colaboradora e advogada Fátima Melo (*in memoriam*), com redação final de nosso amado Henrique Cossart (*in memoriam*).

Ao mesmo tempo, educadores e educadoras ocupavam cargos de prefeitos e prefeitas, secretários e secretárias, assessorias e consultorias, além de outros tantos espaços estratégicos para concretizar a implementação das políticas públicas nas diversas áreas. Mudanças aconteceram e muitas conquistas foram reais nas leis e na execução.

O chão da Educação Popular estava pautado na sabedoria de Paulo Freire, nosso herói, nosso patrono, nosso motivador. E na sabedoria de tantas(os) outras(os) mestras e mestres, como Paulo Afonso de Brito (in memoriam), Valéria Rezende, Domingos Corcione e os demais que se juntaram nessa caminhada.

Concepção metodológica da Educação Popular

Debates aprofundados por esses experientes fundadores da Escola definiram que não bastava ofertar cursos de formação para lideranças e educadores populares, era necessário desenvolver processos formativos que desencadeassem um efeito multiplicador entre os Movimentos Sociais populares na Região Nordeste.

Então, o Curso para Educadores e Educadoras foi formatado e uma sequência de turmas foi se formando e criando uma verdadeira liga. O nosso lema dos dias atuais – “ninguém solta a mão de ninguém” – para nós e para os formandos, naquele tempo, foi real. A turma de 1991 e 1992 já conclui o curso afinando as decisões para a criação da Rede de Educadores Populares do Nordeste. *Eita que deu certo!* Foi criada, com muitos debates, poucas divergências e mais consensos. Daí em diante soaram vozes em cada estado, protagonistas estudando e já formando outros, além de se tornarem facilitadores dos mais diversos processos de luta e de formação em cada cantinho da região.

Nessa grande articulação, nasceu até um jornalzinho da Rede de Educadores e Educadoras, intitulado *A cabeça aberta e as ideias circulando*. Nossas educadoras Kindow (PI), Joana d’Arc (PB) e Lise Guimarães (SE) e outras nos provocaram e tudo aconteceu. Chegou a circular mexendo com nossa vontade de dar publicidade ao nosso fazer e às nossas ideias, e de registrar acontecimentos e até fofocas de cada estado. Uma das publicações demonstra o resultado dessa formação na vida dos movimentos com efeito multiplicador na realidade local. Assim, destacamos uma experiência de trabalho na Comunidade de Beberibe, no Ceará, registrada no Jornal (ano 3, número 3), num texto de Maria Inês de Lima Nascimento.

Não foi fácil, porém muito prazeroso. Ficamos tão acostumados com esses cuidados metodológicos fazendo parte de nossa prática, que invadiram nossas cabeças e nossos corações. Ainda hoje quem aprendeu e acreditou, fez opção, não consegue agir diferente. É na reunião, na passeata, na ocupação, no seminário, na aula, nos debates, na mesa e na farra. *É modo de vida.* Quem passou por esses processos se apaixonou, se orgulha de saber, de fazer parte e se joga pra fazer acontecer.

Por fim, queremos dizer que sistematizar esse processo tem sido um exercício prazeroso, porque não somente retoma nossas lembranças, nossas escritas, mas também nos faz revisitar as lutas, as articulações, reencontrar pessoas ainda ativas nas organizações e movimentos, bem como também faz que nos cheguem as lembranças dos que partiram deixando saudades e o seu legado na trajetória de vida, na riqueza das suas ações e nas boas relações pessoais que foram construídas entre nós.

Também consideramos o tempo atual e o contexto em que estamos vivendo de adoecimentos, muitas perdas em nossos grupos familiares e de amizades, nossas dificuldades parar realizar

uma tarefa tão importante de juntar pessoas, informações e produções diversas em lugares e tempos diferentes, analisar, debater e produzir com tantas tarefas que ainda temos, sendo muitos de nós os chamados “dinossauros” desse processo. Mas aprendemos muito com essa oportunidade e valorizamos as possibilidades que as novas ferramentas de trabalho nos trouxeram para uma comunicação rápida e eficaz com pessoas produzindo coletivamente, mesmo a longas distâncias.

Partimos de vários ensinamentos e principalmente os do educador Oscar Jara que nos provocou com sua sabedoria, sua troca de experiência, bem registrada nos escritos e até de forma presencial nos anos 90 aqui no Nordeste, a convite da EQUIP e que no seu livro afirma:

Sistematizar é um exercício que se refere necessariamente a experiências práticas e concretas, no nosso caso de Educação Popular. São processos particulares que fazem parte de uma prática social e histórica mais geral, igualmente dinâmica, complexa e contraditória. [...] são experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que em cada caso representam processos inéditos e irrepetíveis. É por isso que é tão apaixonante a tarefa de compreendê-las, extrair seus ensinamentos e comunicá-los. (extraído do livro *Para sistematizar Experiências* de Oscar Jara Holliday).

Referências

BRITO, Paulo Afonso Barbosa de. *Movimentos Sociais e Educação Popular no Nordeste*. EQUIP. Série Educação Popular, n. 1, Recife, 2003.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Cadernos do Nordeste n. 7. Alternativas Populares para o Nordeste e EDUPOP Educação Popular em Movimento: Redes Sociais e Alternativas de Desenvolvimento para o Nordeste*.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Cadernos do Nordeste/Gaveta Aberta*.

ESCOLA DE FORMAÇÃO QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP). *Da Identidade à Sustentabilidade: Estratégias, Planejamento e Gestão nos Movimentos Populares*. EQUIP. Série Educação Popular, n. 2 e 3, Recife, 2004 e 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 26. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais na Contemporaneidade*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2008.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviane Resende. João Pessoa: Editora da UFPB; EQUIP, 1996.



Ciclo de atualização Metodológica 2016,
João Pessoa-PB



Edupop 2008,
Carpina-PE



Edupop 2008,
Carpina-PE

7

Educação Popular: contribuições do processo formativo para as vidas das educadoras e dos educadores

Ana Célia de Sousa Santos
Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)

Foi pra mim a descoberta de SER EDUCADORA POPULAR. A gente já sabia, de um certo modo, que fazia um outro tipo de Educação libertadora. Mas cresci muito na percepção da demanda da luta coletiva, de juntar os processos de descentralização das atividades formativas estaduais, envolvendo diferentes e os pares. De articular as lutas, buscar as parcerias, planejar todos os itens das atividades formativas. Desenvolveu a minha capacidade de construir elos entre as lutas, a capacidade de organização, articulação, mobilização dos Movimentos Sociais, de suas propostas de ações. Coordenar grandes eventos. Assumir os desafios da Educação Popular, com base nos seus princípios e recomendações metodológicas construídas no decorrer dos processos formativos, pautar as prioridades e construir as agendas de enfrentamento coletivas.

(Carmelita Selestina da Conceição, PI).

Esta é uma produção do Grupo de Trabalho (GT) 3, como parte do processo de sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, realizado pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP) e pela Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste brasileiro. A metodologia priorizou depoimentos de cinquenta e seis educadores e educadoras, com o objetivo de sistematizar as consequências do processo formativo para a vida dos(as) educadores e educadoras que participaram dos cursos.

Tratar de contribuições dos processos formativos na vida e na prática de pessoas que se colocam no espaço público como

formadores(as) é um desafio e, ao mesmo tempo, um encantamento, na medida em que as descobertas subsidiam-se nas memórias educativas expressas nos relatos dos próprios envolvidos(as) nestas experiências, como retratam Paulo e Almeida (2009), quando destacam que as pessoas se tornam sujeitos(as) ativos(as) no processo de apropriação do mundo social e em suas práticas estão presentes suas subjetividades. Na perspectiva de Cambi (1999, p. 35), a “história é o exercício da memória realizada para compreender o presente e para nele ler a possibilidade do futuro, mesmo que seja de um futuro a construir, a escolher, a tornar possível”.

Desse modo, a sistematização é um processo de resgate histórico importante para a reflexão do caminho que se fez e se faz cotidianamente. Conforme Oscar Jara Holliday (2006, p. 72), “é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências, que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no processo, como se relacionaram entre si e por que o fizeram desse modo”. Em outra perspectiva, “sem muita definição *a priori*, sistematizar é o chacoalhar dos pensamentos, das descobertas, marcas fincadas em nós e na EQUIP, do período de 1990 aos dias atuais”, de acordo com o depoimento da educadora Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana), de Alagoas.

Segundo Douraci, educadora da Paraíba, nesse processo de sistematização, histórias as mais diversas se cruzaram, foram contadas, revisitadas, reorganizadas, recomeçadas. Uns/umas descansaram (*in memoriam*), outros/outras se apaixonaram e se casaram, tantos(as) se tornaram profissionais qualificados(as) nos diversos espaços, ocuparam cargos nas gestões e saíram por aí com a bandeira da luta popular cheia de vida e revigorada com o alimento principal: a Educação Popular.

Nesse percurso, conhecemos muitas histórias, umas tristes como situações de pobreza, violência doméstica e familiar, discriminação e preconceitos de diversas formas que se fizeram presentes no cotidiano de muitos(as) participantes. As escutas, o apoio incondicional dos(as) colegas e as mudanças internas que cada pessoa experimentava deram lugar à coragem e à alegria para enfrentar os problemas e à consciência dos direitos como pessoa humana. “Nós nos transformamos e, ao mesmo tempo, transformamos nossa realidade para melhor” (Douraci, PB). Os relatos aqui apresentados são cheios de vida e amorosidade e retratam o processo educativo vivido por todos(as) nós educadores e educadoras participantes dessas iniciativas formativas. Eles vão nos revelar que o ato educativo exige a abertura sensível ao novo, à arte, à expressão da subjetividade, à valorização da cultura e aos preceitos éticos. Nas palavras de Paulo Freire:

[...] a educação é um ato de amor”, onde homens e mulheres reconhecem-se como seres inacabados e, portanto, passíveis de aprender, sendo que “não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo (Freire, 1987, p. 79-80).

Para melhor compreender o que estava expresso nesses relatos, agrupamos os trechos em cinco eixos-temáticos que organizam um pouco o pensamento e facilitam a leitura. Essa forma de organização do texto pretende sistematizar a experiência vivida por todos(as) nós participantes dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares. A seguir, vamos nos ater às contribuições dos cursos para as vidas dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as) no processo. Os eixos-temáticos ficaram organizados da seguinte forma: 1. Contribuição na construção de práticas coletivas e

incidência política; 2. Contribuição na construção de conhecimentos sobre si mesmo(a), sobre o(a) outro(a) e sobre o mundo; 3. Contribuição na valorização das subjetividades, dos afetos e das relações; 4. Contribuição na formação e qualificação profissional; 5. Contribuição na criação da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste.

Contribuição na construção de práticas coletivas e incidência política

Os Cursos de Formação de Educadores e Educadoras Populares, de acordo com os relatos, contribuíram para elaborar um pensamento sobre a Educação Popular e fortalecer a atuação política dos(as) educadores e educadoras em todo o Nordeste, construindo a ideia do trabalho coletivo, como é destacado no depoimento de Ana Célia Santos (Educadora – PI).

[...] a partir de toda essa construção, a gente começa a formatar um pensamento, uma prática que não consegue se desligar de todo esse arcabouço que construímos juntos. Então, de maneira nenhuma eu abro mão da luta coletiva, do trabalho coletivo, da educação que leva para a coletividade, da organização, de saber que estar junto é a melhor forma de resolver e superar os problemas, de superar a conjuntura atual.

Esses processos contribuíram também para a formação de uma visão de mundo e de educação, pois os cursos se tornaram “uma escola de fazer gente”, que desenvolveu um olhar para o respeito, para as diversidades e para as diferenças no contexto da luta, permitindo se “pensar numa educação libertadora”. “Provocou o desenvolvimento de um novo olhar, com respeito pelo outro e suas necessidades”, como confirma em sua fala Josiclécio (Educador, PE) e como podemos conferir nos depoimentos a seguir:

[...] uma escola de fazer gente que provocou mudanças fecundas em mim: crenças, valores, visão de mundo e, em especial na minha incidência político-pedagógica na sociedade. (Luciene Maria Ambrósio de Mesquita, Mana, AL).

[...] Educadora popular que quer seguir firme defendendo o legado de Paulo Freire, mas, sobretudo, o legado dos Movimentos Sociais. (Maria Divaneide Basilio, RN).

Influência na própria vida, enquanto educadora, no fazer pedagógico e vários aprendizados relevantes, o que provoca um olhar cuidadoso com o público, com a composição e diversidades (social, gênero, identidade sexual), com o contexto da luta política. (Joana Santos Pereira, PE).

[...] Com a maturidade, aprendi que uma ação educativa pequena e bem definida pode ser transformadora de uma situação, se tocar a pessoa certa, na hora adequada. Ex. Trabalho com mulheres pobres em situação de risco, violência ou exploração. É isto, onde vou, me carrego por inteira e o aprendizado da Rede de Educadores não fica no armador da partida, chega comigo ao meu destino. (Maria das Graças do Nascimento, PB).

[...] Escuta, afeto e ação programada para conquistar direitos. E, ainda, valorizar o processo de sistematizar as experiências vivenciadas no centro da ação dos movimentos populares, como forma de compartilhar e multiplicar saberes e vivências populares. (Alcineide Oliveira do Nascimento, PE).

Os processos formativos contribuíram na compreensão da Educação Popular como prática teórica e metodológica, ao mesmo tempo em que contribuíram com a ressignificação da prática, potencializando as ações das entidades e das comunidades envolvidas. Assim, a Educação Popular passa a ser entendida como ato político, porque, sendo um processo de formação e conscientização, desperta para o engajamento social. Ao compreender melhor a Educação Popular, a prática educativa, conseqüentemente, foi ressignificada através do aprofundamento das ações, das leituras

sobre educação de que trata Paulo Freire, e da partilha, colaborando com a melhoria da qualidade das ações realizadas. A formação se tornou o sustentáculo das práticas educativas e a Educação Popular se tornou “modo de vida”. Quem passou por esses processos se apaixonou, se orgulhou de saber, de fazer parte e de ter contribuído para fazer acontecer. “Nunca mais fomos as mesmas pessoas. Estamos transformadas por esse movimento” (Douraci, PB). Os relatos a seguir são as demonstrações desses sentimentos:

[...] há compreensão da Educação Popular como ato político de formação de sujeitos e de engajamento social. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

Neste tempo todo que eu passei vinculado aos cursos, eu acho que fui melhorando a minha compreensão e a minha prática tanto teórica quanto metodológica da Educação Popular. Eu fui lendo mais coisas, ampliei a minha leitura e fui reler Paulo Freire, fui reler diversos autores: Carlos Rodrigues Brandão, esses educadores que formularam antes de nós aqui. Fui ler com mais cuidado minha companheira Valéria, que trabalhava comigo há muito tempo, a ouvia muito e acabava lendo pouco as coisas dela. Enfim, acho que isso melhorou a minha compreensão e a forma de tratar a Educação Popular. A minha compreensão e a minha prática. (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

[...] foram muitos elementos que eu fui aprendendo e refletindo e que impactou muito na minha forma e na minha atuação de ser educadora nos espaços que eu estava inserida na realidade de João Pessoa e que eu carrego até hoje, é para minha prática educativa [...] (Maria Lucia Lopes de Oliveira, Malu, PB).

A formação que recebi da equipe por quase 10 anos foi o sustentáculo da minha prática educativa. (Maria Mácrima de Sales Silva, AL).

As aprendizagens foram muitas, porque os cursos possibilitaram a mim e a todos(as) participantes as seguintes compreensões da importância da partilha no processo de aprendizagem,

teoricamente e para a prática; importância de compreender que nunca estaremos prontos(as), e sim continuar abertos(as) para novas aprendizagens, o saber é feito na partilha; escutar sempre, mesmo que não concorde, é importante fazer a escuta e refletir sobre o que foi colocado; respeitar o processo de aprendizagem de cada pessoa, pois o ritmo de aprendizagem é diferenciado para cada pessoa; oportunidade de estar junto nessa articulação com educadoras e educadores do Nordeste, refletindo sobre Educação Popular, nas ações de cada uma/um, tanto na dimensão teórica, quanto na prática. (Rosemary, PE).

Hoje tenho uma holística diferente que o curso passou para a gente. Que a gente deve lutar, que a gente deve se libertar. Nós temos que pensar numa educação libertadora. (Conceição Marinho, MA).

O curso permitiu maior ampliação metodológica, me dá essa possibilidade maior de participação política dentro das discussões na cidade, de uma educação integral, mas também de uma Educação Popular a qual eu já vivenciava e não sabia [...]. A Rede de Educadores ajudou a ampliar essa visão. A formação e esse curso me trouxeram, assim, uma dinâmica maior, bem maior política para minha participação nas grandes movimentações que tinha na cidade. [...] e isso vai trazendo uma significância, um impacto maior para nós e para nossa região. As principais aprendizagens foram na metodologia. Apesar de ser fácil, de trazer uma dinâmica bem legal, a gente tinha dificuldade de compreensão, mas isso traz mais um incentivo para que a gente possa continuar. Traz [...] uma experiência, uma visão maior, mais ampla de conhecimentos políticos, de aprendizado. [...] um curso que me trouxe muita riqueza e trouxe pessoas maravilhosas para a minha vida. (Valzenir Maria de Oliveira Santos, CE).

Ao analisar os depoimentos, pode-se perceber como muitos(as) participantes se descobriram educadores e educadoras populares no processo de formação e, em alguns casos, houve o reconhecimento da existência da prática da Educação Popular no seio dos Movimentos Sociais populares, como retratam os relatos a seguir:

Foi ali que me descobri educadora popular, que me provocou e me fez perceber que sou capaz de muita coisa, que aprendi a lutar contra as opressões, as desigualdades e não aceitar as injustiças, de mudar, de quebrar alguns paradigmas, isso me ajudou a crescer e sobreviver dentro e fora da organização. A Educação Popular me fez evoluir enquanto pessoa. (Elenilda Carlos de Melo, Ellen, AL).

Serviu para rever a minha prática enquanto educadora popular e ressignificar minhas ações, mesmo atuando no poder público, principalmente pelo fato da educação do campo beber da fonte de Paulo Freire, propulsor da Educação Popular. (Núbia da Silva Oliveira, BA).

O curso colaborou muito para a identificação da prática que realizávamos com a metodologia de Educação Popular, e colaborou com a melhoria da qualidade e com o foco das ações realizadas, a partir da participação do curso e da rede de educadores e educadoras: de acompanhamento a produtores(as) populares de áreas urbanas e rurais; através da realização dos processos de formação (oficinas, encontros, acompanhamentos sistemáticos), desde a articulação, escolha dos locais, preparação das atividades. (Ronildo Monteiro Ferreira, PB).

No processo de formação em Educação Popular, pude perceber meu lugar no mundo e ressignificar na teoria e na prática minha atuação como educadora feminista... de entender que sou um sujeito político em construção – inacabado. Percebi que era preciso respeitar as diferenças, compreender as pessoas na integralidade e partilhar das lutas sociais, tendo o cuidado metodológico de manter relações horizontais, como nunca estaremos prontos(as), e sim continuar abertos(as) para novas aprendizagens, o saber é feito na partilha; escutar sempre, mesmo que não concorde, é importante fazer a escuta e refletir sobre o que foi colocado; respeitar o processo de aprendizagem de cada pessoa, pois o ritmo de aprendizagem é diferenciado para cada pessoa; oportunidade de estar junto nessa articulação com educadoras e educadores do Nordeste, refletindo sobre Educação Popular, nas ações de cada uma/um, tanto na dimensão teórica, quanto na prática. (Rosimere Nery Peixoto, PE).

A incidência política e o engajamento na luta e nos Movimentos Sociais populares resultante desse processo possibilitaram uma atuação mais qualificada e a construção de parcerias, solidariedade, mobilização e agendas comuns entre os grupos e entre as pessoas, permitindo uma ação mais articulada nos locais de atuação de cada educador e educadora.

[...] a participação nestes cursos propiciou-me engajar cada vez mais nas lutas dos Movimentos Sociais de maneira mais qualificada e atuante. Dessa forma, comecei a atuar no Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Genésio (CDDHAG), como também, em outros segmentos e conselhos municipais. (Maria Lúcia Pereira dos Santos, MA).

E este processo também de incidência política, o qual faz com que a gente possa participar de outras frentes, de conselhos, de outros espaços como a universidade, que é outro espaço político e que a gente pode questionar sobre a participação da minoria, sobre as representatividades dos grupos étnicos. [...] Então, a Educação Popular chega a este tempo de transformação. (Maurílio Nogueira dos Santos, PE).

Contribuiu para aprender a lutar pelo direito da juventude no seu território. Foi maravilhoso, saber que nós jovens podemos sim viver nas nossas comunidades e sobreviver da agricultura. Sim, é possível, devolver a esperança aos jovens que não querem sair de sua comunidade, defender nossos direitos, participar de políticas públicas e realizar conquistas para a comunidade. (Kelliane Maria, AL).

Contribui para uma exitosa participação e luta de melhoria e garantia de direitos, como, por exemplo, a criação do conselho de direitos da criança e adolescente, a criação do sindicato dos professores e demais servidores do município de Caxias e o efetivo funcionamento da Escolinha Tia Joana. Lutas concretas com a comunidade. (Joana da Silva, MA).

A experiência de participação nos Cursos de Educadores e Educadoras Populares permitiu a vivência de novas práticas. O

próprio curso era a nova prática porque envolvia a pedagogia do exemplo, daquilo que era feito, proposto e praticado enquanto Educação Popular que liberta, que emancipa e que exige uma postura de solidariedade diante das injustiças. “O processo transformou a teoria que li no livro *Pedagogia do oprimido*, em prática [...]”, disse Vera Freire, da Paraíba.

Contribuição na construção de conhecimentos sobre si mesmo(a), sobre o(a) outro(a) e sobre o mundo

A Educação Popular, desenvolvida durante os Cursos de Educadores e Educadoras Populares tem como características provocar mudanças nas estruturas e na conscientização, o que Gonh (2017, p. 21) trata como sendo um:

[...] processo transformador, que vislumbra, de um lado, mudanças estruturais que venham a promover os direitos de uma cidadania plena, isto é, a justiça social, a igualdade, a liberdade, fraternidade, solidariedade, etc., e, de outro lado, como um processo que atua sobre a consciência dos indivíduos, propiciando-lhes compreender o universo de valores, de símbolos e de códigos que permeiam sua realidade imediata, decodificando-os de forma a poder estabelecer diferenças entre aqueles que contribuem para a liberdade e autonomia dos indivíduos, enquanto seres humanos, e aqueles que os oprimem e aprisionam.

Nesse processo, a conscientização não pode existir sem a reflexão e sem o ato de pensar sobre a prática, como ressalta Freire (1980, p. 26 e 90):

[...] a conscientização não pode existir fora da “práxis”, sem o ato ação-reflexão. [...] Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. [...] A conscientização

não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo. [...] A conscientização [...] supõe, por sua vez, o superar a falsa consciência, quer dizer, o estado de consciência semi-intransitivo ou transitivo ingênuo, e uma melhor inserção crítica da pessoa conscientizada numa realidade desmitificada.

Sendo assim, as experiências vivenciadas nos processos formativos foram fundamentais para a construção de uma visão crítica do mundo, de nós mesmos(as), e da existência das outras pessoas, fazendo perceber que somos seres de interação e que pertencemos a um lugar, que é cheio de contradições, de conflitos e de desigualdades. Mas, com o reconhecimento dessas complexidades, é possível promover transformações dentro de nós mesmos(as), na relação com as outras pessoas e com o mundo. Esse lugar nos caracteriza como pertencentes a uma classe popular, a um grupo étnico-racial, a um gênero, a um território, características que possibilitam a criação de uma identidade regional, como descrito aqui na fala de Mônica (PE): “a gente passava a ter um olhar mais ampliado sobre a região e, também, a pensar estratégias de atuação e de intervenção mais articuladas na região, respeitando aí a singularidade de cada estado e suas articulações políticas e os movimentos existentes nesses locais”.

Os relatos são ricos e demonstram como se deu o reconhecimento de si, do outro, do mundo e do Nordeste, e como essa descoberta demonstra oportunidades de articulação, mobilização e possibilidades que fizeram com que o próprio espaço de vivência, a cidade ou o campo fossem reconhecidos e melhor compreendidos, possibilitando uma intervenção mais consequente, inclusive com a compreensão da necessidade de construção de outro Projeto Político para o Nordeste:

O curso contribuiu para a construção de um modo de ver o mundo e compreender a vida como produto das relações [...] Fez perceber a interação entre os diversos aspectos da vida social, política, econômica, religiosa e também os aspectos da gestão das coisas e dos projetos. (Antonio José Cunha da Silva, CE).

Foi perceptível, também, compreender a vida como produto das relações. [...] o que permitiu reflexões amplas no âmbito político, econômico, social, cultural e pedagógico. Esse processo foi um aprendizado para além dos livros ou aulas, na ação-reflexão-ação, contribuindo para a ampliação da leitura de mundo e de sociedade. [...] (Maria Cristina Moura Santos, BA).

Nesta leitura, aprendi a ler o Nordeste através da troca com outros(as) participantes de vários estados. Aprendi visualizando-o, que é possível implementar um outro projeto político para nós com mais justiça e equidade. (Anadilza Maria Paiva Ferreira, PB).

As reflexões sobre o nosso contexto histórico-social durante o curso e toda a estratégia teórico-metodológica possibilitaram aprendizados e descobertas, tanto sobre minha condição social, minha ação educativa dentro e fora da organização, como minha vida pessoal, todo o processo foi uma grande descoberta. (Elenilda Carlos de Melo, Ellen, AL).

Ampliação da capacidade de leitura crítica da realidade. (Eulina Moraes da Silva, MA).

As experiências e os espaços de formação influenciam, até hoje, na construção da consciência e da participação nos territórios de atuação e nas escolhas de vida. (Luiz Manoel, SE).

As reflexões produzidas durante os cursos, que incluíam o reconhecimento do contexto histórico-social e cultural, assim como o estudo de estratégias teórico-metodológicas, possibilitaram aprendizados e descobertas tanto sobre a condição social dos educadores e das educadoras quanto sobre a ação educativa dentro e fora das organizações, produzindo um efeito na vida pessoal, na autoafirmação como sujeito(a) político(a). Isso despertou

a consciência de si e do papel que cada um/uma exercia em seus espaços de atuação. Ao se reconhecer enquanto ser de interação, “o sujeito é reconhecido – objetivamente, e se reconhece – subjetivamente, como membro de uma classe, de uma etnia, parte de um gênero, de uma nacionalidade e, muitas vezes, de uma religião, culto ou crença. Os sujeitos se constituem no processo de interação com outros sujeitos”. (Gonh, 2017, p. 13).

A análise dos depoimentos permitiu perceber que a participação nos Cursos de Educadores e Educadoras possibilitou o empoderamento feminino e a construção de vivências que nos fez sujeitas de nossa própria existência a partir dos saberes transmitidos pelas nossas ancestrais, como relata Anadilza, da Paraíba: “Fortaleci a mulher que existe em mim considerando e respeitando os saberes que trago da família, da comunidade, da ancestralidade, das minhas vivências, das outras mulheres, das mulheres que têm outras vivências e as minhas potencialidades criativas”.

Desse modo, com os processos libertadores, transformadores e dialógicos, a Educação Popular propicia tanto as práticas como as relações interpessoais, a utilização de estratégias de “superação” do estado de submissão e de ausência do exercício do poder e, a partir dessa atitude, esses sujeitos enfrentam a luta contra o machismo que atinge mulheres e homens (Santos, 2021).

A Educação Popular nos fez evoluir enquanto pessoas porque tivemos a oportunidade de conhecer outras experiências desenvolvidas nas cidades e no campo nordestino. A Educação Popular fortaleceu nossa atuação enquanto seres individuais e seres sociais, criou dentro de nós um dispositivo que nos torna mais sensíveis, mais atentos(as) às questões sociais, que nos possibilita enxergar essas situações com um outro olhar.

No entendimento de Santos (2021, p. 84), “a Educação Popular colabora para a construção de estratégias gerais de intervenção

e para a instrumentalização didático-pedagógica necessária ao processo de reaprendizagem de novos saberes, conhecimentos e práticas”. E, ainda, “é o movimento de aprender e ensinar que possui vida, porque tem sentido e dá sentido, dando significados aos processos de aprendizagem, uma vez que mobiliza emoções, desejos, razões e ações, produzindo ideias desestabilizadoras e alternativas [...]” (Santos, 2010, p. 56).

A Educação Popular é uma lente de aumento através da qual vemos o invisível, cujas aprendizagens são para a vida e não para um lugar específico onde se possa praticá-la. A Educação Popular proporciona ganhos para a luta na comunidade, para a vida em particular. “Participar dos Cursos foi uma experiência de crescimento [...] Através dos nossos encontros, fizemos trocas de conhecimentos incríveis. Ouvir cada história me fez sair do meu território e conhecer outros territórios”, explica Vera Lúcia (PE). O exercício é constante, a pessoa se torna um ser melhor, mais sensível, ao mundo, ao outro, à natureza, a sociedade. “[...] Ninguém passa por ela e continua a mesma pessoa” (Roseani Fonseca, BA).

Os relatos a seguir demonstram como os educadores e as educadoras se referem à construção de si mesmos(as) durante o processo:

Construção dessas vivências na vida, construção pessoal de ser sujeita de sua existência. A formação em Educação Popular traz transformação para a vida inteira. (Maria Gerlane da Silva, RN).

Fortalecimento da luta e experiência pessoais para enfrentar e se envolver mais ainda pelo espírito da causa social. (Josiclébio do Nascimento Bastos, PE).

Como eu venho do meio rural, tive a oportunidade de conhecer outras experiências da cidade e outras experiências camponesas também, que foram fortalecendo minha atuação enquanto ser individual e enquanto um ser social. (Oscar Alan Gomes dos Santos, AL).

Ao mesmo tempo que há o reconhecimento do mundo e de si, percebe-se o(a) outro(a), pois não há existência sem a presença do(a) outro(a) e da relação. É na interação e no diálogo que nos afirmamos como seres sociais, históricos e como sujeitos(as). Nesse processo, os(as) outros(as) eram educadores/educadoras, eram os(as) que se faziam colo, eram:

[...] aqueles em que adormeci e amanheci recebendo o colo e a fortaleza para a vida continuar. São coisas para eu guardar e que jamais vou esquecer. Lições muitas, enormes aprendizados, inusitadas experiências e muitas histórias para contar. Em cada canto, desse lugar que vivi, em cada canto desse Nordeste, em cada canto na minha casa de afeto tenho guardado, no meu quadro de retrato, as lembranças de todas vocês. (Suelene Souza, PB).

Como diz Siqueira *et al.* (2022, p. 2) essa relação:

É regida pelo diálogo aberto, se fazendo valer da empatia recíproca para despertar no outro a vontade de ser mais. Ela instiga a troca de saberes oriundos das vivências de cada sujeito, assim, cada indivíduo contribui com o seu saber empírico, influenciado pela sua cultura, seu meio social, e traz para o diálogo reflexivo e crítico a sua subjetividade, podendo aí, existir uma identificação com o outro, reforçando a relação de ambos, norteadas por vínculos afetivos.

Os relatos dos educadores e das educadoras explicitam que os cursos possibilitaram, ainda, o conhecimento e a prática de uma metodologia do trabalho popular, com as comunidades e com os Movimentos Sociais. Assim, vivendo momentos como educandos(as) e como educadores(as) em processo de aprendizagem de saberes e conhecimentos, “nas condições de verdadeira aprendizagem, os(as) educandos(as) vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado,

ao lado do(a) educador(a) igualmente sujeito do processo” (Freire, 1996, p. 26), como verificamos nos relatos a seguir:

[...] a gente consegue levar esse pensamento, levar essas ideias, assumir essas práticas da Educação Popular e trabalhar metodologicamente com essa proposta. (Ana Célia Santos, PI).

[...] Compreensão da metodologia da Educação Popular e dos efeitos dela nos processos de formação. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

Contribuiu para o entendimento da metodologia da EP para utilização nos espaços de atuação (Raimundo de Oliveira, Cajá, PB).

Até hoje [...] eu uso a metodologia que eu me apropriei da formação da EQUIP. Ela subsidia a minha prática educativa como um todo. (Cláudio Braga, PE).

É por isso que hoje nós, no nosso mandato, realizamos seminário de análise de conjuntura, fazemos rodas de conversa, realizamos intercâmbio de experiência. (Maria Divaneide Basílio, RN).

O curso alimentou em mim a capacidade de criar metas para cada ação que procurei desenvolver. Avaliar o espaço de atuação e o interesse das partes implicadas na ação. Ajudou a traçar linhas de orientação – de onde saio e onde pretendo chegar. [...] Roteiro comentado é instrumento indispensável em todos os meus campos de atuação e nas ações cotidianas até hoje. O quadro de demarcação – onde, quando, como, com quem, para que... Investimento em leituras por interesse, conforme a conjuntura e apelos de cada momento. Escolha de um tema mestre de conduta de vida, capaz de chamar outros temas, no meu caso, “as cidades”. (Maria das Graças Nascimento, PB).

Nesse processo, o saber popular e o saber acadêmico se complementam. A formação “pontual” programática e na “ação” se interpenetram. Várias iniciativas e modalidades formativas se sucedem: Os intercâmbios, os Festivais de Juventude, o estudo e a elaboração de textos. A produção de instrumentos educativos: Curso a Distância, Linhas do Tempo, Tarefas, Prazeres de Casa,

Cartilhas, Campanha “Voto não tem preço, tem Consequência”, produzida sob orientação de Antônio Albuquerque junto aos estudantes de jornalismo, publicidade e propaganda da UNP, a revista Gaveta Aberta e as mentes circulando aprimoram o fazer educativo e a prática dos educadores. (Luciene Maria Ambrósio de Mesquita, Mana, AL).

As aprendizagens resultantes da ação educativa da EQUIP se multiplicam, à medida que os cursos vão se expandindo, assim como os públicos e as áreas de intervenção, pois o educador e a educadora experimentam, em seu processo formativo, o fazer pedagógico, como o prazer de casa, realizando novas formações em seus grupos ou movimentos de sua atuação, e retornando para partilhar suas experiências e coletivamente pensar os próximos passos.

Nesse sentido, as reuniões sistemáticas dos coletivos das redes (Educadores e Educadoras, Rurais, Jovens e a Articulação de Políticas Públicas) é um grande acerto enquanto espaço de planejamento, avaliação, acompanhamento e monitoramento da ação. Não poderíamos deixar de registrar o aprendizado, a troca de experiência, o enriquecimento entre os(as) participantes, como: Néelson (*in memoriam*), Jesus, Mácrima, Berenita, Jovina, Pedro, Ellen, Givanildo (Gygy), Edvaldo, Oscar Alan, Wellington, Tiago e outros que foram surgindo gradativamente. Júnior, Maria Mota, Geane, Aguinaldo, Trindade, Pedrão, Juliano e Simone (*in memoriam*). No Maranhão, João Maria, Zezé, Eulina, Francisca, Mano, Eurico e Dica.

Ainda tivemos a oportunidade de conviver e aprender com companheiros(as) de todo o Nordeste. No Ceará, temos Fátima Mesquita, Angélica, Antônio José, Carmilson, Clébia e Regilane; no Piauí, Ana Célia, Carmelita, Meirian, Antonio Carvalho e Elmo. Na Paraíba, nosso querido Paulo Afonso (*in memoriam*), Joana

d’Arc, Dora, Douraci, Romildo, Juliano, Anadilza e Suelene. No Rio Grande do Norte, Divaneide, Regina, Marcelange, Gerlane, Carlos, Ilena, Toinha e Gardênia. Em Pernambuco, Mônica, Cláudio, Rildo, Pedro, Alcineide, Marlene, Brígida, Jane e Joana Santos. E, em especial, na Bahia, Acácio (*in memoriam*), Cassia, Vilma Cristina, Cristina e Marivaldo. Luciene (Mana) destaca: “onde acompanhei, a maioria do meu tempo, como educadora da EQUIP, dentre outros(as)”. E, assim, aprendemos uns/umas com os(as) outros(as), construímos saberes, partilhamos a vida, a experiência. “O valor da mística, do resgate de nossos traços culturais, da dança, da música, da ética nas atividades formativas que afirmam e reforçam as nossas identidades. O compromisso com as tarefas, “prazeres de casa”, o uso do Caderno de Campo do Educador e da Educadora Popular”, como aborda Mana (AL).

O processo de formação resultou em ricas intervenções, ações conjuntas e ocupações de novos espaços de poder que ocorriam no próprio local de atuação, em nível estadual, regional ou de caráter nacional, imprimindo uma nova relação entre Estado e sociedade civil. Esses sujeitos estavam nos Movimentos Sociais, nas organizações da sociedade civil, universidades, nos organismos eclesiais, centros de estudo e pesquisa, eram parlamentares, entre outros(as). Esses sujeitos inseriam pautas nas suas agendas de trabalho, realizavam ações, manifestações sociais em parceria, em prol de mudanças e melhoria das políticas públicas. As ações em torno do desenvolvimento humano se multiplicaram, assim como as iniciativas nos campos da educação, informação e comunicação. Assim, essa ação foi se multiplicando para os territórios e para a gestão das políticas públicas, nos governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff (de 2003 a 2016). Essa estratégia levou para a política governamental as práticas, metodologias e concepção da Educação Popular.

Contribuição para a valorização das subjetividades, dos afetos e das relações

As subjetividades e os afetos são elementos importantes para se pensar os processos formativos libertadores e transformadores que ocorrem nas interações que envolvem a nossa vida. Ao expressar seu sentimento sobre o curso, Amparo, educadora popular do Piauí, destaca a importância dos elementos da subjetividade, da cultura, da arte e da criatividade nos processos educativos e na constituição das identidades:

Ao lembrar-me do meu primeiro contato com a Escola Quilombo dos Palmares, me vem o som das canções que cantávamos à noite: “Ninguém ouviu, um soluçar de dor no canto do Brasil. Um lamento triste sempre ecoou, desde que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou: negro entoou, um canto de revolta pelos ares, no Quilombo dos Palmares, onde se refugiou...” “Não há, oh, gente, oh, não, luar como este do Sertão”. Me vêm à lembrança o sorriso e a voz da companheira Francisca Trindade, grande liderança popular do Piauí que esteve comigo no primeiro curso que participei na EQUIP. Me vem à lembrança a ciranda! Vêm-me à lembrança as nossas confraternizações noturnas, o forró, a alegria de sonharmos juntos a transformação social (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

Esta foi uma das contribuições importantes dos cursos nas vidas das pessoas: o entendimento de que “os cursos foram espaços de valorização das subjetividades, dos afetos e relações que não estão presentes no cotidiano da militância”, como diz Amparo (PI). Trata-se de algo necessário e imprescindível para uma educação libertadora e que almeje a emancipação humana. Essa construção foi fonte inesgotável de aprendizagens, vivências e experiências pessoais e coletivas, e se tornou “momentos de superação de limites [...] fortalecimento de relações de afetos, solidariedade, respeito às diferenças, reconhecimento de

potencialidades e fragilidades, recomeços quase sempre”, afirma Ilena (RN). Esse aspecto contribuiu para a afirmação da autoestima, para a superação dos medos, tornando os(as) participantes capazes de fazer uma leitura mais aproximada da realidade. Nesse sentido, vários depoimentos atestam importantes elementos de contribuição:

[...] uma primeira contribuição é no sentido da autoafirmação positiva, ou seja, da valorização pessoal (superação de medos, timidez, descoberta de capacidades, habilidades etc., reconhecer-se enquanto sujeito social e vindo do meio popular). (Luciene Martins Ferreira da Silva, PB).

[...] uma outra coisa também é que isso agregou na minha vida pessoal, porque eu tenho grandes amigos e amigas que fiz ao longo dessa jornada. (Mônica Rodrigues Costa, PE).

O conjunto dos nossos aprendizados nos constrói no que somos. Posso destacar que a principal construção subjetiva do curso foi aprender a ler e a escrever. Não falo literalmente, porque tenho educação superior, mas falo, aprender a ler por mim, a pensar bem no que está escrito, aprender tanto a interpretar quanto a questionar o que está por trás das letras, a ouvir o(a) outro(a) ouvindo de fato, respeitando de fato; aprender e crescer na convivência com o diferente. [...] No curso, conheci um amor, um companheiro, tive uma filha, ganhei amigos e amigas que confio, respeito e amo e que me ajudam na caminhada. (Anadilza Maria Paiva Ferreira, PB).

[...] aprender como lidar com as pessoas, carinho e cuidado com as pessoas. (Joana Santos Pereira, PE).

O desafio de tratar da subjetividade em processos formativos se tornou um campo fecundo de aprofundamento nas Ciências Sociais e Humanas, nas últimas décadas. Cada pessoa é singular e cada uma reage de forma ímpar aos conhecimentos, o que tem a ver com as suas experiências pessoais, os seus desejos, a sua trajetória, condições do meio em que vive, as relações, as interações

constituídas na sociedade. Os valores apreendidos vão nortear o comportamento político na sociedade.

Da participação nos Cursos de Educadores e Educadoras Populares resultaram relações de amizade duradouras, de carinho e cuidado, que fortaleceram a afetividade construída nos momentos dos cursos e que foram necessárias para que aprendêssemos como lidar com as pessoas e a desenvolver o carinho e o cuidado pelos(as) outros(as). “E foi de transformação, também, na minha vida, vida com os amigos, os quais partilharam do mesmo espaço de formação” (Maurílio Nogueira dos Santos, PE).

Segundo Thompson e Leaning (2003), fica evidente que será necessário trilhar um longo caminho em direção à formação na perspectiva da subjetividade. Trata-se, pois, de repensar o próprio fazer educativo. Primar pela humanização no processo, pelo compromisso ético materializado através da abertura de espaço para o sensível, a arte e a expressão subjetiva.

Esses aspectos citados anteriormente coadunam-se com as reflexões realizadas por Paulo Freire e Ira Shor (2008), quando afirmam que o processo educacional é, antes de tudo, expressão estética, artística e sensível de mediação de conhecimentos entre o(a) educando(a) e o(a) educador(a). Sobre o referido processo, destacam que, mesmo que a tarefa de formar não seja estritamente do educador e da educadora, qualquer que seja o nível da educação é, necessariamente, um processo artístico. De acordo com esses autores:

[...] é impossível participar desse processo de modelagem, que é como um novo nascimento [...] Nesse aspecto, a educação é, por natureza, um exercício estético. Mesmo que não estejamos conscientes disso, enquanto educadores e educadoras, ainda assim estamos envolvidos num projeto naturalmente estético. O que pode acontecer é que, desatentos ao aspecto estético da educação, nos tornemos maus artistas, mas, não obstante, artistas de algum

tipo, na medida em que ajudamos os educandos a ingressar num processo de formação permanente. (Freire; Shor, 2008, p. 149).

Na perspectiva de Arendt (1995), a liberdade situa-se, exclusivamente, na esfera política, instância na qual a vida pública e o mundo são construções coletivas. Logo, requer uma educação como prática social e o homem e a mulher como sujeitos culturais que provoquem reflexões profundas, como sujeitos críticos e, necessariamente, praticantes de uma educação libertadora, o que não ocorre com os processos de formação alienantes que não pretendem formar seres ativos, críticos e autônomos capazes de, por meio do exercício de cidadania, promover transformações societárias.

Constata-se, na análise dos depoimentos, que a participação nos cursos provocou atividades de aprendizagem formativas, processuais e possíveis de provocar nos(as) participantes a reflexão de sua prática na perspectiva de que isso levaria a mudanças de comportamentos, de valores e de atitudes. Estes são os grandes desafios: provocar aprendizagem em movimento dialético entre teoria e realidade; buscar formas de participação e interação do público; incentivar processos de humanização, de socialização e de singularização; e usar metodologias apropriadas, atuais e diversificadas de aprendizagem. Esses são desafios que devem promover a construção de variados processos comunicativos e de utilização das novas tecnologias para além do senso comum, de modo que resultem na aprendizagem de forma mais criativa e prazerosa, o que requer dos(as) formadores(as) o reconhecimento da subjetividade no processo de reflexão sobre a práxis, na transmissão do conhecimento e no engajamento ético do sujeito no campo educativo.

Contribuição para a formação da vida pessoal e qualificação profissional

As contribuições para a vida pessoal e profissional foram um dos aspectos bastante destacados nos relatos dos educadores e das educadoras. Eles(as) atestam que, nas etapas do curso, aconteceram as primeiras descobertas e os primeiros apegos, e as grandes referências passaram a ser mais presentes, como Paulo Freire, Valéria Rezende, Oscar Jara Holliday, Raul Leis e Carlos Nunes, entre outros(as). Vários relatos nos afirmam isso:

[...] O curso de educadores populares foi importante na minha formação como educadora popular, como profissional da educação pública e na militância. Então, foi a Educação Popular que fez eu me tornar a mulher que sou hoje que não larga os seus ideais e seus princípios construídos e aprendidos coletivamente junto com seus companheiros(as). A gente sabe que as relações machistas existem e cada vez mais essas relações ficam mais complexas, aumentando a violência contra as mulheres, o feminicídio. Nós temos que tentar reconstruir as relações, rompendo com o patriarcado, com o machismo, com o capitalismo para poder construir uma nova sociedade. (Ana Célia de Sousa Santos, PI).

Então, uma coisa bem importante que aconteceu foi compreender, é possuir uma nova ferramenta educativa. [...] isso foi muito bom e muito poderoso, porque eu acabei trazendo também esse campo teórico-metodológico para minha prática profissional, tanto na Saúde, no tempo que eu passei na Secretaria de Saúde. Acabei levando isso pra docência, isso nas minhas aulas, na minha forma de ministrar, de transitar, no currículo, no projeto pedagógico do curso. (Mônica Rodrigues Costa, PE).

Aumentou a minha compreensão do espaço/realidade onde estou inserida a partir da reflexão coletiva nos cursos, a militância popular com reflexo na atividade profissional. (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

[...] na minha formação, no meu trabalho de base, na minha atuação como jornalista e educador popular, me desenvolveu em todos os sentidos: como pessoa e na minha vida profissional, com incidência político-metodológica na sociedade (Cláudio Braga, PE).

Outro aspecto é o fato de os Cursos de Educadores e Educadoras impulsionarem a ampliação dos conhecimentos e o gosto pelo estudo, incentivando, em alguns casos, a continuidade da escolarização, chegando até à melhoria da vida pessoal, como podemos verificar nos trechos abaixo:

A participação no Curso foi significativa no âmbito pessoal, profissional e social, trazendo reflexões amplas no campo político, econômico, social, cultural e pedagógico, contribuindo para a ampliação da leitura de mundo e de sociedade. Me impulsionou a fazer a graduação, especializações e outros cursos. Um aprendizado além dos livros ou aulas, mas na ação-reflexão-ação. (Maria Cristina Moura Santos, BA).

[...] o processo de formação contribuiu para a autoestima, como deficiente visual, no momento em que contribuiu para meus estudos sobre a pessoa com deficiência, culminando na realização de uma pós-graduação e na elaboração de artigos científicos. (Raimunda Moreira, MA).

Impulsionou a educadora a fazer uma graduação. (Maria Gerlane da Silva, RN).

[...] A partir dos cursos de educadores, eu tive interesse e vontade de continuar estudando. [...] Eu acho que essa experiência anterior na formação com a Educação Popular me ajuda bastante para eu ser um professor criativo e na minha prática tanto na relação com os estudantes quanto na relação com meus colegas e diretores (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

[...] Foi possível construir espaços políticos importantes, o que culminou em uma melhoria significativa do ponto de vista econômico na minha vida e que resultou no meu crescimento pessoal. (Edivaldo Carlos de São Pedro, AL).

Os Cursos de Educadores e Educadoras Populares foram experiências e vivências para além do aprender uma metodologia, uma teoria da Educação Popular. Foi a própria prática da Educação Popular que transformou a vida de todas as pessoas envolvidas. Essas transformações envolviam a vida pessoal, a vida em relações com as pessoas, com os grupos de que participávamos e com a vida profissional. Isso contribuiu para uma atuação militante e profissional mais qualificada. A prática da Educação Popular adentrou espaços de gestão das políticas públicas e das universidades, contribuindo para a construção de um novo modo de fazer educação.

Contribuição para a criação da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste

A realização dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares teve como um dos resultados significativos a criação da Rede de Educadores Populares do Nordeste. Esse elemento é muito valorizado e presente em grande parte dos depoimentos. Assim, mesmo sendo tratado de forma mais específica em um dos itens desta sistematização, traremos aqui de algumas abordagens, pois entendemos que essa rede é a grande contribuição do processo formativo realizado, pois ela anima a Educação Popular no Nordeste, mesmo nos momentos em que a EQUIP sofreu com a falta de recursos e redução de sua equipe de educadores e educadoras, não deixando morrer a semente plantada.

Assim, a Rede passou a ser referência na vida e na prática dos educadores e das educadoras populares no Nordeste. Para Mana, educadora de Alagoas, na medida em que você se faz “Educador e Educadora Popular”, independentemente do espaço que ocupa,

you vai fazer, agir de um jeito diferente, que lhe dá unidade, sentimento de pertencimento a uma rede que é político-metodológica e se expressa nos valores, na ética, na afetividade, na amorosidade e no compromisso com as classes populares e com a transformação social. A partir daí, o momento que você aprende e a hora que você ensina se entrelaçam. Para Carmelita, educadora do Piauí, esse processo foi “uma formação intensa, muito rica em conteúdo, debate e aconchego. Uma experiência cheia de significados, [...] dando continuidade à articulação de formadores(as) que trabalharam para criar uma Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste”.

A Rede se consolidou como um espaço de agregamento, de articulação e engajamento desses sujeitos sociais que acreditam e veem na sua forma diferente de viver e educar uma alavanca para a transformação social. Os relatos a seguir revelam que a formação e a articulação na Rede de Educadores Populares do Nordeste foi o sustentáculo nos momentos mais difíceis da conjuntura econômica e política do país, especialmente, na década de 1990, com a ascensão do neoliberalismo no Brasil, como descreve uma educadora:

A década de 1990 foi marcada pela ascensão do neoliberalismo no Brasil. Depois da euforia política da década anterior no país com o movimento de massa Diretas Já e toda a mobilização da Assembleia Nacional Constituinte, os anos 1990 foram uma resaca geral. Perdemos a eleição do Lula, a revolução sandinista foi derrotada e caiu o muro de Berlim! Era o triunfo do capitalismo! Muitos militantes adoeceram, outros abandonaram a luta e outros mudaram de lado! Nós não! Quem ficou no curso e depois na Rede de Educadores atravessou esse mar revolto com muita luta e alegria! Ouso dizer que essa década, com a Rede de Educadores Populares do Nordeste, vivi os melhores momentos de minha vida. (Rosângela Alves Bolte, PB).

O Curso de Educação Popular trouxe diversas informações. Primeiro, que existia uma relação grande com a realidade atual e com os grupos sociais os quais participava. Desde os anos 1970, dos anos 1980, trazia algumas configurações, de alguns momentos em que o país viveu, como o golpe militar. Trouxe essa presença e as lideranças que também estavam à frente. Então, tudo isto ajudou a compreender e a entender que o Curso de Educação Popular é um espaço social, de transformação social a partir deste conhecimento que a gente adquire. (Maurílio Nogueira dos Santos, PE).

Em 2009, eu trabalhava no Conselho Nova Vida e na instituição Visão Mundial, quando fui convidada para participar do Curso para Educadores Populares da Escola Quilombo dos Palmares, que permitiu maior ampliação metodológica, que me dá essa possibilidade maior de participação política dentro das discussões na cidade, de uma educação integral, mas também de uma Educação Popular. [...] A Rede de Educadores ajudou a ampliar essa visão, a formação conosco e esse curso me trouxe assim uma dinâmica política bem maior para minha participação nas grandes movimentações que tinha na cidade. (Valzenir Maria de Oliveira Santos, CE).

A Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste gerou multiplicadores(as) da concepção e da prática da Educação Popular que promovem outras articulações e outras parcerias, tanto entre entidades e Movimentos Sociais populares quanto entre os próprios educadores e educadoras ou nos espaços de exercício de poder.

Algumas considerações finais

Por fim, como podemos constatar, foram múltiplas e significativas as contribuições dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares nas vidas dos(as) participantes após a realização dos cursos. Essas iniciativas formativas multiplicaram-se e

descentralizaram-se Nordeste afora, em um processo de multiplicação de sonhos, esforços e incidência política, de diferentes ordens: em seus locais de origem, espaços diversos, institucionais ou populares.

Nesse sentido, o reconhecimento da importância da subjetividade no processo formativo é um elemento de destaque, pois os Cursos de Educadores e Educadoras valorizavam as experiências e a história de vida de cada participante a partir da reflexão das práticas, tornando o processo um momento de reflexão-ação-reflexão no diálogo permanente. Desse modo, a experiência formativa da Educação Popular da EQUIP, que resultou na Criação da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, foi uma ação em parceria que ultrapassou três décadas. Esse processo foi fundamental, pois favoreceu a formação que considera as dimensões culturais e pessoais dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as), a dinâmica em que se constrói suas identidades, como uma construção que tem as marcas das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, ou seja, respeitando como cada sujeito mobiliza os seus conhecimentos e valores para ir dando forma à sua identidade, tanto coletiva quanto individual.

Nesse caso, afirmamos que o papel do educador e da educadora é mais do que transmitir um saber externo. É ser um/uma mediador(a) dos conhecimentos trazidos pelos(as) envolvidos(as) e os conhecimentos produzidos historicamente. É necessário, também, que o educador e a educadora tenham uma postura amorosa, dialógica e ética diante das diversas realidades e grupos sociais onde atua, que seja reflexivo(a), com capacidade crítica sobre a realidade histórica, um/uma militante social comprometido(a) com a vida das pessoas, com o projeto político de sociedade, um educador e uma educadora capazes de articular a vida, a cultura e o saber do povo tanto na ação programada intencional quanto

na formação na ação. Assim, para ser educador e educadora popular, é necessário se reconhecer como tal, ter capacidade de se integrar com o processo de formação, com a ação do movimento, com a organização e com as várias dimensões da vida das pessoas. Nessa perspectiva, Morais (2021) ressalta a importância e o papel da formação sensível, subjetiva e artística, considerando os diversos espaços educativos.

As análises apontaram que as experiências cotidianas, a visão de mundo e as emoções também são partes de um universo sensível, fundamental para enriquecer o processo de formação como um todo. Nesse caso, uma metodologia de formação na Educação Popular deve priorizar os sujeitos, o que significa dizer que a própria pessoa se forma a partir de seu percurso de vida, pois o processo de formação se inicia muito antes do ingresso nos cursos de formação.

Na perspectiva de Dominicé (1990), a metodologia que se utiliza das experiências de vida como alternativa de formação permite uma revalorização da noção de experiência, pois põe em evidência a maneira pela qual o saber se forja nas situações concretas e como se desenvolve nos acontecimentos existenciais.

Portanto, as discussões e atividades realizadas no processo se inserem na perspectiva de evidenciar a importância da formação heterogênea, múltipla e diversificada, valorizando as diferenças e o respeito entre as(os) participantes. É dentro dessa dinâmica que é possível construir uma Educação Popular democrática, participativa e que possibilite a construção coletiva do conhecimento, permitindo que os(as) sujeitos se tornem autônomos(as), crítico-reflexivos(as), capazes de redefinir as suas trajetórias de vida e do mundo em que estão inseridos(as).

Sendo assim, fica a crença de que esse conjunto de “novas” práticas e posturas trazidas pelas experiências vivenciadas através dos

Cursos de Educadores e Educadoras Populares inspira o nosso fazer, renova as nossas utopias e cria uma unidade no agir educativo. É preciso acreditar que a mudança faz parte do esforço humano de transformar a realidade, de construir a cidadania, de melhorar a vida do povo e de lutar sempre pela garantia dos direitos humanos das mulheres, negros(as), indígenas, LGBTQUIAP+ e de toda população excluída dos processos de humanização e emancipação.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 1996.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesc, 1999.

DOMINICÉ, P. *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: L'Harmattan, 1990.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GONH, Maria da Gloria. Retrospectiva sobre a Educação Popular e os Movimentos Sociais no Brasil. *Movimento Revista de Educação*, Niterói, 2017.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília, DF: MMA, 2006.

MORAIS, Tiago Anderson. Arte, subjetividade e formação sensível: reflexões sobre a educação na contemporaneidade. *Revista Educação Pública*, [s. l.], v. 21, n. 14, 20 de abril de 2021.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. Educação popular e movimentos de mulheres. In: CALDEIRA, Isabel; CANELO, Maria José; CHOLANT, Gonçalo (org.). *Reinventar o social: movimentos e narrativas de resistência nas Américas*. Coimbra: Impressa da Universidade de Coimbra 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *As Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2010.

SIQUEIRA, Cleuza Maria Camargo Dutra; EDLINGER, Edlinger; BARBOSA, Magda Simone. A essência da amorosidade na educação para Freire. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/siqueira_barboza.pdf. Acesso em: 1º jul. 2022.



Sistematização Regional das Experiências 1996,
João Pessoa-PB



Curso 2007,
Fortaleza-CE



Seminário Regional,
2022, Recife-PE



Curso 2007,
Fortaleza-CE



EduPop 2008,
Carpina-PE

8

Educação Popular e reinvenção da emancipação social

Ilena Felipe Barros
Mônica Rodrigues Costa

Pra começo de conversa...

Os educadores e as educadoras populares da Rede Nordestina sempre participaram das lutas sociais por direitos na realidade brasileira, nutridos(as) pelo fazer educativo e pela consciência de classe construída na vida, no engajamento e no trabalho. São militantes que, a partir da formação na metodologia da Educação Popular, foram impulsionados(as) em suas ações coletivas e realizam a incidência política para a transformação da realidade, por dentro de seus Movimentos Sociais, organizações populares e por todos os espaços que ocupam ou ocuparam.

A partir dos depoimentos dessa sistematização de experiências, pode-se afirmar que a Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste fomentou um grupo de lideranças atuantes na luta por direitos e pela emancipação da sociedade brasileira e da nordestina, especialmente. Os principais elementos presentes nos testemunhos dos que passaram por esse processo são: a formação da consciência de classe, raça e gênero; a leitura crítica da realidade socioeconômica do Nordeste e do país e a transformação social como horizonte nas lutas sociais populares.

Os educadores e as educadoras e lideranças populares no Nordeste tecem no contexto local e regional, ancorados(as) nos fios de resistência e da Educação Popular, um novo mundo, um novo jeito de ser e viver na realidade, a partir de princípios

libertários, emancipatórios, solidários e humanitários. Nas palavras de Graça (PB), “onde vou, me carrego por inteiro e o aprendizado da Rede de Educadores não fica no armador da partida, chega comigo ao meu destino”.

A construção da consciência de classe, raça e gênero e da luta por direitos

Acima de tudo, procurem sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a mais bela qualidade de um revolucionário.

(Ernesto Che Guevara)

Um dos aspectos que mais chama a atenção, nos depoimentos dessa sistematização, é a ampliação da consciência política, que cada educador e educadora carrega consigo. Nesse caso, é evidente que a construção da consciência política tem como elemento relevante a leitura da realidade, a forma como os educadores e as educadoras populares formados(as) pela EQUIP a analisam e a interpretam, localizando-se num determinado lugar da luta cotidiana pela sobrevivência. A tomada de consciência político-social acontece nas experiências – conceito fundamental para Paulo Freire – da vida, como está vinculada ao lugar de fala e de representação política dos educadores e das educadoras da Rede, como trabalhadores(as), pessoas negras, mulheres, deficientes, LGBTQIAP+, entre outros engajamentos. São mulheres e homens jovens, maduros(as) ou idosos(as) que produzem riquezas para o coletivo a partir da sua força de trabalho, de sua capacidade mobilizadora, de seu engajamento político-social e de seu compromisso com a mudança.

Continuarei na luta pelos meus, porque assim me completo como ser humano e como profissional [...] me embasaram e me formaram e me formam para as lutas diárias que travo contra o sistema opressor, para me libertar e libertar os meus das correntes da dominação e escravidão mental que nos assola. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

Nesse sentido, os extratos de vários depoimentos, dos quais trouxemos alguns exemplos, revelam como os processos educativos são capazes de promover uma “queda dos véus” que encobrem a nossa consciência, quer dizer, a formação reflexiva nos leva a perceber que existe um discurso dominante e majoritário acerca do mundo ao nosso redor, que, inclusive, nos impede de ver a beleza das coisas e das pessoas.

Me dei conta ali de que eu só repeti o discurso dominante, que era veiculado na cidade. Mais tarde, fui trabalhar na Saúde e passei a ser militante do Movimento Popular de Saúde (MOPS) (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

O engajamento político no campo popular democrático inevitavelmente leva à necessidade de organizar a luta por direitos, que decorre da própria construção da consciência política. Essa consciência é forjada ao longo da vida e também tem relação com a participação sociopolítica e o acesso a processos formativos problematizadores dessa existência. Inicialmente, a consciência seria um processo de aproximação e percepção subjetiva de uma realidade concreta e exterior (objetiva). Uma realidade externa que se interioriza. É a relação que se estabelece entre os indivíduos e o mundo real. “É antes de tudo a captação de um concreto aparente, limitado, uma parte do todo e do movimento de sua entificação” (Iasi, 2007, p. 14)

[...] fortalecimento da participação nos movimentos e renovação da esperança de uma sociedade mais justa com melhor qualidade

de vida. Mesmo não atingindo mudanças profundas, com certeza, contribuiu para a mudança de mentalidade [...] (Francisca Araújo Silva, MA).

O despertar da consciência pode acontecer numa atividade formativa, numa manifestação, numa Romaria da Terra, num processo de luta por direitos e/ou na luta diária por sobrevivência. É uma experiência individual e coletiva; é um fazer e refazer-se, construir e desconstruir, compromisso com a transformação do mundo. Educadores e educadoras, numa experiência única no coração do Nordeste, têm realizado essa aventura de construção coletiva da consciência de classe.

Na Pastoral da Juventude do Meio Popular, conheci e descobri o mundo em que eu vivia. Até então, eu achava que eu era pobre porque Deus queria. Que eu morava na periferia de Natal porque era castigo de Deus. Quando comecei a participar da formação militante da PJMP, aquelas concepções foram desconstruídas, dando lugar a outros significados e conceitos. Começava ali, na juventude, meus primeiros passos e meu encontro com a Educação Popular. (Ilena Felipe Barros, RN).

A história e a consciência andam de mãos dadas, são meias-irmãs. Quando contextualizamos a vida e resgatamos a memória perdida propositalmente, o quebra-cabeça se arma e se completa. Por isso, somos levados(as) a desconhecer nossas histórias de luta e resistência, para que não nos inspirem a continuar. No entanto, alguma hora elas chegam a bater em nossa porta, como nos conta Graça, da Paraíba:

A Campanha da Fraternidade “Terra de Deus, Terra de Irmãos” me inspirou... Visitei as ruínas do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, na Chapada do Araripe. Comunidade criada pelo Beato Zé Lourenço sob orientação do Padre Cícero, destruída por forças policiais em 1937, porque diziam “ser comunista”. Tive a primeira chance de perguntar sobre Comunismo. A Romaria da Terra de

Juazeiro a Canindé, atravessada por um acidente desconcertante, foi sinal de alerta sobre as grandes questões de terra no Brasil [...] Os acontecimentos entravam pelos meus olhos e pousavam nas minhas entranhas. Eu ruminava o que engolia junto com o pó das estradas. Em tudo, tinha um pouco de aventura. Viver tinha gosto de quero mais. (Maria das Graças Nascimento, PB).

As experiências sempre nos afetam de alguma maneira, provocando mudanças em nosso próprio ser – de natureza racional, emocional ou até mesmo física – ou de ordem coletiva. Como afirma Luiz (SE): “a Educação Popular foi um fio em minha vida, no potencial de influenciar, de alterar e de melhorar a realidade nos territórios e nas categorias que a gente pode atuar”. É essa afeição que geralmente nos leva a agir em alguma direção: na luta por direitos, por representatividade ou por mudanças culturais. Podemos aqui afirmar que majoritariamente os(as) depoentes falam de seus esforços para manter ou ampliar direitos.

[...] comecei minha militância aos 25 anos, na mesma Sociedade em que hoje sou presidenta, sempre na defesa dos direitos humanos, sociais e políticos da minha comunidade. Minha busca sempre foi compartilhar conhecimentos e ensinamentos. Sou militante do PSOL, o que me fortaleceu ainda mais na defesa das causas das diversidades, na luta contra o racismo e ainda mais por ser mulher negra, pobre e periférica. (Vera Lúcia Domingos de Melo, PE).

A fala de Vera é representativa de tantas outras mulheres negras, pobres e periféricas que diariamente precisam lidar com a violência social e de Estado. Por isso a necessidade de se fortalecer como pessoa e sua coletividade, de modo que chegue alguma proteção social legal, ou outros coletivos que se constituem em redes de apoio e de conhecimento, para fazer crescer nosso olhar sobre a realidade, ampliar nossas lentes de leitura e atualizar nossas visões. Lélia Gonzalez (1982) chama a atenção sobre o cruzamento de discriminações que recaem sobre a mulher

negra: “[...] na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como seu lugar na força de trabalho” (Gonzalez, 1982, p. 96).

É fato que, nas primeiras turmas de educadores e educadoras, questões raciais e de gênero não eram tão relevantes nos processos formativos. Isso se deveu, em parte, à tradição do pensamento social de esquerda e da sua formação política correspondente, bastante influenciada pela concepção da luta de classes, sobretudo, forjada pelo pensamento social do colonizador (europeu) e pouco enraizada e crítica da sociedade colonizada à qual se refere. No entanto, as críticas vão emergindo no processo, a partir da entrada em cena das feministas, as militantes do movimento feminista. Com elas, tem início a crítica à linguagem sexista usada pelos Movimentos Sociais em geral, como constatado no depoimento de Malu (PB):

[...] na linguagem do próprio curso não estava tão incorporada a linguagem de gênero. Questões que, ao longo do curso, foram trazidas por Toinha, Ilena, Anadilza foram incorporadas aos poucos e apontando essa linguagem sexista que estava presente nos Movimentos Sociais. Assim também as questões geracionais, as especificidades e como os movimentos incorporavam as questões de gênero. (Maria Lucia Lopes de Oliveira, Malu, PB).

Então, é interessante observar, nos depoimentos dos educadores e das educadoras, seus posicionamentos políticos alinhados com a perspectiva de mudança social e de esquerda. Isso demonstra como a ampliação da consciência é fundamental para se mover no mundo. A reflexão sobre a consciência política e de classe é um pressuposto importante para aprofundar a leitura da realidade em suas diversas dimensões, inclusive os determinantes

da acumulação do capital; o impacto sobre a vida e a natureza e a construção de alternativas ao modo de produção capitalista. A consciência, somada à educação libertadora, é vetor de mudanças. Como diz Ana Paula (BA): “A educação nos proporciona sonhar, construir mecanismos e estratégias para um novo mundo de possíveis mudanças e esperança”.

Tais mudanças são possíveis através do processo de lutas populares em que todos(as) os educadores e as educadoras estão engajados(as) em torno de direitos e contra a partir da violação destes pelo sistema capitalista. Esse envolvimento se traduz na luta por políticas públicas e vida digna, elevando a consciência e a identidade de pertencimento à classe trabalhadora. “Assim, a partir de sua experiência própria e com o recurso a sua instrução errante e arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade. Aprenderam a ver suas vidas como parte de uma história geral de conflitos [...]” (Thompson, 2002, p.304).

A partir da atuação frente aos problemas enfrentados na realidade, esses educadores e educadoras populares têm realizado a prática militante. Nas palavras de Pepe Mujica (2018):

[...] é que os militantes não vêm para buscar o seu, vêm entregar a alma por um punhado de sonhos. Ao fim e ao cabo, o progresso da condição humana depende, fundamentalmente, de que exista gente que se sinta feliz em gastar sua vida a serviço do progresso humano. Ser militante não é carregar uma cruz de sacrifício. É viver a glória interior de lutar pela liberdade em seu sentido transcendente.

Nessas palavras, encontramos significados que preenchem a vida. O(A) militante é aquela pessoa que acredita na utopia. Pepe Mujica (2018) reflete que “a utopia é um caminho. É como uma luz no horizonte que nos ajuda a percorrer esse caminho, e eu diria: que caminho longo. Porém, é um caminho a ser feito. Não podemos esquecer dela, mas a vida concreta não é utopia, é luta”.

A luta é uma entrega, e a sua vida passa a conter um projeto societal, um sonho coletivo. Os(As) militantes criam uma contracultura, com outros valores e outros modos de viver. Por exemplo, aprende-se a dividir o que possui com seus companheiros(as) e também valores e princípios da solidariedade, cumplicidade, respeito à diferença, amorosidade, cordialidade e fraternura, sendo sua maior bandeira, a liberdade. Para isso, o estudo da realidade social, econômica e política é relevante; contribui para aprender a analisar a realidade e, portanto, poder romper com o *status quo*: marcas de empresa e estilos de vida consumista. Assim, se libera de padrões estéticos impostos e da cultura preestabelecida pela burguesia para a acumulação do capital.

A leitura crítica da realidade social, econômica e política do país

Memória é a costureira, e costureira caprichosa. A memória faz a sua agulha correr para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida, o que virá depois.

(Virginia Woolf).

Na experiência da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, a análise da realidade coletiva tem sido uma ferramenta importante para forjar as lutas sociais, porque o olhar localizado (sua própria realidade) é ampliado a partir do confronto com outras realidades também localizadas. Além de apresentar aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais, que forjam a análise de conjuntura, contribui para interpretar o movimento da realidade e a ação dos diferentes sujeitos coletivos: Movimentos Sociais, organizações sociopolíticas e organizações empresariais que nos ajudam a compreender as lutas sociais e de classes na

sociedade capitalista e os acontecimentos em determinados contextos históricos. Instrumento metodológico extremamente relevante da sociologia política, essa análise pode ser conjuntural e estrutural, a depender dos objetivos que se deseja alcançar. É também rica em dados da realidade socioeconômica que ajudam a elucidar aspectos das desigualdades sociais e da pobreza. Cumpre, também, o papel de vislumbrar cenários futuros, em perspectiva.

[...] a ideia era debater o que nos identifica, nos aproxima e o que nos diferencia nesta imensa região Nordeste, que tem suas particularidades, identidades e heterogeneidades. Foi a primeira vez que me senti tão próxima da região onde nasci e cresci, que passei a valorizar, a ver para além do noticiário de seca e fome veiculado pela mídia, ou dos lugares paradisíacos para turistas. A partir da experiência militante e de vidas compartilhadas nos encontros e cursos da EQUIP, fui conhecendo a minha realidade (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

O trecho de depoimento acima é significativo para considerar a mudança provocada pela reflexão, a partir dos diversos aspectos analisados da realidade, que ocorre em nossa forma de compreendê-la. As análises conjunturais realizadas coletivamente nos permitem acessar novos saberes, sujeitos e ações que tornam claras as lentes subalternas com as quais aprendemos a ler o nosso lugar e nós mesmas(os). Essa dinâmica nos ajuda a desconstruir visões impostas e nos alerta sobre possibilidades e desafios na luta por mudanças.

Tais leituras da realidade, mediadas pela Educação Popular, seguiram a lógica da inquietação, despertando nos(as) educandos(as) e educadores(as) o interesse e a capacidade de investigação no decorrer dos processos formativos. Os momentos de análises coletivas – encontros, seminários e etapão regional – foram sempre precedidos de preparação por parte dos participantes.

O processo de construção da análise começava antes mesmo do evento, as lideranças recebiam em cada estado tarefas de levantamento de dados para análise. Lembro que eu fiz um levantamento no TRE do desempenho eleitoral de cada candidato, com o quantitativo de votos em cada município. Depois cruzamos esta informação com outras, como, por exemplo, a existência de Movimentos Sociais em cada região. Todas as informações foram colocadas num grande mapa e expostas durante o evento. Trago isto para ilustrar como se dava a formação, unindo a nossa experiência e o conhecimento da realidade, por meio de levantamentos e estudos. Eram ferramentas que nos auxiliavam no conhecimento da nossa realidade. (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

Quer dizer, os(as) envolvidos(as) tinham como tarefa realizar pesquisas e levantamentos de dados sobre a realidade local para serem socializados no evento. Todas essas informações coletadas pelos diferentes membros dos nove estados do Nordeste geraram um grande mapa da região e, então, a possibilidade de outras leituras a respeito da conjuntura e do desenvolvimento na Região Nordeste se descortinava ali, naquele momento. As diversidades socioeconômicas, a vida cotidiana e a ação dos Movimentos Sociais, tudo isso era parte da análise da realidade.

Os temas dos encontros passaram a tratar mais diretamente das questões sociais e das transformações necessárias nos campos político, social, econômico e religioso. (Antônio José Cunha da Silva, CE).

[...] o continuar na caminhada pelos nossos irmãos e por nós é nossa arma mais poderosa para combater nosso inimigo maior nesse cenário, que ocupa o posto de presidente (Presidente Jair Bolsonaro). Dessa forma, podemos ajudar nossas crianças, jovens e adultos. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

A construção coletiva da leitura e da análise de cenários da realidade social possibilitou que os educadores e as educadoras interpretassem, avaliassem, construíssem e desconstruíssem

estratégias de ação, diante dos prognósticos apresentados na análise de conjuntura. A leitura coletiva da realidade social contribui para dar alinhamento à visão de mundo presente nas atividades dos movimentos. Ajuda, também, a reformular e reconstruir o caminho, diante de novos desafios.

Diante da atual conjuntura na qual estamos vivenciando e sofrendo em coletivo a dor por perdas irreparáveis e desmontes em todos os âmbitos da Constituição, no que tange à Educação de uma forma cruel, perversa e intencional, que continuou perseverante na luta por justiça social e por uma educação de qualidade para todos, que nesse “todos” estejam inclusas as pessoas em situação de privação de liberdade trancafiadas no interior dos presídios de maneira desumana, sendo tratadas como animais ou ainda pior. (Ana Paula de Souza Oliveira, BA).

A potência das análises de realidade é tão significativa que, a exemplo de Ana Paula, supracitada, outras pessoas trouxeram leituras da realidade atual, mencionando a regressão de direitos, o conservadorismo, as novas estratégias de resistência e o esforço coletivo atual para redirecionar o poder político no país.

Por esse motivo, numa análise de conjuntura, é sempre importante levar em consideração os elementos conjunturais e estruturais em âmbitos local, estadual, regional, nacional e internacional, como também as determinações do desenvolvimento do capitalismo na realidade brasileira e sua relação com outros países. Dessa forma, analisando os processos de desigualdade social e o impacto sobre a vida, faz-se necessário aprofundar o ciclo de reprodução e acumulação capitalista e sua incidência sobre a realidade brasileira e, no caso, seus impactos no Nordeste.

Vale destacar como conteúdo valioso do Curso a reflexão sobre como se deu a formação política, econômica e social do Nordeste, para perceber que a pobreza estrutural da região é fruto de séculos de dominação política e exploração econômica, inicialmente pelos

estrangeiros e depois pelos mais ricos e poderosos do país. (Antônio José Cunha da Silva, CE).

Para realizar a leitura crítica da realidade, os educadores e as educadoras partem dos acontecimentos na realidade sob a ótica das lutas sociais populares da classe trabalhadora e de seus interesses. Ou seja, parte-se dos acontecimentos sociais e historicamente determinados, analisando-se a correlação de forças existentes no real, pois “toda análise de conjuntura só adquire sentido quando é usada como elemento de transformação social” (Souza, 1984, p. 16)

No trabalho com as comunidades, para discutir a política de Saúde, as pessoas, mesmo sem escolaridade, conseguiam compreender as leis da Saúde e a relação com o Estado. E nas reuniões de base com trabalhadores, elas conseguiram entender a relação capital x trabalho e a globalização. (Carmelita Selestina da Conceição, PI).

O curso foi significativo [...] contribuindo para ampliação da leitura de mundo e de sociedade. (Maria Cristina Moura Santos, BA).

Esse jeito de trabalhar com a Educação Popular faz com que as pessoas se redescubram, recontem suas histórias, busquem informações sobre sua realidade, a partir da sua vivência, e passem a ter um olhar mais inclusivo sobre as diversas desigualdades presentes na vida do povo, a estarem atentas ao que se discute, ao que se faz, a trazer de dentro da nossa essência aquilo que já sabemos, para juntos(as) propor mudanças.

Paulo Freire revela que a educação é um ato de amor, que se fundamenta no diálogo, na construção do sujeito e seu mundo, onde os seres se educam em comunhão, em relação com a experiência vivida. E afirma: “[...] ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens (e mulheres) se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983, p. 79).

A Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste é esse sujeito coletivo “mediatizado pelo mundo”, como dizia Paulo Freire, pois seus/suas participantes são forjados(as) nas lutas sociais, a partir da leitura crítica da região Nordeste. Para Tânia Bacelar (2000), “as visões cristalizadas sobre a região Nordeste (fome e seca) são equivocadas e não permitem uma compreensão de uma característica marcante na atualidade: a heterogeneidade das estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais”.

O Nordeste é nosso, precisamos conhecer melhor nosso território, queremos ser mais conhecidos como sujeitos com lugar e protagonismo. Ampliamos nossas fronteiras, estreitamos laços de lutas e conhecimentos com nossos *hermanos* latinos. (Douraci Vieira dos Santos, PB).

Aquela compreensão fatalista da realidade foi dando espaço a uma análise mais aprofundada dos processos de formação histórica da nossa sociedade. Passamos a compreender melhor como se deu a construção histórica da pobreza no Nordeste e a nos repensar, enquanto nordestinos, atuando para transformar essa realidade [...]. Provocamos novas leituras de mundo e de sociedade. (Antônio José Cunha da Silva, CE).

Segundo Durval Muniz (2011), as elites no Nordeste criaram uma imagem nacional de uma região pobre, das secas, necessitando de constantes subsídios para o seu desenvolvimento. No entanto, essa imagem foi uma forma de se autobeneficiar dos recursos do Estado, uma maneira de privatização dos recursos públicos, que foi bem sucedida, forjando até mesmo para os nordestinos essa única visão sobre a região. É certo que ainda existem muitas desigualdades originadas no processo de colonização, mas há muito mais a ser conhecido e dito sobre o Nordeste.

Então o curso possibilitou esse encontro, a aproximação com vários outros sujeitos do Nordeste. E aí, pra gente mais particularmente

que trabalhou o curso num chão chamado Nordeste, também foi um outro encantamento, porque não era só valorizar uma forma de compreensão, mas também valorizar uma região, valorizar uma perspectiva de intervenção e transformação da realidade, a partir de uma região profundamente discriminada, desvalorizada e que no processo de vivência, como era rico, como era intenso, como foi intenso, né? Como é intenso o Nordeste! (Joana d’Arc da Silva, PB).

[...] aprendi a ler o Nordeste através da troca com outros(as) participantes de vários estados, aprendi visualizando-o e que é possível implementar um outro projeto político para nós com mais justiça e equidade. (Anadilza Maria Paiva Ferreira, PB).

Essas novas leituras nos aproximaram muito mais das lutas sociais e populares que ocorreram ao longo do processo histórico na região nordestina, lutas por liberdade e justiça social, como: Balaiada, Cabanagem, Confederação do Equador, ligas camponesas e movimentos populares por saúde, educação, moradia, terra e reforma agrária, entre outros. E, mais na atualidade, as lutas feministas, antirracistas, anticapitalistas, LGBTQIAP+, antifascistas, antixenofóbicas, anticapacitistas, antiaporofóbicas, ambientalistas etc.

Dessa maneira, o que a Educação Popular provoca é, ao mesmo tempo, um reencontro com as potências humanas, culturais, econômicas e sociais da região e o encontro com o conhecimento especializado que problematiza os desafios e contradições da vida individual e coletiva e o senso comum, reflexão para a qual não há espaço, em decorrência da luta pela sobrevivência e do engajamento, pois não se tem tempo disponível para esses níveis de reflexão, “caindo nas armadilhas” midiáticas e das elites. Os encontros formativos oportunizam novos níveis reflexivos, conforme citações a seguir:

Nessa articulação regional, pude ter contato e envolvimento com as problemáticas do Nordeste, ultrapassando os limites locais.

Comecei, então, a ter uma visão de totalidade da realidade nordestina e de seus limites históricos no desenvolvimento econômico, social, político e cultural. Foi na participação das atividades da EQUIP que conheci com profundidade o Nordeste. (Ilana Felipe Barros, RN).

Nos 30 anos de curso, a gente tem de dizer que isso foi muito forte. Em várias expressões: o Nordeste sai com a cultura, o Nordeste sai com as expressões, o Nordeste é reconhecido, o Nordeste é retratado, mas, acima de tudo, é retratado no desejo de quem? Dos educadores que pisaram no curso, de fazer valer o Nordeste que se transformava e valorizava seu povo e valorizava o potencial dele. (Joana d’Arc da Silva, PB).

A força da organicidade dos(as) participantes em movimentos e organizações sociais e a possibilidade de reconstruir suas leituras acerca do Nordeste, a partir de novos saberes políticos, culturais, econômicos e sociais, permitem desenvolver indivíduos que pensam com sua própria cabeça. Daí resultam as ambiguidades no lidar com o real, como a fala de Mana (AL) a seguir demonstra: “[...] O combate ao conservadorismo, autoritarismo nas práticas inovadoras, iniciativas formativas e ações cotidianas de Movimentos Sociais. O atraso e a modernidade convivendo nos mesmos espaços e épocas [...]” (Luciene Maria Ambrósio de Mesquita, Mana, AL).

Souza (2011, p. 42) traz importantes elementos sobre tais ambiguidades e contradições: “O problema é que não é fácil perceber os modos insidiosos pelos quais as práticas dos poderes dominantes constroem a ilusão de liberdade e igualdade”, o que nos leva a estar o tempo todo atentos(as) às entrelinhas, silêncios e estratégias de manutenção do *status quo*.

Outro aspecto que chama a atenção nos depoimentos é o debate sobre as desigualdades sociais que atingem os segmentos mais vulneráveis: pobres de periferia e sem teto, famílias sem

terra, negros(as), mulheres, jovens, ciganos, migrantes, idosos(as) e deficientes. Os depoimentos fazem referência às opressões e violações de direitos, que são práticas autoritárias, conservadoras, reacionárias, misóginas e racistas, entre outras. Essas violências impulsionam a força organizativa e a leitura crítica da realidade social que contribui com as ações coletivas.

Nas ações e atividades de formação dos educadores e das educadoras do Nordeste, sempre foi forte o debate sobre as desigualdades sociais que cercam as vidas dos(as) trabalhadores(as), dos(as) lutadores(as) e educadores(as) populares. Essa realidade corta o chão do Nordeste, fere a dignidade do povo, especialmente a partir dos anos 1990, com o avanço das políticas de ajuste neoliberais do capital. Essa crise do capital agravou as condições concretas de vida, expressas na exclusão de empregos formais, desemprego estrutural, violência, racismo, preconceitos, feminicídio, fome, miséria e concentração fundiária, entre tantos outros problemas. É sobre essa realidade que os educadores e as educadoras populares se debruçam e aprofundam seus conhecimentos, construindo alternativas para sua superação.

Nas palavras de Paulo Freire (2004, p. 35),

[...] o melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente [...] aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...].

A principal função da construção coletiva do conhecimento pela EQUIP sempre foi forjar o pensamento atento e crítico da realidade, criar a possibilidade de outros olhares sobre a vida e, sobretudo, para sua reinvenção, recuperando as experiências e

dando-lhes novos sentidos a partir do coletivo – assim, apontando caminhos para a mudança sempre em curso e a ser realizada.

A transformação social como horizonte das lutas sociais

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(Eduardo Galeano, 1994).

Mas que utopia é essa? Quais os ideais e a visão de mundo que movem esses educadores e educadoras populares no contexto nordestino? O que defendem? Qual mundo queremos construir? “Ao longo desses cursos, aprendi que é preciso ir além: mesmo nos momentos de descrença e indecisão, enfrentar os novos e velhos desafios faz-se necessário para garantir e construir uma sociedade justa e humana”. (Maria Lucia, MA).

Pensar nessa utopia, é pensar a partir do que queremos construir para mudar a realidade concreta da população, especialmente das camadas populares, em busca de uma vida digna. Nas palavras da educadora Anadilza (PB), essa utopia tem a ver com a construção de novas relações sociais e de produção, associadas à conquista de direitos.

Sigo acreditando num mundo novo possível, mas também considerando que temos de trabalhar mais e mais, atuar mais e mais, nos unir mais e mais, nos formar com uma intencionalidade política assertiva mais e mais, tocar o(a) outro(a) mais e mais para nos levantar contra o capitalismo e para derrubar as forças conservadoras racistas, patriarcais que avançam, reconquistar direitos perdidos (Anadilza Maria Paiva Ferreira, PB).

Essa compreensão do que formata a nossa sociedade hoje também se associa às inúmeras possibilidades de mudança, já que existem na memória histórica de luta e resistência experiências de outras formas de organização social, como a do Quilombo dos Palmares, que tem muito a nos ensinar.

E Quilombo dos Palmares é uma experiência riquíssima, porque ela sobreviveu quase um século, um tempo maior do que qualquer experiência de socialismo real que ocorreu ou que está ocorrendo no mundo contemporâneo. Aprender disso também é importante pra gente pensar tanto na utopia quanto pra gente pensar em projetos estratégicos e pensar qual é a sociedade que a gente quer pós-capitalismo, que a gente considera que é nefasto para a humanidade. Esse foi um momento importante dos cursos que eu acho importante da gente registrar nesse debate. (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

A utopia, nesse sentido, é a inspiração numa experiência real solidária e nesse sonho de sociedade igualitária, econômica e ecologicamente sustentável, vinculada diretamente à derrubada do capitalismo, como modo de produção destrutivo dos seres humanos e da natureza. E é também a projeção de uma sociedade democrática, com justiça social e poder popular.

Nesse processo de reflexão hoje, de lá para cá são muitos anos, muitas mudanças aconteceram na nossa realidade, no mundo, hoje eu penso que não é bom rotular. Uma sociedade S, Y ou Z, o meu horizonte utópico é a democracia popular, não sei que expansão a gente pode dar para isso. Como é que a gente pode expandir, elastecer esse conceito de democracia popular, pensando a democracia como um processo político, social e econômico, cultural também, mas que precisamos construir de acordo com a nossa própria realidade. (Mônica Rodrigues Costa, PE).

A Educação Popular é um fio que nos conecta às experiências das lutas e resistências na realidade e nos conduz a refletir sobre o

que queremos construir como projeto de sociedade, que considere o indivíduo e a coletividade como unos, um nutrindo o outro, de modo que o diferente, o diverso, encontre lugar numa proposição de transformação da vida social.

Por meio da metodologia da Educação Popular, fortalecemos a nossa identidade e autoestima, mas não é uma identidade e autoestima individual (no sentido liberal), mas a autoestima referenciada no pertencimento a um grupo, a um projeto político de transformação das estruturas de dominação. (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

E tal projeto político de transformação, tomando como referências as diversas culturas presentes na nossa formação sócio-histórica, pode fortalecer a sociedade para “seguirmos até poder livrarmo-nos do cativeiro mental, para poder fazer garantir a nossa existência, a nossa memória coletiva, garantir que nossos tambores toquem e nunca mais se calem”. (Marta Almeida, PE). É possível e preciso, portanto, ouvir os sons dos tambores, com inspiração. “Retomando a reflexão que a gente fez sobre a importância da utopia para quem faz Educação Popular, a ideia é: sem utopia a gente não caminha. Essa ideia da caminhada e da ação” (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

Da mesma forma que não é possível caminhar sem sonho ou horizonte, não é possível assumir uma postura de neutralidade enquanto tudo se move. Na Educação Popular, o horizonte se coloca mais perto de nós, porque somos nós que o construímos, e o puxamos para cada vez mais perto. Como afirma Paulo Freire (2004, p. 77):

[...] a acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar

descomprometidamente como se, misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele [...].

Nesse sentido, a fala de Ronildo (PB) nos lembra da importância de abordar:

[...] conteúdos que proporcionassem prioridades do momento, diálogo, a motivação e os encaminhamentos para a transformação da cultura local e visão da realidade mais abrangente, dos territórios, do Estado, da região e do país, ou seja, o que a ação prospectava de colaboração para o projeto de sociedade que queríamos: justa, solidária, igualitária e que proporcionasse vida digna para todos. (Ronildo Monteiro Ferreira, PB).

A transformação social se realiza a partir das condições objetivas e subjetivas dos sujeitos; articulando política, consciência e práxis, intensificando as lutas sociais. Paulo Freire aponta para a emancipação a partir da consciência e reflete que ela: “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores”. (Freire, 2002, p. 30).

Na época, eu ficava muito pensando como era que a gente ia fazer a transição do processo democrático e como iria lidar com as estruturas opressivas do Estado. Inclusive, eu ficava pensando que um dos grandes desafios no processo de reconquista da democracia era ir pra dentro das estruturas, inclusive, as estruturas de segurança do Estado pra fazer formação na perspectiva dos direitos humanos. Eu já pensava a formação, e pensava também em meio a essa luta e ao desejo de fazer a transformação da sociedade (Joana d’Arc da Silva, PB).

A inquietação é uma semente latente no solo das nossas vivências, no solo que se apresenta no cotidiano. E ela é muito importante para nos movermos em direção à construção de alternativas e para pensarmos nas ferramentas necessárias para fazer acontecer.

Dela brota o primeiro sinal de que algo novo vai emergir, com base nos nutrientes que são seus princípios para uma árvore forte, frondosa e cheia de frutos, que são as contribuições.

Outra contribuição foi o despertar para a necessidade de avaliação e revisão constante da prática político-pedagógica, que precisa ser coerente e construtora de um projeto de vida e de sociedade emancipatória e sustentável, baseados nos princípios da justiça, solidariedade e respeito com todas as formas de vida. (Luciene Martins Ferreira da Silva, PB).

A transformação social está expressa nos princípios, visões de mundo, engajamentos políticos nos Movimentos Sociais e nas ações de todos os educadores e educadoras populares que compõem a Rede. É necessário sonhar a utopia do mundo novo, da nova sociedade sem opressores e oprimidos(as). Esse é o grande sonho, o foco do caminho da Rede que se trilha no Nordeste, há 30 anos, tendo a Educação Popular como fermento para a ação emancipadora.

Me vem à lembrança [...] a alegria de sonharmos juntos a transformação social. (Maria do Amparo Vieira de Sousa, PI).

Essa reflexão sobre a ideia de a gente relacionar as experiências de lutas que a gente acha muito importante, a gente para nos cursos de uma experiência nossa, com a experiência da humanidade, que luta para construir estratégias alternativas ao capitalismo. E o capitalismo também não está acomodado, ele está permanentemente se reinventando, e é por isso que ele sempre consegue esses anos todos, séculos, de ser o modelo civilizatório hegemônico da humanidade. (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

As dinâmicas das forças sociais, dos movimentos da sociedade civil organizada e do capitalismo são a matéria-prima de reflexão da Educação Popular. No entanto, hoje, como pensadores(as) brasileiros(as), é importante nos deslocarmos das fórmulas que

sustentaram o pensamento social de esquerda, porque a nossa realidade e as alternativas de transformação já vividas e as que estão ainda por ser construídas devem beber nas fontes das experiências de resistências e lutas construídas por nossos antepassados.

Eu queria retomar esse debate da esquerda tradicional de origem europeia, com aquele debate da primeira reflexão que a gente estava falando, da necessidade dos nossos povos valorizarem, tanto a experiência concreta de sociedades alternativas, como a questão da experiência do quilombo, que a gente viveu aqui, quanto a reflexão de buscar outro nível de reflexão, outras referências. (Paulo Afonso Barbosa de Brito, PB).

A perspectiva da transformação social associada à educação libertadora proposta por Paulo Freire deve honrar a ancestralidade. Todo conhecimento elaborado para ampliar nosso olhar, reflexão/ação sobre o mundo é importante, sem hierarquias.

Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, a política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (Freire, 2004, p. 40).

Mesmo quando não estamos atentos(as) à mudança, ela está presente, desde a ação planejada, com propósito de provocar o deslocar da realidade, até “a mudança que começa em mim, começa em vocês, como educador popular” (Maurílio, PE). E é essa mudança que tem início no ser, que gera a “esperança em caminhos melhores” (Maurílio, PE).

[...] é uma educação que tem um método, é uma Educação Popular com um método, nesta perspectiva de transformar. Então, assim, esse desejo sempre é de transformar. A gente é capaz de transformar, mesmo identificando uma problemática. A gente é capaz de

chegar numa equação onde a gente sempre planta a esperança, né? (Joana d'Arc da Silva, PB).

A partir dos depoimentos dos educadores e educadoras, pode-se afirmar que a reflexão sobre a emancipação e a transformação social passa pela vida concreta e pela organização política, mas ela (a transformação) não está acabada, é forjada no cotidiano das lutas sociais e na formação permanente de lideranças e educadores e educadoras. A emancipação está diretamente ligada à utopia e à transformação social, sendo mediada pelos seres humanos e sua realidade concreta, na perspectiva da construção de uma nova sociabilidade, cuja relações de poder sejam alteradas ou até mesmo eliminadas.

Então, o curso trouxe pra mim também expectativa, uma outra forma de ver o mundo, uma outra forma também de me transformar, nesse agente de transformação social e de incidência política. Então, a forma de fazer política, a forma da gente lidar com o mundo, com a natureza, a forma da gente poder fazer a troca de experiências, a partir da Educação Popular, nós trazemos um outro mundo e aí a gente consegue perceber que um outro mundo é possível. (Ekedi, da tradição Nagô Vodum, Marta Almeida, PE).

De acordo com Mejía (1996, p. 58):

[...] não existem certezas para os novos caminhos, nem segurança nos novos passos a dar. Nesse sentido, aventurar-se por uma ideia ainda em transformação significa, mais do que qualquer outra coisa, a capacidade de criar novas práticas coletivas que precisam hoje de outras condições e leituras. Precisam até mesmo articular desejos, ligar o racional e o não-racional, organizar a partir dos indivíduos, tecer com base nas aspirações e, muitas vezes, recompor o não-possível no passado, como um embrião da nova ação coletiva.

A transformação social e a emancipação humana se nutrem na práxis dos sujeitos coletivos, em profunda articulação e ação

política pela libertação. Deve-se enfatizar a luta coletiva contra o que desumaniza, o que exclui, o que viola os direitos e o que criminaliza e destrói a humanidade e a natureza. A ação com base na Educação Popular é, em si, libertadora. É carregada de utopia, de entusiasmo, de coragem, de rebeldia, de ousadia, de conhecimento, de estratégia e de tática. Ela acontece a partir do cotidiano, emerge das condições de opressão. São homens e mulheres em marcha. “Se os homens [e as mulheres] são produtores[as] desta realidade e se esta, na inversão de práxis, se volta sobre eles[as] e os[as] condiciona, transformar a realidade opressora, é tarefa histórica, é tarefa dos homens [e das mulheres]”. (Freire, 2002, p. 16). A emancipação é, pois, esse processo de libertação política, social, econômica, cultural, ideológica e subjetiva de toda e qualquer forma de opressão; dando lugar a um novo significado e sentido na vida para a palavra liberdade.

Referências

- BACELAR, Tânia. *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: Fase, 2000.
- DURVAL JUNIOR, Muniz de A. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes?* Montevideo: Siglo XXI, 1994.
- GONZALEZ, Lélia. Amulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MEJÍA, Marco R. *Transformação Social: questões de nossa época*. São Paulo: Cortez, 1996.

MUJICA, Pepe. Encontro com os Amigos do MST, em 08.12.2018. Guararema/SP. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/12/08/solidariedade-e-resistencia-marcam-encontro-de-amigos-do-mst-na-enff/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SOUZA, Herbert José. *Como se faz análise de conjuntura*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.



Edupop 2008,
Carpina-PE



Intercâmbio de Experiências 2013,
Itamaracá-PE



Reciclagem 2013,
Olinda-PE



EduPop 2005,
Maceió-AL



EduPop 2008,
Carpina-PE

Alguns pontos a considerar

Os textos apresentados neste livro, resultantes de um longo processo de sistematização dos 30 anos do Cursos de Educadores e Educadoras Populares, tratam sobre a Educação Popular como concepção, opção e formação metodológica, destacando as consequências do trabalho formativo para os Movimentos Sociais populares e para as vidas das educadoras e educadores. Neles podemos ler, sentir e ouvir as muitas formas de interação, compartilhamento, solidariedade e produção coletiva do conhecimento a partir do chão do Nordeste brasileiro.

Os resultados apresentados nos textos nos indicam que só uma educação transformadora é capaz de produzir efeitos significativos nas vidas das(os) participantes dos cursos, nas vidas dos movimentos, nas comunidades e na articulação em rede. Indicam-nos, ainda, que é possível pensar na Educação Popular como ferramenta que contribui para a reinvenção da emancipação social, já que transformações foram possíveis no desenvolvimento social, econômico, cultural e educacional no Nordeste – e com isso a construção de outra imagem da região. Essa região não é mais aquela da cultura da “seca”, apesar da fome e da miséria que ainda persistem.

As transformações que ocorreram, percebidas nos relatos trazidos aqui, refletem um processo educativo que envolvia momentos presenciais e programados na ação de rua e no intercâmbio,

centralizados e descentralizados que, além de provocarem mudanças individuais e coletivas, resultaram, também, em produção de livros, cartilhas, panfletos, relatórios, pôsteres e vídeos, entre outros materiais. As transformações vêm se efetivando através da Educação Popular, que tem no trabalho de base e no trabalho de formiguinha, como diz Valéria Rezende, seu propósito inicial.

A Educação Popular possibilitou a criação de comunidades, laços entre pessoas e movimentos, e sentimentos de pertencimento. Desse modo, favorecidos pelo corpo teórico-metodológico, celebrações, processos de análise e de construção coletiva de saberes, e atividades culturais fizeram emergir as artes e as(os) artistas. Tal trajetória é visível nas respostas aos desafios à realidade nordestina e brasileira, através, por exemplo, da participação nas políticas públicas para o Semiárido, para a agricultura familiar – agroecológica e orgânica – no campo e na cidade, para as mulheres, para os grupos LGBTQIAP+, e para a luta contra o racismo, o machismo e a homofobia.

Por outro lado, com a eleição de governos mais democráticos e populares, percebeu-se o afastamento das lideranças e educadores e educadoras das bases e dos movimentos, e, consequentemente, a ausência do trabalho com a Educação Popular. Ao assumirem cargos de gestão, as lideranças foram se afastando da base e das práticas da Educação Popular. Com o novo contexto que elegeu Lula da Silva em 2022, percebe-se um esforço de retomada da pauta da Educação Popular através de diálogos com diversos sujeitos sociais. Historicamente, o movimento de educação freiriana cresceu na ditadura. Nesse período, juntávamos o povo a partir de suas carências, inclusive carência de esperanças.

Desse modo, compreendemos que o trabalho de base nunca acaba e a realidade é dialética. Os desafios e as necessidades atuais são outras. Há, por exemplo, um trabalho sistemático da mídia

para estimular as pessoas ao individualismo. As redes sociais, de certo modo, nos levam à passividade e ao isolamento social que nos impedem de vivenciar o encontro que nos fortalece. No entanto, servem para a mobilização, ajudam-nos e diminuem nossos esforços, mas há momentos que precisam ser presenciais, de abraços, de companheirismo. E é essa dimensão que está no nosso horizonte de trabalho e de vida, pois, por mais que seja rápido, aglutinador e articulador o trabalho através da dimensão virtual, nada supera e nem substitui o encontro, o afeto, o olhar, os abraços, a confiança e o esperar na luta. Retomar o trabalho de base é também retomar o afeto e a interação entre as pessoas.

Nesse sentido, temos que sair da bolha cibernética e dominar a tecnologia para que nos beneficie. Outra estratégia, na atualidade deve ser começar a reunir o povo, não baseado nas carências, mas a partir de suas potencialidades, no que mulheres e homens têm de bom.

Nessa perspectiva, o trabalho com a cultura possibilita o encontro e a construção de afetividades. Temos que recriar e repensar o espaço da Educação Popular e da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste como âmbito de realimentação dessa modalidade pedagógica, dos educadores e educadoras e da própria luta. Agregar, articular e construir parcerias com os espaços das universidades, por exemplo, através da extensão, pode ser um estímulo à construção da crítica que nos trouxe até aqui.

Outra questão importante é o papel do educador e da educadora popular. Ser um educador e uma educadora popular é viver constantemente com dúvidas, com perguntas. É questionar-se sempre, interrogando por que as coisas acontecem desse modo? Quais as causas e efeitos? O que pode ser feito coletivamente para transformar? Com quem eu posso contar? Essas perguntas vão ser a forma de interagir com a realidade, porque, quando

perguntamos, despertamos a dúvida na outra pessoa e em nós mesmos(as). O educador e a educadora popular têm que colaborar para a construção de relações mais horizontais nas quais quem ensina aprende ao mesmo tempo que ensina (Freire, 1987). A Educação Popular nos ensina, ainda, que o outro sempre tem o que ensinar e não sabemos de tudo, assim aprendemos uns com os outros incessantemente.

Desse ponto de vista, as nossas lutas devem ser sempre entrelaçadas com a luta de classe e gênero e com as questões étnico-raciais. Nesse caso, o desafio é articular nossa ação no sentido de libertar nossos corpos, mentes e afetos.

Este livro também é um registro do trabalho da EQUIP e de seus educadores e educadoras ao longo de seus trinta anos, trajetória em que as pessoas envolvidas estiveram sempre sintonizadas com os desafios, necessidades e carências das conjunturas de cada período histórico, afinal a Educação Popular é uma práxis histórica. Desse modo, o que moveu os processos formativos foram as reflexões sobre os desafios do tempo presente: neoliberalismo, individualismo, crises do capital e mudanças no mundo do trabalho, entre outras. Até mesmo as facilidades da tecnologia foram utilizadas nos momentos como o da Covid-19 – e nesse contexto surgiu a necessidade do encontro, da interação entre nós e da nutrição dos afetos.

Assim, como perspectiva de continuidade do processo de formação através da Educação Popular no Nordeste não se encerra com a sistematização dos 30 anos dos Cursos de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, várias estratégias foram elaboradas no decorrer do Seminário realizado nos dias 4 e 5 de novembro de 2022, como descrevemos a seguir.

Formas de socialização dos produtos da sistematização nos estados e em âmbito regional

- Nos estados, retomar os contatos com pessoas e organizações locais para planejar o lançamento dos produtos da Sistematização (livros físicos, *e-books*, audiolivros);
- Apresentar a proposta de formação para educadores e educadoras populares (cursos descentralizados, acampamentos, intercâmbios);
- Lançamento regional “Abril para a Educação Popular: aqueles(as) que fazem a diferença”.
- Realizar atividades locais, estaduais e regionais, identificando e mapeando parceiros;
- Aproveitar e pensar estratégias de realização de encontro da Educação Popular no Nordeste - o EDUPOP 2023;
- Reuniões locais, partindo da leitura do material;
- Lançamento regional e nos estados (apresentar e estimular novas experiências).

Recomendações para a continuidade da formação de educadores e educadoras populares no Nordeste

- Realizar atividades regionais e descentralizadas;
- Identificar e dialogar com organizações e pessoas para viabilizar as atividades formativas (universidades, poder público, pastorais, organizações religiosas...);
- Resgatar e mapear as entidades parceiras nos estados;
- Dialogar e inserir as novas expressões e práticas dos Movimentos Sociais;
- Pensar em atividades de autossustentabilidade;

- Realizar encontros de parceiros nos estados, mapear forças locais;
- Seguir usando a publicação para estudo e como referencial para as experiências;
- Ampliar novos trabalhos de formação e fortalecimento de núcleos de formação;
- Levantar demandas e construir desenhos de processos novos, com diferentes linguagens, modelos organizativos e protagonismos;
- Estimular ativismos para a eleição de 2024, repensando estrutura/arquitetura do poder realmente democrático.

Para a Rede de Educadores e Educadoras e EQUIP

- Retomar o diálogo com educadores e educadoras que participaram dos processos formativos, buscando envolver mais pessoas na construção da retomada da formação;
- Priorizar as juventudes como público;
- Inserir nos planos de trabalho das instituições parceiras a contribuição para a formação de educadores populares;
- Produção e comercialização de subsídios pedagógicos da Educação Popular;
- Parcerias com governos para apoiar a formação de educadoras e educadores e também com gestores(as) públicos no campo democrático popular;
- Resgatar o trabalho com abordagem territorial;
- Ampliar as possibilidades de sustentabilidade (universidades, emendas parlamentares);
- Queremos seguir nos articulando, rearticulando sujeitos e núcleos, identificando novas formas organizativas e novos

protagonismos (mulheres, jovens, ativistas culturais, mídias sociais);

- Superar o fundamentalismo religioso, político e econômico;
- Realizar estudos e encontros de atualização metodológica, discutindo formas de organização popular x fascistas (esquerda / centro / direita);
- Caracterização de projetos e aliados locais e internacionais;
- Modelos de sociedade e projetos políticos em disputa;
- Identificar quem somos, nosso tamanho, o que podemos;
- Atualizar e construir novos processos de formação política;
- Leitura crítica das mídias e ativismo digital;
- Manter-nos vivos(as) e bem, cuidar da gente;
- Encontros de análise crítica e atualização de estratégias de fortalecimento do campo popular no enfrentamento da pedagogia da extrema direita;
- Fortalecer a plataforma dos movimentos populares pela reforma do sistema político.

Nosso propósito, ao encerrar este momento, é fornecer elementos que contribuam com futuros processos formativos em Educação Popular, de modo que outros(as) leitores(as) possam usufruir os aprendizados que compartilhamos. Entregamos a todas as pessoas que decidirem ler este material os caminhos que trilhamos juntos(as), educadores e educadoras populares de todo o Nordeste durante esse período.

Assim, seguiremos com a certeza de que nossos passos são lentos, mas com a certeza de que continuamos juntos(as) nas escolhas que fizemos de estar do lado da transformação social e da vida. Sigamos!



Reciclagem 2013,
Olinda-PE



Curso 2007,
Gloria-PE



EduPop 2008,
Carpina-PE

Apêndices

APÊNDICE A

CONSTRUINDO O PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO DOS 30 ANOS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO PARA EDUCADORES E EDUCADORAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Apresentação

Ao completar 30 anos do início dos cursos de formação para educadores populares do Nordeste – envolvendo centenas de pessoas de vários lugares da região, desde grandes áreas metropolitanas até pequenos lugarejos, os chamados rincões ou grotões, todos locais onde a vida pulsa, onde pessoas se dedicam à luta e à organização popular de distintas formas, vinculadas a diversos tipos de organização social e política, sentindo-se nessas localidades *educadores e educadoras populares* e por isso decidiram participar destes cursos –, surge de diversos desses cantos a vontade ou a necessidade de sistematizar essa experiência.

É comum, nos diversos encontros de pessoas que passaram por esses cursos, lembrarem-se da experiência com saudades, mas, sobretudo, expressando um profundo sentimento de gratidão pela oportunidade de ter conhecido “uma escola sem aulas e sem professores”, explicitando os momentos de grandes aprendizados

vivenciados, as relações constituídas, as amizades e o reforço ao compromisso com a luta popular de libertação dos oprimidos,

Nossa compreensão de sistematização comunga com a proposta elaborada por Oscar Jara Holliday (2006, p. 24)¹:

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e por que o fizeram desse modo. Esta afirmação básica contém sinteticamente várias afirmações particulares: define a sistematização como interpretação crítica, quer dizer, como o resultado de todo um esforço para compreender o sentido das experiências, tomando distância delas. Assinala que essa interpretação só é possível se previamente se ordenou e reconstruiu o processo vivido nas experiências.

Como já estamos vivendo um certo distanciamento temporal da experiência, sem negar nossa relação afetiva, cognitiva e política com a experiência, sentimo-nos parte dela, mas queremos vivenciar um certo distanciamento pedagógico, segundo o mesmo autor, na busca de descobrir como os processos vivenciados são capazes de produzir um novo conhecimento, “um primeiro nível de conceitualização a partir da prática concreta que, uma vez que possibilita sua compreensão, leva a transcendê-la, a ir mais além dela mesma” (Holliday, 2006, p. 25). Para tal, assumimos o processo pedagógico de recuperar registros e informações, classificá-las e ordená-las, converter, assim, a própria experiência em objeto de estudo e interpretação teórica e, ao mesmo tempo, em objeto de transformação.

Desse modo, estamos assumindo a sistematização como um processo educativo, político e epistemológico, que parte da

1 HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. 1. Ed. Brasília: MMA, 2006.

descrição (dos registros, das narrativas, das memórias, dos depoimentos...); envolve momentos mais da interpretação. Para tal se faz necessário criar instrumentos para a ordenação, tabulação e classificação das informações advindas da descrição.

Além disso, é preciso refletir sobre as questões à luz do eixo e dos objetivos da sistematização, inclusive com a possibilidade de construir pontes ou diálogos com contextos teóricos onde nos situamos (aqui não se trata do tradicional “marco teórico” que oferece substância ao trabalho empírico, como na ciência tradicional ou hegemônica, mas de contextos teóricos, no sentido de considerar que não estamos “criando a roda”, que outros já falaram antes de nós, como, por exemplo, Paulo Freire sobre a dialogicidade, ou Antonio Gramsci a respeito de que todos os seres humanos são intelectuais – filósofos).

A narrativa, a reflexão e a interpretação devem levar à construção de um conhecimento novo, portanto afirmamos que a sistematização é produção de conhecimentos partindo da experiência. Enfim, sem ser finalmente, faz-se necessário a criação de instrumentos de socialização do conhecimento produzido, colocando novos bens, novos saberes em circulação com a sociedade, sobretudo com os agentes que viveram a experiência, além de todos e todas que comungam dessa perspectiva educativa, epistemológica e política.

Embora estejamos nos dispondo a sistematizar os 30 anos dos cursos de formação de educadores(as) populares, pois foram assim que se chamaram, na realidade estamos tratando de “processos de formação popular”, pois, sobretudo na fase de “multiplicação” da ação formativa, ou “tarefas de casa”, ou “prazeres de casa” (os módulos do curso nunca encerravam no término da atividade, sempre foram construídas “recomendações metodológicas”, com propostas, encaminhamentos e compromissos para

ações formativas nas bases de onde provinham os/as cursistas), necessariamente não era recriada uma atividade formativa semelhante à que os(as) cursistas vivenciaram no curso, ou seja, o “efeito multiplicador” não é matemática, mas pedagógico. Assim, realizaram-se os históricos intercâmbios no Piauí, as Caravanas da Formação na Paraíba, e uma imensidão de outras iniciativas nos diversos estados da Região.

Objeto da sistematização

Os 30 anos da experiência dos cursos de formação de educadores e educadoras dos movimentos populares do Nordeste, realizados pela Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP) e suas parcerias, e os processos formativos daí decorrentes.

Algumas perguntas iniciais ou motivações para a realização de tal experiência

- Quais são as indicações que conferem realmente confiabilidade de que o trabalho de formação exerce alguma incidência para a vida dos Movimentos Sociais populares?
- Para além do entusiasmo inicial, em que a grande maioria dos participantes desses cursos avalia positivamente o papel do curso para sua formação pessoal, como realmente a participação nesses processos formativos colabora para desenvolver maiores capacidades, habilidades e valores com incidência nas vidas pessoais, profissionais e militantes dessas pessoas?
- Como a Educação Popular sempre teve uma forte ênfase na perspectiva de construção de projetos alternativos de transformação da sociedade capitalista, em que medida os processos formativos vivenciados colaboram para o desenvolvimento de

perspectivas de utopias e esperanças de uma nova sociedade? Isso se traduz em perspectivas concretas de mudanças?

- Quais são as atividades, instrumentos, dinâmicas e reflexões utilizados nos cursos que realmente oferecem incidência para as questões anteriormente levantadas?

Objetivos da sistematização

- Reconstruir a trajetória de 30 anos dos cursos de formação para educadores e educadoras dos movimentos populares do Nordeste brasileiro, suas turmas, os principais conteúdos tratados, os princípios e procedimentos metodológicos, as organizações e movimentos representados...
- Discutir a relação entre metodologias e conteúdos no exercício de formação de educadores e educadoras populares, destacando as consequências dessa experiência para a vida pessoal, militante e profissional das pessoas participantes dos cursos;
- Refletir sobre as consequências do trabalho de formação para as vidas dos movimentos populares, sua dinâmica de funcionamento, sua capacidade mobilizadora, seus modelos organizativos e suas conquistas para melhorar a vida do povo – e para a relação entre as lutas imediatas e os projetos estratégicos de sociedade;
- Analisar como os processos educativos populares vivenciados colaboram para que as pessoas se sintam mais fortalecidas e mais capazes para: intervir na realidade e transformá-la; constituir novas relações de gênero, étnico-raciais, geracionais; para relacionar a ação imediata com a vivência de utopias e esperanças na perspectiva de construção de um novo modelo civilizatório;

- Aprofundar a referência da Educação Popular presente nessa experiência, como parte de um movimento ou prática social continental e como parte dos processos de reinvenção da emancipação social.

Eixo da sistematização

Contribuição de processos formativos destinados a educadores e educadoras populares para o fortalecimento das pessoas enquanto agentes de transformação social, para melhoria da ação imediata das lutas e organizações populares, para as necessárias transformações na Região Nordeste do Brasil e para construção de um projeto estratégico de sociedade.

Estratégias para a realização da sistematização

Considerando a grande valorização da experiência vivida, bem como a necessária reflexão atualizada sobre ela para que a experiência não morra, renove-se e continue, ou seja, considerando-se a importância de se realizar uma sistematização dessa experiência; mas considerando também as dificuldades do momento, sobretudo dificuldades financeiras, pela não existência de qualquer profissional com tempo disponível para essa gigantesca tarefa, tendo aprendido pela própria experiência que na Educação Popular as dificuldades devem ser transformadas em desafios a serem enfrentados, formulamos as seguintes estratégias para enfrentar esse desafio:

- Disposição de Paulo Afonso para coordenar o processo e de Mônica Rodrigues para colaborar nessa coordenação, ambos moradores do Recife, associados da EQUIP e professores de universidades públicas;

- Sensibilização de um grupo de pessoas que fizeram os cursos, de associados e associadas da EQUIP, membros da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, para que se disponham a participar de todo o processo ou de parte dele;
- Realização de depoimentos/relatos de trajetórias de participantes desses cursos (textos ou vídeos), considerando distintos períodos nesses trinta anos, respeitando a liberdade dos depoentes e das trajetórias, mas indicando (de modo opcional) um roteiro de questões que dialoguem com os eixos (ou focos) definidos para a sistematização;
- Montagem de um banco de dados com os diversos registros, relatórios, cartas, convites, fotografias, listas de participantes, perfis de participantes, “cadernos de campo”, roteiros metodológicos, roteiros comentados, textos ou subsídios utilizados...
- Constituição de grupos específicos para reflexões, debates, elaborações, aprofundamentos de problemáticas específicas destacadas na experiência, principalmente aquelas levantadas nas perguntas iniciais deste Plano, bem como nos objetivos da sistematização, como, por exemplo: trabalho de formação e dinamização de organizações e Movimentos Sociais; dinâmicas participativas, instrumentos didáticos, elaboração de propostas formativas – instrumentos ou vivências em Educação Popular; participação nos processos formativos e construção da autonomia das pessoas, enfatizando suas capacidades e habilidades, valores e práticas, militância e vida profissional; Educação Popular e transformações locais – a experiência das ações de desenvolvimento territorial; Educação Popular e a construção e vivência de utopias e esperanças de uma nova sociedade...

- Trabalhos individuais, tentativas de constituição de duplas ou trios locais para a realização da sistematização nos estados, utilização de instrumentos virtuais para a dinamização coletiva do trabalho...
- Paulo e Mônica (mais gente que se disponha no processo) organizam todo o material produzido e propõem um produto final;
- Realização de um Seminário Regional para aprofundamento de algumas questões e discussão de estratégias de continuidade.

Fases de realização de sistematização

1. Montagem da proposta e sensibilização de um grupo de pessoas que participaram da experiência para se envolver com a proposta;
2. Recuperação dos diversos registros escritos (relatórios, *banners*, cartazes, fichas, convites, cartas, roteiros (simples, detalhados, comentados...), outras sistematizações ou distintas formas de elaborações já realizadas nesses 30 anos + recolhimento de depoimentos/narrativas de experiências individuais de pessoas que passaram pela experiência nos diversos períodos, durante esses 30 anos.
3. Organização, ordenamento e classificação das informações advindas dos registros escritos e dos depoimentos/narrativas (tendo como referência os objetivos ou alguns aspectos detectados na experiência) – grupos de trabalho “temáticos” ou específicos para reflexões, debates, aprofundamentos, elaborações, em torno dos objetivos e/ou de outras questões que surjam “com força” durante o processo da sistematização.

4. Elaboração de “produtos intermediários” pelos GTS definidos na terceira fase + socialização entre os trabalhos dos diversos GTS.
5. Realização do Seminário Regional para aprofundamentos.
6. Organização dos produtos finais.
7. Socialização dos produtos da sistematização e definição da continuidade da experiência.

Socialização da sistematização

- A parte inicial do processo, que é o levantamento de depoimentos, que serão socializados através de mídias digitais;
- No período de finalização da sistematização, será realizado um seminário regional para aprofundamento de algumas questões centrais suscitadas no processo;
- Será publicado um livro, uma cartilha ou texto para ampla divulgação.

Proposta de roteiro (optativa) para o registro dos depoimentos/narrativas de experiências pessoais em vídeo (ou escrita, quem preferir).

Roteiro para depoimento/relato de trajetória:

1. Apresentação – nome, quando participou do curso, de qual movimento organização participava, ou qual tipo de relação com os movimentos ou lutas sociais populares no período;
2. O curso e a relação com o Movimento Social – se a participação no curso teve incidência na sua participação na luta –

Movimento Social, dar exemplos de lutas ou ações em que se envolveu, conquistas, melhorias no modelo organizativo da entidade, novas dinâmicas de ação...

3. O curso e a compreensão teórica e metodológica da Educação Popular, as descobertas e aprendizados, referências sobre a utilização de dinâmicas participativas e instrumentos didáticos, a capacidade para a elaboração de propostas formativas;
4. O curso e a vida pessoal – o curso despertou outras iniciativas na sua vida pessoal, militante, profissional, educativa... registrar acontecimentos posteriores que foram influenciados pela participação no curso;
5. Principais limitações ou problemas que percebe no curso, quanto ao conteúdo, à metodologia, aos aprendizados, à institucionalidade, às continuidades, às relações constituídas...
6. Contribuição dos processos educativos vividos (curso, participação no movimento...) para a emancipação humana e social; vivências de utopias e esperanças de uma nova sociedade; indicativos para mudança/transformação social...

APÊNDICE B

CRONOLOGIA DAS AÇÕES FORMATIVAS (1989 A 2019)

Ano	Atividade	Observações
1989	I Curso para Dirigentes dos Movimentos Populares	1ª etapa - Identidade dos Movimentos Populares e suas peculiaridades no Nordeste (contexto, interlocutores, caracterização dos Movimentos Populares, forças políticas). 2ª etapa - Potencialidades e estratégias do Movimento Popular no contexto de luta de classe (principais lutas e enfrentamentos; estruturas produtivas, organizativas e poder de classe; luta por reformas urbanas) Grande questão: o Movimento Popular tem algum papel estratégico? Tenta-se provar que sim, na derrubada do capitalismo, pois também estão em contradição direta com o capital privado (imobiliário, serviços etc.).
1990	II Curso para Dirigentes dos Movimentos Populares I Curso de Educadores Populares	1ª e 2ª etapas - conteúdo básico do curso anterior. 3ª etapa - “Metodologia da prática dos Movimentos”. 1ª etapa - Contexto dos Movimentos Populares no Nordeste e relação com o Estado.

Ano	Atividade	Observações
1991	III Curso para Dirigentes Urbanos e Rurais do Movimento Popular	1ª etapa: mesmos temas anteriores (já não se faz leitura globalizante calcada unicamente no conceito de classe). Começa-se a utilizar mais o conceito de cidadania, para pensar o sonho global. Deixa lugar para propostas e projetos mais imediatos e localizados, por exemplo, políticas públicas. 2ª etapa: colaboração de Mônica e Mana. 3ª etapa: metodologia de trabalho nos Movimentos Populares (colaboração de Genaro e Joana d'Arc).
	Continuação do I Curso de Educadores (Monitores) dos Movimentos Populares	1ª etapa: acompanhamento educativo do processo de ação/organização (22 participantes - CE, PI, BA, AL, SE, PE e PB). 2ª etapa: formação sistemática (14 participantes - BA, PI, AL, PB e CE).
1992	I Curso centralizado para educadores veteranos (reciclagem)	1ª etapa - planejar ações formativas frente aos desafios colocados para o conjunto dos movimentos. Participam apenas 5 cursistas - Kindô, Danila, Fátima Mesquita, Ivone, Zé da Guia, mas planejam cursos descentralizados incorporando outros educadores. 2ª etapa: reunião das duas equipes descentralizadas de educadores - avaliação coletiva do processo de cursos descentralizados.

Ano	Atividade	Observações
1993	II Reciclagem para educadores veteranos	1ª etapa: aprofundamento da ação formativa de 1992 e programa de formação para os Movimentos Populares em 1993 (27 participantes - BA, AL, SE, PB, CE, PI e MA). 2ª etapa: avaliação dos processos formativos descentralizados.
	III Curso para novos educadores populares	1ª etapa: formação na ação (25 participantes - MA, CE, RN, PB, PE, AL e SE). Dificuldade de articulação: PE, RN e BA. 2ª etapa: formação programada (24 participantes). Blocos: Mapi, Realse, CE, PB e PE. Dificuldade de articulação: PE, RN e BA.
	II Curso descentralizado para dirigentes dos movimentos populares	1ª etapa: aspectos da realidade, ação e identidade dos movimentos, relação com atores. 2ª etapa: possibilidades metodológicas de ação dos movimentos.
	II Etapão Popular em João Pessoa, PB.	Nordeste – Movimentos Populares, Identidade e Transformações (52 participantes).

Ano	Atividade	Observações
1994	Curso descentralizado para dirigentes/educadores	Blocos: MA, CE, BA, PI, AL/SE, PB/RN/PE e MA: 1ª etapa: A democracia e o poder dos Movimentos; e 2ª etapa: O poder e a democracia na relação interna dos Movimentos, CE, PB/RN/PE, PI - Assessoria à CMP e promoção do 1º encontro dos MP que participaram da Construção da CMP. AL/SE - Curso descentralizado para novos educadores populares de Sergipe e Alagoas e II Curso descentralizado para lideranças. CE – 1ª etapa para lideranças em Beberibe e duas etapas em Fortaleza.
	III Reciclagem para educadores	1ª etapa: descentralizada por estado para estudo da conjuntura, planejamento e preparação para a 2ª etapa. 2ª etapa: a revolução das prioridades para construção de uma modernidade ética, planejamento e estudo sobre a Rede.
	IV Curso centralizado de dirigentes de entidades gerais	1ª etapa: aspectos da estrutura do Nordeste e papel do Movimento Popular; 2ª etapa: pluralismo e hegemonia na concepção estratégica dos Movimentos Populares. A conjuntura pós-eleitoral e o futuro dos movimentos populares.

Ano	Atividade	Observações
1994	v Reciclagem para Educadores Populares. Natal, RN. III Curso descentralizado para dirigentes/educadores	Estudo sobre o neoliberalismo: o Consenso de Washington e os desafios para os Movimentos Populares no Nordeste. Informes e análise sobre a Caravana Nacional da CMP. Aprofundamento sobre identidade e ação da Rede de Educadores Populares do Nordeste. Blocos: MA, CE, BA, PI, AL, PB, RN e PE 1ª e 2ª etapas: MA - Neoliberalismo, avanços e Projeto Popular; PB - Caravana da formação e assessoria à CMP. PI - Pesquisa dos Movimentos Populares do Estado - Pesquisa - avaliação - formação. Pesquisa em jornais; entrevistas; pré-seminários. AL - Não realização de atividades formativas descentralizadas como nos anos anteriores e sim reuniões do núcleo e acompanhamento ao estágio de Nelson e Danúbio, e o Cadastro de Associações Comunitárias (Mácrima e Jovina), além de Atividades Formativas na área de Políticas Públicas no estado e fora - junto a Conselheiros de Saúde e Monitores (interior do estado, Sergipe, Minas Gerais e Pernambuco). CE - Reciclagem para dirigentes em Fortaleza, produção de texto sobre a sistematização da Inez. BA - Seminário sobre Políticas Públicas e os Movimentos Sociais no estado.

	1 Curso descentralizado para 1 Etapão Popular	1ª etapa: planejar ações formativas frente aos desafios colocados para o conjunto dos movimentos. Participaram apenas 5 cursistas - Kindô, Danila, Fátima Mesquita, Ivone e Zé da Guia, mas planejam cursos descentralizados incorporando outros educadores. 2ª etapa: reunião das duas equipes descentralizadas de educadores – avaliação coletiva do processo de cursos descentralizados. 1ª etapa: formação na ação (19 cursistas de todos os estados do Nordeste); 2ª etapa: formação programada. Bloco Sul (Recife e Aracaju) e Bloco Norte em 2 etapas. O público começa a se diversificar mais (menos pessoas dos movimentos de bairros e mais pessoas dos movimentos específicos). 1ª etapa: identidade dos movimentos populares e peculiaridades do contexto; 2ª etapa: metodologia de trabalho com os Movimentos Populares. Movimentos Populares e transformações da realidade nordestina.
--	--	--

Ano	Atividade	Observações
1996	xvii Seminário Regional de Reciclagem de Educadores(as) Populares Sistematização de Experiências	17 a 20/08/2006, em Teresina, PI. A EQUIP publica, em parceria com a UFPB, o livro <i>Para Sistematizar Experiências</i> , de Oscar Jara Holliday, traduzido por Viviana Rezende. A Rede de Educadores Populares inicia o processo de sistematização da sua experiência.
1997	v Curso Regional de Educadores Populares do NE – descentralizado por estados.	RN - 1ª etapa descentralizada 13 a 16 de junho de 1997. Coordenação: Joana d'Arc e Bianca. BA - Adilson Dantas Conceição; Maria Salete Lucena Vanderlei; Marcelo Borges dos Santos; Ivan Silva; Josenilda Santos; Cássia Margarete Amaro dos Santos; Yara Lúcia Santos Conceição; Maria Renilda Daltro Moura; Núbia Batista da Silva; Gelson Fernandes Vieira; Adiel Sousa Passos; Ademilde Barreto de Menezes Reis; Marilson dos Santos Santana; Rirlane Santos Sousa; Indinéia Ramos Paixão; Flordolina Angélica de Andrade; Maria Cibeles Santos Silva. Coordenado por Vilma, Acácio, Carmelita, Mana e Douraci.
1998	Reciclagem para Educadores Populares	5 a 8 de março de 1998 em Natal, RN. <i>Caderno de Campo</i> para o registro do estágio dos novos educadores e educadoras.

Ano	Atividade	Observações
1999	VI Etapão Popular em Lagoa Seca, PB. Seminário Latino-Americano de Educação Popular	Os resultados do Seminário estão publicados pela EQUIP: <i>Educação Popular na América Latina: tendências e desafios</i> .
2000	Reciclagem para Educadores Populares	Experiência de sistematização das práticas educativas pelos cursistas de 1999 e 2000.
2001	I EDUPOP	1 a 4 de novembro de 2001, em Salvador, BA, com o tema Movimentos Sociais Populares e Projeto Nacional Movimento Juvenil. Oficinas: ONGs, Movimentos Religiosos, Movimentos Populares, parlamentares/assessores e/ou militantes partidários, gestores e/ou representação do governo do campo político democrático/Conselhos de Gestão.
2002	Reciclagem para nosso fazer formativo <i>Celebrando os 10 anos da Rede</i>	22 a 24 de março de 2002, em Conde, PB, com 28 educadores(as) de Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Norte e Bahia.
2003	Sistematização dos 10 anos da Rede de Educadores e da ação formativa da EQUIP	Publicação do Número 1 da Série Educação Popular “Movimentos Sociais e Educação Popular no Nordeste.

Ano	Atividade	Observações
2004	Curso descentralizado de Educadores Populares.	CE – 17 a 19 de junho de 2004 - Primeira Etapa do Curso de Educadores. Participantes do GAAC, IRT, CEARAH Periferia, Visão Mundial, AESC e municípios do interior (Parambu, Granja, Várzea Alegre, Russas e Tejuçuoca). Coordenado por Fátima Mesquita, AJ e Paulo. CE – 16 a 18 de setembro de 2004 - Segunda Etapa do Curso de Educadores Populares. PB – 1ª Etapa – de 21 a 23 de maio de 2004. 2ª Etapa – de 6 a 8 de agosto de 2004. PI – 1ª Etapa – de 5 a 8 de agosto de 2004. 2ª Etapa – de 2 a 5 de dezembro de 2004.
2005	Curso descentralizado de Educadores Populares II EDUPOP em Maceió, AL.	CE – de 18 a 20 de março de 2005 – 3ª Etapa do Curso de Educadores. Redes Sociais e alternativas para o desenvolvimento do Nordeste.
2006	Seminário de Reciclagem para Educadores/as Reuniões do Coletivo	
2007	Curso para Movimentos Populares. Seminário de Reciclagem para Educadores/as Círculos de Diálogo: atualidade e atualização da Educação Popular.	CE – de 18 a 20 de outubro de 2006 – 2ª etapa do Curso para Movimentos Populares. Etapas no CE, PB...

Ano	Atividade	Observações
2008	III EDUPOP em Carpina, PE	O registro do III EDUPOP foi publicado pela EQUIP no Cadernos do Nordeste 14.
2009	Oficina de Sistematização	Realizada em março de 2009, em Carpina, PE, com participantes de 12 organizações e redes.
2010	Seminário Regional de Reciclagem. Curso de Qualificação Metodológica de Educadores Populares e Agentes de Desenvolvimento Territorial no Nordeste	13 a 15 de maio de 2010 - Seminário Regional de Reciclagem em Fortaleza, CE. 1ª etapa: Transformações no Nordeste e a Concepção Metodológica-Dialética da Educação Popular. Realização em todos os Estados do NE: de julho a setembro.
2011	Continuidade do Curso Estágios de novos educadores(as) populares	2ª etapa: Movimentos Sociais: Cultura, Poder e Democracia. 3ª etapa: Sistematização de Experiências em Educação popular. Os(as) novos(s) educadores(as) populares realizaram atividades de estágio em seus estados.
2012		Não foram encontrados registros de atividades realizadas em 2012.
2013	Intercâmbios regionais de experiências. Oficina de Sistematização de Experiências.	De 30 e 31 de maio 2013, em Itamaracá, PE. Movimentos Sociais: cultura, poder e democracia.

Ano	Atividade	Observações
2014		Não foram encontrados registros de atividades realizadas em 2014.
2015	Reunião do Coletivo das Redes	De 31 de janeiro a 1º de fevereiro de 2015 - Reunião do Coletivo das Redes de Educadores e de Jovens, em Glória de Goitá, PE.
2016		Foi elaborada uma proposta de Atividade Formativa em parceria com a Rede de Educadores(as) Populares do Nordeste, no âmbito do projeto da EQUIP com o MDA, para ser executada em 2016 e 2017.
2017		Não foram encontrados registros de atividades realizadas em 2017.
2018	Oficina de Sistematização de Experiências dos 30 anos dos Cursos de Formação de Educadores e Educadoras Populares no Nordeste brasileiro.	A oficina ocorreu em 1º de dezembro de 2018, no Sindicato dos Previdenciários de Pernambuco.
2019	Curso de Educadores(as) Populares na Paraíba	PB – De 7 a 8 de dezembro de 2019 – Curso de Educadores em João Pessoa, PB. Participantes: Claudinha, Luisa, Suelytom, Carol, Wilma, Elizandra, Edileusa, Dayane, Marquinhos, Dora, Marina, Marcelo, Bê, Cristiane, Samara, Elizandra, Dayse. Coordenação: Ronildo Monteiro, Joana d’Arc, Douraci Vieira, Maria das Dores Delfino e Edna Maria.

ROTEIRO PARA REGISTRO DE DEPOIMENTO SOBRE O CURSO

Sistematização dos 30 anos dos Cursos de Formação para Educadores e Educadoras dos Movimentos Sociais do Nordeste brasileiro

Bora botar a cara no mundo e falar da Educação Popular?
Faça o seu vídeo de depoimento!

Apresentação

Você é parte desta história de 30 anos, em que nos entusiasmos com as descobertas e aprendizados, nos dedicamos ao fortalecimento das lutas e organizações populares, lutamos para melhorar a vida do povo e a qualidade de nossa democracia, sofremos com os revezes do contexto e com os problemas de nossos movimentos e trabalhos formativos, construímos sonhos e estratégias para um novo mundo possível. Chegou a hora de analisar e explicitar os aprendizados e problemas e, quem sabe, refazer o curso ou outros processos formativos para o contexto atual. No primeiro momento, queremos recolher diversos depoimentos de pessoas que participaram desta trajetória. Para esse momento, organizamos um roteiro (abaixo) para evitar muita dispersão, mas você fique completamente à vontade para seguir, modificar e excluir. Elaboramos também algumas orientações técnicas de como utilizar seu próprio celular ou buscar a ajuda de algum(a) amigo(a) para gravar o referido depoimento. Informamos que as gravações dos depoimentos serão publicadas no Facebook da EQUIP, uma forma de as pessoas que passaram pela experiência

poderem se rever, se reencontrar, mesmo eletronicamente. Essas postagens também servirão de “matéria-prima” para os passos seguintes da sistematização.

A – Roteiro para realizar depoimento/relato de trajetória:

1. *Apresentação* – nome completo, quando participou do curso, de qual movimento organização participava, ou qual tipo de relação com os movimentos ou lutas sociais populares no período;
2. *O Curso e a relação com o Movimento Social – Se a participação no curso teve incidência na sua participação na luta* – Movimento Social, dar exemplos de lutas ou ações em que se envolveu, conquistas, melhorias no modelo organizativo da entidade, novas dinâmicas de ação...
3. *O curso e a compreensão teórica e metodológica sobre a Educação Popular, as descobertas e aprendizados, referências* sobre a utilização de dinâmicas participativas e instrumentos didáticos, a capacidade para a elaboração de propostas formativas;
4. *O curso e a vida pessoal* – o curso despertou outras iniciativas na sua vida pessoal, militante, profissional, educativa... registrar acontecimentos posteriores que foram influenciados pela participação no curso;
5. *Principais limitações ou problemas* que percebe no curso, quanto ao conteúdo, à metodologia, aos aprendizados, à institucionalidade, continuidades, relações constituídas...
6. *Contribuição dos processos educativos vividos* (curso, participação no movimento, outros processos formativos...) para emancipação humana e social; vivências de utopias e esperanças de uma nova sociedade; indicativos para mudança/transformação da realidade.

B – Orientações técnicas para gravação de vídeo com depoimentos/ relatos de trajetórias:

1. Se for você quem vai gravar, ative a câmera frontal do seu celular; quando abrir a câmera, ative vídeo; posicione o celular na horizontal e comece a gravar (é bom fazer um teste antes do depoimento definitivo).
2. Se outra pessoa for gravar, peça para posicionar na horizontal; e siga as mesmas instruções, mas com o celular voltado para a pessoa que está gravando.
3. Leia o roteiro proposto várias vezes e, se preferir, crie seu próprio roteiro para evitar ficar lendo enquanto grava.
4. Procure um local distante de ruídos.
5. Observe a luminosidade do ambiente para que não fique muito escuro.
6. Se o celular tiver um fone que funcione bem, você pode usá-lo como microfone, encaixando-o na sua camisa ou segurando-o.
7. Se o seu celular tiver um bom captador de áudio, o microfone do aparelho resolve.
8. Após concluída a gravação, assista para verificar se a qualidade de imagem e áudio ficou boa.
9. Envie uma cópia da gravação para *equip@equip.org.br*

**EQUIP – ESCOLA DE FORMAÇÃO
QUILOMBO DOS PALMARES**

Contato:

Telefone: (81) 3423.2116

Site: www.equip.org.br

E-mail: equip@equip.org.br

APÊNDICE D

RELAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS QUE FIZERAM DEPOIMENTOS

	EDUCADOR/A	ESTADO	TURMA	TIPO DE ARQUIVO
1	Ellen Melo	Alagoas	2009	Texto
2	Luciene Maria Ambrósio de Mesquita (Mana)	Alagoas	1990	Texto
3	Edvaldo Carlos de São Pedro	Alagoas	1997	Texto 1 e 2
4	Keliane Maria	Alagoas	2009	Texto
5	Maria De Jesus Matos	Alagoas		Vídeo 3,30' e texto
6	Oscar Alan Gomes dos Santos	Alagoas		Vídeo 1 e 2 6,58'
7	Maria Mácrima de Sales Silva	Alagoas		Texto
8	Ana Paula de Souza Oliveira	Bahia	2014	Texto
9	Núbia da Silva Oliveira	Bahia	2011	Texto
10	Maria Cristina Moura Santos	Bahia	1999	Texto
11	Roseani Fonseca Martins	Bahia	2018	Texto
12	Lúcia Maria Ângelo	Ceará	2009	Vídeo
13	Antônio José Cunha da Silva	Ceará	1992	Texto
14	Valzenir Maria de Oliveira Santos	Ceará	2009	Vídeo
15	Francisca Araújo Silva	Maranhão	2006	Texto
16	Conceição Marinho	Maranhão	2017	Vídeo
17	Eulina Moraes	Maranhão	1992	Texto e Vídeo
18	Raimunda Moreira da Silva	Maranhão	1999	Texto
19	Joana da Silva	Maranhão	1992	Vídeo
20	Maria Lúcia Pereira dos Santos	Maranhão	2006	Texto
21	Corina Maria de Moura Silva	Maranhão	1997	Texto
22	Douraci Vieira dos Santos	Paraíba	1992	Texto
23	Luciene Maria Ferreira da Silva	Paraíba	2001	Texto

24	Ronildo Monteiro Ferreira	Paraíba	1993	Texto
25	Vera Lúcia Fernandes Freire	Paraíba		Texto
26	Maria Lúcia Lopes de Oliveira (Malu)	Paraíba	1995	Áudio
27	Mário Inácio	Paraíba	2009	Vídeo
28	Rosângela Alves Bolte	Paraíba	1993	Texto
29	Suelene de Sousa	Paraíba	2001	Texto
30	Maria das Graças do Nascimento	Paraíba	1997	Vídeo e Texto
31	Anadilza Maria Paiva Ferreira	Paraíba	1997	Texto
32	Joana d'Arc da Silva	Paraíba	1990	Texto
33	Rosimere Nery Peixoto	Pernambuco	1995	Texto
34	Raimundo de Oliveira (Cajá)	Pernambuco		Vídeo 1 e 2
35	Joana Santos Pereira	Pernambuco	1992	Vídeo 1 e 2
36	Josiclébio do Nascimento Bastos	Pernambuco	2018	Texto
37	Maurílio Monteiro	Pernambuco	2019	Vídeo 1 e 2
38	Mônica Rodrigues Costa	Pernambuco	1990	Vídeo 1, 2 e 3
39	Paulo Afonso Barbosa de Brito	Pernambuco	1990	Vídeo 1, 2 e 3
40	Maria de Jesus Santana Álvares	Pernambuco	2018	Vídeo 11,39' e texto
41	Marta Carmelita Bezerra de Almeida	Pernambuco	2018	Vídeo 9,50' e texto
42	Cláudio Braga	Pernambuco	1992	Vídeo 8,14' e texto
43	Vera Lúcia Domingos de Melo	Pernambuco	2019	Texto
44	Rafael	Pernambuco	2017	Vídeo 2,50'
45	Manuela Ferreira de Lima (Manu)	Pernambuco		Vídeo
46	Carmelita Selestina da Conceição	Piauí	1990	Texto
47	Ana Célia de Sousa Santos	Piauí	1992	Vídeo 1 e 2
48	Maria do Amparo Vieira de Souza	Piauí	1990	Texto

49	Ilena Felipe Barros	Rio Grande do Norte		Texto
50	Maria Divaneide Basílio	Rio Grande do Norte	1997	Vídeo 1 e 2
51	Maria Gerlane da Silva	Rio Grande do Norte	1998	Vídeo
52	Rosane	Rio Grande do Norte	2001	Vídeo 0,58'
53	Maria São Pedro de Jesus (Neia)	Sergipe	2018	Vídeo
54	Luiz Manoel	Sergipe		Vídeo
56	Alice Salvador	Sergipe	2018	Vídeo 1,44'



Educadores e Educadoras na Comissão Regional de Sistematização 2022, Recife-PE



Reunião de membros da Comissão de Sistematização 2023, Recife-PE

APÊNDICE E

INSTRUMENTO PARA LEITURA DOS DEPOIMENTOS

ESCOLA QUILOMBO DOS PALMARES (EQUIP)
REDE DE EDUCADORES/AS POPULARES DO NORDESTE

Sistematização dos 30 anos dos cursos de educadores(as) populares do nordeste

Nome do leitor(a):

Data:

Enviar arquivo para o e-mail ajsistematizar@gmail.com

Roteiro para leitura e registro dos depoimentos:

Depoimento

(Quem faz, idade, onde reside, identidade étnico-racial e de gênero, onde atua)

Concepção da Educação Popular

Metodologia da formação de educadores/as

Consequências do trabalho formativo para os movimentos

Consequências do processo formativo para os/as educadores/as



Curso 2019,
João Pessoa-PB

Linha do Tempo da Ação Formativa (1990-2020)

Ação formativa - 1990 a 1999

Cursos de Educadores(as) Populares.

Reciclagens para Educadores(as) Populares.

Cursos centralizados e descentralizados para dirigentes e lideranças dos MSP.

Etapão Popular.

Estudos e planejamentos das equipes centralizadas e descentralizadas.

Reciclagens de Educadores Populares.

Caravana da Central dos Movimentos Populares.

Oficinas metodológicas.

Seminário Latino-americano de Educação Popular.

Temáticas - 1990 a 1999

Formação como **processo permanente** para o avanço de **conquista da cidadania** dos setores empobrecidos.

Movimentos Populares - identidade, papel estratégico, projetos, concepções, novos desafios.

Central dos Movimentos Populares.

Apartação e exclusão social e perspectivas de desenvolvimento no Brasil.

Democracia, poder local, hegemonia, pluralismo, cidadania e novos sujeitos sociais.

Estruturação e organização da **Rede de Educadores Populares** do Nordeste.

Características, histórico e refundamentação da Educação Popular.

Concepção Metodológica Dialética da Educação Popular.

Fundamentos metodológicos da nossa prática educativa, formação na ação e formação programada.

Participação popular nas Políticas Públicas com ênfase nos Conselhos de Gestão.

Sistematização de experiências formativas.

Ação formativa - 2000 a 2009

Cursos de Educadores(as) Populares.

Seminário de Atualização Metodológica em Educação Popular.

Qualificação metodológica para educadores e agentes de desenvolvimento territorial rural.

Curso regional descentralizado para participantes dos MSP.

EDUPOP - Educação Popular em Movimento.

Círculos de Diálogo: Atualidade e atualização da Educação Popular.

Sistematização de experiências.

Temáticas - 2000 a 2009

MSP, transformação da realidade, superação das desigualdades e afirmação da democracia no Nordeste.

Papel do/a educador/a e da educação popular em processos de formação na ação e formação programada.

Atualização da Concepção Metodológica Dialética da Educação Popular.

Cultura, Poder e Democracia.

Sistematização de experiências em educação popular focada em comunicação e atuação em redes.

Novas modalidades e instrumentos formativos e "reinvenção da emancipação social".

Papel do Educador/a Popular nos diversos espaços de atuação política.

MSP e sistematização de experiências Seminário.

Emancipação das mulheres e relações de gênero.

Populações tradicionais e relações étnico-raciais.

Movimentos juvenis e educação popular.

Afirmação da livre orientação sexual e combate à homofobia.

História oral, software livre e teatro do oprimido.

Territórios da cidadania e poder local.

Cultura popular, comunicação e instrumentos de educação popular.

Economia solidária e novas relações de produção.

Gestão pública e novas relações de entre governo e sociedade.

Agenda do seminário e novas relações com a natureza.

Identidade, estratégia e missão dos Movimentos Sociais Populares.

Metodologia de Planejamento, Gestão e Sustentabilidade das Organizações Populares.

Ação formativa - 2010 a 2019

Cursos para educadores(as) dos movimentos populares.

Seminário regional de reciclagem para educadores populares.

Curso de qualificação metodológica para educadores populares e agentes de desenvolvimento territorial no Nordeste.

Intercâmbios de Experiências de Educação Popular e Desenvolvimento Territorial.

Oficinas de Sistematização.

Temáticas - 2010 a 2019

Democracia, lutas sociais, educação popular e a reforma do sistema político.

Transformações no Nordeste e a Concepção Metodológica Dialética da Educação Popular.

Movimentos Sociais: Cultura, Poder e Democracia.

Mulheres e novas relações de gênero.

Comunidades Tradicionais e Quilombolas.

Juventudes e novas expressões.

Novas formas de produzir e distribuir bens e riquezas, Economia Solidária e empreendedorismo popular.

Novas perspectivas de Educação Rural: Educação no Campo, Organização Comunitária e Tecnologias Apropriadas.

Gestão Social e novas formas de expressão da cidadania e da democracia.

Direito a acessibilidade, habitabilidade e a sustentabilidade ambiental.

A sistematização na concepção da EP, o papel do educador popular, o compromisso e intencionalidade política do trabalho em Rede.

Novo ciclo de lutas e avanços dos setores populares, humanistas, democráticos, vinculados com a emancipação humana e social no Brasil.

Educação Popular e Desenvolvimento Territorial.

Lutas sociais, a formação na ação e o papel do(a) educador(a) dos movimentos sociais.



Intercambio de Educadores/as Latino Americano
no Forum Social Mundial 2003, Porto Alegre-rs



A economista Tânia Bacelar,
Edupop 2005, Maceió-AL



Curso Regional 2ª Turma 1992,
Cabedelo-PB



Edupop 2008,
Carpina-PE



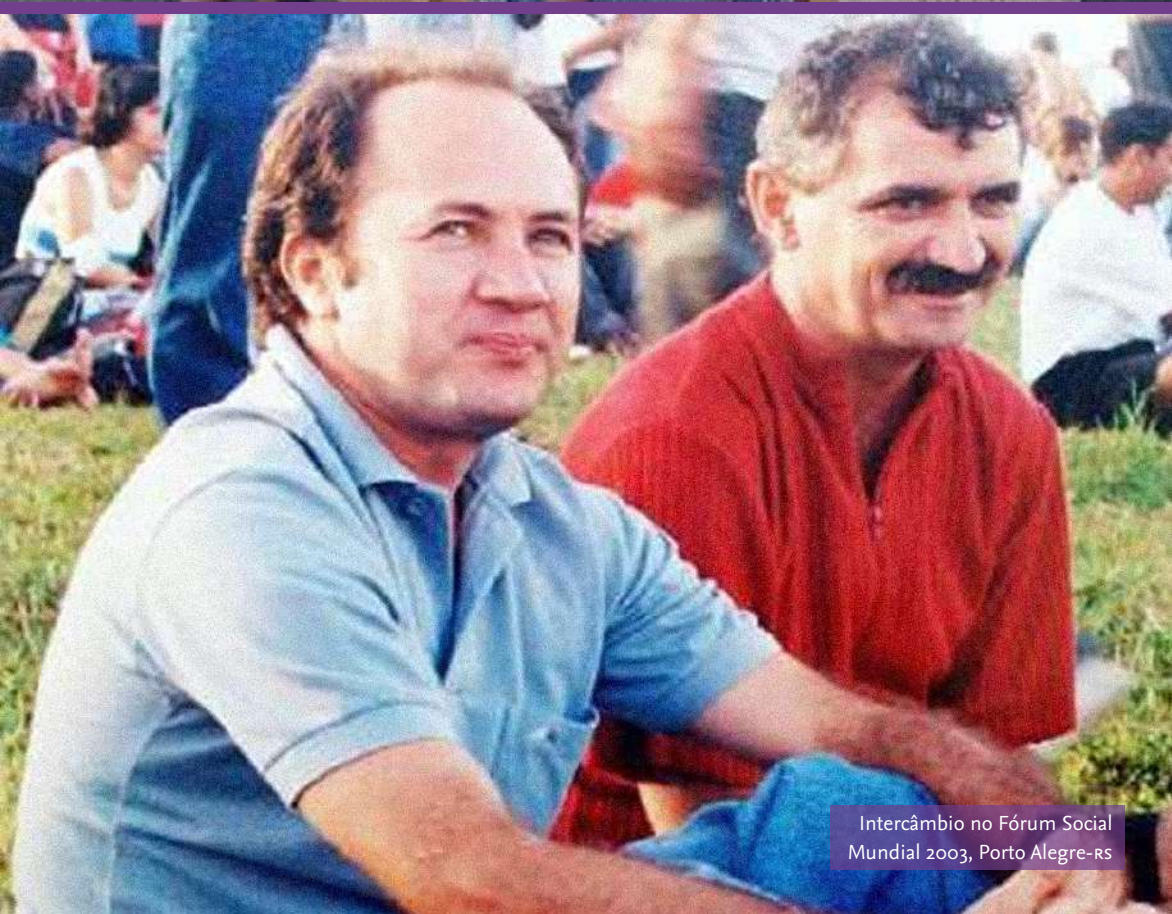
Curso de novas Lideranças 2007,
Maceió-AL



Curso 2010,
Maceió-AL



Reunião do Coletivo da Rede 2001,
Camaragibe-PE



Intercâmbio no Fórum Social
Mundial 2003, Porto Alegre-RS

As autoras



ANA CÉLIA DE SOUSA SANTOS, educadora popular, pedagoga, doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e especialista em Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável pela UFPI. Foi dirigente da Federação de Associações de Moradores/as e Conselhos Comunitários do Piauí (FAMCC) e da Articulação Nacional do Solo Urbano (Ansur) e participante da 2ª turma de Educadores/as Populares do Nordeste. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), da Rede de Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste, associada da Escola de Formação Quilombo dos Palmares (EQUIP), da Frente Popular de Mulheres contra o Feminicídio, e da Associação de Mulheres do Itararé (Amui). *E-mail:* anacelia@ccm.uespi.br.



ANADILZA MARIA PAIVA FERREIRA, educadora popular e feminista. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em violência doméstica contra crianças e adolescentes pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou como assistente social em órgãos públicos e em ONGs, com maior experiência no enfrentamento da violência do-

méstica. Fez o curso de Educação Popular realizado pela equipe entre 1997 e 1998. Integrou, representou e participou da coordenação de atividades da Rede na Paraíba de 1998 a 2015, retomando suas atividades em 2022/2023.



DOURACI VIEIRA DOS SANTOS, assistente social pela UFPB, servidora pública aposentada do estado da Paraíba. Cursista do Curso de Formação de Educadores/as Populares do Nordeste na turma de 1992, membra da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste e sócia da Escola de Formação Quilombo dos Palmares. Participante, pelo núcleo da Paraíba, da fundação do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, do Fórum Estadual de Reforma Urbana da Paraíba (fundadora), gestora municipal da Secretaria de Assistência Social de João Pessoa (PB), gestora Estadual da Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres na Paraíba, e ativista do Fórum Paraibano de Luta da Pessoa com Deficiência, Inclusão e Cidadania.



ILENA FELIPE BARROS, educadora popular. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestra em Serviço Social pela UFRN e doutora em Serviço Social pela UFPE. É docente do Curso de Serviço Social da UFRN, em Natal. É pesquisadora da Questão Agrária Brasileira, Realidade Socioeconômica do Nordeste, Movimentos Sociais, Educação Popular e Serviço Social. Participa do Grupo de Pesquisa

Questão Social, Política Social e Serviço Social, do Departamento de Serviço Social da UFRN. Atuou como Coordenadora Pedagógica do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais - Pronera (2014-2019). É associada da EQUIP.



JOANA D'ARC DA SILVA, educadora popular e ativista da Articulação de Mulheres Brasileiras, psicoterapeuta corporal pelo Libertas e Instituto Internacional em Análise Bioenergética. Graduada em Psicologia Social e Educação Física pela UFPB. Licenciada em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação. Cursista da primeira turma do Curso de Formação de Educadores Populares da EQUIP. Fundadora e membra da Rede de Educadores e Educadoras dos Movimentos Populares do Nordeste. Atuou como educadora e assessora na Escola de Formação Quilombo dos Palmares de 1993 a 2010 e na Cunhã Coletivo Feminista de 2014 a 2021, Atua na Casa Pequeno Davi desde 2020. Associada da Concern Universal Brasil/United Purpose Brasil, da Cunhã Coletivo Feminista, da Escola de Formação Quilombo dos Palmares e articuladora do Fórum Popular de Segurança Pública.



JOANA SANTOS PEREIRA, pedagoga pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife (Fafire), especialista em Gestão Pública pela Faculdade Estácio de Sá de Brasília (DF), consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na Secretaria Nacional de

Juventude, e gestora de Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Ministério Desenvolvimento Agrário (MDA). Tem atuação no Fórum de Mulheres de Pernambuco e na Articulação de Mulheres Brasileiras. Ativista e assessora em Movimentos Sociais, em especial com juventudes e mulheres. Cursista do Curso de Formação de Educadores/as Populares do Nordeste na turma de 1991, membra da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste e coordenadora executiva em exercício da EQUIP.



LUCIENE MARIA AMBRÓSIO DE MESQUITA, assistente social pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), aposentada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), educadora popular, especialista em Serviço Social na área de Saúde pela Ufal, especialista em Planejamento e Administração de Recursos Humanos pela Ufal, e mestra em Ciências Políticas pela UFPE. Avaliadora de Políticas Públicas, consultora da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para o Programa Arca das Letras Biblioteca Rurais, avaliadora do Ministério de Desenvolvimento Regional para o Projeto Organização Produtiva de CM. Cursista da primeira turma do Curso de Formação de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste. Associada da Escola de Formação Quilombo dos Palmares, de 1993 a 1997, licenciada por exercer o cargo de educadora de

1998 a 2009, período após o qual retornou à instituição onde permanece até os dias atuais. Membro fundadora da Rede de Educadores dos Movimentos Sociais do Nordeste.



MARIA CRISTINA MOURA SANTOS (CRISTINA MOURA), reikiana, educadora popular. Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), especialista em Psicologia, Psicopatologias e Psicanálise Clínica pela FAC, psicopedagoga clínica e institucional com ênfase em Educação Infantil pela FSS, graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (Unopar), professora da Educação Básica dos municípios de Valente e Conceição do Coité (Bahia), integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Escrevivências e Diferença, integrante da Rede de Educadores/as Populares do Nordeste, articuladora do Núcleo de Educação Popular do Sertão da Bahia (Nepsba), ex-associada da EQUIP (de 2003 a 2018), cursista do curso de formação da turma de 1999. Eterna aprendiz.



MARIA DAS GRAÇAS DO NASCIMENTO, assistente social pela UFPB, graduada em Teologia, Catequese e Pastoral pelo Instituto Lumen Vitae (Bélgica), especialista em Desenvolvimento Social pelo Instituto Lumen Vitae (Bélgica), mestra em Direitos Humanos, Cidadania e

Políticas Públicas pela UFPB, cursista do Curso de Formação de Educadores/as Populares do Nordeste na turma de 1997, membra da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, participante da fundação do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (Núcleo Paraíba), do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais na Região do Alto Uruguai (RS), e da Congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho (CNS/CSA).



MARIA LÚCIA LOPES DE OLIVEIRA (MALU), feminista, educadora popular, graduada em Letras, mestra em Educação e doutora em Letras, com especialização em Literatura Latino-Americana pela UFPB. Colaboradora da Cunhã Coletivo Feminista (PB) e pesquisadora na área dos direitos humanos das mulheres, feminismo, gênero, racismo e literatura. Cursista da turma de 2005 a 2007 do Curso de Formação de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste.



MÔNICA RODRIGUES COSTA, educadora popular graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especialista em saúde pela Ufal, mestra em Ciência Política pela UFPE e doutora em Serviço Social pela UFPE. Docente aposentada do Departamento de Serviço Social da UFPE e docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE. Cursista da primeira turma do curso de formação de Educadores

e Educadoras Populares. Associada da EQUIP de 1993 a 2000. Membro fundadora da Rede de Educadores dos Movimentos Populares do Nordeste.



ROSANGELA ALVES BOLTE, assistente social formada pela UFPB, mestra em educação pela UFPB, doutora em Sociologia pela Universidade de Kassel (Alemanha), professora aposentada da UFRN, integrante do Grupo de Pesquisa Questão Social, Política Social e Serviço Social (PPGSS) da UFRN, cursista do Curso de Formação de Educadores/as Populares do Nordeste na turma de 1994, membro da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Nordeste, atuou na Cáritas Brasileira de 1988 a 2004, membro da Incubadora de Empreendimentos Solidários (Incubes) da UFPB e militante do Movimento de Economia Solidária.

Título Educação popular em movimento:
30 anos dos Cursos de Formação de Educadores
e Educadoras Populares do Nordeste

Tipografia Nexus Pro
Formato E-book



Rua Monte Castelo, 142 Boa Vista - Recife/PE
CEP 50050-310
Telefones: (81) 3423.2116 - 3423.2542
e-mail: equip@equip.org.br